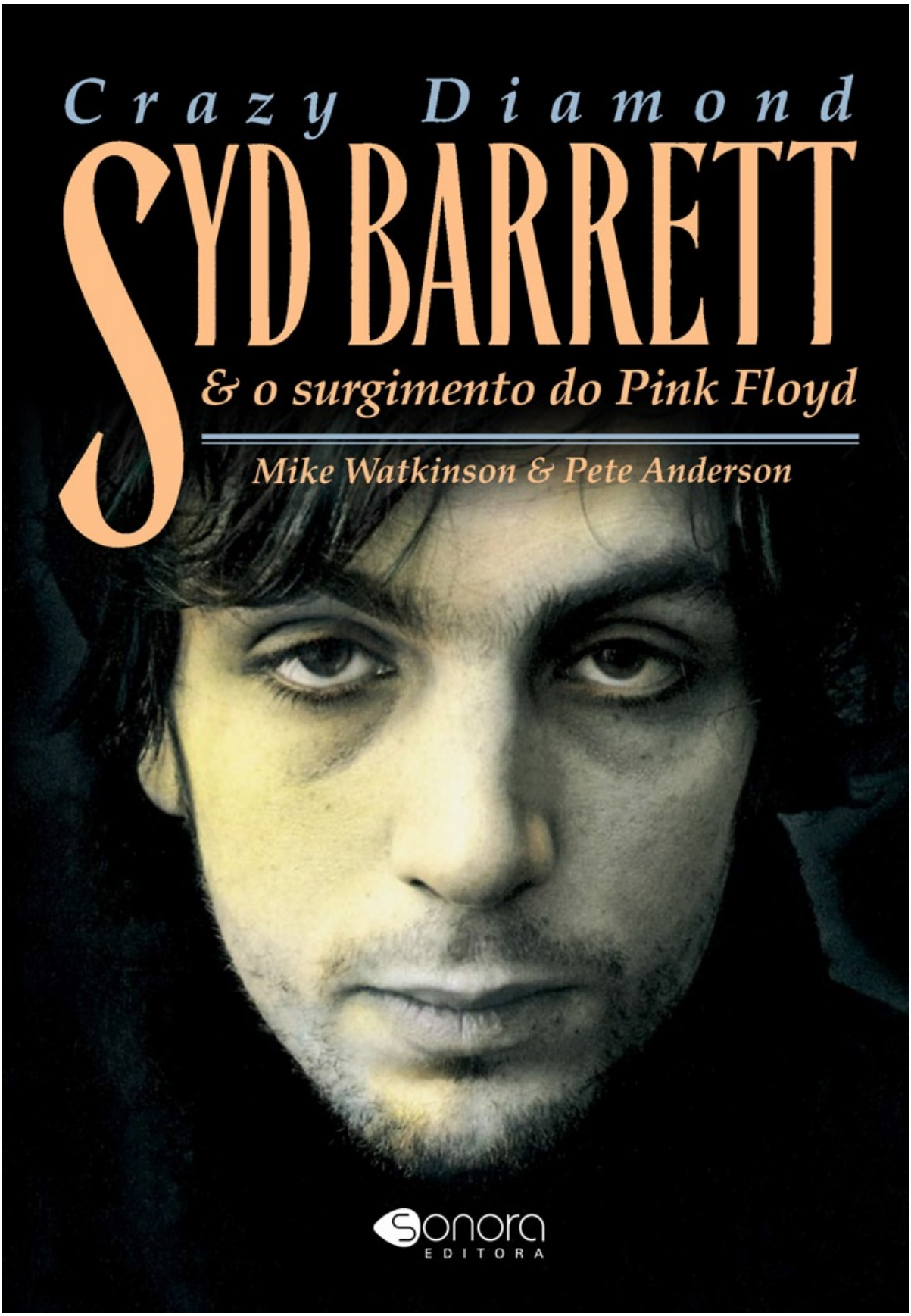

Crazy Diamond
SYD BARRETT
& o surgimento do Pink Floyd
Mike Watkinson & Pete Anderson
Sonora
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Crazy Diamond

SYD BARRETT

& o surgimento do Pink Floyd

Crazy Diamond

SYD BARRETT

& o surgimento do Pink Floyd

1ª Edição

Tradução

Maíra Contrucci Jamel

Sonora Editora

Rio de Janeiro
2013

Título original:
Crazy Diamond: Syd Barrett & The Dawn of Pink Floyd
Copyright © 2006 Omnibus Press
Copyright desta tradução © 2013 por Sonora Editora
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes ou a totalidade deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito dos detentores de direitos envolvidos.



www.sonoraeditora.com.br
www.facebook.com/sonoraeditora
Direção Editorial: Marcelo Fróes
Tradução e revisão: Maíra Contrucci Jamel
Projeto gráfico, diagramação e produção gráfica: Jéssica Campos e Marcelo Santos
Capa: Robert Fairclough
Pesquisa de imagens: Mike Watkinson, Pete Anderson e David Brolan
Discografia: Andy Mabbett
Impressão e acabamento: Prol Gráfica
Coordenação Geral: Marcus Fabrício Cunha
Produção Executiva: Flávio Cristiano do Amaral
Direção de Negócios: Michel Jamel

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W336c Watkinson, Mike

Crazy Diamond: Syd Barrett e o surgimento do Pink Floyd / Mike Watkinson, Pete Anderson; tradução Maíra Contrucci Jamel. – Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013.

224 p. : il. color. ; 23 cm

Tradução de: Crazy diamond: Syd Barrett & the dawn of Pink Floyd.

ISBN 978-85-66567-07-6

1. Syd Barrett. 2. Cantores. 3. Biografia. I. Anderson, Pete. II. Título.

CDU 929

Vendas e distribuição:
INDIGO BRASIL EMPREENDIMENTOS CULTURAIS
Av. das Américas, 500 Bl. 4 sala 315 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.640-100
Telefone: (21) 2484-0619
E-mail: indigo@indigobrasil.com
www.indigobrasil.com

Agradecimentos

Nossos agradecimentos sinceros às seguintes pessoas:

À Família Barrett, em especial a Paul e Rosemary Breen, Dave Gilmour, Pete Townshend, Storm Thorgerson, Gayla Pinion, Malcolm Jones, Duggie Fields, Bernard White, Geoff Mott, John Gordon, Ian Moore (Imo), Libby Chisman, Chris Dermis, Pip Carter, Clive Welham, Pat Beesley (*Torquay Herald Express*), Bob Klose, Andrew King, Pete Jenner, Robyn Hitchcock, a todos da *The Amazing Pudding*, Hugh Fielder, Rob Partridge, Chris ‘Chimp’ Chamberlain, Dan Treacey (do grupo TV Personalities), Captain Sensible, John Alder (Twink), Mike Read, Peter Mitchell (*Cambridge Evening News*), Jack Monck, Jenny Noshad, Dave Gilbert, Tim Francis, Mick Leonard, David Wingrove, Chris Dennis, Steven Pyle, Jerry Shirley, Mary Waters, Norman Smith, Keith West, Pete Brown, Jack Bruce, John Tobler, George Barlow, Nigel Lesmoir-Gordon, Nicky Campbell, Chris Charlesworth, Ivor Trueman, Rob Swift e, não poderíamos esquecer, a Syd, que nos uniu.

Esse livro é dedicado à nossa família e aos nossos amigos.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 Remember When You Were Young

Capítulo 2 Leonard's Lodgers

Capítulo 3 Uma Laranja, Uma Ameixa e Uma Caixa de Fósforos

Capítulo 4 Is There Anybody In There?

Capítulo 5 The Piper at the Gates of Dawn

Capítulo 6 Blown on the Steel Breeze

Capítulo 7 The Madcap Laughs

Capítulo 8 Cheio de Poeira e Guitarras

Capítulo 9 Wish You Were Here

Capítulo 10 Herói Inesquecível

Epílogo

Por onde eles andam?

Discografia

Obras Consultadas

Fotos

Prefácio

Syd Barrett foi o primeiro compositor visionário da cultura pop a rivalizar com John Lennon. O fato de ter caído no abismo de sua própria criação nunca foi questionado, mas é importante entender por que e como isso aconteceu.

As dores de ter sido forçado muito cedo a se encaixar em um molde comercial foram praticamente insuportáveis para Barrett – é quase impossível para um artista se limitar a objetivos apenas alcançáveis – porém, o alcançável era exatamente o que os outros membros do Pink Floyd exigiam. Quando ele finalmente entendeu isso, acredito que a tênue ligação que tinha com a realidade se partiu de vez e ele caiu num vazio. Foi uma morte artística e uma tragédia de proporções lendárias.

Syd Barrett, devido à escassa troca criativa com os companheiros de Pink Floyd, acostumou-se a compor sozinho, seguindo sua intuição. É verdade que sem Waters, Mason e Wright, talvez ele nunca tivesse chegado a gravar um disco. Todavia, com eles, infelizmente, Barrett estava destinado a se submeter às pressões do mundo exterior.

No entanto, afirmar que a carreira e a vida curta de Barrett foram uma busca fracassada, seria negar os gloriosos momentos que ele nos proporcionou. Vinte e quatro anos depois de sua primeira gravação, a mitologia de Syd Barrett está mais intacta do que nunca: Ele era um verdadeiro Gênio.

Julian Cope
Lambeth, junho de 1990

Introdução

Em 7 de julho de 2006, a morte de um homem de meia idade em uma típica casa geminada numa calma rua sem saída em Cambridge pôs fim não só a um dos mais estranhos capítulos da história da música popular britânica, mas também à era quase mítica que ficou conhecida como Swinging Sixties.

Syd Barrett estava entre os poucos músicos – tais como Jimi Hendrix, Brian Jones e Jim Morrison – aclamados como um dos mais brilhantes talentos de um período que os vitimou tragicamente. Ao contrário dos outros três, Barrett não sucumbiu a uma morte indigna, ao invés disso, sobreviveu na redoma arruinada do príncipe psicodélico que um dia fora e o seu silêncio misterioso tornou-se base para uma das mais duradouras lendas do rock.

Nos seus últimos 35 anos de vida, Barrett não produziu uma só nota musical. Contudo, sem ele, o Pink Floyd não teria tido o impulso de lançamento que o levou ao sucesso global. Ainda assim, mesmo com as curtas carreira e vida de Barrett, o vazio que ele deixou no cenário pop britânico e o comportamento excessivamente prudente de seus antigos colegas do Floyd demonstram que, mesmo ausente, ele se destacou e obteve mais sucesso que seus ex-companheiros de banda.

Ainda que os tributos prestados após sua morte tenham sido intensos, nem todos reconheceram a reputação de Barrett como a de um gênio perdido. Alguns críticos podem tê-lo comparado a um Rimbaud dos tempos modernos; outros o descreveram como apenas um rascunho louco e psicodélico.

A morte de Barrett aos sessenta anos garantiu que esse debate continuasse a render frutos. No ano de 2001, houve o lançamento de uma coletânea de CDs intitulada *Wouldn't You Miss Me?*, que recebeu uma substancial quantidade de resenhas, normalmente destinadas a artistas com carreiras ativas, além da grande quantidade de seguidores que compraram os CDs aos milhões.

A verdade é que os dois CDs solo de Barrett, depois de sua saída do Pink Floyd, venderam muito pouco e sua carreira terminou com uma apresentação confusa no *Cambridge Corn Exchange* – apesar disso, o mito que o cercava continuou a crescer de uma forma inacreditável.

As aparições de Syd repercutiam na impressa musical com a mesma regularidade com que relatórios de coronéis aposentados sobre o início da primavera eram publicados no *The Times*. As ocasionais fotografias de Syd, agora um sujeito de meia idade bastante corpulento, de cabelo curto e com uma completa falta de preocupação com questões de indumentária, atraíam o mesmo interesse que imagens recentes de Lord Lucan[1].

Pouco tempo antes da primeira edição desse livro em 1991, havia boatos de que ele estava trabalhando num bar em Chelsea ou numa loja em Cambridge. Em 1986, chegou a ser noticiado que ele havia sido encontrado morto na porta de uma loja em Cambridge. Diferentemente de tantos ícones do rock, Syd estava, na realidade, vivo e desfrutava de uma vida calma, distante das pressões da fama.

O que não se podia questionar era a grande influência que Barrett teve nos primeiros anos do Pink Floyd. Ele era o cantor, o guitarrista líder e o principal compositor, tendo sido de sua autoria oito das onze músicas no álbum de estreia da banda, além de ter sido coautor de duas das outras três. Também foi ele quem escreveu os dois primeiros grandes *singles*, "Arnold Layne" e "See Emily Play". Além disso, foi Syd quem "sonhou" com o nome da banda.

Barrett e seus amigos de Cambridge estavam entre as primeiras pessoas na Grã-Bretanha que experimentaram LSD, então conhecida como uma droga que "expandia a mente". No meio de tantas pressões para que se repetisse o sucesso das primeiras gravações, Barrett recorria frequentemente à droga como válvula de escape. O terceiro *single* do grupo, "Apples And Oranges", não figurou nas paradas de sucesso e, quando o Pink Floyd partiu para uma desastrosa turnê nos E.U.A, o líder da banda era apenas uma sombra de tudo o que um dia fora.

Ele deixou a banda em circunstâncias misteriosas em abril de 1968 e a partir de então a lenda em torno de Syd Barrett só aumentou cada vez mais. Uma enxurrada de meias-verdades, boatos e mentiras deslavadas começaram a ser divulgadas até que o nome de Syd tornou-se sinônimo da loucura provocada pelo uso de drogas. O lançamento de muitas fanzines somadas à clássica música do Pink Floyd, "Shine On You Crazy Diamond", inspirada pela degradação de Barrett, aumentou ainda mais as especulações em torno de Syd. Ele tornou-se – e ainda permanece – a mais lamentada vítima do ácido na história do rock britânico.

Não seria exagero se disséssemos que a saída de Syd do Pink Floyd seria algo como se John Lennon deixasse os Beatles depois do sucesso de "She Loves

You” e voltasse para Liverpool para viver em reclusão com sua tia Mimi, ou como se Pete Townshend abandonasse o The Who depois de “My Generation” para abrir uma quitanda em Isle of Wight.

O que mais intriga acerca da história de Syd Barrett é como uma lenda tão grande pode ser criada sobre alguém cuja produção musical, incluindo seu trabalho solo, não passou de três álbuns. Quinze anos atrás, no prefácio da primeira edição deste livro, escrevemos que a maior ironia estava no fato de um compositor inquestionavelmente talentoso só ser lembrado pelos seus atos de loucura, e que esperávamos que nosso livro pudesse corrigir essa deformidade.

A impressionante reação à morte de Syd, que contou com longos e exultantes elogios fúnebres em todos os jornais britânicos, sugere que talvez tenhamos tido uma pequena participação na tardia reavaliação da carreira de Barrett ao explicarmos a perda que a música britânica sofreu com sua precoce aposentadoria. Depois de nosso livro, – o primeiro a ser publicado sobre o Madcap[2]– foram lançados vários outros que indubitavelmente ajudaram a apresentar seu parco, mas memorável trabalho às novas gerações.

Atualmente, parece que o mundo do rock sente falta de pioneiros como Barrett. Ele foi precursor em todos os sentidos, e como todos os precursores, pagou um grande preço emocional e artístico por isso. Ainda assim, sua carreira não foi um desperdício e nem uma sucessão de oportunidade perdidas. A magia de suas músicas continuará a intrigar e inspirar futuras gerações, como marcas inestimáveis e permanentes da música pop. Nós, portanto, desejamos que esse livro consiga demonstrar que alguns diamantes são realmente eternos...

Mike Watkinson & Pete Anderson
Julho de 2006

1.Lord Lucan foi um nobre britânico suspeito de assassinato que desapareceu sem deixar rasto em 1974. O mistério em torno dessa figura permanece assunto instigante e popular para o povo da Inglaterra. (N.T.)

2. Madcap, louco ou doido, é um dos modos pelo qual Syd Barrett é chamado. A expressão foi utilizada no título do primeiro álbum da carreira solo do músico, The Madcap Laughs. (N.T.)

Capítulo 1

Remember When You Were Young [3]

Roger Keith Barrett nasceu no dia 6 de janeiro de 1946, no número 60 da Rua Glisson em Cambridge, quarto dos cinco filhos de Dr. Arthur Max Barrett e sua esposa, Winifred. Ele foi uma criança sorridente de cabelos negros, muito mais parecido com o pai do que seus irmãos, herdando do Dr. Barrett não só sua habilidade artística e seu amor pela música, como também sua excepcional afetuosidade.

Roger era um jovem bonito, com uma personalidade vivaz e atraente que o possibilitava fazer amigos com facilidade. Desde muito novo, desenhava bem, mas parecia estar destinado à carreira de músico a partir do dia em que se apresentou num dueto de piano com sua irmã caçula no Cambridge Guildhall tocando a valsa “Danúbio Azul”.

O Dr. Barrett era membro da Sociedade Filarmônica de Cambridge, portanto, sempre havia música no ambiente familiar. Ele era uma figura popular na cidade e trabalhava como médico patologista no hospital e na universidade, onde desenvolveu uma carreira brilhante. Também era um verdadeiro artista, pintava aquarelas e escreveu e ilustrou diversos livros sobre fungos, assunto sobre o qual era considerado uma das maiores autoridades do país. O hospital Addenbrooke, em Cambridge, possui até os dias de hoje uma sala em sua homenagem.

Enquanto trabalhava na enfermaria e nos laboratórios do London Hospital, casou-se com a gerente de bufê, Winifred Flack, bisneta da primeira prefeita de Londres, Elizabeth Garrett Anderson. Com 31 anos, Winifred era cinco anos mais velha que o Dr. Barrett. As circunstâncias que envolveram o encontro do casal eram uma grande piada interna na família. Ambos eram entusiasmados escoteiros e se conheceram no topo de um monte de feno durante uma excursão a Essex, interior do país, num dia de verão em 1930.

Em 1938, Dr. Barrett foi nomeado professor em Cambridge, cidade na qual já havia feitos seus estudos iniciais. Sentindo-se de volta a casa, ele e sua esposa começaram a criar sua família em Cambridge. O primeiro filho do casal ganhou o nome de Alan e nasceu em 1937. Donald, Ruth, Roger e Rosemary nasceram antes mesmo da família se mudar para uma casa maior, localizada na Hills Road, número 183, no ano de 1950.

A essa altura, Roger tinha quatro anos e já começara a desenvolver uma personalidade própria – seu bom e calmo temperamento podia facilmente transformar-se em demonstrações de petulância quando as coisas não saiam do jeito que ele queria.

Certa vez, durante uma tediosa visita ao shopping, a criança precoce estava ficando cada vez mais inquieta enquanto sua mãe ignorava seus pedidos por um brinquedo. O jovem Barrett finalmente explodiu ao ver a mãe comprando repolho para colocar no chá. Compradores do shopping de Cambridge ficaram atônitos ao presenciarem o pequeno menino berrando com sua mãe envergonhada: “É sempre assim! Você só pensa em você mesma!”

Contudo, esse tipo de destempero não era frequente e Roger era invariavelmente visto como o palhaço da família, aquele que sempre fazia todos rirem durante as viagens de carro para Tenby, ao sul do País de Gales, onde os Barrett costumavam alugar uma casa de campo.

A pessoa mais próxima dele nessa época era sua irmã mais nova, Rosemary. Ele a idolatrava, ainda que suas personalidades fossem completamente diferentes. “Ele sempre desenhava, desde muito pequeno, na maioria das vezes eram pessoas e o resultado era sempre muito bom”, ela lembra-se. “Durante a noite, costumávamos beber leite quente e quando apagavam nossas luzes, ele levantava e começava a reger uma orquestra imaginária. Naquela época, a música já estava muito presente nele.

“Roger fazia amigos de maneira fácil, tinha muitos deles, mas nenhum em especial. Todas as amigas da nossa mãe o adoravam. Elas sempre perguntavam: ‘Como está meu namorado hoje?’ Ele era alegre, divertido e tinha uma personalidade encantadora, que fazia com que pessoas de todas as idades gostassem dele.

“Incentivado por nossos pais, ele se tornou escoteiro. Nessa época, eles costumavam brincar de ‘encontre a pena’ toda noite na nossa casa. Eu lembro que ele vinha procurar no quarto e puxava tufos do meu cabelo nas tentativas de encontrar a tal pena.

“Sempre foi dono do seu próprio nariz. Uma vez, em um feriado que passávamos ao norte do País de Gales, ele se perdeu. Estávamos caminhando juntos e Roger resolveu andar sozinho por aí. Reapareceu apenas uma hora depois, quando estávamos prestes a chamar a equipe de resgate das montanhas. Nunca sabíamos o que ele iria aprontar.”

Pouco depois de a família se mudar para Hills Roads, Roger começou a estudar na escola Morley Memorial, a poucos metros de onde morava. Rapidamente, chamou a atenção da professora Mary Waters, que havia ficado viúva durante a guerra e tentava criar sozinha seus filhos, John e Roger, numa casa próxima a Rock Road.

“Ele era um menino único”, lembra-se Mary Waters. “Win era uma mãe maravilhosa e o ambiente familiar em casa era muito alegre. Ela tinha que se preocupar mais com ele do que com os outros filhos. Roger praticava esportes na escola e podia correr muito rápido. Sempre que o encontrava, ele estava alegre, mas chegou um ponto em que desenvolveu uma grande fobia de algo no colégio. A partir de então, era muito difícil levá-lo de volta à escola.”

Aos 11 anos, Roger Barrett terminou seus estudos primários na Cambridge High School e começou a se envolver cada vez mais com arte. Os professores se desesperavam com o pequeno Barrett que não demonstrava nenhum interesse sobre os assuntos escolares. A arte era a única exceção, tanto que depois de se formar nos estudos primários, foi incentivado por sua mãe a ter aulas de arte em Homerton College, próximo à sua casa.

O ano era 1957 e a Grã-Bretanha estava se engajando na primeira revolução juvenil do século XX. Parecia que, do dia para a noite, valores britânicos tradicionais estavam desaparecendo e sendo substituídos por um alarmante vocabulário norte-americano, que incluía palavras “alienígenas” como “jukebox”, “teddy boy” e “rock n’ roll”.

O auge da “depravação” americana foi um caminhoneiro de 21 anos de Memphis, Tennessee, cujos movimentos sugestivos logo escandalizaram os tementes a Deus do seu país e causaram o mesmo espanto no resto do mundo. Era o destino de Elvis Aaron Presley iniciar uma revolução por todo o mundo ocidental, atingindo até a refinada academia de Cambridge.

Na onda do rock n’ roll, surgiu o *Skiffle craze*. Inspirados pelo skiffler britânico Lonnie Donegan, os meninos adolescentes por todo o país formavam grupos roubando as panelas das mães para utilizá-las como percussão e prendendo um

cabo de vassoura a uma caixa de chá com um fio tensionado, o que funcionava como um contrabaixo rudimentar.

Roger assistia, com muito interesse, ao seu irmão mais velho, Alan, tocar sax em um grupo de skiffle e começou a tocar uquelele. Enquanto a simples menção ao rock n' roll fazia com que outros pais ficassem de cabelo em pé, os Barrett, com suas mentes abertas, incentivavam o filho mais novo em todos os seus interesses musicais.

Assim como todos os meninos ingleses, ele deixou crescer um pequeno topete mantido com quilos de gel. Contudo, diferentemente dos outros, Roger nunca demonstrou o menor interesse em Elvis Presley; seus ídolos, desde que tinha 12 anos, eram Chuck Berry, Bo Diddley e Buddy Holly.

A Cambridge High School ou "Condado", como todos costumavam se referir à escola, continuava a ser um lugar conservador, relativamente sem ser atingida pelas reviravoltas do final dos anos 50. Em 1957, a escola ainda guardava fortes valores vitorianos e todos os que não usassem o uniforme escolar eram mandados de volta para casa como punição.

Quando entrou para a Cambridge High School, o futuro de Roger já estava traçado, pelo menos na sua mente. Tudo o que queria era pintar. As aulas tediosas de latim, o tempo e a energia gastos na educação física e outras cansativas atividades eram meramente suportadas ou evitadas até que ele pudesse se dedicar às telas, às tintas e aos pincéis.

De modo geral, os professores o consideravam agradável e prestativo, raramente desinteressado e indisciplinado. Aqui estava uma pessoa que claramente não seguiria os passos de seus colegas de escola, cuja ideia de desafio às autoridades se restringia a comparecer às aulas sem gravata ou blazer.

Algum tempo depois, Roger seria duramente advertido e finalmente suspenso por utilizar um vestuário completamente inadequado. A casa dos Barrett era muito próxima dos portões da escola, mas o trajeto poderia demorar uma hora quando o aspirante a Picasso entrava em uma sala de recreação para fazer alguma pintura não autorizada ao invés de voltar para casa imediatamente.

Na época, seu amigo e confidente mais próximo era um pálido e esbelto menino chamado John Gordon, cujo pai trabalhava na fábrica de eletrônicos local Pye. Visto que tivera uma criação rígida, ele sentia uma certa inveja da atmosfera descontraída e informal da casa dos Barrett.

"Os irmãos mais velhos já haviam deixado a casa, então Roger tinha quase a

casa inteira para si", lembra-se. "Ele tinha um espaço enorme para brincar com um gramofone e às vezes parecia até que sua mãe era sua empregada. Uma vez ou outra ele dizia a ela para sumir e ela ria. Ela adorava aquilo.

"Quando estávamos na escola, o técnico do time de *cross-country* nos mandava correr. Alguns meninos se escondiam nos bosques para fumar, mas Roger simplesmente ia para casa para pintar um pouco e então retornava e corria junto com os retardatários. Ele era muito saudável, mas não muito interessado."

Quando tinha 14 anos, o interesse musical de Roger atingiu o mesmo nível obsessivo que ele mantinha com relação à pintura. Deixando para trás suas tentativas de se tornar um *teddy-boy*, uma vez na vida seguiu a tendência dos adolescentes de sua idade e implorou uma guitarra aos seus pais.

Ao adquirir uma guitarra, Barrett, Gordon e alguns amigos passavam horas e horas na sala de estar de Winifred, ouvindo interminavelmente os mesmos discos de Shadows ou Buddy Holly tentando acompanhar as gravações.

Só paravam quando uma radiante Sra. Barrett aparecia trazendo uma bandeja com bebidas e bolos. Como esses "instrumentos primitivos" pareciam ter sido banidos de qualquer outra casa de Cambridge, rapidamente se espalhou a notícia de que em Hills Road 183 os roqueiros eram bem-vindos.

Um tanto confusa, a Sra. Barrett logo percebeu que a cada vez que ela aparecia na sala de estar, o número de adolescente dobrava. Não demorou muito para que a casa dos Barrett fosse transformada num tipo de clube informal. Aos domingos à tarde, era o *point* da cidade.

A antiga sala de estar de Roger agora tinha a atmosfera de um bar, onde os adolescentes conversavam, fumavam, ouviam músicas e, orgulhosamente, exibiam suas novas guitarras. Ocasionalmente, Barrett e Gordon tentavam improvisar algum som enquanto um amigo chamado Clive Welham se esforçava para tirar um ritmo de duas facas e uma lata de biscoito. Eles se autointitulavam The Hollerin' Blues.

Welham era um amável jovem operário de 17 anos que ganhou uma bolsa de estudos na The Perse, uma escola particular de Cambridge. Às vezes levava para os ensaios um amigo, que apesar de ser muito jovem, ganharia rapidamente reputação por ser um conquistador. O menino tinha apenas 14 anos, mas já era um bom guitarrista, cujo futuro estava destinado a conectar-se inexoravelmente ao de Roger. Seu nome era David Gilmour.

Dave Gilmour nasceu no dia 6 de março de 1946 (não em 1944, como

costumam divulgar), um dos quatro filhos de Doug e Sylvia Gilmour, que moravam numa casa abastada à margem rio Cam (mais tarde imortalizado pela música escrita por Roger Waters no álbum do Pink Floyd intitulado *Ummagumma*).

O barbudo e acadêmico Doug Gilmour era um doutor em genética que acabou imigrando para os Estados Unidos. Sua esposa era uma editora de filmes que partilhava da preocupação do marido com a quantidade de tempo que seu segundo filho dedicava ao minucioso estudo da guitarra, esquecendo-se do mundo ao redor.

David era um garoto calmo que se destacava na sua escola por ter lábios muito estranhos, como os de Mick Jagger. A aparência que faria com que qualquer menina perdesse o fôlego ainda estava se desenvolvendo, como um amigo de infância se lembra: “Demorou um tempo para que aqueles lábios se acomodassem no seu rosto.”

Do outro lado da cidade, onde Barrett e seus amigos deploravam as regras insignificantes do “Condado”, o terreno em que Gilmour vivia era muito pior. Os rígidos professores do The Perse faziam com que os mestres do “Condado” parecessem delicados. Entre tantas humilhações, Gilmour ainda tinha que suportar aulas preparatórias ao sábado. Os alunos eram obrigados a usar seus chapéus até mesmo nas ruas, embora os formandos pudessem utilizar chapéus de palha em ocasiões especiais.

Barrett e Gilmour se deram bem desde o início e logo podiam ser encontrados ensaiando numa tenda de escoteiros perto de Pern Road.

A essa altura, todos, tirando os membros de sua família, já chamavam Roger de Syd, um apelido que ele ganhara no Riverside Jazz Club, um lugar que se transformava num pub às sextas à noite. Os membros, na sua maioria mordazes puristas do jazz de 30 ou 40 anos de idade, ficavam surpresos com a presença do atento colegial que parecia muito feliz em simplesmente ficar sentado num canto assistindo-os passear por entre seus instrumentos.

Um dos donos do clube era um velho baterista chamado Sid Barrett. Não demorou muito para que os jazzistas descobrissem que o rapaz tinha exatamente o mesmo sobrenome do velho baterista, conhecido como “Sid The Beat”, e começassem a se referir aos dois Barretts como Sid, embora, talvez como um modo de distinção, o pseudônimo de Roger tenha sempre sido com “y”. O apelido foi rapidamente incorporado pelos amigos de escola de Roger, embora ele próprio não gostasse muito e raramente o utilizasse.

“Desde o primeiro minuto em que nos conhecemos, Syd foi sempre fantástico”, disse Gilmour. “Não existia uma única pessoa que não gostasse dele, o achasse brilhante ou duvidasse de que ele seria um sucesso em algum momento de sua vida. Era bonito e extremamente talentoso em qualquer coisa que resolvesse fazer. Também era a pessoa mais engraçada que conheci. Quando queria, podia ser muito espirituoso e surpreendente.”

Representantes do sexo oposto também o viam dessa forma e quando tinha 15 anos, Syd estava muito interessado em meninas, além de atrair olhares de algumas que eram dois ou três anos mais velhas do que ele. Seu primeiro relacionamento sério foi com uma moreninha, poucos meses mais nova, cujo cabelo Chanel a destacava nas ruas de Cambridge. Ela se chamava Libby Gausden.

Libby não conseguia entender o que Syd tinha visto nela, mas suas esperanças aumentaram quando um amigo revelou que Syd havia dito que ela seria a garota perfeita “se não tivesse sardas”.

Às vezes ela sentia que era apenas um jogo de gato e rato, estava quase desistindo quando em junho os dois se encontraram numa piscina pública de Cambridge. “Deveriam colocar pessoas como você nas embalagens de Dairy Box”, disse Syd. Mostrando que, para ele, a beldade da piscina seria digna de qualquer comercial de caixas de chocolate.

Dessa forma, começou um namoro que durou três anos, e teria sua cota de altos e baixos. Assim como todos os relacionamentos subsequentes de Syd, sua relação com Libby era tempestuosa. Como ele adorava estar em companhia de mulheres, o ciúme de Libby, frequentemente justificado, causava muitas brigas entre o casal. Normalmente, Syd se afastava e não falava com a namorada por semanas, como punição. Apesar disso, a relação dos dois, que a certa altura estava prestes a se tornar um casamento, sobreviveu até que ele se mudasse para Londres para estudar arte na Camberwell em 1964. A partir de então, os dois começaram a se ver com muito menos frequência.

Desde o início, Libby se espantava com o jeito de se vestir de Syd e também com seu senso de humor cruel e sarcástico. Ele já havia atingido o *status* de *cult*, pelo menos entre a juventude de Cambridge. De vez em quando, acompanhava Libby ou sua irmã até a loja de disco Peak usando uns óculos escuros no meio do inverno, fazendo com que as pessoas achassem que ele era cego.

Syd começou a ficar muito vaidoso quanto à sua aparência, comprando roupas

da Oxfam e as adaptando ao seu gosto. Seu cabelo era longo para os padrões dos anos 1961 e também imensamente importante para ele. “Você tem que lavá-lo até que ele comece a ranger”, costumava dizer a Libby.

“Ele parecia um estudante de arte, sempre inconformado”, ela dizia. “Tinha um suéter de pescador feito de tricô, que fedia muito. Sua cor preferida era preta e uma das suas peças de roupas preferidas era uma jaqueta de couro, embora também gostasse de usar camisas com gravatas. Seu cabelo era mais comprido do que de qualquer outra pessoa e ele pintava o rosto para fazê-lo parecer com bronzeamento artificial antes mesmo de qualquer pessoa ter ouvido falar naquilo. Certa vez, viu uma placa de aviso numa estrada que dizia: ‘Cuidado! Passagem de deficientes!’ e riu até chorar. Também se contorcia com comediantes como The Goons e Peter Cook. Quando o programa televisivo *That Was The Week That Was* foi ao ar, ele ficava em casa ou saía mais cedo de qualquer festa para poder assisti-lo. Depois, quando mudou-se para Londres, costumava escrever cartas todos os dias e elas eram sempre hilárias.”

O último ano de Syd no “Condado” culminou com a doença repentina de seu pai, que acabou sendo diagnosticada como câncer avançado. Ele morreu em dezembro daquele ano, aos 52 anos de idade, tendo continuado a trabalhar até uma quinzena antes de sua recaída final no Addenbrooke, onde era o pioneiro das pesquisas do que hoje em dia é conhecido como Síndrome de Morte Súbita Infantil (SMSI).

Syd e Rosemary ficaram desolados. “A morte do nosso pai mexeu muito com Roger”, disse sua irmã. “Ninguém diria que eles eram muito chegados, mas existia uma ligação especial entre eles. Quando Rog dizia algo espirituoso, nosso pai era sempre o primeiro a rir.”

Ainda que não demonstrasse abertamente seus sentimentos, ele deixou transparecer sua dor de uma forma singela. Roger mantinha religiosamente um diário desde seus 11 anos, nunca tendo perdido um dia sequer. Algumas semanas depois, Rosemary viu que a página do dia 11 de dezembro tinha sido deixada em branco. Para Libby, Syd apenas disse: “Coitado do meu pai, morreu hoje”.

3.Trecho da música “Shine on You Crazy Diamond”, feita pelo Pink Floyd em homenagem a Syd Barrett. Em português: “Lembre-se de quando você era jovem”. (N.T.)

Capítulo 2

Leonard's Lodgers

Com 16 anos, Syd se jogou no intenso mundo adolescente de festas, cigarros, bebidas e sexo casual. A arte se mantinha como seu principal interesse – ele chegou a expor seu trabalho artístico naquela primavera – mas a música pop vinha logo em seguida. Encorajado pelas aclamações entusiasmadas que recebia nas apresentações que costumava realizar nos domingos à tarde, Syd formou sua primeira banda, Geoff Mott and the Mottoes.

Geoff Mott era um jovem ruivo e desengonçado que usava óculos e tinha sido expulso do "Condado" por indisciplina antes de formar a sua própria banda de rock. A aparência rebelde e a experiência (tinha 19 anos, alguns anos mais velho do que os outros integrantes) faziam dele uma pequena celebridade entre os roqueiros novatos da cidade. Naturalmente, era o líder. O baterista era Clive Welham e o baixista um jovem de 18 anos filho da professora de Syd, Mary. Seu nome era Roger Waters.

Waters nasceu em Great Bookham, Surrey, no dia 9 de setembro de 1943 (o ano frequentemente atribuído é 1944), segundo dos dois filhos de um soldado que morrera em Anzio em 1944. Recentemente, deixara a escola para fazer um trabalho temporário com um arquiteto de Swavesey antes de ir para Londres estudar arquitetura na Regent Street Polytechnic, em setembro de 1962.

Na escola em Cambridge, era tido como solitário e introvertido, cujo espírito de competição o fazia um atleta útil e um membro importante do time de rúgbi. Naquele inverno, jogou na posição de abertura (*fly-half*) pelo time de veteranos de Cambridge ao lado de Geoff Mott.

Waters não tinha a habilidade musical inata de Gilmour e nem o senso de experimentação natural de Barrett. Contudo, começou a aprender a tocar baixo com uma determinação incomum. Ganhou seu primeiro violão aos 14 anos de

um parente sueco e depois teve algumas aulas. Sua mãe era “musicalmente surda” e seus professores o incentivavam muito pouco.

“Eu era considerado um perfeito idiota em quase tudo que fazia”, Waters afirmou à revista *Q* em agosto de 1987. “A maioria dos professores era um nojo e a escola só se preocupava com a admissão dos seus alunos nas faculdades. Era um verdadeiro criadouro. Eu odiava aquele lugar.”

Geoff and The Mottoes foi, assim como várias bandas de Cambridge, formada exclusivamente por diversão e sem pretensão de fazer sucesso.

Enquanto a banda existiu, eles realizaram apenas um único show no encontro local da CND (Campanha de Desarmamento Nuclear), tipo de ocasião em que Mott admitia que não poderia cometer nenhum erro.

Com seu exibido líder tocando o que tinha de melhor, The Mottoes obstinadamente executaram uma série de músicas de Buddy Holly e Eddie Cochran, incentivados pelos generosos aplausos de sua audiência cativa. “Syd não era um mau guitarrista”, disse Mott. “Era bom ouvir alguém que sabia tocar ao invés de desafinar por aí.”

O triunfo do The Mottoes no CND nunca se repetiu, embora eles recorrentemente falassem com entusiasmo sobre fazer outro show. Mott trabalhava em tempo integral e já era membro de uma banda semiprofissional, enquanto Waters estava prestes a se mudar para Londres.

Syd, por sua vez, encontrara um álbum precioso da música do ano de 1962 que o inspirou. Seu disco favorito era *Green Onions*, de Booker T. & the MG’s, um grupo de músicos de Memphis, liderado por Steve Cropper, que viria a apoiar vários artistas de soul na Stax Records. Ele também gostava do trompetista Miles Davis, um artista do qual poucos dos seus contemporâneos tinham ouvido falar.

Além disso, Syd delirava com o som de um artista americano desconhecido que ele pensava se chamar “Bob Die Lon”. Passou horas em vão procurando por seus álbuns em lojas locais para, apenas tempos depois, aprender que o nome correto do artista era Bob Dylan.

“Syd estava numa turma abaixo da minha na escola em Cambridge”, lembra-se Storm Thorgerson, que no final dos anos 60 fundou e lançou a bem sucedida empresa de design gráfico que desenhou capas para inúmeras bandas, incluindo o Pink Floyd. “Na época em que o conheci, ele estava muito interessado em meninas. Sexo e música eram as únicas coisas com que se preocupava quando

tinha 16 anos. A cidade era cheia de adolescentes e nós achávamos que éramos rebeldes, ainda que nenhum de nós realmente o fosse. A coisa mais revolucionária que fazíamos era ir a festas sem sermos convidados. Passávamos a maior parte do verão sentados em bancos próximos ao rio, tocando guitarra e fazendo piqueniques."

Finalmente, a vida de Syd era exatamente do modo como ele queria que fosse. Deixando para trás os anos de opressão no colégio, começou a frequentar um curso de arte na Escola Técnica de Cambridge, com duração de dois anos. O curso começou em setembro daquele ano e um de seus colegas de turma era John Gordon.

Se Barrett estava esperando liberdade artística, tomou um grande choque. Mesmo que a escola de arte tivesse regras consideravelmente mais flexíveis do que as do "Condado", ainda assim elas existiam e algumas delas eram realmente frustrantes para alguém como Syd, que sentia seu desenvolvimento artístico sendo tolhido.

"Syd era frequentemente mal interpretado", disse John Gordon. "As pessoas achavam que ele era um rebelde, mas uma das coisas que não suportava como estudante de arte era o desperdício de tempo. Se nós tivéssemos que assistir a uma palestra entediante, ele ficava tão perturbado que chegava a ser retirado de classe, caso já não tivesse saído por conta própria.

"Uma vez um sujeito chegou para dar uma palestra sobre um tipo de moldura arquitetural chamada de óvalo e dardo. Sem nem se apresentar, começou a escrever no quadro. Sua palestra antiquada e entediante deixou Syd muito irritado. Ele sempre fora muito maduro para sua idade e odiava ser tratado como criança. Perguntou ao sujeito qual era seu nome, mas o cara não ouviu direito e acabou respondendo "óvalo e dardo". Syd o chamou de "sr. Óvalo e dardo" durante toda a aula, zombando do palestrante."

Na turma também havia um aluno chamado David Gilbert, que viria a dividir um apartamento com Syd alguns anos depois em Highgate, norte de Londres. Gilbert recorda-se da palestra do "sr. Óvalo e dardo": "Por alguma razão que só ele poderia explicar, Syd começou a fingir que sofria de paralisia cerebral, contorcendo sua face de diversas formas e interrompendo a palestra ao gritar do fundo da sala 'Desculpe-me, sr. Óvalo e dardo'. Seu fingimento era tão convincente que o palestrante não ousou expulsá-lo de sala, pois não tinha certeza de que aquilo não era verdade. Syd só conseguiu escapar da punição porque manteve sua interpretação durante a palestra inteira."

John Gordon acrescentou: “Eu e Syd éramos terríveis. Costumávamos trazer nossas guitarras para a escola técnica a fim de entreter nossos amigos. Às vezes, escondíamos os instrumentos embaixo das mesas e os tocávamos com os pés para que os professores não soubessem de onde o som estava vindo. Acabamos levando aquele sujeito a se demitir.”

Storm Thorgerson cresceu junto com Barrett e lembra-se de ele ficar muito impressionado com um disco chamado *Love Me Do*, de uma banda chamada The Beatles. “Ele me puxou pelo ombro e disse: ‘Storm, cara, é isso!’ O efeito foi imediato. The Beatles e Bo Diddley eram sua onda, enquanto o resto de nós ainda curtia Elvis.”

Pode-se imaginar, talvez, qual o curso que a vida de Syd teria tomado se ele não tivesse sido fisgado pelo som do disco de estreia dos Beatles. Provavelmente, teria continuado a insistir na carreira de artista plástico, tornando-se professor ou produzindo arte. Ao invés disso, fora enfeitiçado pela ideia de se tornar um *popstar* e se dedicou profundamente a dominar a guitarra.

Barrett arrastava Libby para os clubes locais da juventude para assistir a guitarristas. “Ele ficou enlouquecido”, ela lembra-se. “Assim como toda namorada de guitarrista, eu odiava aquele instrumento. Num minuto estávamos prontos para sair, ele dizia que me amava e... de repente, no minuto seguinte, descobria um acorde novo e ficava concentrado nisso durante a noite toda.”

Alguns meses depois, naquele mesmo ano, o ídolo mais velho de Syd, Bob Dylan, foi a Cambridge durante sua primeira turnê pela Grã-Bretanha. Syd, então com 17 anos, já havia trocado seu violão por uma guitarra e foi um dois primeiros a comprar ingressos para vê-lo. “Minha primeira reação foi identificar um monte de pessoas como Syd”, disse Libby. “Era como se cada cidade tivesse mandado um Syd Barrett para lá. Era a primeira vez que eu via pessoas como ele.”

Durante o empolgante verão de 1963, os pais de Libby viajaram para a Grécia, deixando a filha e seu namorado “beatlemaníaco” nos arredores de Butlins, em Essex. O ambiente característico do campo e os chalés apertados – típicas construções locais e baratas, destinadas, na época, a férias familiares – despertaram o lado mais incoerente de Syd, Libby lembra-se de ele ter agido durante a sua estadia como os Beatles em *Help!*.

Numa noite ele a levou a Whittlesey para assistir a um grupo londrino de R&B chamado The Rolling Stones. “Foi na época em que os Stones tinham lançado ‘Poison Ivy’. Não havia muitas pessoas lá, mas Syd já havia ouvido o som deles

e sabia que eles eram ótimos. Deus sabe como! Era só um pequeno vilarejo em Cambridge."

Em poucos minutos, Mick Jagger percebeu a figura sombria o olhando do fundo do salão. No intervalo, Libby, que estivera encarando Jagger durante toda a apresentação, ficou mais do que chateada quando o cantor veio e se apresentou para Syd. A menina ficou um bom tempo esquecida enquanto os dois discutiam questões e tendências musicais e tomavam alguns drinques. Syd também manteve uma boa conversa com o cabeça dos Stones, o baixista Bill Wyman, que confessou mal saber tocar o instrumento e ainda estar aprendendo.

Barrett pode ter sido uma pessoa indubitavelmente carismática e imensamente popular, mas ocasionalmente se retraia e vagava pelas montanhas próximas a Cambridge ou andava solitariamente nos jardins da cidade. Tim Francis, outro amigo de adolescência, disse: "Syd era alguém que, apesar de muito sociável superficialmente, tinha um lado interno secreto. Existia uma parte dele inalcançável para os outros."

Quando o ano acadêmico da Escola Técnica começou, ele se aproximou de Dave Gilmour, que deixara a claustrofóbica escola Perse para tentar o vestibular. Gilmour se tornara um ótimo guitarrista, tecnicamente muito à frente de Barrett. Os dois passavam as horas do recreio numa sala aperfeiçoando-se nos *riffs* dos Rolling Stones.

Segundo John Gordon: "Syd e Dave competiam de uma maneira saudável. Dave tinha uma banda local e Syd nunca formou uma. Dave gostava de implicar com Syd dizendo que conseguira formar uma banda de sucesso e que ganharia dinheiro com ela." Incitado por essa provocação, Syd rapidamente formou uma banda de estudantes. O conjunto chamava-se Those Without, nome inspirado num romance de Françoise Sagan. Apesar de ter tido boa recepção em alguns shows, era apenas uma banda de R&B mediana, certamente incapaz de competir com o grupo de Dave Gilmour.

Cambridge começou a ficar muito pequena para Syd e naquele outono ele viajou para Londres para fazer uma entrevista na escola de arte de Camberwell, em Peckham. Para isso, teve que pegar emprestado um par de sapatos sociais do pai de Libby.

Infelizmente, a data da entrevista coincidiu com a apresentação dos Beatles no ABC Cinema de Cambridge, para a qual Syd já havia comprado ingressos com meses de antecedência. "Syd amava John Lennon e ficou devastado por não poder ir ao show", disse Libby.

No entanto, o sacrifício valeu a pena e Syd foi aceito na universidade para um curso de artes plásticas com duração de três anos no outono seguinte. Era uma longa espera, mas Syd continuou pintando nesse intervalo.

Na primavera de 1964, o amigo John Gordon notou uma mudança pontual na arte de Syd, com uma tendência acentuada ao abstrato. “Ele mergulhava roupas velhas nas tintas e as colavas nas telas... ficava difícil dizer se eram pinturas ou esculturas”, ele disse.

Barrett chegou a Londres no verão de 1964, ao mesmo tempo em que seu ex-colega de escola, Bob Klose. Aos 19 anos de idade, Klose tinha construído uma reputação promissora como guitarrista de jazz com uma banda de Cambridge chamada Blues Anonymous e agora iria cursar arquitetura na Regent Street Polytechnic, onde Roger Waters estudava há dois anos.

Roger estava vivendo num casarão recentemente desocupado pelos amigos Nick Mason e Rick Wright. Klose, Barrett e Dave Gilbert se mudaram para lá. Barrett e Waters dividiam um quarto, enquanto Klose e Gilbert ocupavam o outro.

Mason, cuja família abastada vivia numa área nobre de Hampstead, mudou-se temporariamente de volta para casa. Wright, que havia estudado na escola de elite Haberdashers, no sul de Londres, acabara de casar-se com Juliette Gale, cantora de um extinto grupo escolar amplamente conhecido no Sigma Sis, The Sreaming Abdabs ou The Megadeaths.

A casa pertencia a Mike Leonard, um arquiteto de meia idade que, ocasionalmente, contratava Waters e Mason para trabalhos temporários e estava longe de ser um senhorio comum.

Seu sótão estava cheio de gongos chineses, xilofones e flautas orientais. Surpreendentemente, para alguém com quase 40 anos, Leonard interessou-se com muito entusiasmo pela ideia de um grupo formado por Klose, Barrett, Waters e Mason.

Na verdade, era impossível ignorar os garotos, já que, quando os quatro ensaiavam no porão, o barulho era tão alto que Leonard podia ouvir a batida enquanto estava no escritório acima. “Dava para ouvi-los da esquina da rua, a pelo menos 400 metros de distância”, disse Mike Leonard. “O barulho era realmente muito alto, e apesar de os vizinhos já terem chamado a polícia, a banda parecia não se importar. Então, apareceu uma carta de um advogado ameaçando processá-los por invasão de privacidade, pois eles estavam fazendo

mal à saúde de uma pessoa que morava a 12 casas de distância.”

Ao invés de repreender seus hóspedes pelo bem da vizinhança, Leonard os encorajava. Algumas semanas depois, Waters e Mason convenceram alguns gerentes de um pub local a deixar que eles se apresentassem. Leonard se posicionou no piano e sobre esse episódio, ele recorda: “Eu não tinha o visual certo porque não era cabeludo e era, pelo menos, 15 anos mais velhos do que os outros, então começaram a me encarar com olhares de desconfiança.”

Sendo o melhor músico do grupo, Klose era o guitarrista principal, acompanhado por Waters no baixo e Barrett fazendo a base da guitarra, enquanto Mason tentava harmonizar tudo na bateria.

Terminado seu período sob os holofotes, Leonard passou a ser um ajudante da banda, mas ainda assim teve uma importância vital para a história do grupo.

“Mike estava interessado em um show de luzes”, disse Bob Klose. “Um dia, estávamos ensaiando na Hornsey Art College quando o vi mexendo nas luzes e colocando alguns moldes para projetar na tela. Na hora não pareceu nada importante, mas, pensando bem hoje em dia, aquele momento pode ser lembrado como o embrião dos shows de luzes do Pink Floyd.”

A banda se autointitulou, muito apropriadamente, de Leonard’s Lodgers[4]. Rapidamente, estabeleceram uma escala de serviço, na qual cada membro era responsável por uma tarefa doméstica. Syd era encarregado de cozinhar e depois que os hóspedes descobriram que poderiam viver gastando por dia cinco centavos cada, ele começou a produzir terríveis refeições que consistiam quase que exclusivamente em repolho e couve. Só descobriram depois que Syd estava gastando cinco centavos por todos eles quatro.

Enquanto Syd servia suas atrocidades culinárias para o desespero de todos, os jovens sentavam-se em volta da grande mesa, que antes havia sido a porta da cozinha. Ocasionalmente, o banquete era interrompido por muitas pequenas faces que se juntavam nas janelas da casa. Eram meninas da vizinhança que, ao verem os cabeludos com suas guitarras, os confundiam com os Rolling Stones.

“Eles eram um bando de palhaços”, disse Leonard. “Certa vez, um dos amigos de Roger trouxe um macaquinho, o qual eles acorrentaram numa árvore para assustar os vizinhos. Eu me lembro de Syd como alguém muito bem humorado e ainda consigo ouvir sua risada. Desde o início, ele já escrevia suas músicas extravagantes, embora eu não saiba se alguma delas tenha sido gravada.”

O que mais fazia falta na banda era um vocalista. Leonard’s Lodgers não tinha

um Mick Jagger próprio e nenhum deles imaginava assumir os vocais principais. Portanto, era preciso fazer um recrutamento. Depois de alguns meses, os membros aumentaram quando Rick Wright se juntou ao grupo para tocar piano, mas o problema do vocal permaneceu.

Syd decidiu continuar as buscas em sua terra natal, Cambridge, e foi até o flat de Geoff Mott para ver se ele aceitava ir até Londres. Na época, as perspectivas de Mott eram consideravelmente mais promissoras do que as de Syd. Um ano antes, ele havia formado uma banda R&B chamada The Boston Crabs, que conquistou muitos seguidores em Cambridge e tentaria entrar nas paradas nacionais no ano seguinte. Não foi surpreendente que a resposta ao convite de Syd tenha sido pouco entusiasmada.

Mott estava estabelecido em Cambridge, tinha um bom emprego e ganhava 30 libras por semana devido ao trabalho de sua banda. Por que iria até Londres para tocar com um conjunto completamente desconhecido? Ele tomou a decisão mais sensata na época, mas anos depois um pensamento de como teria sido se tivesse aceitado o convite o atormentava.

“Parecia que todas as pessoas me diziam: ‘E se você tivesse se juntado ao Leonard’s Lodgers?’”, ele disse. “Mas o que eles faziam era muito diferente do que eu costumava fazer e nós acabaríamos nos separando, de uma maneira ou de outra. Pensar dessa forma é o que me impede de enlouquecer.” Embora Geoff Mott não tenha aceitado a oferta, outra pessoa aceitou. Pelo menos temporariamente.

Em uma loja de música em West End, Klose e Waters esbarraram num cantor de blues que eles conheciam brevemente de Cambridge. O técnico júnior da Força Aérea Real, Chris Dennis, era um pouco “velho” com seus 26 anos, mas tinha participado da conhecida banda de Cambridge, The Redcaps e, o mais importante, tinha um grande repertório de blues. Dennis estava à procura de uma banda e os Lodgers precisavam de um cantor. Dessa forma, eles se juntaram.

A viagem de Syd a Cambridge não foi bem sucedida na tentativa de descobrir um cantor, mas ele voltou com um novo nome para a banda. Pacientemente explicou para Bob Klose que tinha alguns álbuns de uns antigos cantores de blues da Georgia chamados Pink Anderson e Floyd Council. Que tal colocar os dois primeiros nomes juntos?

Os meninos conseguiram comprar uma velha van Bedford com o dinheiro das suas bolsas de estudo. Syd pintou o nome Pink Floyd com tinta rosa brilhante sobre os arcos pretos das rodas. Posteriormente, ele alegaria que aquele nome

peculiar fora sugerido a ele por um disco voador enquanto estava sentado ao horizonte de Glastonbury em Somerset.

O Pink Floyd ao qual Chris Dennis se juntou naquele outono não era tão eficiente quanto a banda que ele deixara em Cambridge. “Bob Klose era muito bom guitarrista e o único verdadeiro músico da banda”, ele disse. “Mas mesmo naquele estágio Syd já tinha ideias excêntricas. O dono da casa era outro esquisito que fazia *jingles* para comerciais de televisão. Ele tinha alguns gongos e aparelhos eletrônicos no sótão os quais Syd costumava experimentar para fazer barulho. Acho que foi assim que ele desenvolveu o primeiro som do Pink Floyd.

“Mas naquela altura nós éramos como muitas outras bandas, fazendo sons R&B. Syd executava muitas músicas de Bo Diddley na sua Fender branca. Ele tocava ‘Money Down’ e eu cantava um pouco de Kimmy Whiterspoon, Muddy Waters e Chuck Berry junto com ‘I’m A Lover Not A Fighter’, de Lazy Lester e ‘I Got Love If You Want It’, do Slim Harpo.”

A nova formação da banda fez sua estreia em uma festa particular numa mansão em Surrey e continuou tocando em algumas escolas técnicas, assim como no Beat City Club na Oxford Street, antes de Dennis ser mandado para o Golfo Pérsico em janeiro de 1965.

Nos 18 meses seguintes, o Pink Floyd manteve-se apenas como um hobby. Waters, Mason, Wright e Klose não tinham intenção alguma de lagar os estudos e Syd, por sua vez, ainda estava mergulhado em suas pinturas.

Syd aproveitara bem seu primeiro período em Camberwell, onde sua arte abstrata ganhara a aprovação de seu tutor, Chis ‘Chimp’ Chamberlain. Barrett mostrou a um jovem ávido e purista, pronto para defender os méritos de usar apenas um pincel, uma técnica que ele acreditava ter mais consistência, valendo-se de várias pinceladas do mesmo tamanho.

A maioria de suas pinturas era de flores, embora às vezes também surgisse com retratos de pessoas. Por exemplo, quando Sandie Shaw alcançou o topo das paradas de sucesso com “There’s Always Something There To Remind Me”, em outubro de 1964, Syd pintou o seu retrato. Ele chegou a enviá-lo para o escritório da cantora apenas para ficar amargamente decepcionado quando não recebeu nenhuma resposta.

Chamberlain viu talento artístico considerável em Barrett, porém percebeu que ele estava sendo levado pelo seu interesse musical. No seu segundo ano em Camberwell, Syd se viu diante de uma encruzilhada. Por mais empolgante que

fosse a vida universitária, o fato mais duro era que a menos que um estudante de arte demonstrasse um talento excepcional, a única carreira possível ao final de três anos era ensinar.

Só o fato de pensar em voltar a uma sala de aula era intolerável e fez com que Barrett buscasse outras saídas para seu talento artístico. Seu papel na banda se tornava cada vez maior e ele adquiriu confiança para encarar os vocais principais. A divertida canção “Effervescing Elephant” foi escrita enquanto ele estava deitado num banco próximo ao rio Cam alguns anos antes. Também compôs duas outras músicas, “Flutter By Butterfly” e “Bike”, supostamente inspirada por uma bicicleta Raleigh que pertencia a sua nova namorada de Cambridge, Jenny Spires, (posteriormente citada em outra música de Barrett, “Lucifer Sam”) embora ela tenha descrito o relacionamento como um “caso sem importância”.

O Pink Floyd continuava a tocar em festas, pubs e escolas, uma vez tendo até se apresentado na faculdade Homerton em Hills Road, Cambridge, na mesma noite em que o Boston Crabs de Geoff Mott se apresentava com o líder das paradas de sucesso, Unit Four Plus Two.

Contudo, na primavera, estava claro que uma rixa surgia entre os membros do grupo. Bob Klose, que tinha uma personalidade bastante introvertida, favorecia um estilo mais próximo de jazz tradicional e começou a bater de frente com Syd, que seguia completamente o estilo dos Stones, adentrando por temas como misticismo e sexualidade.

“Bob era um bom guitarrista, mas os outros estavam ficando desconfortáveis com seu jeito de tocar”, disse Dave Gilbert. “Seu estilo não era fluido ou confortável. Ele costumava ficar em pé contorcendo seu rosto e os outros chamavam sua atenção dizendo: ‘Qual é, Bob? Que tal parecer um pouquinho com um *popstar*?’”

Com o fim do verão se aproximando, estava claro que os dias de Klose no grupo estavam contados. Além disso, ele sofria pressão de seus pais para que abandonasse a banda, pois achavam que a carreira musical estava afetando negativamente seus estudos de arquitetura.

Klose deixou o grupo oficialmente no início das férias de verão, aceitando que ele e os outros integrantes estavam seguindo caminhos musicais opostos. Foi uma separação amigável, ao ponto de ele subir ao palco novamente algumas vezes com a nova formação da banda.

Ele se lembra de Barrett como alguém com um talento inquestionável: “Ele tinha talento em excesso, se é que isso é possível. E também um carisma estranho. Com certeza, não havia sinais do que ainda estava por vir. Era extremamente dotado e parecia mais interessado em pintar. Pensando em retrospecto, era isso que ele devia ter continuado a fazer. O mundo da música é tão cheio de trapaça e exploração que um verdadeiro artista sempre vai estar vulnerável.”

4.Os Hóspedes de Leonard. (N.T.)

Capítulo 3

Uma Laranja, Uma Ameixa e Uma Caixa de Fósforos

No verão de 1965, Syd Barrett iniciou uma viagem rumo ao autoconhecimento. Durante as férias, de volta a Cambridge, ele e Storm Thorgerson começaram a se interessar por Sant Mat, uma vertente do Sikhismo. Storm foi aceito na seita e iniciado pelo Mantra, mas Syd foi recusado, pois era muito jovem, fato que o deixou muito decepcionado. “Syd sempre se envolvia demais com as coisas”, disse Thorgerson. “Ele abraçou com muito entusiasmo a causa religiosa, refletindo isso em suas pinturas e na forma de se vestir.”

Em agosto daquele ano, Syd e alguns amigos viajaram para o sul da França numa Land Rover. Dave Gilmour, que já estava em St. Tropez, encontrava-se temporariamente afastado de sua recém-formada banda, Jokers Wild. Eles atraíam muita atenção, especialmente quando um deles foi flagrado com uma garota num quarto de uma república de estudantes.

Durante o período que Syd passava em Londres, Gilmour desfrutava do *status* de pequena celebridade como guitarrista autônomo em Cambridge. Sua prática tinha melhorado tanto que chegava a ser contratado por bandas locais, e cobrava muito mais caro do que a própria banda recebia para fazer um show. Porém, sua reputação era tão boa que a banda pagava seu cachê sem reclamar.

St. Tropez não “pegou leve” com os músicos perambulantes e sem dinheiro de Cambridge. Barrett, Gilmour e companhia foram presos e levados para interrogatório numa delegacia local. Depois de uma hora, a polícia não descobriu nada, portanto não tinha nenhuma razão para mantê-los presos. Na verdade, tiveram muita sorte, afinal, naquele verão, todos já estavam usando a droga que ficaria associada eternamente ao nome do Pink Floyd: Dietilamida do Ácido Lisérgico, mais conhecida como LSD.

Anos mais tarde, Storm Thorgerson pensava sobre uma capa para o álbum de 1974 que juntaria dois LPs da carreira solo de Barrett. Para o projeto, ele queria algo que fosse “a cara de Syd”. Quando a compilação foi lançada naquele setembro, exibia uma foto em preto e branco de Syd, sentado de pernas cruzadas no chão de seu flat na Earls Court Square em 1969. A foto estava centralizada numa base castanho-claro que mostrava, enigmaticamente, uma laranja, uma ameixa e uma caixa de fósforos.

Ninguém entendeu a piada da capa, a não ser os amigos mais próximos de Barrett que acompanharam o começo de sua experimentação das drogas. “A capa parecia com a primeira ‘viagem’ que ele teve com o ácido, no jardim da casa de um amigo chamado Dave Gale, que morava em Cambridge”, disse Thorgerson. “Quando você está sob o efeito do ácido, foca sua atenção numa coisa determinada. No caso de Syd, ele pegou esses três objetos e os carregou durante 12 horas, repetindo o quão espetacular eles eram. Ele os carregava e os guardava num canto como se fossem tesouros.”

Ian Moore, sócio de longa data do Pink Floyd, chamado pela banda e por seus amigos de Imo, descreveu a série de eventos ridículos que levaram ao incidente. Os amigos claramente eram muito ingênuos quanto ao perigo que a droga que consumiam podia representar. “Nós pusemos um pouco de LSD líquido em garrafas, colocamos vários cubos de açúcar enfileirados e adicionamos duas gotas em cada cubo. Mas o bagulho era tão forte que era absorvido apenas através do contato com nossas mãos ou ao lamber nossos dedos. Quando a droga começou a fazer efeito, perdemos a noção de quais cubos já havíamos batizado e quais ainda faltavam, então muitos receberam doses duplas enquanto alguns ficaram sem nada. Syd segurava uma laranja, uma ameixa e uma caixa de fósforo e ficou encarando esses objetos enquanto viajava. Foi uma ‘viagem’ muito particular, um mundo criado por ele. A ameixa era o planeta Vênus e a laranja, Júpiter. Syd flutuava no espaço entre os dois planetas.”

As viagens interestelares de Syd terminaram quando, Moore, também chapado, mordeu um pedaço da ameixa, destruindo o planeta Vênus de Syd. “Você tinha que ver a cara do Syd. Ele ficou atônito por alguns segundos e então começou a dar risadas forçadas”, recorda-se Imo.

Syd tinha 19 anos quando experimentou ácido pela primeira vez, mas já fumava maconha há pelo menos dois anos, tendo tragado a droga pela primeira vez depois das sessões de domingo à tarde no Hills Road. Ele realmente estava engajado em experimentar de tudo, e, embora tenha provado heroína aos 20

anos, o LSD sempre se manteve como sua válvula de escape favorita.

Não é de se espantar que Barrett tenha eventualmente se tornado dependente químico e começado a desenvolver inexplicáveis comportamentos violentos, afinal pesquisas posteriores demonstraram que, poucas horas após seu consumo, a droga podia produzir rompantes de incontrolável violência. Isso era algo que muitos dos amigos e das namoradas de Barrett iriam descobrir.

O LSD tomou as páginas dos jornais britânicos em 1965 depois que foram descobertas pequenas quantidades da droga em sementes de “glória da manhã”, usada por adolescentes. A droga em seu estágio puro, usado por Barrett e seus amigos, era muito mais concentrada.

Moore recorda-se de como o pessoal de Cambridge persuadiu um amigo a contrabandear uma grande quantidade de maconha direto do Marrocos na mala de seu carro. O homem, que sinceramente não sabia para que eles queriam aquilo, vendeu tudo por quatro libras o quilo. Mais uma vez, todos usaram as substâncias sem moderação.

“Nós experimentamos a maconha de todas as formas”, disse Moore. “Fumamos, fizemos chá, comemos... Todos os modos possíveis e imagináveis de se usar maconha, nós tentamos. A erva estava em todos os cantos de Cambridge. Certa vez eu e um colega não saímos do quarto durante três meses, ficamos só fumando, vivendo de ‘nada’ e quase não comendo”.

Levados pela fome, eventualmente eles iam até a casa de Storm Thorgerson. Os pais de Storm haviam se separado e ele vivia com a mãe, uma pessoa notoriamente conhecida por ter sono leve. “Nós tínhamos que fazer tudo em silêncio porque a mãe dele ouvia tudo”, disse Moore. “Até mesmo o som da torradeira podia acordá-la. Syd e o resto de nós ficávamos até três horas da manhã lá em cima fumando maconha, depois morríamos de fome. Descíamos para fazer enormes sanduíches de queijo com geleia, banquetes absurdos para quando tínhamos esses desejos. Comer cereais era um verdadeiro problema porque eles faziam muito barulho.”

Quando alguém descobriu um traficante de LSD que vivia em Londres, um comportamento rotineiro começou a ser estabelecido. Se os pais de um deles viajavam, o grupo tomava para si a casa temporariamente vazia e sem olhares vigilantes. “Nenhum dos nossos pais sabia o que estava acontecendo”, disse Moore. “A mãe de Syd tinha uma mente muito aberta e atribuía o comportamento do filho à energia da juventude. Qualquer pessoa que esteja chapada, seja por maconha ou ácido, tem uma aparência normal. As únicas

coisas que a entregam são as pupilas dilatadas e o olhar fixo, mas na verdade, você é o único que realmente vê o mundo de uma forma diferente.

“Syd tinha aversão a regras e era muito mais maduro que nós devido à sua educação e à sua arte. Todos nós gostávamos de artes visuais, mas por conta do seu lado intelectual, ele ia muito além. Ele era a favor da anarquia e da rebelião. As pressões e as regras já o oprimiam desde aquela época. Uma vez quando estava tendo uma de suas ‘viagens’ no jardim de Dave Gale, ficou indo e vindo de dentro para fora de casa, até que ele e um outro sujeito acabaram juntos dentro da banheira, pulando e gritando: ‘Sem regras! Sem regras!’ Eles realmente achavam que tinham quebrado todas as regras. O coitado do Dave Gale estava ficando paranoico, pois achava que a banheira ia quebrar o chão, mas todos ficaram histéricos e pareciam se divertir.”

Ocasionalmente, Storm Thorgerson ia com seus amigos, chapados de ácido, para o campo e fazia filmes caseiros das patéticas tentativas de jogar futebol. Às vezes rodavam filmes mais vanguardistas, em que todos apareciam pelados e de cabeça para baixo. Um dos filmes, chamado *The Meal*, tinha como enredo um piquenique em que os convidados acabavam comendo um dos membros no jantar.

Em 1985, os autores desse livro tiveram acesso a um extraordinário filme caseiro que pretendia mostrar umas das primeiras “viagens” de Syd ao usar ácido. O filme colorido foi gravado por um dos amigos de Cambridge de Syd, Nigel Lesmoir-Gordon. Rodado numa pedreira inativa, mostra Syd com 19 anos e vestido todo de preto, antecipando em 25 anos o visual gótico da geração atual.

O filme foca na figura inconfundível de Barret apontando de forma ameaçadora para a câmera portátil. Ele corre até a pedreira íngreme e a escala demonstrando uma habilidade de cabra ao subir paredes. Não satisfeito com essa fanfarra da juventude, Syd então começa a imprudentemente rondar a beira do precipício parando apenas para olhar para a câmera que está na parte baixa da pedreira.

A sequência surreal termina com Syd olhando fixamente e incrédulo para seus dedos dos quais brotam cogumelos. A última cena é um close bizarro do rosto de Syd com cogumelos no lugar dos olhos.

Atualmente, Lesmoir-Gordon ganha a vida como editor de películas e esse filme representa uma primeira tentativa de vanguarda com Syd se divertindo sob os holofotes.

Durante o segundo ano de Syd em Camberwell, a banda continuou na mesma.

Os membros ainda não conseguiam se decidir sobre um nome, às vezes se apresentando como The Pink Floyd Sound. Em novembro, eles voltaram a Cambridge para o evento social do ano e se autointitulavam The T-Set.

O evento era o aniversário de 21 anos da namorada de Storm Thorgerson, que reuniu pela primeira vez o Pink Floyd e o Jokers Wild, de Dave Gilmour.

A namorada de Storm, Libby January, pertencia a uma rica família de Cambridge. Seus pais promoveram uma festa magnífica, mas os tradicionais Januarys não sabiam no que estavam se metendo ao convidarem alguns dos amigos "moderninhos" da filha.

O palco estava montado para a grande celebração da maioridade, no estilo clássico de debutantes de Cambridge. Foi erguida uma tenda no gramado, onde os Januarys recebiam os cumprimentos dos convidados, porém era a dois passos dali, onde as bandas se encontravam, que as coisas aconteciam para valer.

Dave Gilmour lembra-se que um desconhecido jovem guitarrista americano, chamado Paul Simon, iria se apresentar, e as bandas se uniram para a sua performance. "A minha banda fez a base para Paul tocar músicas de Chuck Berry, como 'Johnny B. Goode'", recorda-se.

Outro amigo de Cambridge, Pip Carter, que viria a se tornar o homem das luzes do Pink Floyd, tocou bongô com o Jokers Wild durante a execução de uma versão de "Michelle", dos Beatles. Por sua vez, Moore se juntou a Syd para cantar uma música de Bo Diddley.

Mais tarde, Roger Waters, Nick Mason, Rick Wright e Syd Barrett uniram-se no palco com Gilmour, formando o som do T-Set. "Era estranho ver as bandas de Syd e Dave juntas naquele palco", disse Carter. "Foi a primeira vez que eles se uniram para tocar."

O senhor January era um conservador, capaz de obrigar qualquer pessoa a prestar atenção quando a rainha aparecia na televisão. Por isso, não é difícil imaginar sua reação quando o espírito da festa foi dominado pelos amigos da filha, que decidiram aproveitar ao máximo aquela noite.

"Era uma divisão clara entre tradicionais e os não-tradicionais", disse Storm Thorgerson. "Ficamos tão pavorosamente bêbados que tivemos que ser carregados enquanto alguns convidados permaneciam com seus ternos intactos. Só Deus sabe o que Paul Simon aprontou."

"Tinha um monte de jovens fazendeiros numa tenda junto com as pessoas ricas, e o resto de nós na outra tenda", lembra-se Moore. "Era como se existissem duas

festas diferentes, então estava claro que algo iria acontecer. Foi Syd quem deu início a tudo. Ele pegou uma toalha de mesa e chamou a atenção de todos para assistirem ao seu famoso truque com os copos. Puxou a toalha, mas os copos não ficaram na mesa, voaram para todos os cantos."

Ao fundo da tenda era possível ver o sr. January visivelmente pálido enquanto sua esposa colocava a mão na testa e murmurava: "Meu Deus!"

E ainda iria piorar, pois Syd subiu cambaleando ao palco, segurando uma garrafa de gim, para tocar mais uma vez com Moore. Felizmente eles deixaram o palco antes de alcançarem o microfone.

Graças a um milagre, a noite terminou bem para Storm Thorgerson, a quem foi concedida a mão de Libby em casamento.

Nos meses seguintes, o nome inicial – Pink Floyd – voltou a ser o preferido da banda e as ideias experimentais de Syd tornavam-se cada vez mais influentes. Mais importante, o grupo fazia uma sutil mudança em seu repertório e na sua execução e, apesar de ainda fazerem *cover* de artistas R&B, começavam, lenta e definitivamente, a desenvolver um som próprio.

Em fevereiro de 1966, eles se apresentaram no The Marquee Club, na Wardour Street em Londres, num evento que ficou conhecido como *The Spontaneous Underground*. Nos convites do evento era possível ler o seguinte: "Quem estará lá? Estão entre os convidados: poetas, cantores pops, irmãos, americanos, homossexuais (pois eles são 10% da população mundial), vinte palhaços, músicos de jazz, um assassino, escultores, políticos e algumas garotas impossíveis de se descrever."

A plateia era por si só uma diversão. Donovan, com uma maquiagem vermelha de Cleópatra, cantava músicas e era acompanhado por cítaras e tambores. Depois uma mulher com calças brancas justíssimas tocava Prelúdio e Fuga de Bach enquanto The Ginger Johnson African Drummers a sufocava com uma batida furiosa.

O mais barulhento e ultrajante de todos era o Pink Floyd que tocava prolongadas e abafadas versões de "Roadrunner" e de músicas de Chuck Berry, ou simplesmente faziam camadas sobre camadas de retornos aumentando tudo ao volume máximo.

Entre os espectadores desconcertados estava Peter Jenner, que juntamente com o sócio, Andrew King, abrira há pouco uma ambiciosa e, de certa forma, alternativa, empresa de gerenciamento pop chamada, Blackhill Enterprises. Peter

ficou intrigado com aquele som estranho, porém original.

Jenner, professor da London School of Economics, estava à procura de um grupo psicodélico para mostrar ao produtor londrino da Elektra Records, Joe Boyd. Por outro lado, Andrew King não tinha o menor interesse em pop, mas concluíra que “o melhor jeito de ficar rico e estar na moda é gerenciar um grupo de rock”. Claro que o Pink Floyd se encaixava perfeitamente como um ótimo e bizarro grupo pop eletrônico.

Segundo Jenner, na primeira vez que viu o Floyd, o grupo estava prestes a se separar devido à baixa autoestima e à falta de shows. Ele os convidou para seu apartamento em Highgate e ficou impressionado ao descobrir o quanto amadores eles eram – não tinham contrato, não tinham agência e não tinham nem empresário. Além disso, o equipamento que usavam era caseiro, com risco iminente de escangalhar. Ainda assim, Jenner apressadamente afirmou que poderia fazer com o que grupo fosse “maior do que os Beatles” – clássica bravata de empresários aspirantes até os dias de hoje – e entrou em contato com seu sócio.

King se demitiu do seu emprego de professor de cibernética (ele mesmo não sabia o que isso significava) e concordou em investir em um grupo de aparentes azarões, que não conhecia nem nunca tinha visto e estava para desfazer-se nas férias de verão.

A essa altura, Syd tinha deixado o apartamento da Highgate para viver na boemia, pulando de uma república de estudantes para outra, e finalmente aderindo a uma lotada moradia hippie, numa casa em Kensington, na Rua Cromwell, onde o LSD rolava solto. Ele tocou dois discos exaustivamente naquele verão, *Fifth Dimension* do The Byrds e o álbum de estreia do Love. Mais tarde ainda se apropriaria de um *riff* de “My Little Red Book”, do Love, para uma música chamada “Interstellar Overdrive”.

Syd tinha começado um relacionamento, que duraria dois anos, com uma loira de Cambridge, chamada Lynsey Korner. A moça havia se mudado para Londres para trabalhar como modelo em meio período. Depois de alguns meses na caótica residência da Cromwell Road, onde Yoko Ono filmou o celebrado filme *Bottoms*, os dois mudaram-se para um flat próximo a Egerton Court. Barrett ainda pintava, mas seu trabalho estava agora altamente influenciado pelas visões que tinha ao usar ácido. No novo apartamento, existia pendurada na parede a imagem de um homem com um trem saindo da testa. Abaixo, alguém escreveu as seguintes palavras: “Isso é estranho”.

Em 11 de outubro, quando o Pink Floyd tocou na abertura do Chalk Farm Roundhouse, Jenner e King trouxeram uma máquina de luzes Heath Robinson, construída com interruptores da British Home Stores e lâmpadas que atravessavam plásticos coloridos em molduras de madeira. Pip Carter, figurinha carimbada no mundo das drogas de Cambridge, foi chamado para operar o frágil equipamento. O Roundhouse era o maior show que o Pink Floyd havia feito até o momento e o evento reuniria todas as tribos do mundo *underground* sob o mesmo teto pela primeira vez. Mais de duas mil e quinhentas pessoas se espremeram para acompanhar o evento e outras tantas não conseguiram passar pela porta.

Esse novo lugar permaneceu vazio por mais de uma década. Tinha sido construído como um galpão de máquinas, e posteriormente foi usado para armazenar enormes barris de gim. Nunca havia sido usado como local de entretenimento e estava completamente cheio. Além disso, fazia muito frio, mas as pessoas permaneceram esperando por horas do lado de fora. A entrada era tão estreita que o público só conseguia entrar em pequenos grupos, um de cada vez, fazendo com que muitas pessoas não estivessem do lado de dentro antes de duas e meia da manhã.

Uma vez dentro do estabelecimento, outra dificuldade se apresentava. Os dois mil e quinhentos clientes tinham apenas dois banheiros à sua disposição. Ambos, rapidamente, superlotaram e as portas foram arrancadas para serem usadas como tábuas para passagem.

Paul McCartney veio vestido como um árabe, com vestimenta e turbante brancos, tendo chegado com um casaco de lã barata para se disfarçar. Ele nem precisava se preocupar, pois ninguém prestou muita atenção nele e em sua namorada, Jane Asher. Ambos, simplesmente, se misturaram à multidão.

Marianne Faithful ganhou o “prêmio de menor e mais desguarnecida roupa” pelo seu hábito de freira, que seria descrito pela revista *New Society* como “algo que sequer tocava o chão”. De fato, não cobria nem seu traseiro.

Outro parceiro do Floyd, o ator Matthew Scurlow, acredita que o evento e, principalmente, a participação de Barrett tiveram grande influência em Paul McCartney e contribuíram para o álbum dos Beatles *Sgt. Pepper*.

Uma montanha de gelatina seria distribuída para a plateia. Antes mesmo que alguma nota fosse tocada, Syd e Pip Carter procuravam por um pedaço de madeira para concertar a máquina de luz temperamental trazida por Jenner e King. Os dois avistaram parte de uma estrutura feita para apoiar o molde da

gelatina e quando a arrancaram, uma montanha de gelatina se espalhou pelo chão dando às suas roupas um toque a mais de colorido.

"O Pink Floyd tocava loucas versões de músicas famosas, tais como o blues psicodélico 'Cops and Robbers', com Syd improvisando tudo o que podia", disse Pip Carter. "Ele usava seu isqueiro Zippo na guitarra assim como bolas penduradas pelo seu pescoço para produzir um retorno controlado. Muito da melodia de Syd se deve ao blues, mas a maior parte vinha de dentro da sua própria cabeça."

O show de luzes do Floyd foi muito bem recebido, apesar de ter acabado a energia no meio de "Interstellar Overdrive". Acima de tudo, a cobertura da imprensa nacional contribuiu bastante para aumentar a audiência dos futuros shows da banda.

Em 31 de outubro, Barrett, Waters, Mason e Wright assinaram um contrato com Jenner e King e associaram-se à empresa Blackhill Publishing. King tirou esse nome de uma casa de campo que possuia na fronteira com o País de Gales. "Um tempo depois, Syd se hospedou lá algumas vezes, escreveu algumas músicas e também costumava encontrar amigos 'suspeitos'. Todos notavam que algo de estranho acontecia e, por fim, a polícia local quase fechou o lugar alegando ser um local de baderna", ele disse.

Posteriormente, Jenner e King pressionaram o grupo para que gravassem algumas fitas demo no estúdio particular Thompson, em Hemel Hempstead. Eles elegeram "I Get Stoned", um dos primeiros esforços verdadeiros de composição de Syd, e "Let's Roll Another One". Essa última foi lançada como "Candy and a Currant Bun", no lado B do primeiro *single* do grupo. "Sentado aqui sozinho, eu fico doidão", escreveu Syd em "I Get Stoned". Palavras pateticamente proféticas.

King afirmava que a qualidade das gravações era muito boa – "próxima ao que as pessoas fazem em estúdios caseiros hoje em dia" – mas a primeira tentativa do Pink Floyd em cortejar as gravadoras fracassou. O primeiro alvo de Jenner foi Joe Boyd que ao ouvir as duas músicas aconselhou o grupo a gastar mais dinheiro em fitas profissionais.

Em dezembro, o Floyd se apresentou no primeiro Night Tripper, no Blarney Club, na Tottenham Court Road. O anúncio, publicado na quinta edição da revista *underground IT (International Times)*, não dava nenhuma informação de quem estava tocando, mas o Floyd tinha sido convidado e a audiência sabia que eles iriam aparecer devido ao boca a boca. Uma semana depois, nas noites de

sexta o local mudava seu nome para UFO, o lendário primeiro clube *underground* da era psicodélica.

"Nas duas ou três primeiras noites do UFO, o Pink Floyd tinha 60% da renda bruta por promover um show de música e luzes", disse Jenner. "Minha primeira tolice administrativa foi permitir a alteração de porcentagem para preço fixo, porque o lugar instantaneamente entrou na moda. Eu nunca tinha visto algo como aquilo."

"Ocasionalmente um bêbado que só frequentasse o local em noites regulares cambalearia e se depararia com uma visão do Inferno de Dante", disse Pip Carter. "O público sentava, deitava ou transava, era um amontoado de gente. Qualquer coisa acontecia."

Miles, do *IT*, escreveu: "Foi chocante abrir as portas do grande porão. Um calor úmido te atinge no rosto como um hálito de gorila. A pulsação borbulhante do show de luzes arrasta-se pelas paredes, pelo teto e pelo chão. O fedor de incenso corta o acre aroma de haxixe e suor."

O jornalista musical Hugh Fielder foi contemporâneo do Pink Floyd em Cambridge. Ele fazia parte de uma banda chamada The Rambling Blues que cometeu o grave erro de contratar Dave Gilmour para tocar guitarra e só depois descobrir o quanto ele cobrava. Quando Fielder deixou Cambridge para estudar negócios na West London Polytechnic, decidiu dar uma conferida no Pink Floyd no UFO.

"Ninguém nunca descobriu se o nome UFO seria de 'Objeto Voador Não Identificado'[5] ou de 'Loucura Underground'[6]", ele disse. "Fomos conferir e achamos o Floyd uma bobagem. Que barulho era aquele? Não tinha nada de R&B e parecia não se enquadrar em nenhum estilo. Achamos ridículo. Então, uma semana depois voltamos para vê-los com Procol Harum e, de repente, tivemos um estalo. Era a sensação de que estávamos presenciando algo. Era só uma questão de entrar na onda certa, que uma vez alcançada, te conectaria com tudo o que eles faziam musicalmente.

"Syd era fascinante. Passava a maior parte do tempo de costas para a plateia, distorcendo a guitarra, o que era impressionante. Dava para ver o resto da banda lutando para acompanhá-lo. Syd já estava experimentando, mas as coisas funcionaram só por um tempo. Tudo girava em torno dele. O resto da banda só podia segui-lo. Os outros tinham disciplina, especialmente Nick e Roger. Rick era bom em preencher as lacunas quando, por vezes, Syd sentava no palco com

suas pernas cruzadas e ficava tocando consigo próprio física e mentalmente. Eles nunca foram uma banda comunicativa no palco, mas o conjunto funcionava muito bem, por isso seguiram em frente daquela forma."

O UFO tornara-se o centro do mundo *underground*. Era para o Pink Floyd o que The Carvern foi para os Beatles e, realmente, era um dos poucos lugares onde os quatro fantásticos podiam andar sem ser relativamente incomodados.

O guitarrista do The Who, Pete Townshend foi ver Procol Harum na noite em que "A Whiter Shade of Pale" foi lançada e novamente quando atingiu o segundo lugar das paradas de sucesso. Ele frequentemente pagava a entrada inteira de 10 shillings, pois sabia que a *International Times*, patrocinadora do clube, estava enfrentando dificuldades financeiras. Townshend lembra-se do UFO da seguinte forma: "Quando o Pink Floyd tocava era muito empolgante. O som deles casava com o eco em todos os instrumentos. Certa vez, levei Eric Clapton para vê-los porque eu achava muito interessante o que Syd fazia. Nós dois gostamos dele, embora fosse impossível saber o que pretendia, porque usava dois ou três ecos em sequência. Ele costumava tirá-los de amplificadores diferentes, formando uma espécie de campo de som, um banho de 'textura de som' que nem sempre era melódica ou harmonicamente correta, mas sempre muito interessante e satisfatória."

Hugh Fielder: "Eu encontrei Jimi Hendrix no banheiro uma vez. Ele estava vestindo calças sem braguilha e, sim, aquilo era enorme. Eu posso confirmar que todos os rumores eram verdadeiros... O Floyd nunca foi considerado uma estrela, mas era parte importante do mundo *underground* londrino. Todos eram muito estimulados a gritar. Nós costumávamos cambalear para fora do clube às seis da manhã e pegar o primeiro metrô para casa, sentados com nossas miçangas e túnicas entre os passageiros comuns da manhã. Fora de Londres era uma outra história. Às vezes, eles se embebedavam fora dos palcos, pois preferiam não se comprometer."

A primeira vez do Pink Floyd fora da capital foi em Canterbury Technical College, em 19 de novembro. O crítico do jornal local de Canterbury era muito liberal e escreveu: "A abertura das cortinas revela um grupo, todos de pé na semiescuridão, vestindo camisas neutras que refletem luzes coloridas. Atrás deles, um Buda de quatro metros e meio. De um lado, conjuntos de manchas filtradas espalham várias cores sob o palco enquanto modernos slides de arte são projetados.

"Essa estranha combinação de luz e som tem resultado. Aqueles que estão

assistindo ficam hipnotizados no início, mas depois de notas dissonantes e assustadoras, começam a dançar e a relaxar gradativamente. Foi uma tarde agradável e ímpar."

Rick Wright tentou explicar o show da seguinte forma: "É tudo completamente espontâneo. Nós só ligamos os amplificadores e partimos daí, mas ainda temos um longo caminho a percorrer até chegarmos exatamente onde queremos. Devemos desenvolver tudo ainda mais. Provavelmente, há mais coordenação entre nós do que em qualquer outro grupo. Tocamos como se fossemos uma banda de jazz e pensamos musicalmente juntos quando estamos no palco."

Eles viviam, como Syd gostava de proclamar, "sem regras". Na noite anterior a Canterbury, o Pink Floyd levou seu show para Hornsey College of Art, para apresentar-se para uma audiência mais crítica do que a de costume. O jovem de 17 anos, Joe Gannon, estava ajudando com as luzes e havia desenvolvido novos slides para serem utilizados. Gannon tinha ideias ambiciosas para substituir por filmes os slides coloridos projetados na parede atrás do grupo. Hornsey foi um importante marco para o Floyd – o primeiro dos muitos shows sob o título: *Philadelic Music For Simian Hominids*.

Em 3 de dezembro, apresentaram-se num concerto intitulado *Psychedelia Versus Ian Smith* no Roundhouse, organizado pelo comitê The Majority Rule For Rhodesia. Em 12 de dezembro, tocaram no Royal Albert Hall e, dez dias depois, no The Marquee pela primeira vez desde que o *Spontaneous Underground* tinha alcançado uma nova era. Um sopro de mudança tocava o mundo do pop e o Pink Floyd, um grupo virtualmente desconhecido há alguns meses, estava agora na vanguarda, marcando presença no The Marquee, mesmo ainda sendo uma turma de semiprofissionais, embora não deixassem de se aprimorar cada vez mais.

O desenvolvimento do Pink Floyd sempre estará ligado à audiência notívaga do UFO, mas, por outro lado, o show no The Marquee, que terminava a tempo de se pegar o metrô para casa, pôs a banda em contato com outro tipo de público. No UFO, eles aproveitavam uma noite livre para experimentar, mas o The Marquee deu ao grupo uma audiência muito mais ampla para divulgar seu trabalho.

A banda deixou de lado todo o repertório R&B, devido à insistência de Jenner, que imprimiu neles a necessidade de mais músicas originais e de "natureza estranha". Syd, felizmente, obedeceu, mesmo sem saber que o *single* de sucesso, que o alçaria ao estrelato, estava logo adiante.

5.Sigla em inglês: Unidentified Flying Object (N.T.)

6. Sigla em inglês: Underground Freak-Out (N.T.)

Capítulo 4

Is There Anybody In There?[7]

O e*stablishment* foi tomado por uma série de ondas *underground* no início de 1967, “o Ano do Amor”.

O Real Instituto dos Surdos emitiu um alerta no jornal *The Daily Mail* sobre os 120 decibéis dos alto-falantes emitidos pelo Pink Floyd no UFO, afirmando que a audição poderia ser afetada. O *The News Of The World*, por sua vez, trazia uma série de reportagens intitulada “A Experiência Psicodélica: *PopStars* e as Drogas”, na qual criticava o show de luzes inspirado por LSD, do Pink Floyd. As revelações do repórter Mike Gabbert (que ganharia notoriedade 20 anos depois por ser o editor do jornal *Star*) levaram indiretamente a uma investigação policial sobre os Rolling Stones. Em retaliação, os membros do UFO atacaram os escritórios do *The News of the World*.

Tendo como lema “qualquer publicidade é boa publicidade”, Jenner e King devem ter se deliciado com o rumo que as coisas tomaram. Em 1º de fevereiro, o Pink Floyd se profissionalizou e apenas 27 dias depois entrava nos estúdios Sound Techniques, em Chelsea, para gravar seu primeiro *single*. O grupo planejou gravar seis músicas e escolher as duas melhores para serem o lado A e o B de um *single*.

O chefe da Elektra, Joe Boyd, que era o DJ do UFO, foi a escolha óbvia para ser o produtor. Ele conhecia a personalidade do grupo, o som que eles queriam fazer e também o que o mundo *underground* esperava da sua “banda caseira”. E acima de tudo, ele tinha dinheiro para produzir o álbum.

Com John Wood como engenheiro de som, o Floyd selecionou as músicas de Barrett “Arnold Layne” e “Let’s Roll Another”, essa última renomeada para “Candy and a Currant Bin” para ser mais aceita pelas gravadoras e emissoras de rádio.

Syd ficou um pouco frustrado quando soube que a referência ao consumo de drogas seria excluída, mas Waters rispidamente o conteve. Waters desaprovava o uso de drogas no estúdio de gravação, enquanto Syd, por sua vez, era completamente a favor. Ele frequentemente dizia que seus companheiros de banda eram muito caretas.

Posteriormente, essas atitudes conflitantes influenciariam bastante na saída de Syd do grupo, mas por enquanto todos estavam tão impressionados com a música escolhida para o lado A, "Arnold Layne", que Jenner e King decidiram vendê-la pelo maior lance. Não surpreende que o álbum de estreia do Pink Floyd talvez tenha se mantido por muito tempo como um dos melhores da banda.

Isto dito, não era exatamente o que o grupo havia planejado. "Na realidade, não queríamos que 'Arnold Layne' fosse nosso primeiro *single*", disse Nick Mason. "Fomos chamados para gravar seis músicas e depois procuraríamos uma gravadora que as aceitasse. Logo quando gravamos as duas primeiras, elas foram arrancadas de nós e disseram que já bastava. Todas as gravadoras queriam nossas músicas, então era só uma questão de aguardar a melhor oferta. Sabíamos que queríamos ser estrelas do rock e também gravar *singles* e aquela parecia a música mais adequada para ser condensada em três minutos sem perder muita coisa."

"Inicialmente, eles se mostraram como quatro músicos que não eram espetaculares, mas que conseguiram, entre si, criar algo extraordinário", disse Jenner. "Syd era o ímpeto criativo da banda – além de ser o vocalista e o guitarrista principal. Roger não conseguia afinar seu baixo porque ele era surdo para os tons, era Rick quem tinha que afinar o instrumento. Quando necessário, Rick compunha um pouco de melodia e Roger sugeria algumas letras. 'Set The Controls For The Heart Of The Sun', música do segundo álbum do Floyd, foi a primeira composta por Roger. Mas ele só foi capaz de fazê-la porque Syd encorajou todos a escreverem. Syd estava um pouco inseguro com relação à sua composição, mas quando fez essas duas ótimas músicas, todos pensaram: 'Bom, deve ser fácil...'"

Apesar da hesitação inicial, Barrett produziu um clássico do pop tocado regularmente durante vinte anos pelos DJs das rádios. "Syd foi o primeiro guitarrista que conheci a usar um dispositivo chamado de Binson Echorette, que era uma espécie de predecessor de todos os sistemas digitais de *delay* que os guitarristas usam atualmente", disse Andrew King. "Era uma versão mais complicada da Watkins Copicat[8], que todos passariam a usar mais tarde. Essa era

uma versão cara baseada no hardware originalmente feito pelo serviço postal britânico para gravar mensagens. Compunha-se de massa de metal com uma cabeça de gravador em volta do lado externo. Conforme a fita andava e passava por diferentes pontos, o aparelho produzia diferentes efeitos de eco. Syd o usava na sua guitarra quando ninguém tinha sequer pensado nisso."

Fora as duas faixas do LP, o Pink Floyd também gravou com Boyd uma versão de "Interstellar Overdrive" que nunca foi lançada. Outras músicas planejadas tiveram que esperar que a cobertura psicodélica da imprensa nacional fizesse crescer a procura por esse tipo de produto.

Depois de um contato inicial feito pela Polydor, o Floyd finalmente assinou com a EMI, recebendo cinco mil libras de adiantamento. O selo, preocupado com sua imagem e com medo de ter arrumado sarna para se coçar, emitiu um comunicado público afirmando que o Pink Floyd não sabia o que as pessoas queriam dizer com "Pop Psicodélico" e não estavam tentando criar efeitos alucinógenos na sua plateia. Essa estratégia risível falhou categoricamente. O lançamento do *single*, em 11 de março, causou uma grande sensação. A rádio London imediatamente vetou o álbum, enquanto as rádios clandestinas, aparentemente, cobravam muita propina para tocá-lo.

"Arnold Layne" era baseada numa história verídica do grupo nos tempos de Cambridge. "Tanto a minha mãe quanto a mãe de Syd tinham estudantes como hóspedes porque existia uma faculdade de meninas lá perto", disse Waters. "Por causa disso, constantemente, havia muitas calcinhas e sutiãs nos nossos varais. Arnold, seja lá quem for, roubava algumas peças do varal."

Logo depois do lançamento do *single*, o jornal de música britânico *Melody Maker* enviou Nick Jones para entrevistar Syd no flat que ele dividia com Lynsey. "Syd Barrett rolou da cama e vestiu suas meias", escreveu Jones. "Dei uma olhada no ambiente do pequeno sótão, procurando pelas roupas femininas que o Pink Floyd afirmava que Arnold experimentava em frente ao seu espelho. Perguntei 'Syd, porque você escreveu uma música tão suja, obscena, indecente e imoral como Arnold Layne?' Syd piscou sem entender: 'Bem, eu simplesmente escrevi. Achei Arnold Layne um nome legal e encaixou muito bem na melodia da música que eu já tinha composto.' Então eu disse: 'Mas não é verdade que a rádio London baniu o seu álbum por achá-lo indecente?' Ao invés de cambalear para o guarda-roupa e revelar um armário cheio de roupas femininas, Syd começou a explicar: 'Eu estava em Cambridge quando comecei a escrever essa música. Peguei a ideia sobre a 'bobeira do varal' de Rog, nosso baixista, porque

ele tinha um varal enorme no jardim da sua casa. Então, pensei que Arnold deveria ter aquele hobby e a música surgiu daí. Arnold Layne simplesmente gostava de vestir roupas de mulher. Muitas pessoas fazem isso, então vamos encarar os fatos. Sobre a letra, a única parte que alguém poderia se queixar é o trecho que diz 'é preciso de dois para saber' – e não há nada de imoral nisso!"

O resto da banda acabou aparecendo durante a entrevista e arrastaram Jones para um pub para beber algumas canecas da "boa e velha cerveja preta". O repórter do *Melody Maker*, que parecia estar preparado para uma louca orgia de drogas, ficou aliviado e surpreso. Por fim, concluiu indevidamente que os membros do Pink Floyd eram pessoas comuns.

Uma postura mais liberal teve David Paul, do *The Morning Star*, que considerou "Arnold Layne" "inteligente e irônica". Ele escreveu: "Pode parecer um tema estranho, mas isso se deve ao fato de os letristas serem muito conservadores. Não há nada de doentio ou incrível nisso e a música representa uma mudança nas intermináveis letras sobre amor."

Walters disse à imprensa que ficou muito chateado com o fato de a mídia ter descrito o *single* como obsceno. Ele disse: "É uma música verdadeira, sobre um sujeito real. Não é apenas um amontoado de palavras como 'amor', 'baby' ou 'gostar', como são muitas das músicas pop."

O *Melody Maker* publicou que o Floyd tinha feito um *single* comercial: "Demora um pouco até que você consiga entrar em sintonia, mas, sem dúvida, eles fizeram um bom disco", escreveu o crítico. "O Pink Floyd representa uma nova forma de música no cenário pop inglês, então vamos torcer para que os ingleses estejam dispostos a recebê-los de braços abertos." E parecia que o público britânico consumidor de discos realmente estava disposto – embora apenas ao ponto de colocá-los, em 22 de abril, direto nas paradas de sucesso da *Record Mirror*, na posição 20. Mas na semana seguinte, o grupo saiu do *ranking*.

A *New Musical Express* delirava: "Letras estranhas e fora dos padrões e um som sensacional. Ótimo trabalho nos teclados, com sons metálicos de arrepiar. Com toda a propaganda, esse deve ser um hit."

O mais estranho foi o fato da *NME* escolher elogiar os teclados de Wright já que, para o resto da banda, ele estava sempre tocando o mesmo *riff*, o qual eles apelidaram de "Rick's fry turkish delight lick[9]", por causa do anuncio na televisão britânica.

Até mesmo Scott Walker, um crítico extremamente rígido, elegeu "Arnold

Layne” um sucesso na sessão do “Encontro às cegas”, do *Melody Maker,* em que grandes críticos julgavam os lançamentos da semana sem saber quem estava por trás do som. Depois de atacar ferozmente “Puppet On A String”, de Sandie Shaw, dizendo que “Com certeza vai perder o concurso musical da Eurovision” (mas acabou vencendo), o líder do The Walker Brothers assumiu ter uma queda pelo disco de estreia do Floyd, mesmo que não reconhecesse o grupo. Seu comentário foi: “É um som diferente e a letra é interessante. É sobre um travesti? Eu ainda não experimentei me transvestir.”

A irmã de Syd, Rosemary, então uma enfermeira estagiária morando em Terrapin Road, Tooting, (Posteriormente Barrett usaria o nome da rua como título de uma de suas canções mais queridas no álbum solo *The Madcap Laughs*) ouviu a gravação e escreveu ao irmão dizendo o quanto tinha adorado a música. Syd respondeu com um bilhetinho animado, dizendo que era apenas o começo.

Outra pessoa que acreditava que o Floyd estava destinado a grandes feitos era o poeta e músico vanguardista, Pete Brown, que na época escrevia músicas com o baixista do Cream, Jack Bruce. Brown afirmou que “Arnold Layne” era um marco na história do pop: “Syd foi uma das primeiras pessoas a conseguir fazer sucesso com letras do tipo poemas. Na primeira vez que ouvi ‘Arnold Layne’ pensei: ‘Puta que pariu!’ Era a primeira música autenticamente inglesa sobre o modo de vida inglês e com uma tremenda letra. Certamente, abriu portas e tornou possíveis coisas impensáveis até aquela época.”

Outro modo de encarar as coisas era pensar que Syd estava compondo à sombra da sua maior influencia, os Beatles. A música deles “Eleanor Rigby” chegou ao topo das paradas de sucesso em setembro de 1966 e “Penny Lane” estava em segundo lugar quando “Arnold Layne” foi lançada – ambas eram músicas tipicamente inglesas sobre o modo de vida inglês. Mas os Beatles não eram o único grupo a beber dessa fonte. Músicas do The Who, The Small Faces, e, principalmente, The Kinks demonstravam um sentimento próprio inglês, seja a obcessão nacional pela excentricidade, pelo fraseado inglês inconfundível ou pelas gírias londrinas.

“Arnold Layne” não só colocou o Floyd no top 20 logo em sua primeira tentativa, como também imediatamente os estabeleceu como uma “banda de nome”. Com o sucesso instantâneo vieram todas as pressões que o seguem. O início do colapso de Syd estava próximo, mas por um breve período a vida era gloriosa. Barrett atingiu uma de suas maiores ambições no dia seis de abril quando o Pink Floyd tocou pela primeira vez no *Top Of The Pops*, o maior

programa musical da parada de sucessos britânica até os dias atuais. Foi um momento grandioso, mas toda a carga de trabalho da banda – frequentemente tocando para uma audiência cafona – era cada vez maior, junto com a pressão para produzirem mais *hits*.

Na mesma noite em que apareceu no *Top Of The Pops*, o Floyd caiu na estrada para dar um show em Salisbury. No dia seguinte pegaram um avião para "dar uma viajada" em Belfast, Irlanda do Norte. Na semana seguinte, apareceram em Bishop's Stortford, Bath, Newcastle e Brighton. Tiveram problemas com os equipamentos e também em fazer os amplificadores funcionarem corretamente porque eles tocavam muito alto. Era difícil pois o público que queria apenas ouvir a simples músicas pop como "Arnold Layne" encontravam o que o *Melody Maker* chamou de "uma barulheira incompreensível e altíssima, uma tortura sônica sobre a qual cinco médicos americanos concordaram que poderia causar danos permanentes aos sentidos..."

Naquele mês, o Pink Floyd gravou para o *Granada Television* em Manchester. A fim de conseguir o show de duas bandas pelo preço de uma, o produtor televisivo pediu a eles que subissem ao palco junto com o The Move. O Floyd não aceitou, deixando o produtor frustrado esbravejando: "Eu fiz os Beatles, eu fiz os Stones!"

"Era uma situação delicada", lembra-se Pip Carter que lutava noite após noite para manter os shows de luzes da banda. "Eu comecei a arrumar nossas luzes e toda a equipe de luzes abandonou o lugar porque eu estava usando uma chama sem proteção. Tinha vontade de acender um pequeno combustor de gás e aquecer nossos slides para deixá-los desesperados. Enquanto isso o Pink Floyd ameaçava se retirar se as coisas não acontecessem do jeito que eles queriam. Por fim, todos se acalmaram e eles puderam interpretar 'Arnold Layne' sem o The Move atrás."

Uma das piores experiências da banda foi no Feathers Club, em Ealing, no dia 24 de abril. Um dos membros da plateia hostil daquela noite atirou uma moeda pesada no palco e atingiu Roger Waters no meio da testa, causando um grande corte. Waters foi até a beira do palco e sangrando bastante enquadrou a audiência com a postura do jogador de rúgbi que um dia fora. Ele observou a plateia na esperança de apanhar o culpado atirando outra moeda e preparando-se para pular no meio do público para se vingar. Sobre esse episódio, Waters lembra-se: "Felizmente, havia um louco que gostava de nós, então o resto do público passou a noite toda enchendo o saco dele e nos deixou em paz."

Em 29 de abril, o Floyd anunciou um evento de 24 horas chamado *Technicolour Dream* no Alexandra Palace, para levantar fundos para o ainda financeiramente problemático *International Times*. Quarenta e um grupos se ofereceram para tocar no evento e o Pink Floyd tomou o palco na frente de dez mil pessoas no momento em que as luzes rosa da aurora coloriram as enormes janelas do leste.

O fundador do *International Times* e biógrafo do Pink Floyd, Miles, recorda-se: “Os olhos de Syd brilhavam quando suas notas ressoaram ao mesmo tempo em que as luzes da manhã se fortaleciam e a aurora refletia no espelho de sua guitarra Telecaster. Eu simplesmente não conseguia acreditar – do lado de fora, os certinhos de Wood Green assistiam à televisão e dentro dessa máquina do tempo havia milhares de drogados, chapados, loucos, gays e hippies felizes. Eram dois mundos completamente diferentes! O que mais me impressionou foi a falta de qualquer barreira física ou mental entre os artistas e a plateia; quando uma banda terminava sua apresentação, os integrantes deixavam o palco e se misturavam ao público, sentando no chão.”

Jenner afirmou: “Era o cenário perfeito. Todos esperavam o Pink Floyd e estavam drogados com ácido. Aquele evento foi o auge do uso de ácido na Inglaterra... todos usavam... as bandas, os organizadores, o público... e eu também.”

O Floyd emplacou um triunfo após o outro. Em 12 de maio, realizaram uma apresentação chamada *Games For May*, no Queen Elizabeth Hall no London’s South Bank, parte do complexo artístico do *Festival of Britain*, normalmente reservado a recitais de música clássica. O show foi um marco e pavimentou o caminho para grandes concertos de rock nos anos setenta e oitenta. O Pink Floyd tocou um longo repertório sem o apoio necessário para o ato, pois naquela época nem os shows mais importantes duravam mais de trinta minutos.

Um comunicado da agência *Christopher Hunt* dizia: “O Pink Floyd pretende que esse show seja uma experimentação musical e visual, não apenas para eles próprios, mas também para a plateia. Um novo material foi produzido e será apresentado pela primeira vez, incluindo um sistema de som com quatro canais especialmente preparado. Visualmente, os produtores de luz do grupo prepararam algo inteiramente novo, maior do que em qualquer outro show. Infelizmente, não fomos autorizados a projetar os efeitos de luz nas paredes externas da forma como planejamos, nem mesmo na entrada, mas o que fizemos no lado de dentro deve ser suficiente!”

O enorme alto-falante posicionado nos fundos do lugar anunciava que o Pink Floyd utilizaria o seu muito alardeado Azimuth Co-ordinator[10] pela primeira vez. Isso os permitiria ecoar o som por todo o ambiente de modo que o grupo desenvolvesse um completo sistema de som quadrifônico. A plateia dos shows do Floyd, de agora em diante, teria que torcer o pescoço para ver o que estava acontecendo atrás deles.

Na verdade, o grupo chegou a perder dinheiro com o show *Games For May*, já que tiveram que tirar uma semana para ensaiar e faltaram a outros compromissos. Um anúncio no *Melody Maker*, seis dias antes do show, dizia: "O mais moderno divertimento no auge da primavera, composição eletrônica, muitas cores e projeção de imagens, mulheres e o Pink Floyd."

Andrew King relatou: "O show *Games Of May* teve duas partes. A apresentação do Pink Floyd na segunda metade e o resto na primeira parte, apenas esforços individuais, como gravações de fitas."

Syd escreveu uma música especialmente para o evento, chamada "Games For May". Um estradinha[11] do Floyd colocou uma fantasia de almirante e atirou narcisos na plateia, enquanto uma enorme máquina de bolinha de sabão enchia o ambiente com esferas que refletiam as luzes e as projeções. Foi um frenesi geral. Todos estavam extasiados, exceto o gerente do espaço que estava furioso pelo estrago causado pelas flores esmagadas e as manchas das bolhas de sabão nos assentos felpudos. O sucesso do evento repercutiu por semanas a fio. Até mesmo o bastião do pensamento conservador britânico, o *Financial Times*, ficou impressionado e deu ao show uma crítica favorável, afirmando: "A plateia que lotou o lugar estava linda, mesmo que estranhamente obscura, e só para apreciá-la valia o preço do ingresso. A experiência fica completa ao somarmos tudo isso ao irrepreensível Pink Floyd e aos narcisos autênticos distribuídos para levar para casa."

A composição de Syd, "Games For May", encurtada mas com o mesmo conteúdo, foi lançada como o próximo *single* do Pink Floyd, sob o novo título "See Emily Play". Emily supostamente seria uma menina que Syd disse ter visto andando e dançando nua num bosque pela manhã quando ele tinha dormido ao relento depois de "um show no norte".

Se esse conto romântico era real ou não, não sabemos. O fato é que o comportamento imprevisível de Syd tornava-se cada vez mais evidente. Por volta de meados de 1967, seu consumo de LSD era extremo. As ilusões sobre o céu e o inferno que ele criava compunham sua inspiração para tocar e escrever,

mas a droga foi também um catalisador da sua autodestruição.

Uma surpresa muito desagradável esperava por Dave Gilmour quando ele foi chamado no Chelsea Studios durante a gravação de “See Emily Play”. “Syd não conseguia me reconhecer e ficou me encarando”, lembra-se. “Eventualmente eu acabaria por conhecer aquele olhar muito bem e afirmo que foi naquele momento que ele mudou. Fiquei em choque, ele era outra pessoa. Presumi que havia consumido demais as velhas substâncias e foi o que todo mundo pensou também.”

Tendo em vista que o consumo de drogas de Syd era tão evidente, presumia-se que os outros membros da banda mantivessem o mesmo estilo de vida. Os outros quatro membros também fumavam maconha, mas o disciplinado Roger Waters havia tentado banir esse comportamento das sessões de gravação, inclusive tendo uma vez arrancado a droga da mão de Syd dentro do estúdio. Mason, Wright e Waters podem ter se aventurado com o LSD, mas sempre preferiram bebidas às drogas.

Barrett, por sua vez, era um entusiasmado defensor do LSD desde o início de 1965. Existia um boato de que ele havia vivido num apartamento acima do homem que teria importado pela primeira vez LSD para o Reino Unido. Um amigo muito próximo de Syd de Cambridge fora o primeiro homem na Grã-Bretanha a ser condenado por posse de ácido, assim que isso se tornou ilegal.

Considerando o excessivo uso de drogas de Barrett, é fácil compreender como seu comportamento, já excêntrico, tornou-se cada vez mais estranho. Certa vez, ele dirigia seu Mini pela King’s Road em Chelsea quando um item de uma loja de roupas do outro lado da rua chamou sua atenção. Parou o carro num sinal de trânsito e saiu correndo através da estrada movimentada, deixando para trás o carro ligado, um amigo boquiaberto no banco do carona e uma fila de motoristas furiosos.

Pete Townshend admirava o modo selvagem como Syd tocava, mas percebeu que na época em que conheceu o Pink Floyd, Barrett já estava “muito fodido”. “Não havia dúvidas de que Syd possuía um dom especial, mas se não fosse por Roger Waters, acho que ele não conseguiria chegar aos palcos, para ser sincero”, disse Townshend. “Parecia que gastava a maior parte do seu tempo tirando ecos das máquinas que usava. Você ouvia uma guitarra tocando e, de repente, percebia que ele tinha deixado o palco e estava brincando com os amplificadores ou sentado numa cadeira. Não dava para saber de onde vinha o som, mas se Syd era inovador em alguma coisa era no modo como ficava totalmente desligado

daquilo. Ele foi a primeira pessoa que eu vi estar fisicamente presente no palco, mas não estar ali de verdade. Nem eu e nem ninguém que conhecia tínhamos feitos aquilo porque ainda existia uma grande dose de reverência para com a plateia. Syd só conseguia escapar das consequências de seu comportamento porque a maioria do seu público também estava completamente desligada. Curiosamente, a pessoa que mais me intimidava era Roger Waters. Ele tinha um semblante apavorante dentro e fora dos palcos. Em comparação a ele, Syd era trágico e de dar pena."

Keith West, cantor principal do grupo Tomorrow, grupo britânico mais conhecido por "My White Bicycle", uma música dos anos 1967, foi outro que testemunhou o estranho comportamento de Syd. Uma das muitas ocasiões em que isso aconteceu foi quando o líder do Pink Floyd estava fritando um ovo em um pequeno fogão usado para acampar durante uma apresentação no UFO. "A conversa de Syd era muito vaga e era muito difícil se comunicar com ele. Mais tarde, ainda naquele ano, quando dividíamos um hotel em Rotterdam com o Floyd, os outros membros da banda tentavam se comunicar passando anotações para ele."

A irmã de Syd, Rosemary, que ficara entusiasmada com o sucesso do primeiro *single* da banda, percebeu que alguma coisa estava terrivelmente errada. "Na próxima vez que o vi, ele tinha mudado tanto que não consegui mais me conectar com ele. O irmão que eu conhecia desapareceu. Depois daquele encontro, simplesmente não conseguia mais gostar das músicas."

Em outubro de 1988, o escritor Jonathan Meades disse ao *The News Of The World*: "Em 1967, Syd passou um tempo com alguns amigos numa mansão próxima à estação de metrô South Kensington. Eu fui visitá-lo numa noite e de repente ouvi um som horrível. Pareciam canos de água chacoalhando. 'Meu Deus, que diabos é isso?', eu perguntei, todos me olharam dando risadas e disseram: 'Ah, é só o Syd tendo uma de suas 'viagens' ruins novamente. Sempre trancamos ele no armário das roupas de cama'."

A descrição mais vívida da desintegração de Syd foi feita por Joe Boyd: "O Pink Floyd voltava ao UFO para seu primeiro show após mais ou menos dois meses afastados do lugar. Lembro-me de que estava lotado. Eles passaram por mim e, como estávamos todos espremidos, nossos rostos ficaram a dois centímetros de distância. Eu os saudei um a um, conforme eles iam entrando. O último foi Syd, cuja melhor característica sempre foi o brilho de seus olhos. Eu quero dizer que os seus olhos realmente cintilavam, ele tinha um quê de

travesso. Quando ele se aproximou eu disse ‘E aí, Syd?’ e nós nos olhamos, mas eu não vi o brilho, nem uma fagulha sequer. Era como se alguém tivesse fechado as cortinas, como se não houvesse ninguém ali. Foi um verdadeiro choque. Muito, muito triste.”

7.Trecho da música “Comfortably Numb”, do Pink Floyd. Em português: “Tem alguém aí?” (N.T.)

8.Marca famosa de aparelho que produz eco, o dispositivo de delay mais popular na Inglaterra. (N.T.)

9.A Fry’s Turkish delight era uma barrinha de chocolate, cujo comercial televisivo fez muito sucesso na época no Reino Unido. (N.T.)

10.O Azimuth Co-ordinator foi o primeiro dispositivo que propagava um sistema de som quadrifônico. (N.T.)

11.Um estradinha é alguém que acompanha os músicos durante uma turnê, auxiliando nas montagens, cuidando dos instrumentos, entre outras atribuições. (N.T.)

Capítulo 5

The Piper at the Gates of Dawn

Depois de assinar com o Pink Floyd, a gravadora EMI não perdeu tempo e logo substituiu Joe Boyd por um produtor da casa, Norman Smith. Smith nunca quis que "Arnold Layne" tivesse sido lançada da forma como Boyd a produziu e tinha o apoio de Waters e Wright nessa questão. No entanto, Syd se recusava terminantemente a fazer outra versão e conseguiu impor sua posição. Em relação a "See Emily Play" era o próprio Syd que se opunha ao *single* por razões que não se preocupava em explicar. Smith só podia especular sobre o assunto: "Ele tinha verdadeira aversão a questões comerciais".

Ironicamente, quando o grupo entrou nos estúdios Abbey Road com Smith gastaram muito dinheiro da EMI na tentativa desesperada de recriar o som que Boyd tinha feito sem nenhum esforço. Por fim, tiveram que se arrastar de volta ao Sound Techniques depois de estragar o trabalho que tinham feito.

Muito se falava sobre o exorbitante solo de guitarra que era o destaque de "Emily" – um dos trabalhos mais memoráveis de Syd. Smith disse a respeito: "Nós usávamos controle de frequência para acelerar o som da guitarra de Syd. Eram coisas como essa que realmente me fascinavam."

"Emily" ficou pronta em 23 de maio e, apesar das objeções de Syd, foi lançada em 16 de junho. Chegou ao sexto lugar das paradas de sucesso no mês seguinte. Os críticos que não julgavam "Arnold Layne" psicodélica o suficiente concordaram que a música seguinte mais do que compensou essa lacuna.

Gary Brooker, da banda Procol Harum, convidado do "Encontro às cegas" do *Melody Maker*, reconheceu o som do Floyd quase que instantaneamente. "Eu sabia por causa daquele teclado terrível", ele escreveu. "Eles eram os únicos a estabelecer aquele tipo de cenário e tinham um som único. Era muito melhor que 'Arnold Layne' – muito melhor. Se 'Arnold Layne' foi um sucesso, essa deveria

ser um ainda maior.”

O crítico da *NME*, Derek Johnson, destacou o novo disco do Floyd sob a seguinte manchete: “A Melodia sobrevive ao Pink Floyd”. Sua crítica dizia: “No último disco do Pink Floyd sentimos falta do caráter psicodélico, no qual o grupo se especializou. Mas minha nossa! Eles realmente se redimiram com esse novo álbum! Cheio de oscilações estranhas, reverberações, vibrações eletrônicas e estrondos confusos. Surpreendentemente, em algum lugar também há uma prazerosa melodia de andamento médio que atraentemente faz a harmonia. Digno de registro!”

Comentando “Scarecrow”, a composição de Syd do lado oposto do disco (e objeto de um filme promocional surreal do Floyd), Johnson acrescentou: “Interessante, harmonia fascinante, ritmo galopante, flautas clássicas e uma boa guitarra.”

Numa notável reviravolta, a rádio London, percebendo desconfortavelmente que estava ficando de fora da cena *Flower Power*, fez de “Emily” o sucesso número um da lista intitulada “Big L” logo na semana em que foi lançada. As listas não tinham qualquer ligação com as vendas – tendo sido compiladas pelo capricho do diretor do programa – mas também não fez mal ao disco.

O Floyd promoveu “Emily” em três ocasiões no *Top Of the Pops*. Na primeira semana Syd apareceu com sua mais nova aquisição, uma indumentária acetinada e aveludada da loja Granny Takes A Trip[12], localizada na Kings Road. Na semana seguinte, estava com a barba por fazer e as roupas, antes imaculadas, sujas e amassadas. Na terceira semana chegou com a roupa mais refinada da Kings Road, mas as substituiu nos bastidores pelos mais imundos trapos que conseguiu desenterrar. Waters lembra-se: “Ele não estava nem aí. Apareceu num estado inacreditável e disse que não iria fazer nada a respeito disso. Finalmente descobrimos seu motivo, já que John Lennon não teve que fazer, ele também não teria...” Já Smith afirmou: “Syd passou pela maquiagem e apareceu com um aspecto formidável. Olhou-se no espelho e bagunçou todo seu cabelo enquanto resmungava: ‘Tudo uma bobagem!... Uma bobagem!’”.

O mundo todo e a crescente legião de fãs de Barrett não tinham ideia do que acontecia de errado. Para eles, era apenas o adorável Syd tocando sua guitarra novamente. Naquele tempo, ele se envolveu num acidente que parecia mais do que apenas um rompante temperamental e que, posteriormente, assumiria um grau de significado ainda maior. A banda estava escalada para aparecer no famoso programa de rádio *Saturday Club*, em Londres, porém uma série de

dificuldades de produção os manteve esperando no estúdio durante quase um dia inteiro para poderem se apresentar. Finalmente, quando os problemas foram solucionados e o Pink Floyd estava prestes a entrar em ação, Syd repentinamente abandonou o local dizendo: “Nunca mais vou fazer isso de novo.” Waters correu atrás dele, mas só conseguiu vê-lo desaparecendo ao longe. A sessão foi cancelada.

Mesmo assim, a crescente reputação de Syd como compositor e guitarrista inovador já havia feito dele a estrela do grupo. Com “Emily” galgando lugares nas paradas de sucesso, ele foi convidado para fazer parte do espaço “Encontro às cegas”. Coincidentemente, dividiu as páginas naquela semana com um tributo a Jimi Hendrix, seu músico preferido naquela época.

As gravações que o *Melody Maker* confiou a Syd iam de uma composição em grande parte desconhecida e extravagante de David Bowie, “Love You Till Tuesday”, até uma balada de Vince Hill, “When The World Is Ready”. Syd gostou de “The Sunday Song”, de Alex Harvey (“Bom som. Yeah! Uau!”), mas achou “Nothing Today”, de Barry Fantoni, muito ruim. Ele também considerou “Trying To Forget”, de Jim Reeves, muito estranha: “Não sei quem é. Bom, deixe-me pensar – quem já morreu? Deve ser Jim Reeves. Não acho que isso vai ser um sucesso. Não importa se um artista está vivo ou morto, o que importa é lançar discos. Mas se você está na moda, isso não satisfaz.”

Syd também foi convidado a traçar comentários sobre “One By One”, do Blue Magoos: “Vocês me dirão que são os The Byrds. Eu realmente curto The Byrds, Mothers Of Invention e The Fugs. Nós extraímos muita coisa desses grupos.”

Embora o Pink Floyd se considerasse acima das trivialidades da cena pop, o grupo cedeu em uma ocasião ao concordar em participar da série “Lifelines” do *NME*, na qual artistas populares eram inquiridos sobre suas preferências, como cor favorita e animais de estimação.

Rick Wright revelou que sua primeira aparição pública foi “na banheira” e que bêbados, pubs lotados, violência, situações difíceis e questionários sobre música estavam entre as coisas que ele mais detestava. Nick Mason elegeu como suas maiores influências musicais “o medo e o rum” e revelou sua modesta ambição de governar o mundo. Waters sarcasticamente listou os nomes de seus pais como “mamãe e papai” e atribuiu sua educação musical a “12 anos de batuque de colher”. Syd, por sua vez, disse aos leitores da *NME* que sua bebida preferida era Campari e Soda e que não tinha nenhum hobby, mas possuía um gato chamado Rover.

O crescente *status* do Floyd foi posteriormente ilustrado por uma quantidade incomum de reportagens feitas a partir do final de julho. Parecia que a banda tocaria no festival oficial da cultura musical jovem nos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México. Na realidade, o grupo planejava uma longa turnê para promover seu próximo álbum e um show no Roundhouse tinha sido filmado para o especial televisivo *Man Alive*. O mundo estava aos pés do Pink Floyd.

Com "Emily" ainda na quinta posição das paradas do *Melody Maker*, a banda viajou para além das fronteiras do norte pela primeira vez, muito embora fosse apenas para fazer duas apresentações. Eles incluíram dois sucessos para seus fãs escoceses, mas no retorno para o UFO a banda tocou seu repertório habitual e ignorou os *singles*. Incluíram "Pow R. Toc H." e uma nova música chamada "Reaction In G" – um protesto por terem sido convocados para tocar "Emily".

Se o Pink Floyd achava que o sucesso de seus *singles* era uma faca de dois gumes, a EMI tinha certeza. Superada a preocupação sobre a ligação com o uso de drogas, a gravadora acertou de vez com Norman Smith para produzir o álbum. Smith havia se juntado a EMI em 1959 como assistente de gravação no Abbey Road, trabalhando com o produtor dos Beatles, George Martin. Quando Martin saiu para formar sua própria empresa em 1965, Smith ficou como produtor do selo da EMI, Parlophone, e continuou como engenheiro de som das gravações dos Beatles.

A primeira vez que Smith viu o Pink Floyd foi numa apresentação no UFO, quando estava acompanhado do representante da banda, Bryan Morrison. "Eu não tinha a menor ideia sobre o que eram as músicas de Syd e suspeitei que os outros integrantes da banda também não tinham", ele disse. "Mas a excessiva cobertura da imprensa que eles estavam tendo me influenciou a decidir que a EMI deveria contratá-los."

Andrew King esteve com o Floyd durante toda a gravação do álbum. "Tudo foi feito muito rápido. Gravamos cerca de uma música por dia. Considerando que era o primeiro disco deles, apresentava um caráter bastante experimental. Havia coisas incomuns como double tracking e overdub[13] de performances inteiras de cada um dos integrantes, como em "Interstellar Overdrive". O ajuste de estéreo que Norman fez ficou um pouco desajeitado, mas funcionou.

"As ideias de produção de som estéreo não eram as únicas coisas que teriam que evoluir nos anos subsequentes... "Existia uma maçaneta nas mesas de mixagem que apontavam para pop de um lado e clássico de outro. E eu sempre me perguntei para o que aquilo servia", disse King.

O codiretor do Floyd invariavelmente chegava ao estúdio por volta da hora do almoço e sempre tinha a impressão de que as sessões evoluíam bem. Smith, por sua vez, lembra-se das coisas de outra forma. Ele já havia tido sérios problemas com Syd. “Quando ouço aquele álbum, não consigo acreditar em como conseguimos fazer dar certo. Syd era um inferno e não há nenhuma lembrança boa. Acho que não saí de nenhuma sessão do Floyd sem uma grande dor de cabeça. Ele parecia não se entusiasmar com nada. Cantava uma música e eu o chamava na sala de controle para dar algumas instruções. Aí, ele voltava e não cantava nem a primeira parte do mesmo modo, ignorando o que eu havia dito. Às vezes, até mudava as palavras das músicas, não tinha disciplina alguma. Falar com ele era o mesmo que falar com uma parede, seu rosto era completamente inexpressivo. Suas letras eram simples e infantis, e ele próprio era uma criança em muitos aspectos – alegre em um minuto e cabisbaixo no minuto seguinte. Frequentemente me perguntava o que ele fazia no mundo da música, mas acho que os outros caras achavam quem ele tinha um algo a mais.”

Como muitos que o sucederam, Smith descobriu que só havia um modo de gravar com Syd Barrett: o modo escolhido pelo próprio Syd. “Syd tocava suas músicas para os outros e eventualmente gravava alguma coisa nas fitas, depois todos nós tentávamos lapidar o material. Quando conseguíamos estabelecer uma fita máster, Syd já não se interessava mais, o aperfeiçoamento ia além de suas preocupações. Ele realmente gostaria de lançar a primeira gravação da música, em estado cru sem ser trabalhada.”

Smith ficou igualmente impressionado com os outros membros do Pink Floyd. “Waters não era um grande baixista, mas aprendia rápido. Sempre pensei que Wright era um pouco arrogante e acreditava ser um tecladista melhor do que realmente era. Mason estava só pegando carona, esperando o dinheiro entrar para poder sair por aí dirigindo seus amados carros.”

Enquanto o Pink Floyd gravava nos estúdios dois e três, os Beatles estavam logo ao lado terminando *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*. “Eles tinham uma reverência pelos Beatles”, disse Smith. “Syd parecia se empolgar mais com a possibilidade de encontrar os Beatles do que com o fato de estar gravando com o Floyd.”

King: “Não sei quantas vezes o Floyd apareceu na sala ao lado, mas eu fui uma vez quando os Beatles estavam mixando ‘Lovely Rita’. As vibrações negativas naquele estúdio eram piores do que as das sessões do Floyd.”

Smith: “Numa das minhas primeiras sessões com o Pink Floyd no estúdio três,

Paul McCartney estava trabalhando sozinho no estúdio dois. Eu estava muito nervoso, mas Paul me deu um grande apoio dizendo que o Pink Floyd tinha o melhor produtor do mercado." Posteriormente, McCartney disse a imprensa que o álbum do Pink Floyd era "um nocaute".

Enquanto Norman Smith se irritava com o comportamento excêntrico de Syd, Peter Jenner mantinha-se admirando-o: "Syd tinha um jeito único de mixagem", disse Jenner. "Ele mexia as alavancas da mesa para cima e para baixo, aparentemente de forma aleatória, fazendo um lindo movimento com suas mãos. Era muito exigente. Veja bem, ele era um pintor e não faria nada se não fosse de um modo artístico. Era muito criativo e exigia muito de si próprio."

As influências de Syd eram amplas e diversificadas. Embora os fãs do UFO sempre o tivessem associado com suas músicas sobre o espaço sideral, a maioria de suas composições era relacionada às coisas mundanas. Na realidade, existiam apenas duas músicas sobre o tema espacial, "Astronomy Domine" e "Interstellar Overdrive", sendo que essa última tinha sido feita quase sem querer. Sobre isso, Jenner narrou: "Certa vez, estava tentando contar a Syd sobre uma música de Arthur Lee que não lembrava o nome ('My Little Red Book'), então apenas cantarolei o *riff*. Syd pegou sua guitarra e acompanhou o que eu estava cantarolando, e o padrão que ele desenvolveu acabou se tornando o *riff* principal de 'Interstellar Overdrive'".

Embora o clássico de mais de nove minutos tenha sido creditado a todos os membros da banda, o tema escolhido por Syd mostrava seu papel predominante naquela época. A outra parte da gravação do álbum era basicamente composta pelas passagens condensadas da experimentação com a guitarra que fazia no UFO, tendo a bateria de Mason ditando o ritmo e a melodia, Wright provendo delicados e apropriados acordes e Waters acompanhando os *riffs* de Syd da melhor maneira que podia. Ao contrário do que a maioria do público acredita, não foi algo tirado do programa televisivo *Steptoe and Son*.

Em 1987, Waters disse à revista *Q*: "Como compositor, Syd era único. Eu nunca seria capaz de alcançar seus loucos *insights* e sua percepção. Na verdade, durante muito tempo eu não podia nem sonhar em ter algum *insight*. Mas sempre dei crédito a Syd pelas associações que ele fazia com seu subconsciente e com o subconsciente coletivo do grupo. Demorei quinze anos para chegar perto de algo parecido. Mas afinal o que permitiu Syd ver as coisas do modo como ele via? Isso é como perguntar por que um artista é um artista? Os artistas simplesmente veem e sentem as coisas de um modo diferente dos outros. Por um lado é uma

dádiva, mas por outro, pode ser uma terrível maldição. Claro que há uma enorme satisfação que pode resultar disso tudo, mas frequentemente ela é acompanhada de um pesado fardo.”

A música “Chapter 24” foi inspirada no *I Ching* (também conhecido como *Livro das Mutações*), um livro chinês de filosofia taoista com cinco mil anos de idade, usado como guia para problemas da vida ou para adivinhações futuras. Junto com o tarô, tornou-se uma diversão popular entre os jovens no final dos anos 60. Qualquer problema era primeiramente formulado como uma pergunta. Então, jogavam-se seis moedas representando seis linhas de sim ou não, assim 64 combinações de respostas possíveis poderiam ser consultadas. As respostas correspondiam a capítulos do *I Ching*, que eram interpretadas de muitas formas diferentes. A consulta que Syd fizera o levou ao capítulo 24 (Chapter 24), nomeado de “Fu” ou “Retorno/Momento Decisivo”. Richard Wilhelm, na sua clássica tradução publicada pela primeira vez em 1951, e, muito provavelmente, a fonte utilizada pelas letras de Syd, afirmava o seguinte:

Retorno. Sucesso.
Sair e retornar sem erro.
Os amigos virão sem culpa.
Para lá e para cá vai o caminho.
No sétimo dia vem o retorno.
Isso o favorecerá a ter um destino.

Wilhelm acabou interpretando isso da seguinte forma: “Todos os movimentos são completados em estágios e o sétimo trará o retorno.” Isso eram as palavras inicias da letra de Syd, quase que *ipsis litteris*. E depois: “Portanto sete é o número da luz jovem, que se forma quando o seis, o número da grande escuridão, é aumentado em um”. (Routledge and Kegan Paul, 3ª Edição, 1968). A atração do cada vez mais atormentado Barrett foi clara, pois o “Capítulo 24”/ “Fu” descrevia o descarte do velho e a introdução do novo, resultando em harmonia.

Matthew Scurlow disse: “Naquela época, isso era algo muito elitista, assim como Jung. Era quase uma tendência, mas como acontecia com frequência, Syd descobriu aquilo antes de qualquer pessoa e foi o primeiro de nossa geração a consultar o oráculo como tal.”

A namorada de Syd de Cambridge, Jenny, aparece na ameaçadora “Lucifer

Sam", que possui a seguinte frase: "Doce Jennifer, você é uma bruxa..." possivelmente escrita durante uma das muitas separações do casal.

A letra hipnotizada de "The Gnome" veio da cabeça de Syd durante um período altamente criativo. Pip Carter disse que uma vez o viu musicar 60 poemas em apenas uma sessão, da qual "Golden Hair" foi aproveitada no seu primeiro álbum solo.

The Piper at the Gates of Dawn, lançado no dia 05 de agosto de 1967, foi aclamado universalmente. Syd tirou esse nome de um título de um capítulo do seu livro infantil favorito *O Vento nos Salgueiros*, de Kenneth Grahame, um romance que capturava a atmosfera tranquila de Grantchester Meadows, onde ele havia criado muitas músicas no violão. Na parte de trás da capa do álbum, Syd desenhou um pouco de sua arte psicodélica, reminiscente do show de bolhas feito no UFO.

Suas próprias lembranças sobre o álbum pareciam muito satisfatórias. Em conversa com Giovanni Dadomo, em 1970, afirmou: "De certa forma, foi meio difícil me adaptar aos estúdios e a tudo, mas acabou sendo divertido. Nós nos emocionamos bastante." Dadomo perguntou: "E o quão importante eram as letras?" A isso Syd respondeu: "Eram muito importantes. Acho que é bom quando uma letra tem mais de um significado, pois talvez essa música possa atingir um número maior de pessoas e isso é ótimo. Por outro lado, gosto de músicas simples. Gosto de 'Arnold Layne' porque, para mim, é uma música muito clara."

Durante essa conversa, Barrett revelou que "Lucifer Sam" também foi influenciada pelo *I Ching*: "Na época a música não significava muito para mim, mas três, quatro meses depois, passou a significar muito." Perguntado se era um fã de ficção científica, Syd disse: "Não muito, exceto por *Jorney into Space* e *Quatermass*, quando eu tinha quinze anos. Pode ser daí que veio toda essa influência."

Uma característica decepcionante para muitos seguidores do Floyd foi o conservadorismo da capa do álbum – uma foto sem imaginação dos quatro integrantes do grupo sob um efeito de caleidoscópio. Syd, elegantemente sentado na Kings Road, consegue manter uma pose satisfatória, mas Waters, Wright e Mason parecem pessoas que pegaram um ônibus comum e acabaram transportados numa carreta para uma viagem intergaláctica.

Alguns dos puristas do UFO sentiram que o álbum pecou em não conseguir captar o caráter sonoro experimental do grupo. Pete Townshend foi um dos que

mais criticaram: “Achei uma merda e tinha muito pouco a ver como o que eles tinham vivido. Era muito chiclete, música do Mickey Mouse... achei o produtor desprezível.”

Em todos os lugares, resenhas eram feitas sobre o álbum. Era de se esperar que o substituído Joe Boyd estivesse entre os primeiros críticos. Ao invés disso, ele se entusiasmou: “Acho que *The Piper at the Gates of Dawn* é um ótimo álbum e muito bem produzido... Na minha opinião, ‘Bike’ é uma das melhores faixas de todos os tempos.”

Allen Evans da *NME* classificou o álbum com quatro estrelas na sua resenha de 09 de setembro, exaltando a contribuição de Barrett: “A áspera guitarra e os vocais altamente distorcidos estão muito à frente. Gritos e gargalhadas irrompem repentinamente. Há um alucinado teclado de Rick Wright na música de Muddy Waters, ‘Take up thy stethoscope and walk’. ‘Interstellar Overdrive’, uma faixa muito longa, ocupa a maior parte do lado dois com sua estranheza e suas insinuações gritantes. Os efeitos da bateria de Nick Mason em ‘Scarecrow’ são muito bons também.”

É fácil imaginar a reação de Roger Waters ao ver sua única contribuição como compositor ser atribuída a Muddy Waters.

Dez anos depois num longo artigo sobre Syd na revista americana *Trouser Press*, Kris DiLorenzo reafirmou a importância do álbum de estreia do Pink Floyd: “A música de Barrett era o mais experimental possível sem cruzar inteiramente a linha do jazz. Simplesmente não havia nenhuma outra banda tentando romper as fronteiras do rock e ir além dos temas básicos, como sexo e amor.

“Sua marca registrada e também seu calcanhar de Aquiles foram uma repentina surpresa. *Riffs* no ritmo trance apareciam abruptamente, dedilhados levemente excêntricos (‘Astronomy Domine’), uma urgência agitada dá lugar ao poder, picos assustadores (‘Interstellar Overdrive’), letras ameaçadoras deslizam sobre uma ressaca feroz de barulhos demoníacos e gargalhadas ameaçadoras, fazendo ‘wah-wah’ (‘Lucifer Sam’).

“Seu trabalho com o Pink Floyd ainda figura como uma das gravações mais sensacionais e expressivas de um guitarrista de rock. Mesmo assim, Syd não teve ninguém para lhe lamber as feridas como tiveram o jovem Eric Clapton, Jeff Beck e Jimmy Page. A composição genial de Barrett era original e extrema ao mesmo tempo. Seu canto era altamente estiloso – obscuros vocais, versos de alta tensão e refrões explosivos, alternando com narrações de histórias sem expressão

e falas arrastadas hipnóticas. Ele usava da técnica do conto de fadas, justaposição surrealista de detalhes psicodélicos e fatos planos, experiências infantis e confusão adulta. Sem dúvida alguma, Syd Barrett era um inovador. Se ele tinha total consciência de sua arte ou se tinha controle sobre ela, isso era impossível de se afirmar."

The Piper at the Gates of Dawn é reconhecido atualmente como um dos melhores álbuns já feitos. A edição do vigésimo aniversário da revista *Rolling Stone*, em 1987, o colocou como o número 79 da lista dos melhores de todos os tempos, afirmando que "o álbum de estreia do Pink Floyd explodiu numa fúria provocada pelo ácido e foi o despertar do psicodélico na Inglaterra, assim como *Surrealistic Pillow*, do The Jefferson Airplane, foi para o festival San Francisco's Summer of Love".

A *Rolling Stones* ainda acrescentou: "*The Piper at the Gates of Dawn (...*) desfez todas as amarras do pop mostrando a estampa do *underground* britânico – Violência pop-art, improvisação neojazz, devaneios tolkenianos após picadas de LSD – em um mural maravilhoso da loucura sobrenatural do rock n' roll. A loucura era muito verdadeira: o fundador e principal compositor, Syd Barrett, já estava a caminho de um colapso psicológico provocado pelas drogas quando o álbum foi lançado...

"Ainda assim, foi a combinação da original e vigorosa atividade futurista de rock do Floyd e o vacilo de Barrett sobre a realidade que fizeram de *Piper* uma experiência tão instigante. O resto da banda considerava as reflexões de Syd sob o efeito do ácido como se fossem contos de fadas populares... com assustadores e, frequentemente, desorientados arranjos de pop barroco... " (*Rolling Stones*, 27 de agosto de 1987)

Syd nunca mais conseguiu recapturar a magia do seu primeiro álbum. Por volta de agosto de 1967, no furor do lançamento, existiam muitos rumores de que as coisas não iam bem entre os membros do Floyd. Disseram até mesmo que Syd havia deixado o grupo após o cancelamento de uma excursão de promoção à Alemanha e um show em Torquay.

Andrew King corajosamente afirmou à NME que mesmo que Syd não tivesse deixado o grupo, ele estava cansado e foi aconselhado a descansar durante duas semanas. Quando a notícia chegou até o *Melody Maker*, foi preparada uma matéria com o seguinte título "O Colapso do Pink Floyd".

O problema de Syd era agora mais sério do que se tinha imaginado. Ele estava sofrendo de exaustão nervosa, o que forçou o grupo a cancelar todos seus

compromissos até o final do mês, perdendo quatro mil libras. Todos os quatro tiraram uns dias para relaxar, fizeram as malas e foram para a Espanha.

Como consequência, o Floyd não pôde se apresentar no prestigiado *Windsor National Jazz and Blues Festival*, onde fãs desapontados vaiaram o ex-cantor do Manfred Mann, Paul Jones, quando ele anunciou que a banda não compareceria.

---

12. Loja de roupas que vendia artigos psicodélicos nos anos 60, na Inglaterra. (N.T.)

13.Double tracking e Overdub são técnicas de gravação. Overdub consiste em adicionar novos sons a uma gravação finalizada. O Double tracking é uma forma de overdub, mas acontece quando um artista canta ou toca junto de uma versão pré-gravada de sua performance. (N.T.)

Capítulo 6

Blown on the Steel Breeze[14]

Esperando ter deixado todas as dificuldades para trás, Andrew King agendou uma breve série de shows para apresentar o Pink Floyd ao vasto público americano em potencial. Eles partiram para os Estados Unidos em 24 de outubro, mas acabaram retornando em apenas uma semana depois de uma série de desastres.

King, um eterno otimista, agendou três noites, dias 25, 27 e 28 de outubro, no Fillmore West de Bill Graham, em São Francisco. Também foram planejadas algumas aparições na televisão. King viajara com três dias de antecedência para os Estados Unidos e descobriu horrorizado que não poderia levar a banda para o país: “Eles se atrasaram porque o trabalho acarreta alguns problemas e acabaram sendo a primeira banda a não aparecer no Fillmore West. Tive que aturar por três dias o patrocinador Bill Graham enlouquecido com a situação. Por fim, para conseguir resolver tudo, tivemos que telefonar para o vice-presidente às cinco da manhã. Foi um péssimo começo e quando finalmente chegamos, percebemos que nosso show de luzes era uma piada.

“Nossas luzes pareciam ridículas em São Francisco. Todo o show foi risível levando em consideração os padrões atuais de alta tecnologia. Nós achávamos que fazíamos algo melhor do que eles, pois nossos efeitos eram mais interessantes e inteligentes. Talvez até fossem – nossos estroboscópios coloridos eram extraordinários – mas eles quebravam a cada 10 segundo, então nunca funcionavam. Além disso, nos Estados Unidos existiam coisas mais potentes e nós não tínhamos aquele tipo de equipamento. Nossa maior lâmpada era de apenas um quilowatt, enquanto um típico show da costa leste americana utilizava dez lâmpadas de 10 quilowatts. A única coisa que realmente funcionou foram as fortes projeções de slides.

“A velha casa de show Fillmore parecia uma grande igreja, com cerca de duas mil pessoas, depois fomos tocar no enorme Winterland. Na primeira noite, num ambiente menor, até conseguimos causar certa impressão, mas no Winterland fomos totalmente detonados.”

Terceiros na fila depois da banda de Janis Joplin, a Big Brother and The Holding Company, e Richie Havens, o Pink Floyd estava à espera de “alguma coisa diferente”. Ao invés disso, eles ficaram consternados ao descobrir que iriam abrir apresentações de blues-rock. Não é de se espantar que tenham se saído muito mal.

King: “Foi falta de experiência, na verdade. Basicamente, não deveríamos ter saído em turnê naquele momento. Eu não tinha como saber o quão completamente desinformada a gravadora, uma subsidiária da Capitol Records, era. Quando tivemos uma reunião com o diretor principal, ele começou a chorar e nos perguntou o que iríamos fazer.”

“Desinformado” também era a melhor palavra para descrever o estado de Syd no mal-aconselhado empreendimento. Os problemas foram divulgados pelo programa televisivo *Dick Clark’s American Bandstand*, voltado para o público adolescente americano. O Floyd estava agendado para dublar “See Emily Play” no programa e os técnicos da televisão planejaram um efeito primitivo simulando nuvens
em espiral.

King: “Foi medonho. Syd não estava a fim de mexer seus lábios naquele dia, então tivemos que fingir que Roger era o cantor enquanto Syd ficava parado lá.”

No *The Pat Boone Show*, o anfitrião disparou uma enorme quantidade de perguntas para Syd, cuja única reação foi um olhar fixo de total desinteresse. A paciência de Barrett finalmente se esgotou durante a gravação de um terceiro programa televisivo. Sua saída repentina levou ao cancelamento da participação do Pink Floyd.

Hoje em dia, King consegue rir da situação: “Tinha um produtor de televisão americano, muito parecido com o Kojak por causa da careca, que disse: ‘Como assim o guitarrista principal foi embora?’ Não tinha como ele (imitando o sotaque americano) ‘tolerar isso’ no programa dele!”

Outros shows tinham sido agendados em Chicago e Nova Iorque, mas àquela altura, King, assim como todo mundo, estava com os nervos à flor da pele e decidiu conter os estragos. Assim, a costa leste americana nunca viu o Pink

Floyd de Syd Barrett.

Durante a estadia da banda em Los Angeles, o Floyd encontrou com o Alice Cooper, fãs de Barrett desde o minuto em que ouviram *Piper at the Gates of Dawn*, ainda com sua formação original. O grupo tinha alugado uma casa em Venice para se hospedarem enquanto estavam agendados para ser a principal atração no clube Cheetah e convidou o Pink Floyd para jantar com eles. O guitarrista Glen Buxton, que não era o cara mais estável do mundo, ficou boquiaberto com líder enigmático do Pink Floyd. Numa entrevista à versão nova-iorquina da revista *Trouser Press* em 1978, ele descreveu seu breve encontro com Syd da seguinte forma:

"Não consigo me lembrar de Syd falando sequer duas palavras. E não era porque era um esnobe. Era apenas uma pessoa muito estranha. Nunca falava, mas estávamos sentados à mesa durante o jantar e de repente passei o açúcar para ele. Ele não chegou a pronunciar as palavras 'me passe o açúcar', foi como telepatia. Foi mesmo! Você se descobria fazendo uma coisa e pensava 'mas que droga. Não ouvi ninguém falando nada'. Foi a primeira vez na minha vida em que conheci alguém capaz de fazer aquilo. E aquele cara fazia o tempo todo. Com certeza, era de outro planeta."

Podemos perceber por esse relato que, se tinha alguém "desorientado", era Buxton. Histórias como essas ajudavam a aumentar e a glamourizar o precário estado de Syd. Conforme a pressão sobre o Floyd aumentava, crescia também a exigência sobre Barrett, a galinha dos ovos de ouro da banda. Antes mesmo do fim da turnê americana, ele estava sendo pressionado a criar um terceiro hit de sucesso. O contínuo e feroz uso de drogas exacerbou o problema e a resposta do músico foi tornar-se cada vez mais isolado e errático.

Quando as coisas se tornavam difíceis de suportar, Syd literalmente largava tudo e fugia. Outras vezes suas ausências mentais crônicas resultavam no abandono da sua famosa guitarra Fender Telecaster em qualquer rua, o que depois levava a uma frenética e cara jornada para recuperar o precioso instrumento. O Floyd realmente tentou lidar com os problemas de Syd, mas os temperamentos explodiam enquanto a paciência diminuía. No voo de volta para a Inglaterra, ao menos Waters e Mason tinham se decidido: algo precisava mudar.

Não houve folga quando voltaram para casa. Eles apressadamente foram para Abbey Road para gravar "Paintbox" em 02 de novembro. Logo perceberam que essa música não seria um sucesso e, além disso, Syd disse a Norman Smith que

queria a banda do exército da salvação para tocar num possível novo *single* chamado “Jugband Blues”. O produtor ficou surpreso, mas já estava suficientemente familiarizado com as ideias loucas de Syd para saber que só haviam duas opções: fazer o que ele queria ou vê-lo abandonar o estúdio. “Eu me dei ao trabalho de contratar uma banda, mas é claro que Syd estava atrasado para o compromisso, como sempre. Disse à banda que eles iriam conhecer Syd Barrett e que participariam de uma estranha sessão, na qual nem eu sabia o que iria acontecer. Syd por fim chegou e se apresentou aos músicos. Ele não tinha a menor ideia do que iria fazer e simplesmente disse: ‘Deixe que eles toquem o que quiserem’. A sessão durou seis horas e foi muito desgastante. Syd se entediou em uma hora e avisou que estava indo para casa. Fiquei satisfeito porque ele mais atrapalhava do que ajudava. Quando mostrei-lhe a última música, ele simplesmente disse: ‘É, ficou legal’.”

A louca sessão de gravação de “Jugband Blues” nos estúdios De Lane Lea, pelo menos, produzira duas faixas de Syd, “Scream Thy Last Scream” e “Vegetable Man”. Ambas não foram lançadas até os dias atuais e fazem com que os colecionadores simplesmente babem. As duas músicas frequentemente apareciam em coletâneas piratas. Em 1974, num artigo da *NME* sobre Barrett, Nick Kent descreveu a primeira como uma “magistral ostentação de terror, uma loucura pré-Beefheart[15]”.

Pete Jenner sustenta a versão de que Syd escreveu “Vegetable Man” em questão de minutos apenas descrevendo o que ele estava vestindo na hora e adicionando o refrão: “Vegetable man, where are you?[16]” uma frase que demonstra com precisão sua condição mental. “Syd sabia o que estava acontecendo com ele. ‘Jugband Blues’ foi como um autodiagnóstico preciso de um estado de esquizofrenia...”

Trecho de Jugband Blues:

É muita consideração sua pensar em mim aqui,

E eu agradeço muito por você ter deixado claro

Que eu não estou aqui,

(...) E agora eu imagino quem poderia estar escrevendo essa música[17]...

Syd sempre teve um senso de humor muito sarcástico e existem hipóteses de

que o último verso tenha sido uma alfinetada no resto do grupo para que pensassem no que fariam sem ele.

Jenner: “Eu acho que nós tendemos a subestimar a extensão do seu problema. Uma das coisas de que me arrependo hoje em dia é de ter exigido tanto dele. Ele escreveu “See Emily Play” e de repente tudo tinha que ser encarado em termos comerciais. Acho que o levamos a um estágio de paranoia sobre ter que produzir outro sucesso.”

Um terceiro *single* foi forçosamente retirado da estrela relutante. “Apples and Oranges” foi lançado no dia 18 de novembro tendo “Paintbox”, composta por Rick Wright, no outro lado. Aparentemente, Syd escreveu uma música sobre uma garota que viu fazendo compras nos arredores de Richmond e descreveu o fato como se fosse uma música feliz, com um quê de “espírito natalino”. A imprensa musical previu um sucesso certo, mas dessa vez o provérbio “a terceira vez é definitiva” não se sustentou. Esse disco sumiu sem deixar rastros, trazendo ao Pink Floyd sua primeira experiência de fracasso.

A decepção somou-se a uma desastrosa e breve turnê pela Holanda, na qual a participação de Syd nos palcos terminou definitivamente. Ele tocava cada vez menos nos últimos meses e, por volta de novembro, frequentemente passava shows inteiros tocando o mesmo acorde repetidamente enquanto encarava a audiência com um olhar vazio. Em outras noites, congelava o braço e balançava frouxamente sua guitarra ou sentava-se na beira do palco aparentemente distraído enquanto a atuação continuava em sua volta.

Storm Thorgerson: “Lembro de ter ido assistir a uma apresentação do Floyd numa noite e de repente notar que Syd tocava numa afinação completamente diferente da do resto da banda ou puxava uma variação que os outros não conseguiam acompanhar. Algumas pessoas dizem que ele tocava apenas uma nota porque era um gênio, mas eu não engulo essa história – se você está numa banda, você faz parte dela. Syd estava começando a ser um saco – um megalomaníaco, sem noção da realidade. Parecia viajar na própria mente e ficar cada vez mais interessado nos limites de sua própria personalidade, o que o separava cada vez mais do restante do grupo.”

A pessoa que mais sentiu o impacto das ideias de Syd foi sua namorada de longa data, Lynsey Korner, que ainda morava com ele num flat em Richmond Hill. Lynsey sempre se lembrava de Syd como a pessoa mais “doce, boa e companheira que se pode imaginar”. Mas logo depois do lançamento de “Emily”, a crônica esquizofrenia surgiu e na véspera de natal Lynsey admitiu

que “Syd começou a agir como um doidinho”.

Rapidamente ela pagou pela piora da condição do namorado. Um dos efeitos mais comuns do uso de LSD é um rompante de extrema violência. Pete Jenner não sabia disso até que, numa manhã, Lynsey apareceu muito machucada na sua porta. Ele e os outros não podiam acreditar que Syd era responsável por aquilo e ainda assim não conseguiram perceber a extensão da dependência das drogas.

Algumas semanas depois, Syd acompanhou um velho amigo de Cambridge, Nigel Lesmoir-Gordon, e alguns outros alucinados por LSD numa louca viagem para a casa de campo de Andrew King em Herefordshire. Lesmoir-Gordon lembra-se de Syd passando uma noite inteira sobre uma viga, balançando os calcanhares para trás e para a frente numa garrafa de limonada. Ele admite com sinceridade: “Naquela altura, era difícil saber quem era louco e quem não era.”

Em meados de novembro, o Floyd lançou-se numa turnê nacional pela Grã-Bretanha, mesmo sabendo que se seu vocalista e guitarrista principal aparecesse, ele não produziria muito no palco. Era o pacote pop produzido por Harold Davidson, do qual faziam parte sete grupos entre os quais estavam Amen Corner, The Move e The Jimi Hendrix Experience. A turnê começou em Londres no Royal Albert Hall, em 14 de novembro, seguindo para Bournemouth, Leeds, Liverpool, Nottingham, Portsmouth, Bristol, Cardiff, Manchester, Belfast, Chatham e Brighton, até 2 de dezembro.

King: “Pelo bem de Syd, nós realmente não deveríamos ter feito aquela turnê, mas os shows eram muito divertidos e, de certa forma, ganhávamos uma boa exposição.”

Barrett estava impossível. Frequentemente atrasado, por vezes ausente. Quando o ônibus da turnê chegava ao destino, ele simplesmente mantinha-se no seu assento ou vagava por minutos antes de se dirigir ao palco. Naquelas noites, Davy O’List, do The Nice, assumia o seu lugar.

Syd estava envolvido em experimentos caóticos que naturalmente o afastavam do resto da banda. Waters e os outros nutriam um sentimento crescente de que ele estava fazendo todos parecerem idiotas enquanto crescia a lista de produtores que afirmavam que eles não seriam convidados novamente. O último grande show de Barrett foi *Christmas on Earth Revisited*, no Olympia em 22 de dezembro. Hendrix, The Move e The Soft Machine estavam entre as atrações, mas as apresentações estavam longe de ser memoráveis naquele lugar fora da atmosfera. Os braços de Syd ficaram pendurados enquanto o Floyd lutava para tocar seu set sem a participação ativa do líder.

King: “Foi tudo terrível no palco. Ninguém conseguiu tocar nada, a não ser Roger Waters que se manteve tocando o mesmo padrão de baixo o tempo todo enquanto os outros ficavam parados sem saber o que fazer.”

Syd finalmente tinha transformado suas ideias abstratas numa lógica, ainda que insatisfatória, conclusão.

Nick Mason: “Nós hesitamos ao pensar que não conseguiríamos nos manter sem Syd. Então aguentamos quem só pode ser descrito como uma porra de um maníaco. Não escolhemos essas palavras, mas eu acho que era isso que ele era.”

Waters: “A coisa chegou a um ponto em que tivemos que dizer a Syd para ir embora, pois o respeitávamos como compositor, mas seu desempenho era inútil. Ele estava envolvido em tantas coisas que nenhum de nós conseguia entender. Ele desafinava sua guitarra e dedilhava as cordas frouxas. Costumávamos sair do palco sangrando porque socávamos as coisas de tanta frustração.”

Waters, Mason e Wright concordaram que o substituto óbvio para Syd deveria ser Dave Gilmour, que estava em Londres vivendo de esmolas após um ano de trabalho na França. “Ensinamos as músicas a Dave porque pensávamos que iríamos nos tornar um grupo com cinco integrantes. Syd trouxe um novo material para trabalharmos, a música era “Have You Got It Yet?”, mas ele ficava mudando a composição e ninguém conseguia aprender”, disse Mason.

Waters: “Era um ato de um louco genial. O mais interessante é que eu não consegui sacar nada. Fiquei lá durante uma hora o ouvindo cantar ‘Have you got it yet?[18]’ e eu respondia cantando: “Não, não”. Formidável!”

O Pink Floyd se apresentou cinco vezes como uma banda de cinco integrantes – o primeiro foi na Aston University, em Birmingham – e depois chegaram a conclusão de que não fazia sentido Syd estar presente apenas para estragar tudo.

Os cinco membros do Floyd posaram para uma sessão de fotos histórica em janeiro. Em uma delas, os olhos abatidos e opacos de Barrett pairavam atrás de Waters e Mason, quase que totalmente escondido pelos ombros dos dois. A imagem limpa de Waters, Mason, Wright e Gilmour contrasta gritantemente com a figura desfocada de Syd. Não se sabe se foi por acaso ou proposital, mas o fotógrafo falhou em ajustar a profundidade, deixando a imagem fantasmagórica de Syd ao fundo, uma ironia precisa sobre seu papel no grupo naquela época.

O momento decisivo ocorreu em 02 de março. Waters lembra-se: “Tivemos uma reunião importante em Ladbroke Road que acabou com Syd e eu conversando num cômodo. Eu tentava chegar a um acordo sobre o que pensava

ser a única maneira de continuarmos juntos, que seria ele se tornar uma figura como Brian Wilson, escrever músicas e comparecer às sessões de gravação. Ao final da tarde, pensei tê-lo convencido de que essa era uma boa ideia, mas não significou muito porque ele mudou completamente de opinião em uma hora. Ele foi para casa e eu, ao encontro de Peter e Andrew para dizer que aquele era o fim – se não funcionasse daquela forma estávamos terminados. Eles não partilhavam da minha opinião e nunca mais nos encontramos a não ser nas reuniões para desfazer nossa parceria. Tivemos que definir o que pertencia a quem, mas o fim foi naquele dia."

King: "Basicamente nós tomamos partido de Syd. Pensávamos que o Pink Floyd não tinha futuro sem ele. Se preferir colocar nesses termos, éramos as 'tietes' de Syd, certamente era isso que Roger Waters diria. Ele diria que nós pensávamos que a estrela era Syd e nós não colocávamos a menor fé no resto da banda – uma declaração um pouco grosseira, mas inteiramente verdadeira."

A separação não foi confirmada até 06 de abril, mas a contribuição musical de Syd terminou logo no início de janeiro. Ele tinha deixado pronto um quarto das gravações do segundo álbum *Saucerful of Secrets*. O disco termina com a música de Syd "Jugband Blues", o que resultou numa grande comoção depois do seu surto e sua consequente saída. Ele também tocava na composição de Rick Wright "Remember a Day" – que havia sobrado nas sessões do *Piper* – e possivelmente em outra de Wright, "See Saw", bem como em "Set the Controls for the Heart of the Sun", de Waters. Dizem que Syd ficou na entrada da EMI, em Abbey Road, durante alguns dias, com sua guitarra na mão, esperando fazer mais alguma participação. Porém nunca foi chamado.

Enquanto a jornada psicodélica de Barrett elevava-se para altas loucuras, seu substituto experimentava o outro lado da face do rock n' roll. Dave Gilmour, trabalhando com uma versão reduzida da banda Jokers Wild, na França, frequentemente imaginava de onde iria arrumar dinheiro para fazer sua próxima refeição. Junto com o guitarrista Rick Wills e o baterista Willie Wilson, partiu para sua odisseia europeia depois dos membros da banda original terem se separado.

Inicialmente, tentaram a sorte na Espanha antes de partir para a França em 1966. Na primavera subsequente, estavam em Paris, onde sua van quebrou e todos seus microfones foram roubados. Gilmour foi prontamente despachado numa missão de resgate para trazer um novo conjunto de Londres. Foi durante essa viagem de retorno que ele esbarrou nas sessões de "See Emily Play" do

Pink Floyd e percebeu pela primeira vez a dramática mudança que Syd sofrera.

Ignorando aquele encontro intrigante, os pensamentos de Gilmour se voltaram novamente para seus companheiros do Jokers Wild, presos num país estrangeiro sem comida ou dinheiro. Pegando o trem de volta a Paris com os novos microfones em mãos, o Jokers Wild pôde retomar seus *covers* das bandas líderes das paradas de sucesso, tocados para diversas plateias desinteressadas durante seis meses.

Gilmour: "Eventualmente a coisa toda desandou e acabamos fazendo uma batida pelos clubes que não tinham nos pagado – rodamos pelos escritórios roubando coisas e ameaçando violentamente se eles não nos pagassem o que deviam. Finalmente, voltamos para a Inglaterra, sem dinheiro algum. Não conseguíamos achar um posto de gasolina, então tivemos que roubar um pouco de diesel de uma construção para que conseguíssemos manter a van funcionando até chegarmos ao *ferryboat*. Infelizmente, nossa van a gasolina não se deu muito bem com o diesel, por isso tivemos de manter o motor ligado o tempo todo para prevenir que ele entrasse em colapso. Acabamos deixando ligado por seis horas enquanto esperávamos o trajeto do *ferryboat*. Conseguimos embarcar com o carro ligado, mas para sair foi preciso empurrá-lo."

Gilmour acabou descobrindo que os franceses tem boa memória. Anos depois, voltou a Paris, já como uma rica estrela do mundo do rock e teve o azar de se hospedar no mesmo hotel que deixara sem pagar em 1967. O gerente foi indiferente ao fato de ele ter se tornado um célebre guitarrista e o fez acertar as contas com o lugar.

Para as roupas lamacentas de Gilmour, o retorno à Inglaterra foi o equivalente ao Milagre de Dunquerque[19] – uma sensação de fracasso aumentada pelo florescente sucesso do Pink Floyd. Sua chegada coincidiu com o lançamento do *single* "Apple and Oranges". Para Wills e Wilson, o mundo pop tinha perdido seu encanto. Era o fim de suas parcerias com Gilmour, que chegou a convidá-los para seu primeiro LP solo em 1978, mas, por ora, a desgastada dupla voltou com o rabo entre as pernas para a casa de seus pais em Cambridge, enquanto Gilmour, mais resiliente, mudou-se para um surrado conjugado em Fulham, cujo senhorio tinha o apelido de "Mad Morag".

Naquela época, Gilmour ainda não estava particularmente familiarizado com os companheiros de Syd no Pink Floyd. Só os tinha encontrado poucas vezes, mas ao assistir a apresentação da banda no natal, Nick Mason sugeriu sutilmente que eles entrariam em contato em breve. Pressionado a dar uma explicação, Mason

respondeu enigmaticamente: “As coisas estão encaminhadas... não vamos conseguir aguentar isso por muito mais tempo.”

Logo após o Ano Novo, o telefone de Gilmour tocou. Era Nigel Lesmoir-Gordon que, sem fôlego, disse: “Dave, (pausa dramática) esse pode ser o melhor momento da sua vida...”

Gilmour: “Nigel disse que eles queriam que eu me juntasse à banda e que deveria ligar para Jenner e King. Eu pensava que, provavelmente, poderia ajudar a colocar a banda nos eixos. Pensei que tinham me escolhido devido ao meu repertório parecido com o deles e, por isso, eles achavam que iriam se dar bem comigo.”

Waters e Mason não mediram palavras no primeiro encontro, no qual foi acordada a contratação de Gilmour por sete libras por semana. Bruscamente disseram que Syd estava louco e que não podiam continuar daquela forma.

Gilmour: “A ideia inicial era que eu cantasse e tocasse guitarra nas gravações e que Syd seria deixado de lado, divagando sozinho. Existia também a possibilidade de Syd ficar em casa escrevendo e compondo, mas não poderia subir ao palco para acabar com as apresentações todas as noites. A proposta mudava a cada minuto, parecia que a banda estava morrendo aos poucos e era renegada em todos os cantos. Os únicos espaços que abririam suas portas para eles tocarem eram lugares como UFO e Middle Earth, onde todos eram tão sem noção que quanto mais estranhos fossem mais agradavam. Estava impossível de tocar com Syd, simplesmente impossível. Era uma decisão puramente prática, pois não havia outra escolha. Se ele ficasse, o Pink Floyd sofreria uma morte degradante.”

Durante muitos anos, houve especulações de que os companheiros de Syd se aproveitaram de sua condição mental e o expulsaram do grupo. Gilmour admite que há traços de verdade nessa constatação: “O fato é que membros de bandas de rock querem muito ter sucesso e quando alcançam um certo grau de sucesso e veem isso lhes sendo tirado, passam a agir brutalmente. Você tem que tomar decisões que são difíceis para você e para os outros.”

Ele rejeita qualquer sugestão de que fora colocado numa situação desconfortável por substituir Syd: “Acho que nunca nem considerei o que Syd achou daquilo tudo. Ele estava tão aéreo durante o tempo todo... Normalmente, o pegávamos em Bentley, mas um dia alguém levantou a questão: ‘Será que realmente temos que buscar o Syd?’ e alguém respondeu: ‘Não, deixa pra lá.’ E nunca mais fomos buscá-lo, foi simples assim.”

A expulsão do líder da banda nunca tinha sido descrita em termos tão assustadores e verdadeiros. O restante do Floyd passou a ver Syd como um fardo, reafirmado pela presença “pés no chão” de Gilmour. Mas se eles pensavam que Syd simplesmente iria aceitar que seus dias como floydiano estavam acabados, estavam redondamente enganados. Ele ainda sabia a agenda do grupo e em inúmeras ocasiões foi visto em pé na plateia encarando o grupo em silencio. Nesse ponto, Gilmour começou a se sentir desconfortável. Um incidente inquietante aconteceu no Middle Earth logo depois que o rompimento foi oficializado. “Syd vinha e colocava-se bem na minha direção. Eu ficava na frente do palco, portanto sua cabeça ficava no nível dos meus pés. Ele ficou me encarando, com o olhar fixo nos microfones, durante toda a apresentação”, lembra-se Dave.

Essa desagradável situação pela qual Gilmour passou provava que ex-vocalista não desistiria facilmente. Dave ficou profundamente perturbado pela óbvia demonstração de maldade de Syd, tendo dito ao seu colega de quarto, Ian Moore: “acho que não consigo mais aguentar.” A animosidade dirigida ao guitarrista não se repetiu, mas o comportamento violento de Syd com relação à Lynsey se tornou cada vez mais sério.

Syd e Lynsey se mudaram para a casa de um casal de amigos em Richmond, conhecidos como “louco Jock” e “louca Sue”, um par de viciados em LSD que estiveram à margem do Floyd por um tempo. Considerando a reputação do casal, a mudança poderia ser comparada a um alcoólatra decidir administrar uma cervejaria. A noção de hospitalidade de Sue e Jock consistia em atos como servir café da manhã com altas doses de ácido para seus hóspedes. Consequentemente, na vez seguinte em que Storm Thorgerson encontrou Syd, ele o descobriu “viajando” seguidamente por três meses sem nem perceber. Thorgerson imediatamente levou Syd e Lynsey de volta ao flat em South Kensington.

Thorgerson: “Ele estava incomunicável – um pouco melhor em alguns dias e muito pior em outros – e muito violento com Lynsey, mas não conosco. Numa ocasião, tive que afastá-lo dela porque ele batia na cabeça da namorada com um bandolim.”

Em maio, Pete Jenner levou Syd novamente aos estúdios para uma tentativa de gravar algumas faixas solo. Mas após uma semana, foi forçado a reconhecer a derrota. “Eu realmente tinha subestimado as dificuldades de trabalhar com ele”, Jenner admitiu.

Logo depois disso, Syd rompeu com Lynsey e, cheio de LSD e grande

quantidade de pílulas de mandrax, iniciou uma louca viagem em seu Mini pela Grã-Bretanha. A jornada terminou em Cambridge, onde ele recebeu tratamento psiquiátrico no hospital local, no qual um número de pacientes viciados em ácido já haviam sido tratadas.

Um evento inesquecível nesse crítico período da vida de Syd ilustra como seu comportamento pouco ortodoxo contribuiu para aumentar a lenda que o cercou. Ficou conhecido como o "incidente com mandrax" e teria supostamente acontecido durante seu último grande show com o Pink Floyd. O local é desconhecido, mas parece ter ocorrido quando o resto da banda se dirigiu ao palco, deixando Barrett sozinho no camarim para arrumar seu cabelo desgrenhado. Como último recurso, e mais para pensamento desesperado do que outra coisa, ele verteu suas pílulas coloridas de mandrax dentro de um pode de gel e passou na bagunça que estava sua cabeça. Pegou sua guitarra e andou decidido para o palco.

Debaixo das luzes quentes, a mistura começou a derreter e a gotejar na testa de Syd. Alguns fãs enlouquecidos em frente à multidão berravam em uníssono que o seu rosto estava se desintegrando diante dos olhos deles.

14.Em português: "Impulsionado pela Brisa do 14. Aço", verso da música "Shine on You Crazy Diamond". (N.T.)

15.Referência ao cantor americano, Captain Beefheart, cujas músicas possuíam marcação de tempo quebrada e letras bizarras. (N.T.)

16.Em português: "Homem Vegetal, onde você está?" (N.T.)

17.Trechos originais da canção: It's awfully considerate of you to think of me here / And I'm most obliged to you for making it clear/ That I'm not here (...) And I'm wondering who could be writing this song. (N.T.)

18."Já sacou?" (N.T.)

19.Expressão cunhada por Winston Churchill para descrever a evacuação de mais de trezentos mil homens de Dunquerque, na França, para a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

Capítulo 7

The Madcap Laughs

Após um breve período internado no hospital, Barret voltou mais uma vez a Londres, para realizar um retorno à vida pública. A primeira coisa que deveria fazer era encontrar um lugar para morar, então se estabeleceu num apartamento de três quartos, em Earls Court Square. Pouco antes do natal de 1968, mudou-se para lá com dois amigos, porém, um deles desistiu da estadia quase que instantaneamente. O outro era o atualmente bem sucedido artista pop Duggie Fields.

Naquela época, Fields tinha 23 anos e estudava na Regent Street Polytechnic. Ele conheceu o Pink Floyd através da esposa de Rick Wright, Juliette. Depois de se formar, passou um ano nos Estados Unidos, mas retomou contato com seus conhecidos de Londres assim que retornou. Syd perguntou se ele se interessaria em dividir um apartamento. Fields, que estava resistindo a uma terrível estadia num úmido porão na Holland Road, não pensou duas vezes. Tempos depois, ele se arrependeria da decisão.

Fora Fields quem descobrira o flat, mas a assinatura do aluguel ficara por conta de Barrett, que tinha maior *status*. Por acaso, o novo flat ficava próximo ao apartamento de Gilmour, permitindo ao sucessor de Syd no Floyd ver a cozinha do Madcap.

Desde o começo, o lado artístico de Syd travou uma competição com Field, tanto que os visitantes achavam que os dois estavam envolvidos em algum tipo de disputa bizarra. Enquanto Field estudava cautelosamente sua última pintura, Syd trabalhava no quarto ao lado, conjecturando criações vívidas em sua mente, todavia, incapaz de terminar algo. Entre seus trabalhos inacabados estavam a pintura de um castelo sombrio e um objeto estranho pendurado no teto, formado por arame, papel e um pedaço de seda.

Fields rapidamente percebeu a guerra de egos, mas começou a duvidar das motivações de Syd: “Você tem de ter algum motivo para fazer as coisas, normalmente é o dinheiro, contudo, a questão financeira de Syd estava resolvida devido a seu sucesso musical. A pressão de ter de produzir algo para ganhar dinheiro foi tirada dele muito cedo. Quando fomos morar juntos, percebi que ele não era mais a mesma pessoa que eu conhecera antes de me mudar para os Estados Unidos. Definitivamente, estava muito mais maluco e tornou-se mais retraído e mal-humorado. Sua deterioração foi gradual até que chegou ao ponto de apenas ficar deitado na cama, pois não conseguia decidir o que fazer. Eu não o consideraria um artista plástico, porém talvez até fosse bem sucedido se não tivesse se voltado para música. Ele era talentoso, mas não tinha direção e não sabia como seguir uma ideia. Nunca falava sobre o Floyd, no entanto, estava tendo alguns problemas pelo fato de ter deixado de ser uma estrela do rock. Encontrava-se bastante com Dave (Gilmour), que, apesar de ser o substituto de Syd, foi quem mais continuou ao seu lado depois. No início, é fácil realizar coisas em grupo, mas as pessoas mudam e seguem diferentes caminhos. A pressão do sucesso repentino é algo difícil de lidar. As coisas não são tão prazerosas quando você se vê obrigado a repeti-las e tudo isso levou a sua saída.”

Durante as primeiras semanas no flat, o estado geral de Syd melhorou consideravelmente e, poucos dias após estabelecer-se, já estava falando em voltar às gravações. Afinal de contas, ainda era um membro respeitado que fazia muita falta ao mundo *underground* londrino. Além disso, compôs uma grande quantidade de músicas desde a separação da banda. Essas composições, juntamente com as gravações incompletas que havia produzido nas últimas sessões de estúdio com Pete Jenner, seriam a base do seu primeiro álbum solo. A primeira tarefa a ser feita era agendar algumas horas num estúdio da EMI e Syd deu sorte, pois seu pedido chegou ao conhecimento de Malcolm Jones, um recém-contratado da gravadora que acabara de sair da universidade.

Jones era um jovem de 23 anos que chefiava a Harvest, um selo novo e progressista criado pela EMI para competir com os rivais modernos e independentes. O Pink Floyd em breve se transferiria da Columbia, também subsidiária da EMI, para a Harvest, assim como outras bandas contratadas pela gravadora, como o Deep Purple. A aproximação de Syd foi muito oportuna. Aproveitando o sucesso inicial da Harvest, o entusiasmado Jones planejava fazer novos lançamentos a fim de estabelecer um catálogo e uma identidade num setor que crescia rapidamente.

Jones nunca encontrara Syd, mas conhecia seu trabalho e, por acaso, havia sondado o gerente da EMI sobre a possibilidade de investir na carreira solo desse compositor prolífero. Relatos sombrios sobre a bagunça e o caos que dominavam os estúdios haviam chegado ao seu conhecimento, tais como microfones quebrados e outros "comportamentos de estrela". Embora a EMI nunca tenha responsabilizado Syd pelos danos, estava mais do que claro que ele era *persona non grata* em Abbey Road. Ninguém na gravadora estava animado com a possibilidade de ele voltar.

Destemido, Jones estava suficientemente fascinado para contactar Barrett, que alegava ter muito material pronto para gravar. O chefe da Harvest ficou impressionado com o quanto Syd estava centrado, o que diferia extremamente da onda de rumores espalhados sobre ele. Barrett disse que tinha uma música intitulada "Opel", outra chamada "Terrapin", uma terceira sobre uma menina indiana, "Swan Lee", e mais uma sob o título de "Clowns and Jugglers". Ele também começou a trabalhar num poema de James Joyce, "Golden Hair", sobre o qual estava muito ansioso. Para Jones, cuja imaginação estava repleta de histórias sobre as loucuras de Syd, tudo parecia muito bom para ser verdade.

Ele convenceu os chefões da EMI a levar Syd de volta aos estúdios, afirmando que poderiam estar deixando de lado uma carreira lucrativa, optando em investir apenas nos outros membros do Pink Floyd, no momento envolvidos com a gravação do filme de Barbet Schoeder, *More*.

Barrett começou a trabalhar no estúdio três da EMI em abril tendo como produtor o próprio Malcolm Jones. Embora fosse bem menor do que o estúdio principal usado pelo Pink Floyd apenas para gravar a batida da bateria, Jones o considerou mais intimista e sentiu que Syd apreciaria o clima de descontração: "Syd estava de bom humor e em ótima forma, totalmente diferente do que eu escutara sobre ele. Em pouco mais de cinco horas, fizemos os vocais e a guitarra de quatro novas músicas e de duas antigas. Conforme ele pediu, a primeira foi 'Opel'. Na época, nós dois achávamos que era a melhor das novas músicas. Ele a tocou por nove vezes até a completar, tinha uma enorme atração por ela."

Por volta de meia-noite Jones e Barrett tinham trabalhado sete faixas e julgaram ter feito o suficiente por um dia. No caminho de casa, Syd disse que traria alguns músicos para a próxima sessão. Um deles era o baterista Jerry Shirley, que tinha chegado a Londres com 16 anos, depois de ser contratado por Steve Marriott, do Humble Pie. Ele morava perto de Syd e foi levado para tocar no novo álbum. Shirley frequentemente visitava o apartamento de Syd e lembra-

se vividamente: “Aquele apartamento parecia uma choupana, embora originalmente tivesse sido um lugar bem chique. Era nosso ‘lugar de convivência hippie’, a louça nunca era lavada, tinha cocô de cachorro no canto, xixi de gato no chão e o jornal de domingo espalhado por todos os lugares. Naquela época a maioria dos flats era assim, mas o de Syd era especialmente sujo.”

O jovem Shirley, novo em Londres e, de certa forma, intimidado pelo lugar, considerou Syd mais do que enervante: “Você podia ter uma conversa normal com ele durante meia hora e, de repente, ele mudava e sua mente era sugada para outro lugar. Numa noite, fomos até o The Speakeasy e no caminho ele parecia estar muito bem, falante e totalmente normal. Quando entramos, instantaneamente uma onda de olhares caiu sobre Syd – não que isto tenha parecido algo de mais para a maioria das pessoas – e ele congelou, não conseguia dizer uma só palavra.

Syd tinha o terrível hábito de olhar para você e rir de um jeito que te fazia sentir-se muito idiota. Parecia que ele sabia de algo que você não sabia. Ele tinha um tipo de risadinha que fazia o título *The Madcap Laughs*[20] parecer muito apropriado para seu novo álbum – pois ele realmente ria de você.”

Shirley e Willie Wilson, o antigo baterista do Jokers Wild, foram recrutados para as gravações do LP em meados de abril, participando da faixa “No Man’s Land”, com suas partes faladas incoerentemente, e “Here I Go”, a segunda música “das antigas” do álbum. Jones declarou que essa última faixa, com sua estrutura incomum, foi escrita no estúdio em questões de minutos, refutando a afirmação de Roger Waters de que o material de Syd tinha sido escrito antes da separação do Pink Floyd. A faixa foi gravada “ao vivo” com a letra recém-criada posicionada em frente a Syd.

“Ele costumava ler as letras apoiadas num tripé. Se alguém conhecia uma música bem o bastante, não teria que ler as palavras apoiadas num tripé dois anos depois”, disse Jones. Dave Gilmour também sustentava a versão de que músicas como “Rats” e “Maise”, do segundo álbum, simplesmente, surgiram durante os ensaios no estúdio.

Barrett nunca mantinha contato visual com os outros músicos durante as gravações, como observavam aqueles que estavam na sala de controle. Syd quase nunca dava instruções sobre como suas músicas deveriam ser tocadas, então os outros simplesmente adotaram uma postura de tentativa e erro. Essa situação mostrou-se fatalmente difícil, mas conseguiram lidar com ela muito bem, diante das circunstâncias. Jones: “Simplesmente o acompanhamos, não

tocamos com ele. Não havia união porque éramos sempre músicos apoiando Syd e não um grupo sólido. Os músicos primeiro observavam para depois conseguir tocar, então estavam sempre uma nota atrás de Syd."

Até onde Jerry Shirley sabia, o comportamento de Syd dentro dos estúdios era o mesmo do lado de fora. "Ele deixava todo mundo seguir em frente ou tentava explicar o que queria e não chegavam a lugar algum, e então, de repente, dava uma instrução bem clara. Quando isso acontecia, ele parecia tão normal quanto qualquer outra pessoa e eu ficava imaginando se ele estava nos testando. Possivelmente sabia que algo estava acontecendo consigo e usava todos ao seu redor para fazer joguinhos mentais."

Syd apareceu numa sessão agarrado com um pequeno toca fita portátil o qual Jones deduziu que seria para fazer uma cópia de uma faixa longa e cansativa, chamada "Rhamadan", gravada por Jenner no mês anterior. Ao invés disso, disse que queria adicionar alguns sons de motocicleta à faixa. Jones ficou consternado quando Syd tocou a fita para ele. Não só a qualidade era péssima, mas também não havia nenhum som inovador ou revolucionário – Syd tinha gravado apenas uma nota continuamente. Embora o produtor tivesse arrumado os barulhos de motocicleta na ampla biblioteca de efeitos sonoros da EMI, nunca conseguiu descobrir o que Syd tinha planejado, pois ele mudou de ideia e abandonou o exercício.

No mês seguinte, vários membros do Soft Machine enfrentaram a difícil tarefa de editar e montar as faixas irregulares e imprevisíveis de Syd. Um dos integrantes do grupo, Robert Wyatt, pensou que as sessões eram apenas ensaios: "Eu perguntava 'em que tom é isso, Syd?' e ele só respondia: 'Yeah!' ou 'Isso é legal'".

Ironicamente, a natureza excêntrica das músicas do *The Madcap Laughs* é o que o torna tão estimado por muitos fãs de Barrett.

Quando Syd passou todas as músicas de quatro para oito canais para a mixagem final, Jones percebeu que "Opel" estava entre elas: "Syd obviamente pretendia incluí-la no álbum. Até hoje a considero uma das suas melhores canções e acho trágico que não tenha sido incluída no álbum final."

A essa altura, o Pink Floyd já tinha terminado as gravações da trilha sonora de *More* e, depois de um encontro com Syd no apartamento de Waters em Shephers Bush, concordaram em acelerar a produção do *The Madcap Laughs*, tomando para si próprios as músicas restantes. Eles supervisionaram as regravações de "Clowns and Jugglers", sob o novo título de "Octopus", e "Golden Hair", que

acabou se transformando num dos melhores trabalhos solo de Syd, além de mais duas, “Dark Globe” e “Long Gone”. Depois, Waters e Gilmour voltaram suas atenções para o terceiro álbum da banda, *Ummagumma*, o que, juntamente com uma breve turnê na Holanda, significou o adiamento dos acertos finais no álbum de Barrett para o final de julho. Syd ficou, compreensivelmente, frustrado com o atraso e decidiu tirar o feriado para juntar-se a uma multidão hippie de Cambridge que partira para Ibiza.

Ian Moore fazia parte do grupo que viajara: “Um dia resolvemos ir a São Fernando, em Ibiza, e vimos na praça uma figura estranha que parecia exatamente igual a Syd. Estava lá em pé, sorrindo para nós com uma camisa acetinada brilhante, calças de veludo e botas Gohills. Não podia ser outra pessoa, Syd frequentemente visitava nosso apartamento em Londres e, quando percebeu que viajamos sem ele, fez com que sua namorada comprasse uma passagem de avião e o levasse até o aeroporto.”

Lidar com as inconveniências de fazer check-in ou com as barreiras alfandegárias não estava entre as preocupações de Barrett. Atrasado para pegar seu voo, saltou no estacionamento, correu em direção à pista e fez sinal para o avião como se fosse pegar um taxi. Syd, que havia dito ao seu colega de apartamento que iria passear durante a tarde, chegou ao Mediterrâneo algumas horas depois e atravessou a praça para surpreender seus amigos com um singelo “oi”.

Moore: “Ele tinha uma bolsa de roupas que fedia a quilômetros de distância. A bolsa estava cheia de dinheiro, pois ele tinha feito uma enorme retirada no seu banco em Londres, mas esqueceu de trocá-la quando chegou à Espanha.”

As roupas brilhantes de Syd não diferiam muito das roupas locais, típicas de um lugar ensolarado, parecia que todo o conjunto adquirido nas lojas da Kings Road tinha abandonado a sujeita da cidade por areia, mar e sexo sob o sol. Moore: “Trouxemos nossas roupas de Chelsea, mas ficamos deslocados por conta de nossa vestimenta em Ibiza. Então decidimos ir para Formentaire, uma ilha próxima, mas mais desconhecida. Ainda era muito prazeroso ficar perto de Syd e nos divertimos muito quando ele tocava violão ou ia à praia conosco. Ele ria e contava piadas num minuto, mas logo se recolhia ao seu mundo imaginário. Embora o sol estivesse muito quente, ele não ligava muito para seu próprio corpo. Persistentemente o aconselhávamos a se proteger, mas ele não ouvia, até que chegou ao ponto de ter queimaduras de terceiro grau. Surgiram bolhas por todo o corpo e queimaduras no peito e nas costas, fazendo com que a blusa

colasse na pele. No fim das contas, tivemos que agarrá-lo para passar protetor solar da cabeça aos pés."

De volta a Londres, Syd retomou os trabalhos de seu álbum, já na fase final. Segundo Gilmour, a EMI estava cada vez mais preocupada com o projeto, no qual investira grande quantia de dinheiro e ainda não tinha visto nenhum retorno. Dave também acreditava que a gravadora pensava em arquivar o projeto, quando Barrett pediu ajuda a ele e a Waters para terminar o álbum.

A última sessão de *The Madcap Laughs* aconteceu em 26 de julho. Foram gravadas "She Took a Long Cold Look", "Feel" e "If It's in You". Dave Gilmour lembra-se desse dia: "A EMI nos deu dois dias para gravar. Num deles tínhamos um show marcado, então tivemos que sair do estúdio às 17:30. Gravamos o resto do álbum em um dia e meio. Fiz todas as mixagens tentando manter a coerência das músicas, às vezes conseguia, em outras não. Finalmente concluímos o álbum – a EMI tinha gastado muito dinheiro em algo em que já não acreditava que iria acontecer."

A apressada última sessão trouxe à tona um Syd muito diferente do início dos trabalhos na primavera. O que aconteceu nos estúdios naquele dia poderia ser descrito como o "retrato de um colapso". Syd gaguejava ao cantar "She Took a Long Cold Look", era possível ouvir o virar das páginas que continham a letra da música. Com uma voz torturante, começou a cantar "Feel" sem que a guitarra o acompanhasse. No fechamento de "If It's in You", finalmente ele desaba e é preciso reiniciar tudo. Simplesmente não conseguia achar o tom correto para a música que, mais do que nenhuma outra, demonstra que o álbum era "o exemplo de loucura e desordem da mente de Barrett", como rapidamente sugeriu o *Melody Maker*.

Por anos, essas faixas angustiantes geraram muita controvérsia. Será que era realmente necessário incluí-las no álbum? Por que a clássica "Opel" foi deixada de fora, permanecendo sem ser lançada até o álbum de raridades de 1988?

Jones: "Fiquei chocado quando ouvi o resultado final. Não era o mesmo Syd de dois, três meses atrás. Fiquei muito irritado. Foi como lavar roupa suja na frente de todo mundo. Desnecessário e indelicado. Manter o áudio das conversas... é, pode até ser legal se acrescentar algo à gravação, mas não consigo entender como o som das páginas sendo viradas era bom em qualquer sentido, não consegui ver o objetivo disso."

Gilmour também se arrepende dessa parte do álbum e afirma que, se tivesse outra chance, faria de outra forma: "É muito difícil dizer quais decisões foram

acertadas e quais foram equivocadas, simplesmente foram as decisões que tomamos. Queríamos injetar um pouco de honestidade na música para tentar explicar o que estava acontecendo. Não queríamos parecer cruéis, mas há uma parte que eu desejaria não ter feito, pensando hoje em dia. Não se esqueça de que estávamos à procura de coisas para colocar no álbum. Syd queria gravar "Two of a Kind", uma música que Rick Wright tinha escrito, mas ele achava que era dele!"

Perguntado sobre a exclusão de "Opel", Gilmour não conseguiu se lembrar da música e erradamente deduz que esse nome deve ter sido um título alternativo para uma das músicas lançadas de Syd. Parece que, infelizmente, durante a confusa finalização das gravações e mixagens, esse clássico de Barrett foi ignorado.

A tarefa de criar a capa do álbum ficou a cargo de Storm Thorgerson e seu sócio, Aubrey 'Po' Powell, na Hopgnosis. Naquele outubro, Malcolm Jones passou no apartamento de Syd para deixar uma cópia do álbum e o que ele viu deu-lhe um estalo: "Preparando-se para as sessões de foto, Syd pintou o chão do quarto de laranja e roxo. Antes disso, o chão só servia para amontoar suas coisas, como guitarras, livros, quadros, travesseiros... Syd estava satisfeito com seu trabalho e, devo admitir, ficou muito legal para ser o ambiente da sessão de fotos."

Quando o trabalho de arte ficou pronto, já estava tarde para rodar o LP a tempo de lançá-lo no natal. Percebendo que ainda havia potencial de compra em janeiro, a Harvest atrasou o lançamento até o final daquele mês, selecionando "Octopus" e "Golden Hair" como *singles* para promovê-lo.

A reação inicial ao álbum foi favorável, embora, tirando uma apresentação no *Top Gear*, tanto o *single* como o álbum tiveram poucas transmissões. A EMI estava pouco entusiasmada com relação à Harvest e a única pessoa no rádio que tocava Syd era John Peel. As rádios eram ainda mais influenciadas pelas listas de sucesso do que são hoje em dia, mas mesmo assim um levantamento sobre vendas no final de fevereiro mostrou que *The Madcap Laughs* tinha vendido mais de seis mil cópias, através do boca a boca e baseado na reputação de Barrett.

A revista *Disc* anunciou que era "um excelente álbum para começar 1970", enquanto a *Beat Instrumental* o classificou como um lindo álbum solo, ideal para ser ouvido tarde da noite. A edição de 31 de janeiro do *Melody Maker* mostrou uma breve e vaga entrevista com Syd afirmando que o programa *Top of the Pops*

era razoável. Ele alegou ter composto muito mais material e a EMI decidiu que a resposta do público foi suficientemente positiva para garantir o lançamento de um segundo álbum. As gravações começaram quase que imediatamente, em 26 de fevereiro.

Numa entrevista em 14 de março ao repórter da *NME* Richard Green, Syd explicou como tinha passado o ano "descansando e montando o álbum". O próximo passo, afirmou, seria juntar uma nova banda: "Fazer um álbum solo foi muito bom, pois depois de dois anos afastado do grupo pude começar algo novo. Agora quero descobrir se é possível continuar com umas ideias de algumas músicas do primeiro álbum."

O álbum seguinte de Barrett teve Dave Gilmour como produtor, Rick Wright como tecladista e Jerry Shirley tocando bateria. Gilmour recorda-se: "Dessa vez nós tínhamos a oportunidade de trabalhar no álbum desde o início, mas ainda assim tivemos que lidar com o fato de que existiam dois modos de gravar com Syd. Um deles era estabelecer uma faixa base e fazer com que ele tocasse com ela, o que resultava na perda de algo essencial no modo de Syd tocar. O outro modo era gravar a performance de Syd primeiro e depois adicionar todos os outros elementos, o que perdia o sentido básico de conjunto. De um jeito ou de outro, era um massacre."

Os críticos eram unânimes em concordar que ainda que faixas como "Baby Lemonade" e "Gigolo Aunt" fossem nítidas, elas não transmitiam a essência de Barrett. Por outro lado, "Rats", que foi gravada com Syd tocando guitarra e todos os outros elementos adicionados posteriormente, era uma faixa que tinha "a loucura e desordem próprias de Syd e o resultado foi ótimo", como até mesmo Gilmour admitiu.

O próprio Syd falou muito pouco sobre o álbum: "Vai ter todo o tipo de coisa. Depende apenas do que eu tiver com vontade de fazer na hora. O mais importante é que será melhor que o último. Não há um grupo de músicos, apenas pessoas ajudando como no *Madcap*, o que me dá mais liberdade para fazer o que eu quero."

Shirley: "Às vezes, Syd não conseguia tocar nada que tivesse sentido, em outras, o que ele tocava era mágico. Nunca executava a mesma melodia duas vezes. 'Baby Lemonade' foi gravada sem bateria e Dave me chamou para adicionar o instrumento na faixa. Ele teve que ficar na minha frente para me conduzir porque não havia direção musical alguma, talvez tenha sido por isso que as pessoas a amaram. As confusas orientações de Syd eram impossíveis de

ser seguidas. Ele descrevia passagens musicais de um jeito abstrato, quase como se estivesse falando sobre uma de suas pinturas. Dizia coisas como ‘Talvez pudéssemos fazer um pouco mais escuro e o final um tanto quanto crepuscular’ ou ‘Por hora está muito tempestuoso e gélido’”.

Durante a produção do LP *Barrett*, Syd fez sua primeira participação nos palcos desde que deixara o Pink Floyd há dois anos e meio. Foi durante o *Olympia Extravaganza* no início de junho quando tocou quatro músicas, tendo Gilmour no baixo e Shirley na bateria. Syd praticamente implorou aos seus colegas para que aceitassem essa ideia, mas no final ele próprio teve de ser persuadido a aceitá-la devido ao nervosismo de subir aos palcos que surgiu na última hora. Pouco antes de entrar, Barrett podia ser visto espreitando a multidão temerosamente por trás das cortinas, assustado com a apresentação ao vivo.

Contra todas as probabilidades, o show transcorreu bem. Encorajados pela imensa plateia, Barrett, Gilmour e Shirley rapidamente tocaram os quatro números e arriscaram-se a toda velocidade antes de Syd interromper abruptamente dizendo: “Obrigado e boa noite”. Sua saída inesperada pegou Gilmour e Shirley de surpresa.

Quando o álbum foi lançado, sua capa estava repleta de rascunhos de insetos desenhados por Barrett na época em que frequentava a Escola de Artes de Cambridge. A capa pode até ter tido um significado mais profundo, mas isso nunca foi divulgado. Olhando mais cuidadosamente, os insetos com asa parecem ser besouros[21] e todos sabiam da fixação de Syd por John Lennon, portanto, poderia ter sido um tributo a sua banda favorita? Ou quem sabe uma pista de quanto ele sentia falta de si próprio como um artista?

De volta ao apartamento na Earls Court, o ambiente se tornara mais tenso e as discussões mais intensas e frequentes. Duggie Fields podia perceber a futura destruição de Syd: “Ele tinha essas cortinas verdes de estopa no seu quarto. Um dia trouxe mais um conjunto de cortinas as quais pendurou sobre as verdes para impedir que a luz do dia entrasse enquanto ele ficava deitado na cama durante quase o dia inteiro. A partir de então nunca abria a janela e o cheiro que saía de seu quarto tornou-se insuportável. Ele costumava se trancar lá dentro, mas quando saía ou ia ao banheiro, eu corria para o quarto a fim de abrir as janelas e renovar o ar.”

Inevitavelmente a situação começou a criar atritos entre os colegas que dividiam o apartamento e Fields finalmente demonstrou toda sua insatisfação ao se recusar a falar com Syd ou verificar se ele estava bem. No entanto, foi forçado

a abandonar essa estratégia quando Syd tentou cozinhar uma carne no antigo forno do apartamento: “Àquela altura eu estava ficando paranoico, então mesmo sentindo cheiro de fumaça não quis ver se ele estava bem. Mas o cheiro foi ficando cada vez mais forte, tanto que não pude suportar. O corredor foi tomado por uma nuvem de fumaça preta que dificultava com que eu encontrasse o caminho da cozinha. Syd tinha posto óleo para ferver a fim de fritar batatas, mas simplesmente o esqueceu lá. O óleo evaporou, o cabo da panela começou a derreter e todo o ambiente, da parede até o teto, estava preto. Ele tinha apagado o fogo e simplesmente foi rindo para seu quarto.

“Tentei lidar com seus problemas comportamentais, mas chegou um ponto em que apenas sair com ele era um suplício. Era como estar na companhia de uma criança – você precisa dizer quando atravessar ou não a rua. Ao chegarmos ao nosso destino, ele sentava e permanecia calado até a hora de voltarmos. Depois de um tempo, eu simplesmente não queria mais fazer aquilo.”

O estado de Syd era agravado pela legião interminável de parasitas, usuários e facilitadores de drogas e fanáticos que ele atraía. Fields nunca viu Syd usar ácido, mas o apartamento raramente ficava sem erva, anfetamina ou várias outras formas de entorpecentes. Como se a vida já não fosse caótica o suficiente, o cenário piorou com a chegada de um casal hippie, formado por Rusty e Greta, que, não tendo onde morar, acampou no corredor, onde distribuía grandes quantidades de anfetamina e mandrax.

Syd ainda era fisicamente atraente e muitas garotas o consideravam charmoso. Depois da separação de Lynsey, ele teve muitos relacionamentos casuais. Sobre isso, Fields lembra-se: “A garota que aparece pelada na capa de *The Madcap Laughs* era uma meio esquimó chamada Iggy, que estava muito necessitada quando veio até nós. Ela passou por um período difícil e sempre parecia estar enrolada em toalhas ensanguentadas. Frequentemente, usava um vestido dourado estilo anos quarenta que ia até o chão e tinha uma fita amarrada ao pulso. Era muito transparente e ela nunca usava roupa íntima. Uma vez, lembro-me de tê-la visto saindo de um ônibus usando apenas um lenço e uma saia.”

O comportamento de Syd ocasionalmente terminava em atos de violência, como nos seus últimos dias com Lynsey. Fields: “Num domingo, alguns de nós, incluindo uma namorada de Syd chamada Gilly, decidimos sair por aí e ir ver Dave Gilmour. Gilly mudou de ideia e foi deitar-se na cama de Syd. Ele disse que aquele quarto era dele e que ela tinha que ir embora. Então simplesmente a agarrou e a jogou para fora do quarto. Ela, literalmente, voou e foi parar nos

nossos pés. Ficamos perplexos, embora ela não tenha se chateado por conta daquilo. Outra menina, Lesley, também estava muito interessada em Syd e nos visitava muito. Às vezes ele a deixa entrar, em outras se trancava no quarto e a deixava no corredor, batendo na porta. Uma vez ele passou a noite com ela, mas a expulsou no dia seguinte. Mesmo assim, ela voltou diversas vezes."

Apesar do bando de admiradoras que cruzava seu caminho, houve apenas três relacionamentos importantes na vida de Syd: A união com sua namoradinha de escola, Libby Gausden, a tempestuosa relação com Lynsey e seu caso amoroso com Gayla Pinion.

Gayla, assim como as outras namoradas do Madcap, era uma menina de Cambridge, vinda de Ely, uma cidadezinha a 32 quilômetros. Ela era amiga de Lynsey e foi através dela que conhecera Syd quando o casal morava em Egerton Court em 1968. Por volta do final do ano seguinte, com 19 anos, Gayla mudou-se para Londres para tentar a carreira de modelo. A vivaz adolescente ruiva estava hospedada na casa de 'Po' Power quando chamou a atenção de Syd pela primeira vez.

Ele aparecia algumas vezes no apartamento de Powell, logo de manhã ou tarde da noite, sempre sob o pretexto de encontrar o dono da casa. Estava claro para todos que Gayla tornava-se uma obsessão e que o desejo de Syd não deixava de ser retribuído, como lembra a própria Gayla: "Syd era muito bonito e tinha vários aspectos atraentes. Possuía os olhos mais extraordinários e quando te olhava, você se sentia capturada."

A inexperiente adolescente de Cambridge tinha chegado a Londres com suas economias e uma cadela terrier chamada Sasha, que se tornou um enorme entrave para o desenvolvimento do romance. Syd odiava a cadela, provavelmente porque tirava dele a atenção de Gayla.

Gayla conseguiu emprego numa farmácia e três meses depois se mudou para a sala de estar de Syd e Duggie. Para ela, seu novo namorado ainda estava divido entre ser um *popstar* e um artista e tinha inveja de Fields, que o evitava optando por pintar em seu quarto durante o dia todo.

Gayla recorda-se: "Syd se trancava no quarto e pintava durante a noite toda. Mesmo naquela época já tinha tendência à reclusão. Costumava me atormentar com relação à Lynsey. Era como se ele fosse duas pessoas, num momento gentil e amoroso, e de repente se transformava. Andava até Battersea só para encontrar os amigos e chegava às três da manhã completamente doidão. Era sempre bem recebido apenas por ser Syd Barrett. Ele ainda era uma estrela e as pessoas o

tratavam dessa forma.”

As frustrações reprimidas de Syd frequentemente se transformavam em ações violentas e era Gayla quem acabava sofrendo as consequências. Mas ela era uma menina robusta, capaz de revidar e o desafortunado Fields uma vez chegou a se machucar quando tentava separar o casal. Em outra ocasião, Syd arremessou uma garrafa de leite em Gayla, que conseguiu se esquivar. O “míssil” aterrissou numa das pinturas de Field, destruindo-a.

Gayla: “No verão, fui passar um feriado em Jersey com Lynsey. Quando voltei Syd estava extremamente contente em me ver, mas em meia hora mudou de humor. Ele sempre ficava estranho quando Lynsey estava presente e costumava sentar e ficar observando-a.”

O ambiente desagradável melhorou um pouco por um breve período durante a produção de *Barrett*, quando ele frequentemente perguntava a opinião de Duggie e Gayla sobre as músicas.

Durante o verão de 1970, enquanto o Pink Floyd trabalhava no LP *Atom Heart Mother* nos estúdios Abbey Road, Roger Waters teve um encontro enigmático com Syd na loja de departamento Harrods, em Knightsbridge. Waters estava dando uma olhada no lugar, quando, de repente, avistou Syd andando em sua direção com grandes sacolas nas mãos. Assim que seus olhos encontraram os de Waters, Syd derrubou as sacolas e correu para fora, deixando o amigo perplexo para trás. Fuçando nas sacolas do ex-companheiro de banda, Waters encontrou milhares de doces infantis. Ele ficou em pé no meio da Harrods imaginando o que Syd faria com aquela enorme quantidade de chicletes, balas e pastilhas.

Por essa época, Syd também teve um encontro com seu velho amigo de Cambridge, Geoff Mott, que ainda tocava com a banda The Boston Crabs. Uma vez Mott estava em Londres e não tinha um lugar para ficar, por isso ligou para o amigo. Na manhã seguinte ouviu Barrett tocar uma melodia assustadora na sua Fender e perguntou como era a letra. Era “Wined and Dined”, uma música que estaria no repertório de *Barrett* e teria sido escrita sobre Gayla.

Mais tarde naquele dia, Syd levou Mott para Abbey Road para espionar as sessões do Floyd. Mott: “Achei aquilo meio triste, mas não tinha nada de melancólico no comportamento de Syd. Ainda consigo vê-lo observando os movimentos, sentado sobre as próprias mãos, com aquele sorriso intrigante no rosto.”

Para Gayla, não havia motivos para sorrir. Incapaz de lidar com a piora dos

excessos comportamentais de Syd, ela mudou-se para a casa de seus pais em Ely. Por telefone, Duggie contou a ela que Syd estava trancado no quarto, pensativo. Pessoas próximas a Barrett perceberam que ele estava cada vez mais recluso e raramente saia de casa. A multidão de parasitas aumentou e consequentemente a quantidade de drogas que eles traziam. Fields, furioso com a horda de intrusos, teimosamente se trancava no quarto, mas não conseguia escapar dos sons das garotas gritando e implorando para que Syd abrisse a porta. Fields: “Talvez elas estivesses atrás do dinheiro dele e acho que ele se cansou disso. Começou a viajar para Cambridge e a ficar por lá por longos períodos, deixando-me com a casa cheia de pessoas. E ainda teve a cara de pau de pedir que eu me livrasse de todos. Mais tarde descobri que ele tentou me pintar como vilão da história.”

O relacionamento de Syd com Gayla continuava repleto de violentas discussões e reconciliações amorosas. Numa das ocasiões, ele demonstrou ser muito resistente durante uma crise na casa dos Pinion. Gayla: “Ele veio me ver e estava amoroso. Eu não consegui não rir ao ver a cara da minha mãe ao vê-lo esperando por um ônibus de volta para Cambridge. Ele ficou parado debaixo de uma chuva torrencial usando suas roupas de *popstar*. Por ser Syd, nem considerou usar o abrigo do ponto de ônibus.”

Gayla também percebeu que Syd estava cansado de sua vida em Londres e começava a se interessar por voltar aos tempos de Cambridge. Numa das viagens para visitar sua mãe, anunciou que ele e Gayla iriam voltar a morar lá. Embora o álbum *Barrett* estivesse pronto para ser lançado em novembro, Syd não demonstrou nenhum entusiasmo em promovê-lo. Ao invés disso, disse aos amigos perplexos que iria casar com Gayla, estudar medicina e se formar como um doutor.

Syd foi afugentado do seu apartamento em Londres de muitas formas. Fields não falava mais com ele e os intrusos tornavam a vida insuportável. Gayla finalmente o convenceu a entregar o aluguel para Duggie antes de voltarem para Cambridge – uma terra de sanidade num mar de loucura. Barrett simplesmente trancou seu quarto, deixando tudo o que havia lá dentro e fechou a porta de mais um capítulo de sua vida.

---

20. O título do álbum brinca com o epíteto de Syd Barrett e pode ser traduzido como “O louco ri”. (N.T.)

21.Em inglês: Beatles. (N.T.)

Capítulo 8

Cheio de Poeira e Guitarras

Seis anos após ter deixado Cambridge para ingressar na Camberwell Art College, Syd voltou ao número 183 da Hills Road trazendo Gayla a reboque. Eles mudaram-se para um quarto no porão da casa da mãe de Syd, o qual ela mantivera intacto desde que seu filho tinha saído em 1964. Enquanto ele aproveitava o conforto dos itens familiares da infância – suas pinturas, livros e material do jardim da infância – Gayla arrumou trabalho numa loja de móveis. Logo, esse emprego começou a resultar em brigas de casal quando Syd descobriu que o antigo namorado de Gayla trabalhava no departamento de camas. Ele cismou que os dois estavam tendo um caso e insistia em acompanhá-la na ida e na volta, todos os dias. O ciúme atingiu níveis excessivos, a ponto de Gayla tê-lo descoberto escondendo-se atrás de algumas estantes da loja a fim de observá-la durante seu turno.

Syd parecia estar preso entre o anonimato e o reconhecimento. Cuidadosamente ignorava os hóspedes estudantes na casa da sua mãe, mas ocasionalmente visitava a loja de discos Andy's, onde sabia que teria atenção personalizada.

Gayla: "Ficamos noivos em 1º de outubro de 1970, dia do meu vigésimo aniversário. Sua mãe dava total apoio e meus pais foram convidados para um jantar comemorativo. Foi um noivado normal, como os atuais. Ele trouxe a aliança e sua mãe colocou um anúncio no jornal local. E então começou a louca obsessão para achar um lugar para morar. Quando íamos ver algum apartamento, ele ficava envergonhado e gaguejava, então era eu quem fazia a maior parte das negociações. Aí, ele arruinava tudo quando o perguntavam sobre suas perspectivas futuras: 'Eu quero ser médico', ele dizia, com aquelas roupas da Granny Takes a Trip. Naquele momento, sentia como se eu fosse seu ponto de apoio. Eu adoraria ter me casado e fixado residência, mas ele ficava cada vez mais louco."

A fervorosa esperança da senhora Barrett com a perspectiva de casamento de Syd foi algo surpreendente. Naturalmente, era seu desejo ver o filho de 24 anos se estabelecer e esquecer o mundo pop que já havia feito um estrago na sua vida. Depois do encontro com os pais de Gayla, convidou toda a família Barrett para um jantar para celebrar o noivado em Cambridge. Foi uma noite inesquecível, mas pelas razões erradas.

Gayla: “Sentamos à mesa, rodeados por essas pessoas de classe média tão normais e respeitáveis. Estávamos na metade do primeiro prato quando Syd repentinamente começou a tossir e a resmungar, deixando a sopa de lado e subindo as escadas. Quando desceu, eu o olhei e vi que ele tinha cortado todo seu cabelo. Você acredita que ninguém nem piscou? Eles continuaram a comer como se nada tivesse acontecido, ninguém disse nada. Eu pensei: ‘Será que eles são loucos ou eu é que sou?’”

O noivado estava fadado a não durar muito. Segundo Gayla, as agressões de Syd se tornavam cada vez mais frequentes, ao ponto de, em mais de uma ocasião, a senhora Barrett ter que intervir. Sem aguentar mais, Gayla fugiu uma vez mais para a casa dos pais em Ely. Lá, recebeu uma carta formal de Syd afirmando que o noivado estava cancelado (estava assinada R. K. Barrett). Mas ele deve ter mudado rapidamente de ideia, pois Gayla recebeu outra carta afirmando o quanto ele a amava e implorando para que o aceitasse de volta. Por volta de janeiro, Gayla estava em péssimo estado e foi passar um tempo na fazenda de Jerry Shirley, em Stebbing Green, Essex, para acalmar os nervos despedaçados.

Depois de uma série de longas conversas telefônicas, o casal decidiu fazer uma última tentativa de reconciliação e combinaram de se encontrar na estação de trem de Bishop’s Stortford. Gayla ficou chocada ao ver que Syd ainda usava o corte *skinhead*. No caminho de volta para a fazenda, ele a acusou de ter um caso com Shirley e a enorme briga que se seguiu à discussão teve que ser apartada por vizinhos. O noivado terminava de uma vez por todas.

Com a longa e tempestuosa relação terminada, Syd voltou sozinho para Cambridge. No início, parecia muito feliz de viver no porão da casa de sua mãe, muito distante do ambiente frenético de Londres. Agora, tendo como empresário Bryan Morrison, passou muito tempo longe dos holofotes, aparecendo ocasionalmente em estranhas entrevistas ou batendo papo com Dave Gilmour. Desistindo de ter um carro, Syd contava exclusivamente com o sistema de trem britânico e raramente ia para longe de Cambridge. Três meses após o lançamento

de *Barrett*, fez uma participação no programa da rádio da BBC *Sounds of the Seventies*, tocando “Baby Lemonade”, “Dominoes” e “Love Song”. O mestre de cerimônias do show era o famoso Bob Harris. Sussurrando, Harris disse aos ouvintes que ele havia recebido muitas perguntas sobre o que Syd andava fazendo depois do lançamento do álbum e que Barrett estava ocupado compondo músicas para seu próximo disco.

Outra visita a Londres foi para dar entrevista a Steve Turner do *Beat International*, que estava na cola de Barrett há alguns meses. A primeira tentativa de Turner em conseguir uma entrevista falhou devido ao não comparecimento do entrevistado. Quando Turner telefonou para descobrir o que tinha acontecido, Syd o acusou de não aparecer e bateu o telefone. Alguém da agência de Bryan Morrison conseguiu convencê-lo a ir a outro encontro. A entrevista acabou acontecendo em abril no escritório do empresário em Bruton Place, acima do clube The Revolution. Barrett apareceu usando uma jaqueta de cetim, botas com saltos e com o cabelo ainda raspado.

Turner lembra-se do evidente medo nos olhos de Barrett, quase como se aquela fosse uma entrevista perigosa e fossem descobrir algo secreto: “Suas respostas eram interessantes. Ele começava dizendo alguma coisa que estava efetivamente relacionada à pergunta que eu fizera, mas depois começava a fazer livres associações e rapidamente estava falando de outra coisa totalmente diferente.”

A entrevista permitiu um olhar atento sobre a condição de Syd. Cuidadosamente evitando falar do passado, Barrett disse a Turner que passava a maior parte do tempo ouvindo discos e tocando músicas no porão: “Cambridge é um lugar ao qual você tem que se adaptar e eu achei difícil. Foi bem incomum regressar porque é a casa onde eu costumava morar. Estava tudo muito chato, então resolvi cortar meu cabelo.”

Seus sentimentos mudaram no decorrer da entrevista: “É engraçado. É um lugar bom para morar – escondido embaixo do solo.” Syd também anunciou um trabalho pelo qual seus fãs ansiosamente aguardavam – o mítico terceiro álbum – e falou sobre a possibilidade de formar uma nova banda. “Eu adoraria”, ele disse, após Turner ter sugerido.

Syd admitiu que ainda se encantava com a ideia de ser uma estrela do rock, um *status* interessante, mas difícil de se conviver: “É empolgante. Você canaliza tudo numa direção e então vira arte. Eu não sei se o pop é uma forma de arte. Acho que é tanto quanto o ato de sentar-se.”

No início da conversa, Syd tinha falado empolgadamente sobre ir a Londres

comprar uma nova guitarra. Mas três anos depois de deixar o Floyd e quatro anos após seu melhor trabalho, a verdade é que tinha mais uma vez caído na inatividade.

O repórter convidou Syd para ir a uma loja de música próxima, mas ele recusou inventando desculpas sobre ter outro compromisso. Turner: “Tenho certeza de que o verdadeiro motivo da recusa foi sua paranoia. Meses depois o encontrei no metrô. Ele me reconheceu e lembrou-se da entrevista, mas foi sua expressão assustada que me marcou naquele dia. Mesmo que parte do que ele disse tenha sido muito similar à entrevista que Bob Dylan dera a *Playboy* na qual grande parte do que foi dito foi tido como brincadeira na época, mas provou-se uma verdade sagaz.”

Michael Watts, do *Melody Maker*, também entrevistou Barrett, mas, segundo ele, a conversa foi obscura e não se desenvolveu de modo linear. O encontro aconteceu novamente no escritório de Morrison. O fotógrafo Barrie Wentzell fez uma série de fotos de Syd com seu corte de cabelo militar. Uma delas foi escolhida para estampar o artigo de Watts no jornal. Lembrando-se do encontro, Watts afirmou: “Não acho que naquela época ele estivesse tão doidão quanto ficou depois. Ele não era completamente maluco... era estranho, isso sim, mas coerente.”

Syd fez algumas observações reveladoras sobre sua banda antiga: “A escolha do material que eles fazem está diretamente relacionada com o que eles pensam enquanto estudantes de arquitetura. Pessoas bem desinteressantes, eu pensaria.”

O artigo também demonstra outros fatos interessantes – mesmo naquela época Syd já estava ciente da lenda que se formava em torno da sua loucura: “Realmente acho que tudo se baseia no fato de eu ter sido um guitarrista nos últimos anos, ter participado de uma banda que rodou pela Inglaterra, por toda a Europa e pelos Estados Unidos, e não ter feito mais nada quando voltei. Eu poderia alegar que fui ‘demitido’ da banda, mas não quero agir agora. Meu público sabe disso e está satisfeito.”

As duas entrevistas ajudaram o mito em torno de Syd a se espalhar como uma praga. Aqui estava o ex-líder do Pink Floyd levando uma vida de reclusão, enquanto o resto do grupo agradava cada vez mais a público e crítica. Enquanto as estrelas da banda marchavam em direção à riqueza, o lendário antigo líder se afundava na própria órbita, alimentado por seu comportamento discreto e completa estranheza. A ausência de Barrett no cenário musical fazia com que os rumores aumentassem mais ainda, embelezados por cada novo boato. Durante o

verão de 1971, várias fontes londrinas diziam que Barrett estava morto, preso ou em estado vegetativo.

As loucas histórias levaram Peter Barnes, funcionário da Lupus Music, que trabalhava para Syd, a emitir uma declaração afirmando que em breve um novo *single* de Barrett seria gravado com participações de "amigos do meio musical, membros de grupos famosos". Isso nunca aconteceu.

Nessa época, Syd já era objeto de cultos nos Estados Unidos e na França, assim como no Reino Unido. Em setembro daquele ano, a revista americana *Phonograph Record* sugeriu que "ele teria enlouquecido com as mídias devido às muitas possibilidades que o rock n' roll oferece aos artistas criativos". Se não muito, o artigo renovava o interesse internacional em Syd. Intrigada pelas reportagens contraditórias e ansiosa para resolver o mistério que envolvia Barrett através de um artigo definitivo, a *Rolling Stone* enviou um repórter a Cambridge para procurar o "desaparecido Syd". Ele escreveu que Barrett estava vivo e feliz no seu próprio mundo e permanecia "tão confuso quanto sempre fora". O jornalista fez o melhor que pôde para transcrever as divagações de Syd sobre como ele estava "desaparecendo... evitando as coisas... Trilhando o caminho de retorno. Geralmente só jogo tempo fora. Ando quase treze quilômetros por dia. É uma fronteira a ser descoberta. Mas não sei como. Desculpa se não consigo falar coerentemente, mas, você sabe, cara, eu sou totalmente consistente. Acho que eu devia ser mesmo. Sou cheio de poeira e guitarras. A única coisa que fiz nesse ano foi dar entrevistas. Sou muito bom nisso".

O intrépido repórter da *Rolling Stone* não estava exagerando quando descreveu Syd no estado natural de tensão e doença, "rosto muito fino e pálido, com olhos refletindo um estado permanente de choque". Ele o comparou a "belezas fantasmagóricas que encantavam poetas antigos".

Syd passava seus dias vagando por Cambridge, brincando com sua guitarra, ouvindo discos ou pintando. *Rolling Stones*: "Às vezes, pintava loucas florestas com borrões espessos, outras peças lineares. Sua favorita era um semicírculo branco pintado numa tela branca. No porão, onde ele passa a maior parte do tempo, senta-se cercado de pinturas e discos, amplificadores e guitarras. Ele se sente seguro aqui, embaixo do solo, como um personagem saído de uma de suas músicas."

Ele revelou que o recentemente falecido Jimi Hendrix ainda era seu músico favorito: "Hendrix era um guitarrista perfeito e isso era tudo o que eu queria ser quando era criança – tocar guitarra do jeito certo e pular por aí. Mas muitas

pessoas se intrometeram no caminho. O passo das coisas, em relação à execução musical, sempre foi muito lento para mim. Quero dizer, sou um rápido corredor. O problema foi que, após tocar num grupo durante alguns meses, eu não conseguia mais atingir aquele ponto."

Ele também falou de suas próprias frustrações com sua inércia: "Pode parecer que estou empacado, mas é porque estou frustrado com relação ao trabalho. A verdade é que eu não fiz nada nesse ano. Provavelmente fiquei conversando e explicando essa distância e tudo mais. O outro lado de não trabalhar é que você pode pensar teoricamente."

Syd sempre teve verdadeira fobia com relação a sua idade. Ciente da pressão para que retornasse aos estúdios de gravação, ficou na defensiva e disse a *Rolling Stone*: "Eu só tenho 24 anos. Ainda sou jovem. Tenho tempo. Acho que pessoas jovens devem se divertir bastante." Insistiu que não era mais viciado em LSD, mas se recusou a falar mais sobre drogas. Andando em direção ao jardim, se espreguiçou num banco de madeira e resumiu perfeitamente a entrevista: "Acho que não sou uma pessoa muito fácil para se falar sobre. Tenho uma mente muito irregular, mas não sou nada do que você acha que sou."

No início daquele ano, Barrett tentou acabar com seu mal-estar ao formar uma banda. Fez sua primeira aparição pública em vinte meses quando o músico americano de blues Eddie "Guitar" Burns apareceu no King's College, em Cambridge. Depois de executar algumas músicas solo, Burns anunciou que iria tocar com uma recém-formada banda, composta pelo fundador do Pink Floyd, um baixista local chamado Jack Monck e o antigo baterista do Pink Fairies, Twink. Syd posicionou-se discretamente no fundo do palco, concentrando-se na sua Telecaster preta – poucos da plateia sabiam que ele estava ali e muito menos perceberam a importância da ocasião.

No dia seguinte, Monck, que casara com uma das breves namoradas de Syd, Jenny Spires, apareceu na casa de Twink e durante alguma conversa alguém sugeriu atar Syd a um grupo apropriado. Eles se uniram e foram apresentar a ideia a Barrett, que embora não tenha ficado muito entusiasmado, imediatamente os convidou para fazer um som no porão, lugar que também servia de estúdio provisório.

Twink e Monck, então com 24 anos, administravam um clube barato de Cambridge, conhecido como The 10p Boogie. Monck frequentemente via Syd nas suas longas caminhadas diárias: "Ele se destacava porque era muito estranho. Tinha uma grande barba, a cara muito branca e aqueles olhos sombrios

e profundos. Andava pomposamente, cheio de autoconfiança, sem falar com ninguém".

Twink era o incentivador do novo conjunto, que recebeu o nome de Stars e teve uma vida breve. Desde o início, Monck suspeitou que Syd estava apenas "seguindo o fluxo": "Ele nunca chegou a dizer: 'É, essa é uma boa ideia'. Simplesmente foi tocando conosco. Costumávamos tocar no seu porão, que tinha um teto baixo. Era o retiro dele. Fizemos um pouco das músicas do Floyd e algumas do seu álbum solo, incluindo 'Terrapin'. Ele ainda ficava muito entusiasmado com blues e retomava muitas coisas referentes ao 12-bar[22]. Eu sabia que ele era um pouco descontrolado, mas já tinha tocado com algumas pessoas assim."

Muitos anos depois, na fanzine *Ptolemaic Terrascope*, Twinke lembrou-se da banda ter sido formada durante um lanche, repleto de chá e bolos na casa de Syd: "No dia seguinte já começamos a ensaiar no porão, levei minha bateria para lá e ficamos tocando. Ele estava pintando muito também. Um dia ficou parado lá, acho que foi o primeiro dia em que fomos ao seu estúdio. Lá estavam muitos dos quadros que tinha feito. Um deles era muito grande. Fiquei observando o quanto era bonito e Jenny disse: 'Achei esse adorável, Syd'. E ele respondeu: 'É para você, Jenny'. E simplesmente deu para ela. Todo o tempo que trabalhei com ele foi realmente prazeroso. Por fim, precisávamos de um lugar maior para ensaiar, então começamos a tocar no meu quarto – eu morava nos fundos de uma loja – onde demos acabamento a algumas músicas de Syd."

O nome da banda foi objeto de um considerável debate. Twink tinha sugerido "Twink's Stars", Syd preferia "Syd Barrett's Stars" e Monck, por sua vez, queria "Monck's Stars". Por fim, deixaram os egos de lado e chegaram num consenso sobre o nome ser apenas Stars. A estreia da banda foi num café em East Road, depois fizeram uma montanha de shows improvisados, incluindo uma sessão informal no Market Square que só terminou quando os homens da lei intervieram.

Monck: "Sempre soube que Syd tinha talento inato, mas nenhuma disciplina. Ele nunca praticava e nós raramente ensaiávamos. Era difícil saber o que o tocava, mas acho que ele gostou dos pequenos shows que fizemos. Os shows espontâneos foram ótimos e ocasionalmente ele conseguia relaxar por alguns minutos e ser feliz. Ele realmente não gostava das pessoas o olharem como se ele fosse especial. Não suportava as coisas ruins que a fama acarreta, como ter de viver do modo como ele vivia."

O Stars estava longe de estar preparado para um grande show, mas a notícia da volta de Barrett aos palcos chegou aos ouvidos do produtor Steve Brink. Ele havia agendado o extravagante grupo americano, MC5, para participar do *Cambridge Corn Exchange* e a possibilidade de ter o lendário Syd Barrett no mesmo evento era boa demais para deixar escapar. Twink: “Se nós tivéssemos alguma orientação de gerenciamento teríamos feito algumas apresentações seis meses antes. Ao invés disso, fomos direto para um grande show.”

A notícia do retorno de Syd também chegou ao antigo colega do Floyd, Chris Dennis, que estava de volta a Cambridge trabalhando como fotógrafo. Ele telefonou para Syd perguntando se poderia tirar algumas fotos da apresentação: “Disquei e a mãe de Syd atendeu. Expliquei quem eu era e disse que gostaria de tirar umas fotos. Syd pegou o telefone e disse: ‘Não precisamos de nenhuma foto’ e desligou.”

Clive Welham, ex-Mottoes, foi aos bastidores encontrar Syd pela primeira vez em anos. Welham tinha sido alertado de que Barrett não estava muito coerente, mas ficou em choque ao perceber que seu velho amigo não o reconheceu. No meio da apresentação hesitante do Stars, Welham foi um dos muitos espectadores que foram embora desiludidos.

Uma grande expectativa rondava o *The Corn Exchange* enquanto Syd subia no palco juntamente com Twink e Monck, incentivando-o. Embora a maioria do público estivesse ali para ver o MC5, uma mistura de genuíno interesse e mórbida curiosidade tomava conta de umas 30 pessoas plantadas na beira do palco. Alguns esperavam que a *setlist* incluísse alguns dos clássicos do Pink Floyd e havia um forte boato de que “See Emily Play” tinha sido ensaiada um dia antes.

Syd abriu o show com “Octopus”, mas sua modesta audiência ficou consternada quando ficou claro que a letra estava inaudível. Destemido, Syd continuou com “Dark Globe”, “Gigolo Aunt” e algumas outras do seu segundo LP. Depois de “Gigolo Aunt” foi possível ouvir Syd murmurar: “Não sei como essa se chama.”

Monck: “Foi o último show que nós fizemos. Não foi um completo desastre, mas havia um clima de desânimo na plateia com relação ao que havia sido anunciado como um retorno. Pensando hoje em dia, acho que sabíamos que nunca conseguiríamos chegar a lugar algum com Syd. No final, ficamos desgastados, mas não foi a música que estava ruim, somente a apresentação. O que a plateia viu foi um homem se desintegrando diante de seus olhos, uma peça

ruim de teatro, só que não era encenação, era real.”

Quando as luzes da plateia foram ligadas, meia dúzia de gatos pingados estava presente. Barrett continuava, aparentemente sem perceber que Monck lutava uma batalha perdida com seu amplificador do baixo falhando. O show terminou quando o dedo de Syd começou a sangrar muito. *Melody Maker* havia mandado para o show Roy Hollingworth – um entusiasmado fã de Barrett. A descrição da última apresentação de seu ídolo foi a seguinte: “Ele tocou um solo desvairado, depois ficou 10 minutos tentando reorganizar as coisas. Seus cabelos caiam sobre os olhos, que mantinham-se fixos na guitarra. Raramente olhava para frente. Mudava o tempo da música a toda hora e os tons e acordes tinham pouco sentido. Os dedos da mão esquerda encontraram as paletas como estranhos. Eles formavam acordes e os modificavam – aparentemente quase acertavam tudo – e então se perdiam novamente. Aí Syd emitiu um breve suspiro. Era como assistir a uma pessoa tentando recuperar uma memória dolorosa. Eu não sei o quanto Syd Barrett se lembrava, mas ele não desistia. Mesmo quando perdeu seu baixista e mesmo quando Twink não conseguiu acompanhá-lo na sua ‘viagem’, continuava tocando. Os acordes estavam fora de sintonia. Ele olhava com raiva para a direita, em direção a Twink e ao baxista, como se os tivesse reprovando. Eu fiquei lá e assisti tudo. Achei que ele foi mais do que ótimo. Uma garota subiu no palco e começou a dançar, quando ele a viu ficou bem surpreso. Enquanto as horas da manhã de sexta começavam a apontar no relógio, Syd foi até o fundo do palco tentar achar uma daquelas ‘viagens’. Ele bagunçou os acordes. Não tinha nenhum padrão, mas se prestar bastante atenção talvez reconheça um muito fraco, se você quiser é possível ver até coelhinhos nas nuvens. Grande parte do lugar estava cheio, mas não de pessoas, apenas com o lixo que elas deixaram. Copos de plástico com suco de laranja, limonada ou café, algumas nozes amassadas, além de muito papel. Mas Syd continuava a tocar. Tinha alguém para ouvir o Madcap?”

Aparentemente, ele não queria mais ser ouvido. Na semana seguinte, Syd apareceu na casa de Twink com o *Melody Maker* em mãos e anunciou que estava tudo acabado. Twink: “Ele (Hollingworth) detonou a banda. Eu achava que existia a possibilidade de algo assim ocorrer, mas mesmo assim foi uma vergonha quando aconteceu.”

Roy Hollingworth não poderia imaginar que seu artigo atingiria Syd daquela forma e ficou muito chateado quando, muitos anos depois, descobriu o que tinha acontecido. “Nunca foi minha intenção machucar Syd porque eu era seu maior

fã", afirma atualmente. "Ele era um dos meus heróis. Escrevi sobre o que vi e ouvi da forma mais sensível que podia e certamente não quis humilhar ninguém. Uma pequena parte de mim morreu naquela noite também."

Em retrospecto, Hollingworth sente que a carreira de Barrett não teria sido muito diferente se o *Melody Maker* não tivesse publicado aquela crítica. "Mas no nível pessoal, se magoei Syd, eu sinto muito. Idealmente, amaria se ele tivesse feito um fantástico retorno e tivesse dado continuidade à carreira."

Todos os ensaios do Stars eram gravados e é possível que Syd os tivesse guardado. Também havia um rumor sobre terem gravado o fiasco do *The Corn Exchange*, mas ninguém sabe o que aconteceu com aquela fita. Com sua atração principal escondida de novo no porão, o Stars sucumbiu como um castelo de cartas. Twink e Monck recrutaram alguns guitarristas substitutos e apressaram-se em planejar um show na Essex University. Ao saber que Barrett não estava mais na banda, o produtor apressou-se em dizer o que eles deveriam fazer com a nova formação. Com pouco prestigio sobrando, foi determinado o desonroso fim do Stars.

Inegavelmente, Syd ficou magoado com a crítica do *Melody Maker* e fez uma inútil tentativa de salvar sua dignidade, alegando que Morrison tinha instruído-o a não tocar mais em shows para não destruir o pouco valor comercial que ainda tinha. Monck achou que esse foi apenas um modo de se esconder atrás de seu orgulho ferido.

Barrett nunca mais tocou ao vivo nenhuma de suas músicas, mas durante uma breve visita a Londres naquele verão, o insistente Pete Jenner o levou para os estúdios Abbey Road para mais uma investida no seu terceiro álbum. Um dos sócios de Jenner descreveu a tentativa como um caos, pois Syd repetidamente regravava partes de guitarra sobre partes de guitarra, criando um amontoado de barulho insuportável. "Ele também não mostrava suas letras para ninguém, eu temia que ele não tivesse escrito nada." Jenner ficou terrivelmente frustrado com a experiência enquanto flashes do antigo Barrett surgiam esporadicamente, apenas para serem destruídos enquanto Syd tentava "melhorar" os resultados. Nada pôde ser aproveitado daquela sessão.

A volta de Barrett para Cambridge deixou pouco para trás. Sua tentativa de retorno aos palcos e aos estúdios de gravação foi desastrosa e sua crise pessoal foi acentuada pela contínua ascensão do Pink Floyd, que retornava como uma fênix depois da separação em 1968. Logo depois do natal, Syd ficou completamente desorientado no seu porão, causando estrago aos móveis e a si

próprio. Ele não chegou a arrebentar a própria cabeça no teto, como foi divulgado, mas houve um acidente desagradável e angustiante que fez com que a polícia fosse chamada e outra passagem pelo hospital.

Recuperou-se rápida e surpreendentemente, com seu apetite para música renovado. Em meados de 1973, sua nova agência, Circle, lançou uma nota irresistível afirmando que Syd estava “aguardando, esperando até sentir que tinha algo novo a oferecer”. Foi um gesto vazio de uma agência que estava prestes a falir.

Syd fez uma aparição surpresa nos palcos naquele verão. Pete Brown, o letrista de Jack Bruce, viajou até Cambridge para encontrar seu sócio e tocarem num salão local. Brown lembra-se: “Jack estava morando em Colchester. Eu cheguei tarde ao salão e encontrei a banda e ele tocando no palco. Jack tocava baixo e tinha um guitarrista esquisito tocando jazz. Foram o cabelo curto e a aparência convencional que o destacaram. Mais tarde, durante a apresentação de verdade, vários poetas se levantaram para declamar suas poesias e eu dediquei a minha a Syd Barrett (“Goodnight Eliza Doolitle: The Death of Flower Power”). Disse que fora ele quem começara tudo aquilo na Inglaterra. Para meu espanto, aquele estranho guitarrista se levantou da plateia e disse: ‘Não, não fui eu.’ O guitarrista estranho era Syd.”

Jack Bruce não se lembra bem do incidente e não sabe dizer como o “estranho guitarrista” estava no palco. Possivelmente, Syd viu o anúncio do show e decidiu comparecer no calor do momento com sua guitarra na mão. Brown não teve oportunidade de falar com Syd que simplesmente desapareceu assim que o show acabou.

Ele estava prestes a adentrar no mundo crepuscular do qual raramente sairia.

22.Uma das progressões de acordes mais frequentes na música popular (N.T.)

Capítulo 9

Wish You Were Here[23]

Ironicamente, durante o período de inatividade, a renda pessoal de Barrett cresceu. A chegada de um cheque gordo referente ao álbum do Pink Floyd *Relics* – lançado em maio de 1971 – o permitiu hospedar-se no último andar do hotel Hilton de Londres. Além disso, também renderam lucros a versão de "See Emily Play", feita por David Bowie para o álbum *Pin-Ups* (1973), e o lançamento de uma compilação dos dois primeiros álbuns do Pink Floyd, com o título de *A Nice Pair*, em dezembro de 1973.

Bowie era fã da banda durante a época do clube UFO. Numa entrevista em 1973, afirmou que depois da saída de Syd "o Pink Floyd acabou para mim". Sua versão controversa da música mais conhecida de Barrett resultou em críticas variadas. Ian McDonald da *New Musical Express* considerou que Bowie destruíra a canção, mas Andrew Wood, do *International Times*, declarou que era a melhor faixa do álbum, afirmando que "É um grito por Syd Barrett".

Kevin Ayers incluiu no seu álbum *Bababamour* um tributo mais pessoal a Barrett. A música "Oh, Wot a Dream", lançada anteriormente como *single*, era sobre Syd e dedicada a ele. Ayers comentou: "A forma mais sincera de elogio é a imitação. Essa música é cantada deliberadamente no estilo de Syd Barrett. O que tentei fazer foi resgatar o sentimento inerente a ele para mostrá-lo que mesmo que não nos falemos ou conheçamos, eu certamente me sinto próximo do que ele faz e me identifico o que ele fez."

Mais uma vez, involuntariamente, objeto da atenção pública, Barrett se mudou para Londres à procura de um novo apartamento. Ele estava entediado em Cambridge e, de alguma forma, irritado com as pessoas que frequentemente batiam à sua porta. Por isso, a expectativa de anonimato na cidade grande era muito atraente. Se interessou por um apartamento grande, de dois quartos,

localizado num condomínio exclusivo em Chelsea Cloiters, perto da Kings Road. Enquanto as lendas em torno dele iam além dos assuntos musicais e continuavam a crescer, ele passava os dias largado em frente a uma enorme televisão em forma de bolha, pendurada no teto. Durante os dois anos anteriores várias fontes especulavam sobre o que ele estava fazendo. Algumas diziam que ele estava: 1) trabalhando por meio período numa fábrica; 2) tentando se matricular como estudante de arquitetura; 3) cultivando cogumelos no porão; 4) vivendo como um vagabundo; 5) passando duas semanas fazendo espetáculos de rua em Nova Iorque, e 6) tentado virar um estradinha do Pink Floyd.

A mística que cercava Barrett levou, no final de 1972, à formação da Syd Barrett International Appreciation Society[24], que produziu uma revista intitulada *Terrapin*, com bases na Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos. A sociedade genuinamente se preocupava com o bem de Barrett, embora tenha sido rotulada por Nick Kent, do *New Musical Express*, de "trivial e fanática". Além disso, o próprio Syd nunca soube da sua existência. A razão de ser da sociedade era incentivar Syd a voltar aos estúdios de gravação e promover séries de discussões internas, festivamente anunciadas pela imprensa musical. Destemido, Bernard White, um ex-secretário de uma das bases, formou uma nova associação que continuou publicando a *Terrapin*, decepcionando seus antigos colegas. Ele se autoproclamou uma autoridade em Syd Barrett e continuou durante muito tempo publicando edições esporádicas da *Terrapin*.

O *status* de Barrett como personalidade cultuada foi cuidadosamente esmiuçado num excelente artigo da *NME*, assinado por Nick Kent na primavera de 1974. Kent, que se declarava obcecado por Barrett, disse aos leitores que pessoas notáveis como Jimmy Page, Brian Eno e Kevin Ayes há muito gostariam de trabalhar com um homem cujo único contato regular com o mundo exterior consistia em esporádicas visitas ao escritório de seu agente perto de Berkeley Square, quando seu aluguel estava para vencer.

Kent escreveu: "Numa de suas últimas visitas, Bryan Morrison começou a insistir para que Barrett compusesse algumas músicas. Afinal de contas, a demanda por novo material de Syd Barrett era alta naquele momento e a EMI estava pronta para investir no rapaz, produtor a reboque e estúdios à disposição. Barrett afirmou que não tinha composto nada, mas que concordava em produzir alguma coisa. Sua visita seguinte ao escritório aconteceu na semana passada. Perguntado se já tinha escrito novas músicas, ele respondeu do seu jeito obscuro, com aquele cabelo recém-nascido na cabeça raspada, 'Não'. E então

simplesmente desapareceu de novo.”

Morrison era teimoso e estava acostumado a conseguir as coisas do seu jeito. Sua limitada paciência rapidamente se esgotou e o pouco que restava se evaporou de vez quando Syd cuspiu no prato em que se alimentava. Barrett supostamente tinha retornado ao escritório para pegar seu cheque mensal. Morrison se recusou a dá-lo, pois já havia pagado na semana anterior. Depois de muitos minutos de discussão, Barrett pulou sobre a mesa do empresário e mordeu o dedinho de Morrison. Segundo Roy Harper, Syd realmente arrancou a ponta do dedo de Morrison. Por mais fantasiosa que essa história pareça, ela explica o porquê Morrison, até os dias de hoje, estranhamente fica reticente ao falar de Syd.

Kent descreveu a história de Syd como uma “tragédia filmada ridiculamente com aspectos cômicos” e afirmava ter ouvido literalmente centenas de lorotas durante sua investigação. Uma das últimas afirmava que o Madcap visitou uma loja em Kings Road onde experimentou três tamanhos totalmente diferentes da mesma calça, dizendo que todos cabiam perfeitamente. E saiu sem comprar nada.

O artigo do *NME*, juntamente com o resgate gradativo do interesse em Syd, instigou a EMI a lançar dois álbuns numa compilação naquele verão. Storm Thorgerson sugeriu para capa uma montagem de várias fotos de Barrett e recortes de jornais, formando um altar em homenagem ao “herói que se foi”. A EMI, no entanto, insistiu numa foto atual do herói caído, aprisionado num exílio autoimposto em Chelsea Cloiters. Dessa forma, Thorgerson foi mandado na difícil missão de fotografar seu amigo instável que não encontrava há anos. Achar Syd era relativamente fácil, a parte difícil ocorreu após a chegada de Thorgerson ao apartamento 902 do Chelsea Cloisters. A resposta de Syd foi curta e grossa: “Vai embora! Não quero ser fotografado”, e bateu a porta. “Claro que ele estava no direito de resistir à intrusão. Mas fiquei com a impressão de que só estava se fazendo de difícil e aquilo me chateou”, Thorgerson afirmou.

Alguns meses depois, em novembro de 1974, Jenner, sentindo certa melhora, conseguiu persuadir Syd a voltar aos estúdios. Qualquer esperança restante de uma sessão de gravação frutífera desapareceu quando Syd apareceu com uma guitarra sem cordas. Um conjunto de cordas foi providenciado com Phil May, do The Pretty Things, mas o biógrafo do Floyd, Miles, descreveu como todo o processo resultou num enigma deprimente: “Quando tudo parecia em ordem, eles começaram. Syd havia pedido a alguém para digitar a letra da sua nova

música. Quando a folha lhe foi entregue, ele pensou que fosse uma cobrança, agarrou a mão do cara e tentou morder os dedos. Ele permaneceu no estúdio por três dias e o material resultante poderia ser descrito como ‘extremamente estranho’ e tinha um ‘estilo forte mas embrionário’. Apenas a base das músicas foi gravada sem nenhum vocal e ainda existiam dúvidas se Syd se preocuparia em aparecer no terceiro dia. O material nunca alcançou o nível necessário a partir do qual pudesse ser mixado e, consequentemente, permaneceu sem ser lançado.”

Jenner viu as sessões como um grande exercício de futilidade. Tentou fingir que era um liberal compreensivo, mas Barrett estava infeliz mesmo sob seu comando frouxo e frequentemente desaparecia para caminhar pensativamente ao redor do estúdio. Jenner: “O engenheiro de som costumava dizer que se ele virasse à direita, voltaria para as gravações, mas se virasse à esquerda, ficaria o dia todo fora. E ele sempre acertava.”

Toda a experiência renovou o medo que Barrett tinha de ser uma celebridade. Numa de suas intermináveis caminhadas em Londres, foi visto por Bernard White. Emocionado com a perspectiva de trocar uma ideia com seu ídolo, White seguiu Barrett pela Regent Street até ser interrompido por um lamentoso “Por favor, vai embora”. Desanimado, White, que havia dedicado sua vida adulta a coletar as lembranças de Barrett, viu o Madcap desaparecer na tarde.

O encontro casual de White com Syd foi devidamente reportado na coluna regular “Syd Sightings”, em *Terrapin*. A Appreciation Society atribuiu o desfecho à “falta de Syd” e foi irônica ao considerar que o fanatismo dos seguidores mais leais de Barrett podem, embora sem intenção, ter contribuído para sua reclusão.

Na mesma época, um dos velhos amigos de Syd de Cambridge estava dirigindo pela Oxford Street quando de repente o avistou andando a passos largos pela calçada. Dando uma parada, o amigo ficou surpreso e correu atrás da figura assustadora de Syd, que reagiu com frieza aos seus cumprimentos. Ele não deixou de seguir em frente e nem diminuiu o passo. Finalmente, o amigo perplexo perguntou a Syd aonde ele estava indo. Barrett parou, virou-se e fixou seus olhos verdes penetrantes no amigo. “Mais longe do que você poderia imaginar”, disse antes de voltar a caminhar.

Chelsea Cloisters funcionou como um bom lugar de retiro para Syd. O impressionante conjunto de apartamentos com tijolos vermelhos situa-se numa calma região interior de Chelsea, apenas a cinco minutos a pé de Kings Road.

Sua clientela exclusiva pode desfrutar de serviços de primeira classe oferecidos pelos funcionários que nunca se intrometiam na privacidade alheia. Um dos porteiros, Ronnie Salmon, testemunhou o comportamento bizarro de Syd durante oito anos. Logo depois que começou a trabalhar no condomínio em janeiro de 1974, um dos seus colegas identificou o personagem recluso do nono andar como “Syd Barrett, o cara que costumava tocar no Pink Floyd”.

Salmon encontrou Barrett pela primeira vez quando foi chamado ao flat 902 para ajudar a remover uma enorme televisão oval que ocupava grande parte da sala de estar e, até aquele momento, a maior parte do tempo do morador. Syd a levou para o depósito no sexto andar onde ele costumava guardar também cinco ou seis guitarras, inúmeros amplificadores e caixas com diversas fitas. Barrett colecionava guitarras e disse ao novo porteiro que ele poderia ficar com todo o resto – fitas, amplificadores, álbuns e duas televisões portáteis.

Segundo Salmon, a caixa, possivelmente contendo gravações recentes de estúdio, desapareceu durante uma visita que fez a uma loja na Oxford Street. O infeliz porteiro colocou a caixa no chão para experimentar algumas roupas e quando saiu deixou-a para trás. Percebendo que a tinha esquecido, correu de volta à loja, mas a caixa já havia sumido juntamente com os segredos mais bem guardados de Syd.

Salmon: “Na primeira vez que o encontrei, ele era magro, tinha cabelo grande e as roupas coloridas que usava pareciam ter sido retiradas diretamente da capa do seu primeiro álbum. Uma vez me chamou até seu apartamento e me mostrou uma televisão Dynatron com controle remoto que estava numa linda estante e simplesmente me deu, dizendo que não a queria mais.”

Como comprar infinitas guitarras era um luxo adquirido há alguns anos, Syd agora tinha se apaixonado por televisões, chegando a ter em seu apartamento uma dúzia delas ao mesmo tempo. Mas nunca ligou muito para dinheiro e nem para a riqueza. Seu apego a coisas materiais sempre foi temporário, e ele rapidamente ficava entediado com qualquer novo “brinquedo”. No início da turnê americana em 1967, comprou um Cadillac rosa em São Francisco – poucos dias depois, deu o carro a uma pessoa que tinha conhecido nas ruas. Verde de inveja, os amigos porteiros de Salmon, assistiam com crescente perplexidade a enorme quantidade de coisas gratuitas que saiam do apartamento 902. Salmon: “Os outros caras não entendiam, mas o senhor Barrett parecia gostar mais de mim do que dos outros.”

Entretanto essa teoria se mostrou errada quando Syd começou a distribuir seus

pertences para todos. Um dos porteiros recebeu um equipamento de alta tecnologia, enquanto outro ganhou uma televisão. Quando um entregador trouxe um sistema de som Dynatron, uma verdadeira peça de arte, recebeu 300 libras como gorjeta para “dividir com os amigos”.

Salmon: “Ele costumava comprar coisas e depois as jogava fora. Deu suas guitarras aos amigos – uma delas uma linda Fender Stratocasters. Um dia apareceu no saguão com uma sacola da Harrods, eu o segui até a avenida Sloane. Ele jogou a sacola numa lixeira, mas fiquei curioso e corri para ver o que tinha dentro. Achei um rádio relógio novinho, que custava umas cem libras. Costumava comprar ternos e camisas num dia e descartá-los no dia seguinte. Era um cara legal e parecia estar sempre num estado mental feliz. Recebia muitas correspondências e alguns visitantes, incluindo pessoas do meio musical.”

Mesmo nesse período de relativa tranquilidade, o lado obscuro de Syd, ocasionalmente, vinha à tona. Salmon lembra-se desses episódios: “Uma vez, ele quebrou a porta do próprio apartamento, arrancando as dobradiças. Acho que ficava muito chapado na maior parte do tempo. Era como se seu corpo estivesse ali, mas sua mente não.”

A excentricidade de Syd também dava às caras de tempos em tempos, como quando apareceu no saguão diante de Salmon usando um vestido e com a cabeça praticamente raspada. “Ele usava um casaco Crombie sobre um vestido e um par de tênis. Corri atrás dele porque não conseguia acreditar no que via, mas lá estava ele andando pela avenida Sloane.” Syd dava vida a “Arnold Layne” e a estranha exibição, sem dúvida, apelava para o humor negro de seu criador.

De volta ao mundo real, Pete Jenner estava se sentindo culpado com relação à “morte” de Syd, mas declarava publicamente sua fé nele. Disse ao entrevistador de uma rádio canadense que o talento de Syd ainda existia, mas suas músicas eram como esboços de pintura: “É um grande artista, incrivelmente criativo e é trágico que o mundo da música seja grandemente responsável pelo o que ele está passando agora. Acho que temos que responder por muita coisa – eu e todos que estiveram envolvidos com ele”.

Durante esse período, Syd decidiu mudar sua imagem e chocou os funcionários do Chelsea Cloisters ao aparecer completamente careca. Quando o cabelo cresceu novamente, resolveu descolori-lo.

Salmon: “Ele costumava beber no The Marlborough, que ficava logo na esquina e engordou bastante. Ficou muito inchado em poucos meses porque bebia cerveja Guinness o tempo todo. Quando eu costumava ir tomar umas

cervejas com meus camaradas, o via sentando no canto como se estivesse num sonho. Vivia no seu próprio mundo, o tempo todo... sempre na sua. Tentei fazê-lo falar sobre sua música mas ele não estava interessado."

Embora Syd não mostrasse interesse na sua música, teve um reencontro comemorativo com o Pink Floyd, em Abbey Road, durante as sessões do álbum *Wish You Were Here*. As pessoas próximas ao Floyd acreditavam que a banda corria o risco de se separar. Exaustos devido à enorme quantidade de turnês e sessões de gravações, seus esforços de produzir um fenômeno bem sucedido como o álbum *The Dark Side of the Moon* estavam ficando cada vez mais torturantes.

Gilmour insistiu que o álbum não era dedicado a Barrett, mas a faixa de abertura e a principal música "Shine On You Crazy Diamond" é claramente um tributo um tanto quanto disfarçado. A música foi desenvolvida a partir de um triste motivo de guitarra tocado por Gilmour no começo de uma peça de 26 minutos. Gilmour: "Eu desenvolvi sem querer. Mexeu com alguma coisa em mim e eu fiquei tocando. Obviamente funcionou por que Roger disse: 'Ei, o que você está tocando?'"

No meio do álbum, houve um boato de que Syd tinha sido visto do lado de fora da Harrods usando uma enorme gravata borboleta. Eles não prestaram muita atenção, pois já estavam acostumados às histórias sobre Barrett. Sendo assim, estavam muito despreparados para os eventos do dia cinco de junho, quando Gilmour percebeu uma figura gorda e com a cabeça raspada andando completamente aéreo no estúdio três da Abbey Road: "Esse cara andava em volta dos equipamentos. No primeiro momento, não prestei atenção, pois achava que era alguém da equipe técnica da EMI. Depois percebi que ele entrou na sala de controle. Ficou lá por muito tempo, enquanto nós nos perguntávamos: 'Quem é esse esquisitão?' Acho que fui o primeiro a reconhecê-lo."

Storm Thorgerson, que chegara para o casamento de Gilmour mais tarde naquele dia, lembra-se de Syd usando uma capa de chuva branca, sapatos brancos e uma bolsa a tiracolo. "Duas ou três pessoas choraram. Ele sentou-se e falou por um tempo, mas não estava realmente ali."

Andrew King, também convidado para o casamento, achou que Barrett parecia "o tipo de sujeito que te serve hambúrgueres num bar em Kansas City". E acrescentou: "Ele estava gordo e seu cabelo curtinho. Usava uma camisa esporte de manga curta e uma calça informal. O Pink Floyd recebeu aquilo muito mal. O que poderiam dizer? Mas todo mundo tinha problemas e eles sabiam que, pelo

menos, Syd ainda tinha bastante lucro.”

Jerry Shirley ficou igualmente chocado quando compareceu ao jantar de casamento no restaurante da EMI naquela tarde: “Sentado do lado oposto ao meu estava esse sujeito careca. Ele devia pesar cerca de noventa e cinco quilos. Enquanto eu comia, o sujeito me olhava de uma forma mais do que estranha e sorria. Pensei que era um louco Hare Krishna até que Dave, sentado a alguns lugares de mim, percebeu que eu estava incomodado e me fez um sinal. Fui até ele e ouvi: ‘Você sabe quem é aquele?’ Enquanto ele me perguntava eu olhava de canto de olho para o cara e algo no seu aspecto me fez perceber que era Syd. Fui até ele e perguntei como estavam as coisas. Ele estava rindo do fato de eu não o ter reconhecido. Syd passou o resto do jantar olhando para minha esposa de maneira perturbadora e acho que desapareceu da mesma forma misteriosa como tinha aparecido.”

Nenhum dos membros do Floyd viu Syd daquele dia em diante, mas, um mês depois, sua participação num festival nos palcos de uma mansão em Knebwoth, Hertfordshire, foi o lugar de mais um estranho incidente. A parte a ser tocada pela banda seria a execução completa das músicas de *Wish You Were Here*. Roy Haper cantou “Have a Cigar” como fez na versão do álbum. Segundo Harper, que também era agenciado pela Blackhill, uma série de fotografias foi tirada anteriormente naquele dia quando uma partida de críquete foi disputada entre Floyd e Blackhill no solo do festival.

Harper: “Quando as fotos circularam em Abbey Road, uma semana depois, alguém disse: ‘Meu Deus, é o Syd!’ Todos nós levantamos para ver e tive certeza de que realmente era ele. Aquele careca gordo estava em pé ao meu lado numa das fotos, mas ninguém conseguia se lembrar de ele estar presente naquela hora.”

Essa história foi agressivamente descrita por Gilmour com a seguinte declaração: “só mais uma história idiota. A ideia do espectro de Syd estar junto de nós é uma idiotice.” Mesmo assim, “o causo” foi contado por inúmeras fontes distintas e todos sabiam que Syd não teria dificuldades em sair de Londres e chegar a Knebworth. Além disso, considerando sua aparência física, o fato de ninguém o ter reconhecido não é surpreendente. Ele era o assunto de, pelo menos, uma das músicas do Floyd, então seria natural que quisesse ver a primeira performance pública da canção. Quando Roger Waters tocou “Shine on You Crazy Diamond” para ele em Abbey Road, dizem que Syd afirmara que a música soava “um pouco antiga”.

Waters explicou como a música se desenvolveu: “Foi muito estranho. Não sei porque comecei a escrever aquela letra sobre Syd. Acho que aquele motivo de guitarra feito por Dave era extremamente triste, mas foi num tempo muito anterior às gravações de *Wish You Were Here* quando o estado de Syd podia ser visto como um símbolo do estado geral do grupo, ou seja, bastante fragmentado.

“Fico muito triste por Syd. Claro que ele teve sua importância e a banda nunca teria existido sem ele, afinal foi o responsável por todas as primeiras composições. Se por um lado, nada teria acontecido sem ele, também não teria tido continuidade com ele. ‘Shine On You Crazy Diamond’ não é exatamente sobre Syd – ele é apenas um símbolo de todas as grandes ausências as quais as pessoas tem de aceitar porque é a única forma com que conseguem lidar com o quão triste é essa situação de completo abandono. Acho terrivelmente triste.”

O ano de 1976 é lembrado como o ano da explosão do punk rock e da destruição de valores e heróis tradicionais. Uma década depois do apogeu de Swinging London, era quase um crime tentar fazer uma conexão com os Beatles ou com os Stones – um crime que Malcolm McLaren usou como desculpa para tirar Glen Matlock do The Sex Pistols. Embora Johnny Rotten percorresse a Kings Road arrogantemente vestindo uma camisa na qual se lia “Eu odeio o Pink Floyd”, o próprio Syd estava longe de ser objeto de escárnio.

No início daquele ano, o diretor de arte do The Pistols, Jamie Reid, questionou o “expert em Barrett”, Bernand White, sobre a possibilidade de Syd ser o produtor do primeiro álbum da banda. Malcolm McLaren, o astuto empresário do Pistols, era um grande fã de Syd, que permanecia trancado na sua fortaleza de alta classe. Os Pistols foram igualmente mal sucedidos durante uma breve, porém tumultuada estadia em Chelsea Cloisters. Considerando a infâmia da banda, não surpreende a relutância de Syd em abrir a porta para a multidão de cabelo arrepiado liderada por McLaren.

Se por um lado Syd tentava escapar do The Pistols, por outro, desenvolvera o hábito de perseguir amigos e velhos conhecidos. O produtor Malcolm Jones encontrou Barrett fora da loja HMV e Jack Monck trocou algumas palavras com ele na Charing Cross Road. Numa ida a Harrods, Twink assustou-se ao encontrar Barrett numa escada rolante no sentido oposto. Em outra ocasião, Syd irrompeu no escritório de Jenner e King como se essa aparição inesperada não fosse nem um pouco surpreendente. Ele pediu, e recebeu, seu passaporte. Ninguém perguntou e nem ficou sabendo para que queria aquilo.

O sobrepeso de Syd fazia com que esses encontros casuais fossem mais

chocantes ainda. Ninguém conseguia acreditar que aquele menino esquelético tinha se transformado tão rapidamente.

O DJ da rádio Capital, Nicky Horne, tentou entrevistar Syd e depois declarou ao *The News of the World*: “Bati na porta e um cara gordo usando apenas calças de pijamas abriu a porta. Tinha raspado as sobrancelhas, então estava muito estranho. Achei que era algum tipo de cuidador. Ele me olhou e disse: ‘Syd não pode falar’. Quando contei isso a Dave Gilmour, ele disse que aquele cara deveria ser o próprio Syd e que estava falando a verdade, realmente não conseguia mais falar.”

Bernand White: “Tive que me sentar ao ver uma foto de Syd tirada nas sessões de *Wish You Were Here*. Tinha esbarrado nele apenas nove meses antes daquilo e a mudança foi inacreditável!”

A queda de Syd por Guinness, o aborrecimento e os enormes lucros que o permitiam jantar fora nos mais caros restaurantes de Londres foram as maiores causas do crescimento de sua cintura.

No verão de 1977, a ex-noiva, Gayla Pinion, fazia compras em South Kensington quando avistou Syd: “Ele estava fazendo malabarismo com uma lata de sopa Campbell e ficou rindo para mim. Estava muito mais gordo e o cabelo, curto atrás e dos lados.” A aparência de Syd fez com que Gayla se lembrasse de sua improvável ideia de seguir carreira médica: “Parado lá com camisa branca e paletó listrado, ele até parecia um médico.” Levemente assustada e sem conseguir acreditar que aquele era o homem com quem ela quase se casara, Gayla se preparou para deixar a loja: “Quando saí não pude deixar de chamá-lo. Ele deu uma balançadinha e disse: ‘Legal te ver por aqui.’”

A moça estranhou quando Syd a convidou para um pub, já que ele não era de beber muito quando estavam juntos. Depois de um pouco de cidra e umas doses inevitáveis de Guinness, ele a convidou para Chelsea Cloisteres e, mesmo receosa, Gayla aceitou a oferta: “Quando chegamos lá, vi que todas as cortinas estavam descosturadas, nenhuma janela aberta e o cheiro era horrível. No meio do quarto tinha uma enorme televisão.” Isso trouxe de volta muitas lembranças ruins e, recusando a xícara de chá, Gayla saiu rapidamente enquanto Syd vagueava pela cozinha.

Na primavera seguinte, o escritor autônomo Kris DiLorenzo produziu um artigo para a revista *Trouser Press*, inquestionavelmente o melhor trabalho desde o cuidadoso estudo de Nick Kent em 1974. Através do artigo, tomamos ciência das dúvidas que Jerry Shirley tinha sobre a possibilidade de Syd voltar a

compor: “Ele teria que voltar do planeta que tem habitado a tempo suficiente de alguém acreditar que está bem para realmente levá-lo aos estúdios de gravação.” Bryan Morrison, por sua vez, esclareceu alguns mistérios: “Ele não tinha nenhum comprometimento com nada nem ninguém. Mora num retiro rodeado por cerca de 25 guitarras. Raramente o vejo. Quero dizer, sei onde está, mas ele não gosta de ser incomodado; só fica lá sentado na dele, assistindo televisão durante o dia inteiro e engordando. É só isso que faz.” Perguntado se alguém conseguiria convencer Syd a gravar novamente, a reposta de Morrison simplesmente confirmou a triste previsão de Shirley: “Não, é impossível.”

Barrett estava firmemente estabelecido dentro de sua concha, mas isso não impediu a pioneira banda de punk, The Dammed, de tentar convencer Syd a produzir seu segundo álbum alguns anos depois. Captain Sensible e o resto da banda, fãs de Syd, torciam para que a presença do Madcap desse ao álbum uma certa tendência excêntrica e influência do Floyd inicial. Captain Sensible: “Durante os ensaios nós descobrimos que todos amávamos o trabalho de início de carreira do Pink Floyd, então nos aproximamos de pessoas que conheciam Syd, mas disseram que seria impossível de acontecer. No final das contas, acabamos fazendo com Nick Mason, mas ele não tinha nenhuma ideia.” Na sua biografia, *The Book of Dammed*, Carol Clerk descreveu *Music For Pleasure* como um “álbum triste e desesperado” e cita a banda afirmando que Mason não era a pessoa ideal para o trabalho: “Ele simplesmente não conhecia a banda, não entendia nossa energia. Além disso, as músicas não estavam fechadas e ele não nos orientou nesse sentido. Estávamos tentando entrar no mundo dele e ele tentava entrar no nosso, mas acabamos nos desencontrando. Foi uma grande decepção.”

O Pink Floyd demorou muito a perceber que, mesmo uma década depois da separação, nunca estariam livres da influência de Barrett. Perguntas sobre Syd eram obrigatórias em todas as entrevistas da banda. Rick Wright foi questionado sobre seu antigo companheiro de banda numa entrevista ao programa *The Pringle Show*, da rádio Montreal, em dezembro de 1978. “Ele (Syd) está, provavelmente, do mesmo jeito que esteve nos últimos sete anos, muito estranho. Não o vejo há anos. A última vez que nos vimos foi quando gravávamos *Wish You Were Here* e ele simplesmente apareceu. Não sei o que se passa pela sua cabeça porque ele quase não fala. Não consegue se conectar com ninguém. Não é que ele seja um vegetal, seu cérebro está sempre ativo, mas sempre em algum lugar diferente de seu corpo. Ele vive, literalmente, em outro planeta.”

Também foi perguntado a Wright se ele achava que o uso de drogas tinha contribuído para o declínio de Syd: “As drogas não causam isso. São apenas um catalisador, se você quiser colocar nesses termos. É preciso que já tenha algo no seu cérebro – algumas pessoas, por exemplo, podem tomar ácido todos os dias de suas vidas e ficarem bem. Sei que ele usou muito durante esse período, mas mesmo se não tivesse usado, ainda acho que teria acabado dessa forma, é isso! Mas, nunca se sabe. Não dá para saber. (Syd) foi se tornando cada vez mais próximo de um grupo de pessoas viciadas em ácido, nós tentamos evitar que ele seguisse esse caminho, porque víamos que o estava destruindo. Eles ganharam e nós perdemos, infelizmente.”

Roger Waters, que considerava exagerada a influência de Barrettt no período atual do Floyd, ficou exasperado devido aos incessantes pedidos de entrevistas. Numa delas, publicada em 1976 na *Street Life*, e que primeiramente aparecera na publicação mensal francesa *Rock Et Folk*, ele foi lembrado de que recentemente descrevera Syd como “desleixado, insolente, vazio e incapaz de criatividade”.

Waters: “Sério? Minha reação violenta é explicada pela enxurrada de fofocas e notícias de jornal que todo mundo faz sobre Syd. Nada disso teria sido levantado se ele tivesse tido algum sucesso ou se nós não tivéssemos tido nenhum. Da minha parte, nunca li nenhuma matéria inteligente sobre Syd em nenhuma revista. Nunca. Ninguém sabe realmente do que está falando. Só nós e as pessoas que o conhecem sabemos. Apenas nós conhecemos os fatos, como ele vivia, o que aconteceu a ele, por que fazia certas coisas... Todos esses jornalistas e suas besteira me fazem rir. Na realidade, eu escrevi aquela música ‘Shine On’ acima de tudo para ver a reação dessas pessoas que achavam que conheciam e entendiam Syd Barrett. Existe um sentimento sobre essa situação, não sei definilo, uma inevitável melancolia acerca do ‘desaparecimento’ de Syd... porque ele saiu, se retirou há tanto tempo que, até onde nós sabemos é como se não estivesse mais lá.”

Os anos de gastança estavam chegando ao fim para Barrett. O que antes parecia uma interminável fonte de lucros acabou secando, tornando impossível sustentar a estadia em Chelsea Cloisters. No ano seguinte, 1979, ele voltou para a casa de sua mãe em Cambridge, completamente falido.

A volta de Syd para casa coincidiu com a enorme onda de publicidade para divulgar o álbum do Pink Floyd, *The Wall*. O grupo levou “Another Brick in the Wall” ao topo das paradas de sucesso e havia especulações sobre Syd ter inspirado algumas das visões surreais de Waters. Quando um DJ de Nova Iorque

tocou o álbum de trás para frente, descobriu uma mensagem secreta, que muitos acreditaram ser destinada a Syd. Começava assim: “Parabéns. Você descobriu a mensagem secreta. Por favor, mande suas respostas para o Old Pink, aos cuidados da fazenda engraçada em Chalfont.” A banda não comentou o assunto e é mais provável que essa mensagem tenha sido adicionada por um travesso engenheiro de som ou por alguém que trabalhava na feitura dos discos de vinil.

Mas, como a versão em filme de *The Wall* acabou mostrando, há um elemento indiscutível retirado da história de Barrett na saga do herói Pink, interpretado por Bob Geldof, cujo despontar ao estrelado foi acompanhado pela decadência em direção à loucura.

Gilmour: “O personagem principal é baseado em todos os tipos de pessoas. Syd era a escolha conveniente para algumas histórias. Por exemplo, certa vez houve um incidente numa piscina de Los Angeles. Syd mergulhou, tirou suas roupas da Granny Takes a Trip e as deixou por três dias na beira da piscina.” No vídeo, Geldof se corta e deita-se prostrado na piscina do hotel, fazendo com que a água ficasse vermelha.

O álbum foi um sucesso de vendas. A EMI vendeu seiscentas mil cópias em quatro semanas apenas na Grã-Bretanha, onde o custo era de 8,35 libras cada. No final de janeiro, a conta já ultrapassava um milhão e duzentas mil cópias.

O abismo entre Syd e seus ex-companheiros de banda tornara-se maior. Enquanto o Floyd estreou *The Wall* na Los Angeles Sports Arena, contando com elementos como um porco inflável, uma animação e quedas de aeroplanos, Barrett escondia-se mais uma vez em Cambridge, vivendo quietamente com sua mãe numa outra parte da cidade. Pouco se ouviu falar sobre o Madcap em 1980, fora um rumor de que teria aparecido no estúdio da Abbey Road com guitarra na mão e intenção de continuar a carreira, apenas para ser dispensado, pois ninguém o reconhecera.

No ano seguinte, surgiram várias novas bandas que se baseavam na imagem e composição psicodélicas dos anos sessenta. Muitas delas citavam Barrett como a maior influência, incluindo a The Television Personalities, cujo líder, Dan Treacey, escreveu uma pequena e charmosa música para alguém que ele achava (erradamente) estar em perigo de se tornar um herói esquecido. “I Know Where Syd Barrett Lives” vendeu milhares de cópias, chegou às paradas de sucesso independentes e foi até lançada no Japão, com um erro de impressão: “I Know Where Syd Barrer Lives” – a resposta do fanático público consumidor foi sem precedentes.

A banda mandou uma cópia do disco – uma tentativa de imitar o estilo de Barrett – à família de Syd, que ficou tocada. No entanto, não ficaram tão satisfeitos com a publicidade duvidosa que o álbum despertou. O primeiro de todos foi o jornal *The Sun*, que disse aos seus crédulos leitores que o grotescamente gordo Syd Barrett estava vivendo no sótão da sua mãe e teria se aproveitado de uma das viagens de compras dela para descer sorrateiramente e pintar a geladeira de verde antes de retornar para seu esconderijo. Outro homem alegou ter visto uma figura conhecida tomando umas doses de Guinness no pub King's Arms em Cambridge. Quando perguntou ao *superstar* sobre o grupo que ele havia criado, ouviu como resposta: "Pink Floyd? Esse nome não me é estranho... Acho que eles me devem dinheiro."

Típicas histórias que cercavam o mito de Barrett surgiram naquele verão. O episódio da "geladeira verde" é o tipo de matéria sobre as quais os mitos se constroem – um exemplo de como um boato amplamente difundido pode ser tomado como verdade – e foi fielmente renovado durante os anos, normalmente quando os jornais musicais publicam listas como "10 Loucos do Rock em nossa era". Com o passar do tempo, esse episódio tornou-se tão importante no folclore de Syd quanto o incidente com mandrax em 1967.

A realidade era muito mais mundana. A saúde de Syd deixava muito a desejar. Passou algum tempo numa casa de saúde em Essex, mas apesar dos inegáveis benefícios para seu bem-estar, em apenas algumas semanas de volta à casa, ele voltava ao hospital para tratar uma úlcera. Sentindo-se melhor no verão de 1982 e tendo acumulado uma boa quantia de dinheiro de participação, voltou novamente a morar em Chelsea Cloisters. Seu retorno foi uma grata surpresa para o porteiro Ronnie Salmon em mais de um aspecto. Alegrou-se com a perspectiva de dinheiro das gorjetas e também em ver a transformação do seu antigo benfeitor: "Quando saiu daqui, estava gordo como um barril e sua cabeça totalmente raspada. Agora ele estava de volta como o Syd original, com o mesmo aspecto que tinha em 1974. Seu cabelo estava grande e ele estava bem magro. Eu lhe disse: 'Jesus, você emagreceu muito' e ele me respondeu que tinha tido uma úlcera estomacal."

A tão esperada bonança não aconteceu: "Ele ficou aqui durante algumas semanas e voltou para Cambridge sem nem se despedir. Nunca mais nos vimos desde então."

23.Wish You Were Here, cuja tradução é "Queria que você estivesse aqui" é o título do nono álbum do Pink

Floyd e também de uma de suas faixas. Especula-se que boa parte das músicas desse álbum seja em referência a Syd.(N.T)

24.Uma associação cujo nome em português seria: Sociedade Internacional de Apreciadores de Syd Barrett. (N.T.)

Capítulo 10

Herói Inesquecível

Sem que Syd soubesse, alguns jornalistas franceses seguiam seus passos. Passaram uma semana procurando por ele na capital, sem sucesso. Seguiram as pistas até Chelsea Cloisters e ficaram consternados ao descobrir que ele tinha deixado o lugar há um mês. Sem desistir, convenceram o corretor de imóveis a entregá-los uma sacola com roupas sujas de Syd, se oferecendo para devolvê-la. O plano deles era, no mínimo, engenhoso. Barrett tinha verdadeira aversão a entrevistas desde 1971 e agora eles tinham uma perfeita desculpa para encontrá-lo.

A fase final da grande busca por Syd Barrett iniciava-se com a chegada do grupo a Cambridge. Mas nem tudo ocorreu como planejado. Para começar, Syd e sua mãe haviam se mudado para outra parte da cidade e a "presa" recusava-se a cooperar fazendo uma de suas jornadas regulares pelas ruas. Abatidos pela crescente frustração, os detetives franceses mantiveram-se firmes na saga, mas quando encontraram o visionário do rock, seus nervos falharam. Inseguros sobre a recepção que os esperava, ficaram vagando pela rua de Syd durante alguns dias, com suas câmeras a postos. Isso provou ser um exercício inútil – tudo o que conseguiram foi perturbar os vizinhos, que naturalmente suspeitavam dos estranhos que observavam furtivamente do lado de fora de suas casas.

Eventualmente um deles se encheu de coragem e tocou a campainha da casa de Barrett, enquanto o fotógrafo que o acompanhava mal conseguia respirar de tanta empolgação. O que se seguiu foi descrito assim na revista francesa *Actuel*:

Uma sombra surge no final do corredor e se aproxima lentamente.
– Oi.
Nós dois estávamos surpresos com o encontro e nossas vozes tremiam

levemente.

– Eu trouxe sua roupa suja

SB: Ah, sim. De Chelsea! Sim...

Ele é um homem velho e cansado. Cabelo muito curto e com entradas, traços do rosto puxados, óculos e com os braços balançando. Magro e com pele opaca.

– Eu tenho tentado te encontrar; fui até Chelsea. Disseram-me que havia umas roupas e que você agora morava aqui com sua mãe.

SB: Muito obrigado. Você quer algum dinheiro? Eles te pagaram?

– Não é necessário, está tudo certo. O que você tem feito atualmente? Pintado?

SB: Não, acabei de fazer uma cirurgia, mas nada sério. Estou tentando voltar (a Londres), mas há uma greve de trens no momento.

– O que você faz no seu flat em Londres? Ainda toca sua guitarra?

SB: Não. Eu assisto à TV. Só isso.

– Você não quer mais tocar?

SB: Não, não mesmo. Preciso encontrar um novo apartamento lá. Mas não é difícil, só vou ter que esperar.

Constantemente olha para à bolsa com roupas, fica incomodado, fica sorrindo.

SB: Não achei que conseguiria recuperar essas coisas. E sabia que não poderia escrever cobrando. Eu estava evitando decidir se voltava até o flat só por causa delas. Minha mãe me disse que ligaria para o escritório. Obrigado de qualquer forma.

Ele ficou tentando terminar a conversa. Olhando para o jardim, procurando pela mãe.

– Você se lembra de Duggie?

SB: Hmmmm, sim. Não o vejo desde... Não vejo ninguém em Londres há muito tempo.

– Todos seus amigos mandaram um oi.

SB: Ah, obrigada... Isso é muito legal.

– Posso tirar uma foto?

SB: Sim, claro

Ele sorri, bate continência e ajeita seu colar.

– Bom, isso é tudo, obrigado.

Ele olhou para a árvore que ficava fora de sua casa. E não sabia mais o que dizer, então falei: "É uma linda árvore"

– SB: É, mas não agora... eles a cortam há algum tempo... antes, eu realmente gostava dela.

Do fundo da casa, sua mãe disse: "Roger, venha tomar um chá e cumprimentar meus amigos."

Roger virou-se para mim, em pânico.

SB: Bem, ok. Talvez nos vejamos novamente em Londres... Tchau.

– Sim, te vejo em breve... Adeus.

Ao sair, senti um vazio enorme. Foi isso. Estava tudo acabado.

Pessoas próximas à Syd acreditaram que a reportagem da revista francesa fosse verdadeira, pois incluía frases típicas que só Barrett usaria. O anticlímax sobre o qual fala o repórter era uma reação comum quando um fã fanático encontrava o "grande visionário do rock", como a revista francesa o chamou. Aqueles que sentiam a necessidade de ir atrás de seu ídolo buscavam por Syd Barrett e não pelo recluso Roger. A realidade era decepcionante.

Quando Luca Ferrari, da fanzine italiana *Dark Globe*, encontrou com Syd, ficou tão entristecido que imediatamente suspendeu a publicação. "Foi um verdadeiro choque porque ele não parecia coerente e tinha a fala confusa", disse um decepcionado Ferrari. "Seu cabelo tão curto... e a barba tão longa."

Numa entrevista à revista *Musician* em dezembro de 1982, perguntaram a Dave Gilmour o que ele achava dos fãs mais fanáticos de Barrett: "É triste que essas pessoas pensem que ele é um sujeito maravilhoso, uma lenda viva. Tem certas coisas dentro dele descontroladas, com as quais não consegue lidar e as pessoas pensam que é fantástico, uma maravilha, algo meio romântico. É muito, muito triste, uma pessoa tão legal e talentosa simplesmente se desintegrar. A história de Syd é uma história triste, romantizada por pessoas que não conhecem nada sobre ela. Fizeram dela uma coisa bacana, mas não é assim."

A busca interminável por Syd teve também seus aspectos cômicos. O sr. Sid Barrett, um pequeno fazendeiro idoso que morava perto de Downham Market, a 65 quilômetros, no noroeste de Cambridge, ficou perplexo ao receber inúmeros seguidores de Barrett. Em 1990, sua esposa relatou: "Isso acontece há anos. Recebemos carregamentos de cartas, assim como telefonemas da Itália, Estados Unidos e Noruega. Dá muito trabalho convencer essas pessoas de que estão ligando para o sujeito errado. Um italiano foi muito grosseiro quando disse que meu Sid era um fazendeiro. Há apenas uma semana, um DJ de Nottingham escreveu perguntando se poderia nos enviar algumas fitas. É bem engraçado,

pois meu Sid tem 72 anos, então é um pouco velho para ser uma estrela do rock. Ele tocava um pouco de piano quando criança e também canta no chuveiro, mas isso é tudo."

No início dos anos oitenta, a persistência desses seguidores levou o verdadeiro Syd a se isolar cada vez mais na direção de uma existência de anonimato total. Sua família percebeu que ele tornava-se seguramente mais recluso, restringindo suas saídas às lojas locais.

O lugar em que aconteceria o Cambridge Folk Festival era próximo e os Barretts estavam acostumados com fãs curiosos batendo à porta. Ocasionalmente, Syd deixava alguns entrarem e até os mostrava a casa, mas agora preferia ficar sozinho e, frequentemente, se recusava a atender a porta. Com a saúde cada vez mais frágil, sua mãe se mudou para ser cuidada por parentes, aprofundando o isolamento de Syd. Ele não tinha mais sequer telefone, tendo ele próprio desconectado o aparelho.

A revista *Rolling Stone* foi atrás de Barrett no porão em que ele vivia em Cambridge e o descreveu vivendo "como um personagem de suas próprias músicas". Libby Gausden teve a mesma sensação ao encontrar Syd num supermercado em 1985: "Eu disse que ele ainda era um herói para o mundo e que deveria voltar. Não pude deixar de pensar no que ele escreveria sobre si próprio alguns anos antes. Teria rido da pequena sacola de supermercado que ele carregava no guidão da sua bicicleta."

Joe Boyd elegeu "Bike" como "uma das melhores músicas de todos os tempos". Ironicamente, aqui estava Syd, usando uma bicicleta de forma assustadoramente similar a que ele descrevera na canção, para se transportar através de seu próprio mundo, cada vez menor. Libby recorda-se que enquanto eles conversavam, mesmo quando era adolescente, Syd era fascinado pela excêntrica solidão inglesa que ocasionalmente encontrava em Cambridge. "Arnold Layne" era um exemplo típico disso − uma música escrita sobre um sujeito esquisito, mas inofensivo, que roubava roupas íntimas femininas, apresentando um ponto de vista simpático. Syd podia não ter a atração de Arnold por furtar roupas íntimas femininas, mas seu estilo solitário fez Libby pensar automaticamente em seu personagem mais famoso: "Quando disse que ele havia se tornado Arnold Layne, ele inclinou a cabeça para trás e começou a rir como se fosse a coisa mais engraçada que tivesse ouvido. Achou aquela ideia hilária."

Os meados dos anos oitenta não produziram muitas notícias sobre Barrett, mas foi um período de publicidade sem paralelo e de grande prosperidade para o Pink

Floyd. O público da banda e a separação extremamente amarga foram despertados pelo lançamento de *The Final Cut*, em março de 1983. Rick Wright tinha brigado com Roger Waters depois de *The Wall* (álbum pelo qual não recebeu nenhum crédito) e deixou a banda − essa foi a primeira mudança de pessoal desde que Gilmour substituira Barrett em 1968. Os outros membros do Floyd pouco se envolveram com *The Final Cut*, que essencialmente foi um álbum solo de Waters.

No ano seguinte, todos os integrantes do Pink Floyd investiram em projetos solo. Dave Gilmour lançou *About Face* para o entusiasmo geral da crítica. Rick Wright se juntou com Dave Harris, antigo membro do Fashion, para formar um grupo decepcionante que teve vida curta, chamado Zee; Roger Waters chamou a atenção com o ligeiramente bem-sucedido *The Pros and Cons of Hitch-Hiking*, que tinha uma capa machista, e Nick Mason coproduziu seu próprio álbum, *Profiles*, com o antigo membro do 10cc, Rick Fenn.

Em abril, Dave Gilmour, que fizera uma turnê pela Europa promovendo seu novo álbum, tocou no Hammersmith Odeon, em Londres, tendo como convidado a banda The Television Personalities. Por razões que só eles saberiam explicar, o Personalities, após a execução não programada de “See Emily Play”, divulgou o endereço residencial de Syd, enquanto Gilmour soltava fumaça pelas ventas. O grupo acabou sendo substituído por Billy Bragg, cujo empresário era Peter Jenner.

Em novembro de 1986, Gilmour e Manson discordaram da opinião de que o Pink Floyd havia acabado ao emitir um comunicado dizendo: “Embora Roger Waters tenha saído em dezembro de 1985, o grupo não tem a menor intenção de deixar de existir. Pelo contrário, David Gilmour e Nick Mason, com Rick Wright e o produtor Bob Ezrin, estão gravando um álbum nesse momento.”

Waters lançou uma resposta rápida e irritada afirmando que o Pink Floyd era “gasto de força criativa” e começou a tomar providências legais. Nos tribunais, fez diversas malsucedidas tentativas de evitar o uso do nome da banda dizendo que: “No melhor de todos os mundos, meu público, o público do Pink Floyd, irá se virar e dizer: ‘Não, esse não é o Pink Floyd, a banda é mais do que isso’. Não, não deveria ser apenas uma questão de franquia.”

Waters deve ter tido um choque se achou que o resurgido Pink Floyd não sobreviveria sem ele. Depois do lançamento de *A Momentary Lapse of Reason* em 1987, os três homens do Floyd – acrescido pelo percussionista Gary Wallis, pelo segundo tecladista Jon Carin, pelo guitarrista Tim Renwick, o baixista Guy

Pratt, o saxofonista Scott Page e três mulheres como *backing vocals* – embarcaram numa turnê internacional, que, segundo a revista americana *Forbes*, arrecadou 67 milhões de dólares em apenas um ano. A turnê, mais uma demonstração de extravagantes efeitos especiais, mostrou que o Floyd ainda era uma das maiores atrações do circuito musical. A carreira solo de Waters – cujos destaques dos shows se assemelhavam ao repertório do Floyd – não estava nem próxima do sucesso.

Ciente ou não da rixa entre Waters e Gilmour em particular, a ironia não pôde ser descartada do personagem recluso que tinha criado o monstro. As opiniões de Barrett sobre o assunto permanecem desconhecidas, já que ele nunca discutiu o Pink Floyd, mesmo quando questionado por membros de sua família. Porém à memória ainda estava lá, e também um leve sentimento de amargura. Tempos depois de ter rompido todos os vínculos com o Floyd, Syd ainda se refeia a eles como “a minha banda”.

Em janeiro de 1988, a EMI lançou os álbuns da carreira solo de Barrett em CD. A revista *Q* escreveu: “Ele (Syd Barrett) tinha um dom natural para criar simples melodias e um modo hábil de cantá-las, ambos esses talentos foram reduzidos à autoparódia pelos dedilhados infantis de *The Madcap Laughs*, seu primeiro álbum em 1969. O segundo e último, *Barrett*, foi um esforço mais atraente e disciplinado, mas, já naquela época, a disciplina claramente não combinava com Syd. E, pelos padrões atuais, ainda soa muito desconexo afirmar que é uma relíquia de CD.”

Essa visão foi contrariada pelo dono de uma loja de música em Swindon algumas semanas depois, quando a sessão de rádio que Syd fez com John Pell em 1970 foi lançada pelo selo Strange Fruit. O jornal *Swindon Evening* noticiou: “Bem-vindo de volta Syd Barrett – novo herói da era do compact disc. Os CDs de Syd vendem como água em Swindon. O compacto com cinco faixas desaparece da única loja de CD da cidade assim que é colocado na prateleira. O dono da loja Victoria Road disse: ‘Estou no terceiro lote de *singles* de Syd Barrett. Quem poderia imaginar que o velho Syd venderia tantos discos?’ O CD foi feito numa sessão com John Peel há muitos e muitos anos e inclui as faixas ‘Terrapin’, ‘Gigolo’, ‘Baby Lemonade’, ‘Two of a Kind’ e ‘Effervescente Elephant’. Geoff disse: ‘As pessoas entravam na loja esperando ouvir as novas músicas disco tocando, mas eles ouviam Syd Barrett.’”

Uma nova revista de rock chamada *Strange Things* dedicou uma grande parte da primeira publicação ao “The Making of *The Madcap Laughs*” – uma versão

editada do livreto de Malcolm Jones publicado em 1982. A edição de abril de 1988 da *Q* continha uma análise sobre todo o catálogo do Floyd até então. Disponibilizado em CD, descrevia Barrett como "um compositor talentoso, singular e desequilibrado cujo dom se transformou numa supernova assim que pisou nos estúdios de gravação pela primeira vez".

No mesmo mês, a *Record Collector* publicou um artigo de Mark Paytress examinando toda a carreira de Barrett detalhadamente e especulando sobre possíveis lançamentos de álbuns de raridades. Era do conhecimento de todos que as diversas canções gravadas por Barrett e não lançadas estavam perecendo nos arquivos da EMI. Pelo menos duas circulavam ilegalmente e confirmavam a existência de mais material valioso. A primeira dessas, o EP *Vinyl Sessions*, mostrava uma versão alternativa de "Dark Globe", muito mais lenta do que a lançada, e ainda "Birdy Hop", "Milky Way" e "The Word Song", não lançadas até aquele momento.

As três faixas inéditas de *Barrett* também faziam parte de outro lançamento não oficial intitulado *El Syd*. Paytress lamentou a indecisão da EMI e afirmou que a bola estava com a gravadora, acrescentando: "É dolorosamente evidente que o mundo adulto pareça muito abominável e no geral irreal para Syd Barrett. Felizmente, ele deixou um fascinante legado de gravações, quase todas divulgando a melancolia pela simplicidade da infância, um mundo habitado por fãs com lantejoulas, pássaros ativos e pinças de plumas."

A EMI recebeu, durante anos, inúmeras ligações telefônicas, cartas e verdadeiras petições de fãs de Syd implorando pelo lançamento de qualquer material remanescente nos arquivos. Assim como a figura do cantor, os chamados "materiais perdidos" dos álbuns de Barrett também foram tomados por uma aura mítica, que ficava atrás apenas do suposto retorno dos Beatles. O resultado dessa pressão foi *Opel*, lançado em outubro daquele ano – uma compilação das músicas deixadas de lado nos dois álbuns solo de Barrett. Os produtores foram muito honestos em afirmar que não se tratava do terceiro álbum e sim do material que já circulava em péssimas versões piratas há algum tempo. No entanto, a inclusão da clássica faixa título e o fato das palavras e música de Syd nunca terem sido ouvidas com tamanha qualidade recebeu a aprovação de todos.

A crítica do álbum feita por Edwin Pouncey na edição de 29 de outubro do *Sounds* afirmava: "Também tem o bônus de duas faixas que eu nunca ouvi pirateadas, 'Dolly Rocker' e 'Lanky (Part 1)'. Ambas provaram não ser apenas

‘encheção de linguiça’, são clássicos de Syd Barrett. Para realizar uma iniciação ao mundo de Barrett seria melhor começar pelos álbuns oficiais antes de se aventurar nessas águas profundas e escuras. Porém, para os já bem versados nessa tradição, podemos usar as palavras do próprio Syd.... ‘Cai dentro’.”

A revista *Q* comentou: “*Opel* não é o tipo de álbum que fecha o ciclo das lendas, mas sim instigam futuros lamentos sobre sua prematura passagem.”

O DJ da Radio One, Nicky Campbell, foi um dos poucos a transmitir faixas de *Opel* durante a programação. A seguinte entrevista foi ao ar no seu programa noturno em 27 de outubro:

NC: Na linha com Cambridge, estamos com Paul Breen. Paul, muito obrigado por se juntar a nós nessa noite. Qual é o seu relacionamento com Syd Barrett?

PB: Syd é meu cunhado, é irmão da minha esposa.

NC: Então você é casado com a irmã de Syd?

PB: Sim.

NC: Claro, né?! Muitas pessoas querem saber, o que Syd está fazendo agora?

PB: Bem, ele está vivendo aqui em Cambridge e, ao contrário do que todos pensam, não mora dentro de um barril. Está morando numa casa geminada no subúrbio de Cambridge.

NC: E ele tem quantos anos agora? 43?

PB: 43 ou 44. Não tenho muita certeza, mas é por aí.

NC: Você o descreveria como uma pessoa reclusa, não?

PB: Acho que a palavra “reclusa” é um pouco forte. Seria mais verdadeiro dizer que aprecia a própria companhia mais do que a de qualquer outra pessoa.

NC: Tem muito tempo que ele não toca música, ele ainda tem uma guitarra, toca alguma coisa ou compõe?

PB: Não, ele não toca mais nenhum instrumento musical. Não se interessa por compor. Atualmente, apenas acumula sua energia. Começou a interessar-se, mais uma vez, por pintura, que fora seu principal interesse no início dos anos sessenta.

NC: Claro, porque ele tem uma base vinda da escola de artes, né?

PB: É, isso mesmo.

NC: E ainda tem muitos parentes vivos, além de você?

PB: Sim, ele tem dois irmãos e duas irmãs e sua mãe ainda mora em

Cambridge. Ele leva uma vida normal. Provavelmente a encontra duas ou três vezes por semana, na casa dela ou fazem algumas compras juntos – você sabe, um modo de vida muito comum.

NC: Ele nunca é reconhecido?

PB: Raramente. Acho que quando foi uma figura pública notória tinha vinte anos e seu cabelo diminuiu muito desde então. Ele seria reconhecido por alguém que o tivesse conhecido há vinte anos, mas provavelmente não por pessoas que acabaram de saber quem ele é ou por aquelas que tenham como referência as capas dos álbuns ou os tempos áureos do Top of the Pops.

NC: Ele mantém algum tipo de contato com os membros do Pink Floyd?

PB: Que eu saiba, não.

NC: E como ele enxerga os anos sessenta e seu papel nessa época?

PB: Acho que essa é uma parte da vida que, atualmente, ele prefere esquecer. Teve experiências ruins e, felizmente, superou as adversidades e é capaz de levar uma vida normal em Cambridge.

NC: Então – essa é difícil de responder, mas tenho certeza de que muitas pessoas querem saber a resposta – Syd está feliz?

PB: Sim, ele está feliz. Está sentindo um nível de satisfação como não sentia desde antes de se envolver com o mundo da música. Está se interessando por coisas novas, sua pintura em especial, que vai progredindo com o passar dos anos.

NC: Bem, sei que ele não fala com a imprensa e não o culpo por isso, mas se você o encontrar, Paul, transmita nossos melhores sentimentos.

PB: Pode deixar, Nicky.

NC: E diga que ele ainda é muito apreciado pelas músicas que fez.

PB: Ok, vou dizer.

Apesar da transmissão dessa entrevista, muitos acontecimentos estavam prestes a quebrar temporariamente a tranquilidade de Syd. Com seu apetite aguçado pelos boatos extravagantes que rondavam o Madcap, o *The News of the World* enviou o repórter Mick Hamilton para procurá-lo.

Na Grã-Bretanha, aquele verão foi marcado pela ascensão da Acid House, um estilo musical e comportamental divulgado pela mídia na indústria de massa. Grandes selos apostaram nesse tipo de música, as lojas da High Street lançaram acessórios de moda seguindo essa tendência e jornais moralizavam sobre drogas. Anteriormente, os discos do Pink Floyd estavam entre os tocados por toda a noite durante as festas Acid House. O repórter Mick Hamilton tentou usar

Barrett como símbolo do grande perigo para a juventude da nação.

Em setembro, o *The Sun*, jornal parceiro do *The News of the Wolds*, apresentou o "Guia da Moda Acid House". Em seguida, numa típica mistura de ingenuidade e ignorância, deu as boas vindas ao cenário "moderno e maneiro" apresentando um "guia das gírias" e uma oferta de camisa. Mas alguém no jornal tardiamente percebeu que "ácido" poderia se referir a LSD e que a palavra "êxtase" vista em muitas camisas Acid House era de fato uma referência à "enlouquecedora droga sexual", disponível em muitas das festas nos armazéns. Por volta de outubro, o *The Sun*, previsivelmente, encenou uma mudança completa de opinião e manchetes do tipo "Matem esses demoníacos barões do ácido" e "O Maligno Êxtase" tornaram-se lugar-comum nas suas capas.

A reportagem de página dupla feita por Hamilton sobre Barrett foi publicada na época do retrocesso da Acid House e terminava com a logo do movimento, um desenho de uma carinha sorridente. O jornalista disse aos leitores que Syd não conseguia sequer pronunciar duas palavras. Com o passar dos anos, os vizinhos de Barrett tornaram-se cada vez mais protetores para com ele, e, raramente, se é que alguma vez aconteceu, concordavam discutir a situação com os curiosos. Ainda assim, Hamilton teve a maravilhosa sorte de cruzar com um vizinho (anônimo, é claro) que prontamente o encheu de suculentas histórias. Disse que era possível ouvir Syd latindo como um cachorro dentro de casa. Em outras ocasiões, ele gritava como um lunático: "Só Deus sabe o que acontece lá dentro. Ele passa longos períodos sem sair de casa." Tirando essas revelações sensacionalistas do marcante e loquaz vizinho, o artigo inclui uma foto instantânea de Syd vestido "como um mendigo sujo" em jeans esfarrapado. Julgando pela pose de Syd nessas fotografias, parecia que o fotografo do *The News of the World* atacou assim que Syd estava colocando o lixo para fora de casa.

Quaisquer que fossem a moralidade da situação e as questões éticas envolvidas, a publicação do artigo trouxe Syd de volta ao centro das atenções. *The News of the World*, cujo discurso em 1967 havia, sem intenção, ajudado a lançar Syd Barrett ao estrelado do rock, persistia no ataque, mesmo vinte anos depois.

As causas do colapso de Syd Barrett e seu gradual sumiço são muitas e variadas. Ele é frequentemente classificado como uma vítima do ácido, mas a razão verdadeira é muito mais complexa. Desde cedo, era extremamente atraente e carismático, mas suas tendências anarquistas beiravam à obcessão. Uma ideia de seu complexo psiquismo pode ser encontrada no perfil da *Disco and Music*

Echo, de 1967. Ele revela que Barrett acreditava na total liberdade, odiava impedir ou criticar os outros e desprezava aqueles que o faziam. Gostava muito de dizer que todos os "intermediários" (produtores de discos, engenheiros de som, executivos e etc) eram ruins e deveriam ser eliminados.

Quando tinha 16 anos, descobriu os Beatles e foi tomado pela ideia de se tornar um *popstar*. Ele não acreditava em nenhum modo de disciplina. Então, qual melhor modo de transcender as regras mesquinhas da sociedade do que se tornar um famoso *popstar* com dinheiro suficiente para fazer o que lhe agradasse? Significativamente, os problemas de Syd só começaram quando seu sonho foi alcançado. Durante toda sua existência, ansiou por uma vida sem restrições, mas como celebridade as coisas não eram muito diferentes e, em muitos casos, eram até piores. Tinha dinheiro, lindas garotas e roupas coloridas, porém, ainda esperavam dele um comportamento específico – um novo conjunto de regras nem um pouco bem-vindo. Acima de tudo, o uso de drogas, que sempre foi muito intenso, cresceu na mesma proporção de sua fama. Ele era o lindo integrante do Pink Floyd, aquele que atraía a atenção das garotas e também o mais presenteado com enxurradas de LSD e mandrax. Uma personalidade mais estável talvez tivesse resistido a essas pressões, mas a frágil estrutura de Syd foi verdadeiramente tomada pela máquina do rock n' roll. A morte de seu pai quando ele tinha 15 anos e a consequente liberdade advinda desse fato ajudaram a constituir sua total falta de disciplina.

Como se isso não fosse suficiente, Syd também era o principal foco musical do grupo e o homem que os impulsionava. Enquanto seus problemas pessoais se multiplicavam, também aumentava a pressão para que produzisse um novo sucesso. Inevitavelmente, quanto pior sua condição mental, mais difícil era escrever músicas. Muitos achavam que a separação de Syd do Pink Floyd significaria um novo começo, mas o estrago já tinha sido feito.

As letras de Syd atingiram inquestionavelmente seu ápice em *Piper at the Gates of Dawn*. Quando *The Madcap Laughs* chegou às ruas, dois anos e meio depois, o momento havia passado. Como muitos pioneiros, Barrett descobriu que tinha sido ultrapassado e seu próprio controle de qualidade declinava.

Pete Jenner: "O verdadeiro problema de Syd era não conseguir articular seu ímpeto criativo. É muito difícil trabalhar sozinho. É muito, muito difícil não ter uma banda para dividir as ideias. Se, além disso, todos pensam que você é louco, fica mais difícil ainda."

Andrew King: "Sempre tive a sensação de que o momento de Syd seria breve.

É um pouco como John Keats. Todos seus poemas foram escritos num breve período de tempo.”

Rick Wright: “Se ele não tivesse tido um colapso nervoso, facilmente seria um excelente compositor atualmente. Considero o que aconteceu com Syd uma das histórias mais triste do rock n’ roll. Ele era brilhante e um cara muito legal.” (*Musican*, agosto de 1988)

Robyn Hitchcok, antigo líder da banda *cult* The Soft Boys, é frequentemente comparado a Barrett. Ele coloca a questão de outra forma: “Syd tinha um talento cru e não diluído, motivo pelo qual se esgotou rapidamente. O que o fez foi a mesma coisa que o destruiu.”

Talvez possamos afirmar que se Syd não tivesse se envolvido com o demônio do ácido sua carreira teria durado mais e é tentador acreditar que ele ainda seria uma atração do circuito musical atual. Jenner: “Eu realmente sinto que o ácido influenciou muito. Alguém com tanta imaginação, visão e talento artístico como Syd acharia muito difícil lidar com as coisas. Até onde consigo imaginar, esse certamente foi o momento chave em que a droga se estabeleceu. Naquela época, ele não tinha problemas – era só um cara legal.”

Pete Townshend: “Syd era uma pessoa com tendências psicóticas usando muito LSD, ou seja, se forçando ao limite. Lembre-se de que LSD foi desenvolvido para uso psiquiátrico em circunstâncias clínicas. Só usei ácido algumas vezes e foi muito perturbador. Também tinha tendências psicóticas e achei que era muito perigoso para mim.”

Em 1969, foi publicado um romance semiautobiográfico chamado *Groupie*, que se tornou um caso célebre. Escrito por Jenny Fabian e Johnny Byrne, o enredo baseava-se em confissões de uma fã londrina obcecada. Os capítulos iniciais giram em torno de Ben, o guitarrista do Satin Odyssey, que sempre usava tênis de ginástica como um tipo de protesto sobre o dinheiro que a banda arrecadava. Ben era visto pela heroína fanática Katie totalmente destacado dos outros três membros da banda e as pessoas insinuavam que ele era baseado em Barrett. Ela percebe que o personagem possui um “olhar brilhoso que vi em outras pessoas que viajaram muito num breve período de tempo”.

O interesse de Katie por Ben logo se torna uma obsessão e ela decide atraí-lo quando a banda toca em Oxford Summer Ball. Sua primeira tentativa de sedução, num bote sobre o rio, falha, mas quando chega a hora, Katie dá um jeito de entrar na van do grupo e atrai Ben para seu apartamento em Londres, onde ele devidamente se torna outro enfeite em sua cabeceira. Seu triunfo dura

pouco, pois logo em seguida Ben surta completamente, aparecendo num show com uma cara pálida e todo suado. Ele quase não consegue tocar uma nota no palco e os amigos irritados dizem a Katie que “a cabeça dele explodiu de tanto ácido que tomou”.

Katie narra: “Depois da primeira parte, Ben disse que queria sair do clube e sentar num lugar calmo. Nós pegamos um táxi em direção ao meu apartamento, prometendo voltar para a segunda parte do show. Ele se restabeleceu e começou a falar de todas as pessoas que estavam menosprezando o grupo só porque eles tinham alcançado o sucesso. Eu disse que sempre haveria pessoas assim, mas ele acreditava que o grupo tinha se esgotado e não coseguia mais associar o que queria fazer com o que estava fazendo de fato. ‘Questões comerciais não combinam com um artista devotado’, ele disse.

“Eu queria ajudar, mas não entendia qual era o problema. Eles estavam num momento de experimentação, com novas ideias musicais e não havia nada que Ben não pudesse fazer caso se empenhasse pelo menos um pouco. Eu simplesmente não entendia. Era como se sua mente estivesse pegando fogo na minha frente. Ver aquele lindo músico, tremendo e expressando copiosamente sua tortura e misérias, era algo inacreditável. Ele parecia ter pedido a ligação com a realidade e não há como convencer alguém naquela situação. Então, fiquei em silêncio e ouvi. Quando chegou a hora de voltarmos ele ergueu-se em silêncio e foi cumprir a segunda parte do show. Dessa vez não disse nada sobre seu problema, nem sobre o que estava sentindo. Subiu ao palco, calado, pálido e suado, e sentou-se no chão com a guitarra no colo. E assim ficou por toda a apresentação. Foi a última vez que tocou com o Satin e também a última vez que o vi. Partiu para algum monastério na Espanha para se encontrar. O Satin arrumou um novo guitarrista principal, restabeleceu-se e conseguiu continuar sem Ben. Para mim, a magia do Satin foi embora com ele.”

O conflito de Ben entre ser um artista devotado e o líder de uma grande banda pop ecoou nas lembranças daqueles próximos a Syd durante o inverno de 1967/68. A crise pessoal de Syd, o crescente problema com drogas e a separação do Pink Floyd coincidiram com o fim do seu longo relacionamento com Lynsey Korner. Uma combinação de fatores o privou da presença dela no momento em que estava mais vulnerável.

A antiga namorada de Cambridge, Jenny Spires, acredita que Barrett estava totalmente despreparado para lidar com a fúria da fama. Ele rapidamente começou a detestar a adoração dos fãs: “Era muito complicado para ele. Pode

soar terrivelmente brega, mas ele sempre se viu como um artista e todo o negócio do Pink Floyd foi algo terrivelmente distante dele. Ele nunca sonhou com o quão grande aquilo poderia ficar. Syd sempre fora coerente ao lidar com as pessoas e uma das coisas que detestava era como a fama o afastava de algumas pessoas e alterava o modo como elas o enxergavam.

"Havia um boato de que suas bebidas eram batizadas com ácido. Pode parecer difícil de acreditar, mas ele não era do tipo que exagerava – devia ser alguém que dava para ele. Ele não estava interessado em aparecer, nem particularmente entusiasmava-se em fumar aquelas misturas, mas aqueles parasitas ficavam incentivando. Essa é a terrível ironia. O mundo que o amava tanto, no final das contas, o destruiu."

Como Ben, Barrett simplesmente fugiu para tentar se encontrar. Embora ausente do cenário musical desde 1970, sua presença continuou sendo muito sentida. Marc Almond, da dupla Soft Cell, era frequentemente visto segurando os álbuns solo de Syd durantes os tempos de estudante de arte em Leeds e depois gravou "Terrapin" com a banda Marc and The Mambas. Julian Cope, do Teardrop Explodes, Robert Smith, do The Cure, e Dan Treacey, do The TV Personalities, todos disseram ter sido influenciados por Barrett.

Paul Weller do The Jam tentou fazer sua guitarra soar como a de Syd no louco solo do sucesso musical "Start" e mais recentemente The Jesus and Mary Chain tocaram o hino de desespero de Syd, "Vegetable Man". Outros fãs incluíam o Siouxsie and the Banshees, que declarou que "Arnold Layne" foi a maior influência de seu terceiro álbum, e The Clash que queria que Pete Jenner os gerenciasse. Robyn Hitchcok, cujo repertório de Cambridge e composição surreal levaram a inevitáveis comparações com Syd, desenvolveu certa loucura com relação ao Madcap. Ele disse à revista *Q* que as acusações sobre sua doentia obsessão para com Barrett eram, em grande parte, verdadeiras: "Eu realmente deixei sair do controle. Syd era mais do que apenas uma influência, ao ponto de ser como uma incorporação. Era bem sinistro. Era como se em algumas vezes em que eu estava compondo não fosse eu e sim esse outro cara. Houve vezes em que pensava: 'Meu Deus! Esse cara se empoleirou na minha cabeça'. Mas acho que agora já exorcizei isso."

Capitain Sensible: "Assim como o advento do punk, Syd era singularmente inglês e, de alguma forma, só poderia ter vindo de Cambridge. Quando eu escuto ele tocar guitarra, fico todo arrepiado."

Barrett é um dos mártires mais conhecidos do rock, mas também existiram

outros, como afirmou Nick Kent, que “propagaram um altar de ácido e sacrifício”. A história de Syd pode ser única, mas há similares desintegrações, como o líder do Beach Boy, Brian Wilson, a bizarra carreira solo do fundador do Fleetwood Mac, Peter Green, e o psicodelismo pioneiro de Roky Ericson, do The Thirteenth Floor Elevators.

Outra figura *cult* muito comparada a Barrett é Arhur Lee, a brilhante, mas errática força por trás da banda Love, de Los Angeles. Lee era, como vimos, uma grande influência para Syd, que usou as a sequência de acordes de “My Little Red Book” como o principal *riff* de “Interstellar Overdrive”. Lee debandou do Love no início de 1968, afirmando que o resto da banda “simplesmente não podia lidar com as dificuldades”. Na coletiva de imprensa para divulgar o fim do Love, o produtor Bruce Botnick descreveu Lee como “muito incomum” e afirmou que ele usava ácido 24 horas por dia.

Roky Ericson foi descrito como “a pessoa mais parecida com Syd Barrett nos Estados Unidos”. Viciado em revistas de comédia e terror na juventude, ele começou a produzir “You’re Gonna Miss Me” (em que ele foi descrito como se parecesse Eric Burdon) e músicas com títulos como “I Love the Sound of a Severed Head Bouncing Down the Staircase” e “Chop Chop Away Lizzie Borden”. Roky passou três anos num hospital psiquiátrico. Ele evitou pegar dez anos de prisão por posse de maconha, alegando inocência por insanidade.

Problemas de natureza bem distinta incomodavam Peter Green que escreveu os clássicos de Fleettwood Mac, tais como “Albatross” e “Mano of the World”, antes de abandonar o grupo no início dos anos setenta. Green era um homem com profunda consciência social que não conseguiu lidar com o fato de ganhar uma fortuna por tocar sua guitarra enquanto milhões morriam de fome em Biafra.

Amigos acham que ele nunca mais foi o mesmo depois que batizaram seu café da manhã com ácido durante uma turnê na Dinamarca. Seja qual for a razão, Green se distanciou do mundo da música e trabalhou por um tempo como coveiro. Lançou uma série de álbuns solo malsucedidos a partir de 1977 e aparecia oito horas atrasado para festas ou pedia vários pratos num mesmo restaurante só para ver como era a aparência. Em 1987, *Sunday Mirror* divulgou que Green estava vivendo como um vagabundo em Richmond. Suas unhas estavam enormes e seu longo cabelo fazia com que as crianças do lugar o chamassem de lobisomem.

No final dos anos oitenta, começou um surto de interesse pelo The Only Ones,

um conjunto punk influente da década anterior, cujo carismático líder, Peter Perrett, tinha uma misteriosa semelhança com Barrett. Como esperado, quando a banda se separou, Perrett caiu na obscuridade, aumentando ainda mais os rumores sobre seu paradeiro, como acontecera com Syd.

Nenhum desses músicos exerceu tão ampla influência quanto Barrett. Ele estava, usando um clichê, muitos anos à frente de seu tempo. Suas letras eram inovadoras e originais, distantes dos temas comuns da época, como amor e sexo. Inspirou-se em ideias dos motivos de guitarra do início dos anos sessenta, mas rapidamente desenvolveu um estilo pessoal e único. Era um tremendo improvisador. A tragédia é que o trabalho gravado de Syd se resume a apenas três álbuns e algumas gravações soltas. Essa produção tão limitada deixou os fãs clamando por mais.

Sua influência duradoura foi ilustrada pelo lançamento em maio de 1987 de *Beyond the Wildwood – A Tribute to Syd Barrett*, pelo selo independente Bam Caruso. O disco destaca várias bandas indie interpretando composições de Barrett, com variados graus de sucesso. A intenção era aprofundar o limitado corpo de trabalho ao invés de imitá-lo. Alan Duffy, um antigo fã de Barrett que compilou a seleção, disse: “É a mesma coisa com qualquer herói que não tenha um repertório muito vasto – você quer mais, mas não há. Então eu fiz a segunda melhor opção. Todas as bandas queriam retribuir a Syd a inspiração que ele as deu.” O álbum teve uma crítica positiva e vendeu mais de oito mil cópias.

A lenda que cercava Barrett continuava a crescer. A cada ano surgia um amontoado de novas histórias improváveis, porém, intrigantes. Um bairro ao sul de Londres foi o local para o mais recente relato dessa natureza. Começou quando autoridades foram chamadas num conjuntos de apartamento para lidar com uma queixa de barulho. Parecia que os residentes estavam enfurecidos com uma música alta que emanava do apartamento do topo. Os oficiais confrontaram um homem de boa fala, com cabelo ralo e olhar intenso que vivia sozinho cercado por guitarras e amplificadores.

O homem insistia que ele era “o mercado musical” e tinha inventado o rock n’ roll, mas tinha sido “deixado para trás”. Disse que se chamava Syd Barrett e convidou os oficiais para ouvirem algumas de suas músicas – oferta que foi recusada. Quando eles voltaram alguns dias depois, o misterioso morador e suas poucas posses tinham desaparecido.

Pete Townshend: “Syd é o exemplo de alguém que se mostrou uma grande promessa e poderia ter sido uma pessoa tremendamente inovadora. Um músico

dinâmico, cheio de energia, mas frustrado tanto por problemas psiquiátricos quanto por psicoses oriundas do uso
de drogas.”

Nick Kent: “Syd Barrett era simplesmente brilhante, compositor inovador cujo gênio foi de alguma forma amputado, deixando-o paralisado num solitário limbo, onde as únicas companhias eram a criatividade definhada e um tipo impotente de esquizofrenia.”

Roger Waters, que por anos viu Syd como uma ameaça – “devido a todos as merdas escritas sobre ele e sobre nós” – ainda se mantém emocionalmente envolvido. Ele disse ao jornal *The Observer* em 12 de julho de 1987: “Eu sonhei com ele ontem. Foi no início e ele já tinha saído, mas sentei-me com ele e conversamos. Foi uma sensação boa. Ele ainda dizia coisas que eu não conseguia entender, mas eu o apoiava e ele aceitava meu apoio. Ambos estávamos felizes.”

A enorme ironia é que um músico com a inquestionável habilidade de Barrett é lembrado principalmente por seus atos loucos, típicos de um lunático viciado em drogas.

Dave Gilmour: “Ele era uma dessas pessoas que realmente brilha, mas ninguém que se interesse por ele agora saberá disso, porque Syd se foi muito rápido.”

Em 1988, Nick Mason disse ao *Musician* que uma das razões pelas quais a lenda de Syd ainda existia era a “síndrome de James Dean, aquilo de não cumprir o que parece ser nosso destino”.

“Ele parece razoavelmente capaz”, Mason acrescentou, “mas certamente não conseguia mais ser funcional e não podia voltar a trabalhar. Existem milhões de pessoas por aí que adorariam ver Syd com um novo álbum, retornando e tudo mais... Eu simplesmente acho que isso está um pouco além dele.”

Epílogo

Quase vinte anos após sua última gravação ou composição, o interesse em Syd Barrett permanecia inacreditavelmente alto.

Em abril de 1992, um ano após a publicação da primeira edição deste livro, os autores receberam uma ligação surpreendente direto dos Estados Unidos. Do outro lado da linha estava Tim Sommer, um executivo sênior de Artistas e Repertórios da Atlantic Records, localizada na Sunset Boulevard, Califórnia. Ele apresentou uma proposta extraordinária para a família Barrett.

A prestigiada gravadora estava disposta a pagar duzentas mil libras por qualquer material novo de Barrett, não importando o quão básico fosse. “Se preciso, as gravações seriam feitas em casa durante poucas horas e Syd não precisaria se envolver em nenhum tipo de divulgação ou qualquer faceta do projeto”, disse Sommer, que agia por iniciativa própria, certo de que a Atlantic apoiaria sua ideia.

O executivo acrescentou: “Ele não precisa nem tirar fotos. Se aceitasse, seu único envolvimento se limitaria a arranhar algumas canções na sua sala de estar. As músicas poderiam ser de qualquer tipo, refletir qualquer estado de arte que Syd fosse capaz de alcançar – fragmentos, versões *à capela*, não-pop ou apenas totalmente instrumentais, se fosse o caso. Não tenho nenhuma expectativa, além de dispor de dinheiro para dar a Syd em troca de qualquer trabalho novo, qualquer que seja, gravado em fita.”

Tal oferta refletia o quão ávida a indústria fonográfica estava por se beneficiar do duradouro interesse em qualquer estrela cujo potencial não tivesse sido completamente esgotado. Ainda assim, era uma proposta que refletia respeito genuíno pelo artista.

Tim Sommer e a Atlantic deram sequência à abordagem inicial apresentando uma carta destinada à família Barrett que foi entregue aos autores desse livro e solicitado que a passassem para a irmã de Syd, Rosemary Breen. Eis aqui a proposta completa feita a ela:

Prezada senhora Breen,

Sei que fama e exposição pública nunca foram boas para sua família, e qualquer invasão de privacidade, especialmente quando envolvem indagações sobre seu irmão, deve ser muito difícil.

Como um fã de longa data de toda a música de Syd Barrett, eu devo, não apenas respeitar seu trabalho durante os anos de criatividade frutífera, mas também as subsequentes escolhas que ele fez.

Antes de mais nada, deixe que eu me apresente. Sou um executivo da Atlantic Records, uma grande gravadora com história longa e respeitável. A música do seu irmão tem sido grande fonte de alegria e inspiração para mim graças a sua tão frequente originalidade e honestidade dolorosa, um padrão que amiúde utilizo para julgar outros artistas.

Eu estaria interessado em discutir um pacote logístico e financeiro que torne possíveis novas gravações de Roger Barrett. Sei que essa é uma questão sensível e difícil e não tenho nenhuma intenção de envolver Roger ou sua família em qualquer ação do mundo musical nem passar dos limites invadindo suas privacidades.

Acredite: não tenho nenhuma intenção em "resgatar Syd", apenas gostaria de documentar qualquer música ou trabalho artístico que Roger seja capaz de produzir. Gravações podem ser feitas na sua sala durante uma tarde e a isso se resumiria toda a participação de Roger. Não espero nada remotamente comercial ou pop. Esse projeto não é convencional e por isso pode ter uma forma também não convencional.

Pelo direito de lançar novas gravações de Roger Barrett (como foi dito anteriormente, de qualquer natureza, exceto, é claro, aquelas que pudessem envergonhar Roger ou macular sua imagem), eu pagaria setenta e cinco mil libras. Esse valor, obviamente, seria um adiantamento de royalties e outras verbas que o disco venha gerar, pois há potencial para lucrar muito mais.

Não é preciso dizer que assumiríamos todos os custos de gravação e se ocorrer qualquer utilização do nome de Roger – por exemplo, se tivermos que comprar alguma de suas pinturas para a capa do álbum – honorários adicionais estão garantidos.

Sei que Roger e sua família tem pouco interesse na indústria fonográfica tanto quanto em lucrar com a fama e a lenda que o cercam. Mas talvez esse pacote distinto possa fazer com que vocês o considerem uma possibilidade.

Estou disposto a ir até a Grã-Bretanha para conversarmos mais a respeito dessa proposta. Também estou extremamente aberto a negociar qualquer aspecto dessa oferta, realizando alterações que se façam necessárias para a

viabilização do projeto. Talvez o que estou oferecendo agora, pagamentos decentes e garantia de privacidade, dignidade e simplicidade, nunca tenham sido oferecidos a vocês no tempo certo e da forma apropriada.

Sommer discorreu mais sobre a ideia numa conversa conosco: “Nós ficaríamos muito satisfeitos mesmo se o pacote incluísse apenas três ou quatro músicas”, disse. “Outro modo de executar o projeto, seria levar Syd a um estúdio local, cercado por músicos com quem tivesse empatia, apertamos o botão de gravar e vemos no que vai dar. Sem pensar muito, me vem à cabeça nomes como Peter Buck e Mike Mills do REM, e talvez Robyn Hitchcok, todos são amigos meus e topariam na hora.”

Sem dúvida, era um plano ousado, mas também astuto. Mesmo sem a participação de grandes nomes como REM, as primeiras novas músicas de Syd Barrett em quase um quarto de século certamente pagariam em questão de semanas todo o investimento da Atlantic.

Não foi uma surpresa quando a família Barrett recusou a oferta. Eles acreditavam que Syd estava muito mais feliz agora do que quando fazia parte do Pink Floyd. Estavam convencidos de que a causa mais importante para aquele contentamento era o fato de ele ter se protegido de todas as pressões do mundo da música e da inevitável exposição publicitária.

Mas Sommer não foi o único executivo cujo interesse fora provocado pela leitura de *Crazy Diamond: Syd Barrett e o Surgimento do Pink Floyd*. Um ano depois, Ted Shuttleworth, um produtor independente de Hollywood e da televisão, na época trabalhando para Lorimar (empresa responsável pelo seriado *Dallas*), garantiu por dois anos os direitos de filmagem da biografia de Syd, com planos de realizar uma grande produção cinematográfica dirigida pelo ex-colaborador do Pink Floyd, Peter Medak e produzida por Ridley Scott.

Ted Shuttleworth comentou: “Tenho muita fé em que a história de Syd, um dia, se tornará um filme convincente, hilariante, emocionante e, em última instância, surpreendente.”

E assim, os autores deste livro produziram um rascunho de roteiro juntamente com Shuttleworth, formado pela Universidade de Cinema de Nova Iorque em 1983, onde também estudaram nomes como Martin Scorsese, Brian de Palma e Spike Lee, entre outros.

No entanto, como acontece com incontáveis projetos cinematográficos, as

ideias esbarravam em questões legais e eram arquivadas. Os autores só souberam há pouco tempo que Roger Waters estava envolvido nessas ações.

O arquivista do Pink Floyd, Vernon Fitch, revelou: “Eu percebi que Roger Waters odiou o roteiro. Ted Shuttleworth me disse que Waters o ameaçou processá-lo se aquilo se tornasse um filme.” Aparentemente, Waters achou que o *script*, embora apenas um esboço, estava muito focado em Syd, não dando aos outros (Waters, principalmente) nenhum crédito por seus feitos.

Só Deus sabe o que Waters teria achado do segundo roteiro, novamente infrutífero, que a produtora P-Kino, de Nova Iorque, planejava realizar baseado na história de Syd e tendo como diretor Milos Forman, de *Um Estranho no Ninho*.

O falecimento de Syd renovou inevitavelmente o interesse em sua história e mais de uma empresa nos sondou sobre a aquisição dos direitos de filmagem de *Crazy Diamond: Syd Barrett e o Surgimento do Pink Floyd*. Então, talvez esse esquivo sucesso cinematográfico ainda se materialize. De fato, a estrela favorita dos tabloides, Johnny Depp, expressou interesse em interpretar Syd em uma possível produção futura.

Mesmo nos anos 90, a fama de Syd não mostrava nenhum sinal de fraqueza com o lançamento de uma caixa contendo 19 faixas desprezadas, mostrando o respeito que ele continua a inspirar.

O grande atrativo da caixa eram dez faixas *singles* do Pink Floyd e raridades nunca antes lançadas em CD. Milhares de fãs do Floyd compraram-na, fazendo de *Shine On* uma das caixas de CDs mais vendidas do ano de 1993. O primeiro disco da coletânea, uma joia de 33 minutos intitulada *The Early Singles*, incluía “Arnold Layne” e “See Emily Play”, nas quais a “genialidade” exclusiva de Barrett se sobressai. Neste mesmo CD também há os raros lados-B daqueles *singles*, o fracassado terceiro *single* “Apples and Oranges” e outros *singles* do Floyd inéditos em CD. Caso incluísse também as lendárias e vergonhosamente ainda não lançadas “Vegetable Man” e “Scream Thy Last Scream”, a EMI teria um “novo” produto verdadeiramente valioso que poderia ter lançado sem medo de críticas. Os fãs de Barrett só podem torcer para que a gravadora ouça os pedidos, como esse que fazemos, e, da próxima vez, faça o trabalho corretamente.

EMI se redimiu um pouco em 2001 com o lançamento digital remasterizado do trabalho solo de Barrett, profeticamente intitulado de *The Best of Syd Barrett: Wouldn’t You Miss Me?*

Mas o verdadeiro tesouro para os colecionadores foi a até então inédita gravação demo de “Bob Dylan Blues”, recentemente descoberta por David Gilmour na sua coleção pessoal de fitas. Contudo, novamente perdeu-se a oportunidade de atender o pleito dos fãs por “Vegetable Man” e “Scream Thy Last Scream”.

Assim como as faixas escolhidas de *The Madcap Laughs* e *Barrett*, a coletânea incluía “Two of a Kind”, da sessão de rádio com John Peel em fevereiro de 1970 e que não está mais disponível.

Regravada apenas alguns dias depois da sessão da BBC, a paródia “Bob Dylan Blues” demonstra que Syd ainda era capaz de escrever letras espirituosas, num ritmo simples, porém, cativante: “I’m a poet, don’t you know it, and the Wind, you can blow it...[25]”

James Oldham, da *NME*, aprovou, mas admitiu que a coleção não era fácil de se ouvir: “Essa sessão cede passagem a algumas das músicas mais cruas e pungentes lançadas, não apenas porque é basicamente o som de alguém tendo um colapso nervoso bem na sua frente. Comparada com os expansivos e pesados efeitos de som que Barrett inovou com o Pink Floyd, as músicas aqui são esparsas e desordenadas. Suas estruturas ingênuas e partes de guitarra quebradas só se salvam pela transparente vulnerabilidade de sua voz. É frequentemente uma experiência bonita – embora perturbadora – e você não consegue evitar pensar no que teria sido se ele tivesse conseguido se manter inteiro.”

Talvez o item mais bizarro lançado sobre Barrett e surgido recentemente tenha sido o lançamento de junho de 1993 de um filme mudo intitulado *Syd Barrett’s First Trip*, mostrando sequências de Syd devorando cogumelos mágicos pela primeira vez, em Gog Magog Hills, perto de Cambridge em 1966. Filmado pelo amigo de escola de Syd, Nigel Lesmoir-Gordon em 8mm, foi transformado em vídeo e mostra imagens de Syd numa pedreira brincando com cogumelos, colocando-os sobre os olhos e iniciando sua “viagem”. A segunda parte do vídeo era composta por algumas cenas feitas do lado de fora dos estúdios Abbey Road, em abril de 1967, e mostrava os membros do Pink Floyd brincando logo após terem assinado com a gravadora EMI.

É muito difícil de imaginar os atrativos comerciais de um filme mudo de apenas 12 minutos, mas poucos negariam que a primeira “viagem” de Barrett tenha sido um momento marcante na história do rock. Contudo, pelo que acabou desencadeando, foi também uma tragédia.

No início dos anos 90, Syd, ou Roger, como todos o chamavam a essa altura, era a antítese da estrela de rock dos anos sessenta mostrada na segunda parte do filme de Lesmoir-Gordon. Uma figura careca, gorda, vivendo com a mãe numa casa geminada em St. Margaret's Square, Cherry Hilton, raramente vista fora de casa.

Ao descrever esse modo de vida simples, Paul Breen afirmou: "Ele está melhor com a idade, como um bom vinho, e está feliz, dando andamento à sua vida. Realmente não encontra ninguém, tirando a irmã. Claramente gosta de ficar só, não demonstra muita emoção, e certamente parece estar confortável levando a vida desse modo.

"É claro que pensamos muito sobre a oferta da Atlantic, mas todos sentimos que, tirando o dinheiro, isso realmente seria prejudicial trazendo coisas de volta a sua mente e deixando-o confuso. Como finalmente ele alcançou um grau de satisfação com sua vida, a última coisa que queríamos é colocar isso em risco."

As únicas interrupções regulares da tranquila vida de Syd eram feitas por fãs fanáticos que ainda batiam na sua porta, à procura de traços do gênio que admiravam – ou pelo menos, para dizer a ele o quanto sua música significava para eles. Se Syd abrisse a porta, acharia a experiência um tanto quanto traumática e sempre pensava numa desculpa para encerrar a visita o mais rápido possível.

"Eu diria que ainda ocorre semanalmente", Paul Breen nos contou. "Ele simplesmente diz que não está interessado e bate a porta. Por alguma razão, a maioria vem do norte da Escandinávia. Não tenho a menor ideia de como eles descobrem onde ele mora."

Numa tentativa de frear essa maré invasiva, a seguinte carta foi publicada na edição de 26 de fevereiro de 1990 do jornal *The Guardian*, respondendo a um leitor que perguntava se Syd Barrett ainda estava vivo. Seu irmão mais velho, Alan J. Barrett, escreveu: "Qualquer rumor sobre sua morte é um exagero. Ele está vivo e feliz, morando em Cambridge. Passa a maior parte do tempo pensando, escrevendo e pintando. Não tem mais nenhum interesse em música e deseja ser deixado em paz para continuar com sua vida simples."

Contudo, com a permissão da família Barrett, os autores deste livro fizeram uma visita a Syd com o propósito de levantar material para essa obra.

Embora a família tenha dito a ele que o livro estava sendo escrito sobre sua vida, passada e presente, a primeira coisa que Syd disse foi que não seria capaz

de lembrar de nada da época do Pink Floyd. Mas Paul Breen sugeriu que uma visita, talvez pudesse ligeiramente fazê-lo falar dos dias idos.

O dia em questão foi o mesmo da final da Copa da Inglaterra e as ruas de Cambridge estavam desertas. Desprezando as convenções, Syd evidentemente escolheu o apito inicial para ir às compras – excelente oportunidade para preencher os estoques de tintas tendo poucas pessoas ao redor para perturbá-lo. Dirigindo por Cherry Hinton com medo cada vez maior, nos deparamos repentinamente com uma figura inconfundível vindo na calçada do sentido oposto. Era o Syd Barrett de meia-idade, um pouco corpulento e careca, parecia ter um leve sorriso nos lábios, por alguma razão.

Sentindo-nos desconfortáveis como um par de detetives de secunda classe ou o tipo de fãs fanáticos e histéricos, aos quais Barrett estava acostumado, realizamos um retorno brusco e, desesperadamente, descemos a rua procurando por nossa presa. As calçadas estavam totalmente desertas, mas Syd tinha executado seu mágico truque de desaparecimento que transformara a turnê do Pink Floyd em 1967 num espetáculo burlesco.

Novamente encostamos o carro para discutir nossa estratégia de aproximação. Deveríamos esperar por Syd perto de sua casa ou a visão de dois jornalistas espreitando avidamente poderia acabar com a escassa esperança que tínhamos de obter a primeira entrevista verdadeira de Syd Barrett em dezoito anos? Outra opção seria abandonar a perseguição e ao menos presentear nossos leitores com a história de nossa visão de Syd, ainda que breve.

Em questões de minutos, nossas mentes tomaram a decisão por nós. Um olhar casual à esquerda mostrou Syd a apenas nove metros de distância, emergindo de uma loja de materiais de construção com um pote de tinta em cada mão. Ao começar a caminhar, seu olhar malevolente parecia estar fixado no carro estacionado com dois ocupantes surpresos. Será que ele sabia que estava sendo observado e planejava uma doce vingança com um ataque de tinta ao veículo que atrapalhava seu caminho? Mas não, ao invés de provocar um confronto com respingos de tinta, a figura poderosa virou abruptamente à direita e continuou caminhando pela rua, indo na direção de onde tínhamos vindo. Observando através do espelho retrovisor, ficamos imediatamente impressionados pelo seu modo de caminhar tão frequentemente descrito por seus conhecidos. Ele andou pela rua parecendo equilibrar uma bola nos pés até sumir da nossa vista num clássico desaparecimento gradativo como nos filmes de Charlie Chaplin.

O que fazer agora? Depois de alguns minutos de breve perseguição, decidimos

dar a volta e nos dirigir até a rua sem saída onde Barrett morava há mais de uma década.

A casa era silenciosa e aparentemente vazia, mas a tentativa de bater à porta foi de encontro às pernas bambas. A porta balançou, levemente entreaberta – não mais do que poucos centímetro –, e o antigo rei do Middle Earth espreitou com olhar examinador pelo batente. “Olá senhor Barrett. Nós somos Pete Anderson e Mike Watkinson e estamos nos esforçando para escrever a história da sua vida. Será que o senhor poderia nos ceder alguns minutos do seu tempo? O livro ficará incompleto sem seu depoimento.”

Ele ficou parado com a cara amarrada. Depois de alguns tensos segundos, murmurou: “Não, eu não sou ele – Eu não moro aqui, estou só passando um tempo.” Nesse momento, sua expressão confusa tinha sido substituída por uma de distinto sobressalto. Após um silêncio desconfortável, ele virou vagarosamente para a direita e fechou a porta calmamente. Nem se despediu. Como tantos outros antes de nós, nossas esperanças de uma entrevista com Syd Barrett foram frustradas.

Então, o que exatamente Syd fazia atrás daquela porta para levar tantas pessoas fascinadas a tentar espioná-lo?

Barrett, era evidente, ainda pintava – frequentemente grandes quadros com até 1,80m por 1,20m – mas destruía tudo o que ficava aquém de suas expectativas. Algumas vezes seu trabalho era interrompido por fãs que pulavam as cercas do jardim e corriam levando um dos seus pincéis que ficavam do lado de fora para que ele trabalhasse quando o tempo permitisse.

O trabalho como artista plástico de Barrett sempre foi muito admirado. Em setembro de 2004, uma de suas obras, feita enquanto estudava arte em Cambridge em 1963, foi vendida num leilão por 6.572 libras, mais de duas vezes o que o leiloeiro estimara.

A pintura sem título foi comprada por um indivíduo misterioso num leilão de memórias pop na Christie’s, em Londres. A identidade do vendedor também nunca foi revelada, mas a porta-voz da casa de leilões, Sara Hodgson, disse: “O vendedor conheceu o senhor Barrett nos anos sessenta e comprou o quadro numa exibição de arte de final de ano.”

Expandindo a vida de Barrett por detrás daquelas cortinas do subúrbio, sua irmã Rosemary disse ao jornal *Sunday Times* que a vida do irmão era “entediantemente comum”. Ele cuidava de si próprio, da casa e do jardim, fazia

compras básicas de bicicleta – invariavelmente trocando gracinhas com os lojistas – e frequentava lojas de materiais de construção para comprar madeiras, as quais levava para casa a fim de auxiliar na tentativa desajeitada, porém entusiasmada, de se tornar um faz-tudo. Certa vez Mary, a mãe de Roger Waters, até arrumou alguns trabalhos de jardinagem para ele, já que a mãe de Syd, Win, insistiu que ele precisava se manter ocupado. Ele trabalhou nisso por pouco tempo, mas tendo sido pego de surpresa por uma tempestade, teria abandonado as ferramentas e nunca mais voltado.

Cozinhar era outro hobby e com o passar do tempo Syd havia se transformado num "especialista" em curry. "Ele tinha alguns passatempos", Rosemary revelou. "Tirava fotos e, às vezes, íamos ao litoral juntos. Frequentava regularmente os jardins botânicos e o jardim de dálias em Anglesey Abbey, perto de Lode. Mas é claro, sua paixão era a pintura."

Rosemary era da opinião que seu irmão produzia um tipo único de arte conceitual. "Ele fotografava uma flor específica e pintava um enorme quadro a partir da fotografia. Então fazia um registro fotográfico da pintura, antes de destruí-la. De algum modo, isso era característico do modo como ele encarava a vida. Quando algo tinha acabado, não tinha mais volta. Ele não sentia necessidade de revisitar aquilo."

Até onde a irmã caçula de Barrett sabia, essa era a razão pela qual ele evitava qualquer contato com fãs e jornalistas. Ele não conseguia compreender o obsessivo interesse em algo que havia acontecido num passado distante e turvo. E também não tinha vontade de interromper "suas próprias meditações" pelo bem deles. Ela acreditava que mesmo que esse comportamento o fizesse parecer absorto em si próprio ou até mesmo egoísta, o estigma que o envolvia era consequência apenas de as pessoas projetarem na lenda de Syd suas próprias frustrações. "Ele sabia o que eles queriam", disse Rosemary, "mas não estava disposto a dar a eles".

Talvez surpreendentemente ao virar as costas para sua própria carreira, a música tenha permanecido importante para Syd. O *Top of The Pops*, que já assistia quando ainda era um *popstar* iniciante, permaneceu sendo seu programa favorito por muitos anos e ele também utilizava bastante o aparelho estéreo que a irmã lhe dera pelo seu aniversário de 56 anos. As preferências de Syd eram amplamente clássicas, embora ainda gostasse de ouvir Booker T., The MGs e The Rolling Stones, bandas que tinham despertado sua imaginação há muitas décadas. Não mostrou nenhum interesse na compilação do Pink Floyd *Echoes*.

Quanto a *Omnibus*, documentário televisivo sobre sua vida e carreira despedaçadas, Syd não só assistiu como aparentemente gostou bastante, embora tenha comentado com Rosemary que achou “um pouco barulhento”. Mais surpreendente ainda foi o fato de, em 2002, ter concordado em assinar 300 encartes para o livro de fotografias de Mick Rock tiradas quando seus problemas mentais estavam começando. (Ele assinou simplesmente “Barrett”, mostrando que continuava a se afastar mentalmente dos dias em que era chamado de Syd).

Próximo do fim da sua vida, Barrett se livrou de sua televisão, acreditando que tinha se tornado desnecessária e uma distração que tirava energia de seus quadros e outros trabalhos criativos. Embora nunca tenha perdido a paixão inicial pelo Rolling Stones, eventualmente parou de assistir *Top of the Pops*. É um fato um tanto irônico o último episódio do programa de pop ter ido ao ar no mesmo mês em que Syd morreu.

Até os anos 90 ele fumava bastante, mas sua família afirmava que ele cuidava muito bem de si mesmo.

Segundo um artigo da revista *Observer*, assinado por Tim Willis, autor da biografia *Madcap*:*The Half Life of Syd Barrett* (2004), as circunstâncias do último retorno de Syd a Cambridge foram interpretadas por sua família como um “grito por socorro”.

Embora tenha passado um breve período no hospital psiquiátrico Fulbourne, em Cambridgeshire, nunca passou por qualquer cirurgia para tratar de sua saúde mental ou sequer tomou medicamentos psiquiátricos regularmente. (Embora Willis tenha sugerido que, durante o tempo que ficou internado em Fulbourne, ele tomava remédios antipsicóticos à base de Clorpromazina para controlar os excessos de raiva.)

Barrett concordou em experimentar outras formas de tratamento e, no início dos anos oitenta, passou uma temporada em Greenwoods, um retiro residencial em Essex onde fez diversas sessões de terapia. “Nessa casa para almas perdidas, ele tentou terapia em grupo e outras formas de processos terapêuticos e ficou muito satisfeito”, continuava o artigo da *Observer*. “Mas depois de um insulto imaginário, foi embora – novamente em direção à casa de Win.”

Nesse encadeamento de eventos, Willis reportou que Win, com a saúde cada vez mais debilitada, mudou-se para a casa da filha Rosemary e de seu marido Paul Breen, segundo Mary Waters, “porque ela tinha muito medo dos rompantes de Syd”.

Foi sugerido que Barrett sofria de Síndrome de Asperger, uma forma de autismo, na qual o indivíduo mostra deficiência em habilidades sociais e dificuldade de lidar com mudanças. Os portadores frequentemente apresentam rotinas obsessivas e podem se preocupar com um específico tema de interesse. Além disso, são extremamente sensíveis a barulhos e luzes que nenhuma outra pessoa é capaz de ouvir ou ver.

Willis notou que Barrett parecia imune a pensar em qualquer coisa que não o afetasse diretamente. “Ele manteve coelhos e gatos por um tempo, mas esqueceu de alimentá-los, então eles tiveram que ser recolhidos e levados para clínicas. Daí em diante, o único contato íntimo que ele manteve foi com Win e Roe. Exceto esses relacionamentos, ele parecia ter perdido o hábito – e se tornado desconfiado – do contato humano, limitando-se a encontrar vendedores de lojas e seu solidário clínico geral.”

No início dos seus cinquenta anos, Barrett foi diagnosticado com diabetes e deveria seguir uma dieta alimentar restrita bem como fazer uso de medicação. Claramente ficou um pouco reticente quanto a tomar os comprimidos e isso só deve ter agravado sua condição física nos últimos anos de vida.

Em 1989, Paul Breen declarou: “Ele não pinta mais com a mesma frequência que costumava e suas últimas peças de arte tem sido surpreendentemente tradicionais, uma casa de campo, um vaso de flores, nada de natureza abstrata. Suas obras têm um padrão muito bom e revelam enorme talento latente. Houve algumas conversas sobre colocá-las em exibição em Cambridge, mas nunca levamos isso adiante. Só consideraríamos essa possibilidade se o dinheiro estivesse curto, mas, felizmente, ele ainda tinha uma renda muito boa.”

Bem como a grande pensão por invalidez que Syd recebia desde seu colapso, o conjunto de músicas que produzira e gravara ainda garantia gordos cheques de participação graças aos CDs relançados do Pink Floyd, compilações recentes tanto da banda quanto de sua carreira solo. “Ele está bem confortável nesse aspecto”, disse Paul Breen. “Não deixo de me surpreender com a quantidade de royalties recebidos por alguém que não grava nenhuma música há 26 anos.”

Naquela época, Syd havia descoberto outra saída para seus talentos criativos. “Nesse momento ele está escrevendo *A História da Arte*, cobrindo todos os aspectos subjetivos”, Paul Breen nos contou. “Ele tem coisas muito interessantes escritas e também grande quantidade de material em seu computador. Não tem desejo algum em publicar, porque não se interessa por nada comercial. Está simplesmente escrevendo para se divertir.”

Aumentando o tormento dos fãs, o cunhado ainda revelou que Syd não havia esquecido completamente sua guitarra. Um dia, no final dos anos oitenta, Syd visitou Paul Breen no hotel em que o cunhado trabalhava. Enquanto estava sentado num escritório do lugar, a atenção de Syd se fixou no violão de Paul encostado no canto da sala. Por um momento, Breen teve que se afastar, mas quando retornou viu Syd "ninando" o violão e levemente dedilhando uma melodia. Percebendo que havia sido pego com a boca na botija, Syd derrubou o instrumento como uma batata quente, ficando encabulado.... O Madcap riu.

***

Não foi de se espantar que a morte da mãe aos 86 anos em 1991 tenha sido um duro golpe para Syd. Trinta anos atrás, o adolescente Roger tinha deixado a página de seu diário em branco no dia em que seu amado pai faleceu. Agora, a morte da pessoa que garantira estabilidade e segurança por toda sua vida fez com que ele rapidamente destruísse seus antigos diários e livros de arte.

O autor de *Madcap*, Tim Willis, afirmou que o enlutado Syd também arrancou uma árvore e a cerca da frente do jardim, colocando fogo em ambas. Embora isso tenha sido mais um ato de renovação espiritual do que de luto, teorizou Willis.

O encontro de Willis com Barrett no verão de 2002 mostrou-se tão inconclusivo quanto o nosso fora treze anos antes. Ao bater na porta da frente, o jornalista se deparou com a imagem do Madcap vestindo apenas um par de calças azuis. "Ele travou a porta com uma mão no batente e outra na fechadura", escreveu Willis. "Sua semelhança com Aleister Crowley26 no seu período em Cefalu era muito estranha e sua expressão tão acolhedora quanto..."

Syd claramente ficou irritado, pois Willis o interrompeu enquanto retirava erva daninha do seu jardim. Assim como havia nos dito que estava só de passagem pelo lugar em 1989, Syd disse a Willis que estava "apenas cuidando do lugar por um tempo". Quando foi embora, Willis ficou pensando que Barrett nunca realmente tinha estado naquele lugar.

O lançamento da melhor compilação dos trabalhos de Syd, *Wouldn't You Miss Me?*, rapidamente promoveu uma onda de buscas por Barrett em Cambridge.

O repórter do *The Observer*, Tom Cox, escreveu: "Provavelmente existem lugares melhores no mundo do que Cambridge para se tornar invisível, mas não se você for uma ex-estrela do rock com inclinações artísticas, estado mental duvidoso e frágil relacionamento com seu passado. Se você ainda for careca e

gordo, então esse é o lugar perfeito. Com uma população de cento e nove mil habitantes, a cidade combina o tradicional charme inglês com um toque de sofisticação, e ainda possui estudantes que realmente parecem estudantes. Mas entre academia, folhagem e gentileza, o que realmente você não pode evitar de reparar é nos sujeitos grandes e carecas – centenas deles, todos chegando a meia idade e pesando quase 90 quilos, caminhando pelas ruas, resmungando consigo próprios."

Cox foi diretamente para Mill Pond, um gramado perto de King's and Queen's Colleges, onde Syd costumava passear nos anos sessenta e, segundo uma das fontes do repórter, ainda fazia piqueniques.

"Devido a todas as minhas reclamações sobre o exército de amantes de Syd, eu andei pelo lugar apavorado com a ideia de encontrar um deles", Cox escreveu. "Um grupo de estudantes alegou ter um amigo que o tinha visto num pub perto de algumas residências. Um assistente de uma loja de discos que visitei falava orgulhosamente sobre Syd, mas não mostrou nenhuma evidência de sua existência. Aproximei-me de outro grande homem careca: agressivamente ele murmurou alguma coisa sobre peixes."

No final das contas, não ficou claro se Cox chegou a achar Syd, mas seu relato sugeriu isso em diversos momentos:

E aqui está ele! 'Com licença!', me dirijo à figura esférica que passava na minha frente resmungando. 'Eu estou escrevendo um artigo sobre Syd Barrett.':

— Quem?

— Syd Barrett. Ele era do Pink Floyd.

— Nunca ouvi falar dele. Ele é um daqueles rappers?

— Não, ele era um gênio psicodélico. Você é Syd Barrett?

— Me deixe em paz. Eu tenho que fazer uma salada de repolho.

Apesar do hábito de Syd de assistir ao *Top of the Pops*, certamente soa um pouco falso e talvez seja realmente improvável que o comedor de curry e amante de clássicos e Stones possa ser um fã de rap ou de saladas de repolho.

No entanto, Cox conseguiu achar e entrevistar Roger Waters e descobriu que os ex-colegas de banda também não sabiam de nada sobre Syd. "Nos últimos anos, soube pouca coisa sobre ele, sempre por meio da minha mãe, que ainda mora em Cambridge – coisas como ele ter se mudado, que voltou para a casa da mãe ou

que estava internado no hospital local", Waters relatou. "Mas eu não falo com ele desde 1975 quando apareceu sem ser convidado numa de nossas sessões de gravações."

Cox acabou revelando a Waters sobre o interesse de Barrett em escrever um livro sobre arte: "Sério?", exclamou Waters, parecendo emocionado. "Isso é fantástico. Ele deve estar bem melhor. Talvez eu vá visitá-lo um dia desses."

***

As histórias sobre Syd continuaram crescendo com o passar do tempo. Em 2005, Andrew Baker, jornalista esportivo do *Daily Telegraph*, teve um encontro intrigante num pub em St. John's Wood, não muito longe dos estúdios Abbey Road, onde o Floyd tinha gravado *The Piper at the Gates of Dawn* (e onde Syd quase enlouqueceu o produtor Norman Smith) quase quarenta anos antes. Baker estava sentado quando um homem de meia-idade gordo e careca perto do bar chamou sua atenção.

"Ele estava falando muito, mas não dizia nada", lembra-se Baker. "Tenho quase certeza de que disse que estava visitando os estúdios Abbey Road. Não estava falando diretamente com ninguém, mas resmungava para todos ouvirem sem fazer sentido algum. Ficava afirmando: 'Tenho que voltar, tenho que voltar, meu trem parte em minutos.' De repente levantou, foi até a porta, se virou e disse: 'Prazer em conhecer todos vocês – Meu nome é Syd Barrett.' E então, saiu porta afora. Não acho que alguém tenha prestado muita atenção, mas eu com certeza prestei. Tudo o que ele disse de repente fez sentido – mesmo que no momento em que o ouvíamos não fizesse sentido algum. Se ele tivesse mencionado Syd Barrett antes, com certeza eu teria me aproximado dele rapidamente."

Francamente, essa história também é difícil de engolir. Por que alguém tão fechado quanto Syd iria revelar sua identidade a um bando de estranhos num pub de Londres? O sujeito deveria ser um bêbado tentando se aproveitar da notoriedade de Barrett. Ainda assim, Baker tinha estudado em Cambridge alguns anos antes e se acostumara a avistar Syd ocasionalmente fazendo compras. Portanto, estava familiarizado com sua aparência, comportamento e o modo vago com o qual se dirigia às pessoas.

"Eu acho que era ele naquele pub, realmente acho", afirmou o jornalista. "Ele queria que as pessoas soubessem quem ele era e ao mesmo tempo não queria." Suas palavras atingiram muitas pessoas que se lembram de Barrett andando por Cambridge nos inícios dos anos setenta com suas roupas da Kings Road. Mesmo

naquela época, quando ele realmente queria ser reconhecido como um *popstar*, seu *alter ego* Roger quase não o deixava trocar poucas palavras com seus inseguros fãs. Notavelmente, rumores de ocasionais visitas de Syd a Londres, abundantes durante os anos, foram confirmados por Rosemary numa entrevista que ela deu ao *Sunday Times* na época da morte de Syd.

"Ele fazia viagens a Londres frequentemente", ela confidenciou. Será que a abertura dos estúdios Abbey Road ao público pela primeira vez levou Syd a pegar um trem para fazer uma última visita nostálgica? Por mais improvável que pareça essa história, Baker ainda está convencido de que perdeu o que, infelizmente, pode ter sido a última declaração pública de Barrett.

Ironicamente, Syd conseguiu viver mais do que Bernard White, o homem por trás da fanzine *Terrapin* nos anos setenta, que, talvez mais do que qualquer outra pessoa, pudesse afirmar ser o maior incentivador do Madcap, mesmo que sua implacável defesa da causa Barrett possa ter levado-o a se esconder ainda mais.

White, um homem com considerável intelecto e conhecimento enciclopédico sobre Barrett que durante alguns anos manteve o mesmo modo de vida recluso de seu ídolo, morreu em abril de 2004, aos 55 anos, apenas seis meses após ter se casado. Não se sabe o que aconteceu com sua imensa coleção de itens sobre o Madcap.

Durante uma tarde estranha, mas memorável, em que os autores deste livro passaram com White, o discípulo mais fervoroso do Madcap – na época, vivendo num apertado apartamento em Hampstead abarrotado até o teto de materiais sobre Syd – fez a impressionante afirmação de que Barrett tinha uma namorada que o visitava com frequência em Cambridge. Esse boato parecia não combinar com a reputação de Syd de esquisitão fechado que evitava qualquer contato humano. Portanto, concluímos que White estava enganado.

Despudorado por tanto ceticismo, White procurou em uma gaveta próxima ao armário e triunfalmente nos mostrou uma foto, supostamente tirada pela namorada de Syd, mostrando o Madcap embaixo de uma árvore com as pernas cruzadas como Buda, com um riso forçado no rosto. A foto, que teria sido rasgada durante uma discussão que White teve com a mulher, foi restaurada com fita adesiva e, sem sombra de dúvidas, mostrava Syd.

Julgando pela sua aparência física, a foto parece ter sido tirada no final dos anos setenta, mas White insistiu que era recente. Ele nos confidenciou que a mulher, vinda do leste europeu, trabalhava como garçonete em Hampstead e poderia concordar em dar entrevistas, uma esperança que tristemente não

frutificou. Quem realmente era a mulher e qual a real natureza de sua relação com Barrett são questões que nunca foram esclarecidas. A suspeita de que ela era uma fã desiludida que retratou um encontro passageiro como um romance legítimo não combina com a postura relaxada de Syd e o riso fácil que mostra a foto. Como tantas outras que cercavam nosso personagem, essa história estranhamente encantadora atingia uma parte de sua vida que ele com sucesso havia ocultado de todos – incluindo os membros de sua família.

***

O assunto do verão de 2005 foi o enorme concerto *Live 8*, em Londres, e o destaque do evento seria a reunião no palco dos membros do Pink Floyd – Roger Waters, David Gilmour, Rick Wright e Nick Mason – pela primeira vez desde 1981. Embora a banda tenha considerado brevemente convidar Syd para participar, a perspectiva de reencontrar seus antigos colegas de banda pela primeira vez em vinte cinco anos parecia não tocar o coração do Madcap. “Eu o encontrei hoje pela manhã e disse as novidades, mas ele nem reagiu”, Rosemary disse ao *Cambridge Evening News*. “Essa é uma outra vida para ele, outro mundo e outro tempo. Ele não é mais Syd, ele é Roger.”

Acrescentado que Syd não se incomodaria em ligar a TV para ver sua antiga banda reunida tocando ao lado de Sir Paul McCartney, U2 e Madonna, Rosemary afirmou: “Não há nenhum contato (com o Pink Floyd) e ele não quer que entrem em contato com ele. Ele está bem, muito bem. Faz trabalhos artesanais, ouve música e passeia.”

Um dos vizinhos de Syd afirmava que o ex-músico nunca fazia contato visual e comentou sobre o assunto: “Ele nunca nem diz a hora quando alguém pergunta. Eu talvez o veja apenas uma vez por mês quando sai para fazer compras, pegar o jornal ou comprar cigarros ou qualquer outra coisa, mas nunca falei com ele. Ninguém dessa rua já esteve dentro de sua casa. Vem gente de todos os cantos do mundo procurando por ele. Eles sentam na calçada em frente à casa, mas ele nunca abre a porta. Sei que ele está lá dentro, mas nunca fala com ninguém. Não acho que se interessaria em se juntar ao Pink Floyd. Eles terão que fazer o show sem ele.”

Se Syd tivesse se dado ao trabalho de ligar a televisão, teria visto Roger Waters dedicar “Wish You Were Here” a ele, um momento genuinamente afetuoso que seria lembrado como um dos pontos altos daquele dia memorável. “É muito emocionante estar aqui ao lado desses três caras depois de tantos anos e ter o

apoio de todos vocês", disse Waters. "Também estamos fazendo esse show para muitas pessoas que não estão presentes, em especial para Syd."

A relutância de Barrett em falar sobre o passado dissuadiu seus amigos de se aproximarem dele. Mesmo que tenha se tornado uma figura conhecida em Cherry Hinton devido às raras vezes em que se aventurava pelas ruas do lugar, o que queria realmente era não ser perturbado. "Frequentemente o vejo andando por Cambridge, mas nunca falei com ele", Clive Welham nos revelou. "Lembro-me de ter ficado atrás dele numa fila na farmácia, mas quando ele virou parecia que eu era invisível. Ele simplesmente parecia viver num mundo próprio e senti que tentar falar com ele seria a coisa errada a fazer. Mas acho que provavelmente ele não saberia quem eu era."

Contudo, não era possível ter certeza absoluta disso, como Tim Willis descreveu ao *Sunday Times* numa entrevista com Rosemary: "No início do ano, um velho conhecido nos viu na Robert Sayles, uma loja de departamento em Cambridge, e foi nos cumprimentar:

'Oi Syd, lembra-se se mim?', ele disse.

'Claro', replicou Barrett. Mas Rosemary cortou o diálogo dizendo: 'Roger está apenas querendo comprar umas gravatas hoje', e afastou o irmão do lugar. Hoje em dia ela admite que foi superprotetora."

Ao longo dos anos, os ex-companheiros de banda foram muito criticados por mostrarem pouco interesse pela saúde de Syd. A última vez que o viram foi no almoço de casamento de Dave Gilmour em junho de 1975. Mas a relutância do Pink Floyd em procurar por Syd não se resumia ao famoso ditado "os que os olhos não veem o coração não sente". Anos antes eles também concluíram que qualquer contato direto com Barrett diminuiria suas chances de atingir algum nível de recuperação mental.

Em 1996, Rick Wright disse ao entrevistador Mark Blake que Syd estava ficando cego devido à diabetes. "É muito triste", disse Wright. "Nós não o encontramos porque, aparentemente, quando ele se lembra do Pink Floyd, fica depressivo por semanas a fio. Há alguns anos, a mãe dele nos pediu para que permanecêssemos afastados. Na maior parte do tempo ele é bem feliz – ou era – mas nossos rostos podem levar a uma recaída.

"Será que sempre foi assim ou tudo isso aconteceu por causa da enorme quantidade de ácido que tomou? Quem poderá saber? Eu acho que é um pouco das duas coisas. Tudo o que sei é que numa semana ele estava bem e na semana

seguinte estava completamente diferente. Foi uma tragédia horrível."

Gilmour, o membro da banda que sempre foi mais próximo de Syd, ocasionalmente expressava esperança de um possível retorno, embora aparentemente tenha sido avisado pela superprotetora Rosemary que talvez um reencontro não fosse uma boa ideia. As trágicas notícias de julho de 2006 devem ter atingido Gilmour de uma maneira ruim em particular. Suas esperanças de reconciliação tinham sido enterradas.

O aniversário de sessenta anos de Syd em janeiro de 2006 foi marcado por um destaque profundo feito por John Robb no jornal *Independent*, num artigo que mostrava um longo olhar sobre seu *status* icônico e falava àquelas pessoas que tinham testemunhado sua espetacular ascensão astral e infernal deterioração. "Syd Barrett poderia ter sido uma das lendas do Pantheon do rock, juntamente com Bob Dylan, John Lennon ou os Rolling Stones", escreveu Robb. "Ao invés disso, ele sucumbiu, deixando todos que o conheceram tocados pela sua genialidade quatro décadas atrás."

Entre essas pessoas estava Andrew King, que confessou: "sinto falta de Barrett todos os dias da minha vida, de verdade." King continuou: "Ele tinha tudo. Era compositor, pintor e ator encantador. Não quero falar sobre como ele foi no passado. Só quero dizer: 'Feliz Aniversário, Syd'."

O antigo empresário do Floyd também revelou que Syd contou que tinha levado semanas para aperfeiçoar a letra de "Arnold Layne", pois tinha muito esforço intelectual envolvido. Em junho seguinte, David Bowie – que gravou uma versão inesquecível de "See Emily Play" no álbum *Pin-Ups* (1973) – cantou "Arnold Layne" quando fez uma participação no show de David Gilmour no Royal Albert Hall. Um futuro tributo veio com a peça de teatro de Tom Stoppard, *Rock n' roll*, na qual as músicas de Barrett reforçavam o tema do dramaturgo que defendia que o rock n' roll ajudava na luta contra a repressão, mesmo que essa liberdade trouxesse outros tipos de perigo.

***

Fotografias de Syd nas suas habituais visitas a lojas mostravam-no extremamente abatido e, alguns meses antes de completar 60 anos, Rosemary notou com preocupação que ele estava perdendo peso. Por anos, Barrett

reclamava de úlceras gástricas, tornando-se familiarizado com os sintomas desagradáveis que incluíam dores de estômago, problemas digestivos e falta de apetite. Seu irmão mais velho Alan – cuja performance tocando sax num grupo skiffle convenceu Syd a aprender uquelele aos doze anos de idade – acredita que essa doença crônica, mas não fatal, pode ter mascarado a aparição do câncer pancreático que quando descoberto já estava em estado terminal, avançando com chocante velocidade.

Já enfermo, Barrett, também cercado por complicações decorrentes da diabetes, foi internado do Hospital Addenbrooke, no final de maio. Uma vez diagnosticado o câncer, sua expectativa de vida foi estimada em poucas semanas, dificilmente meses. Segundo Alan, deitado ao lado da sala em que estava pendurado o nome de seu amado pai, Syd parecia aceitar seu destino.

Outros pessimistas podem ter pensando no quanto a história se repetia de modo cruel. Quarenta e cinco anos após o câncer ter tirado a vida do dr. Arthur Barrett no mesmo hospital, o filho com o qual ele mantinha uma conexão especial era atingido com a mesma doença fatal. Cada vez mais sedado durante seus últimos dias no Addenbrooke, Syd pode ter se lembrado dos terríveis momentos no final de 1961, que culminaram com a morte de um devotado homem de família que ainda tinha muito a oferecer ao mundo da medicina.

“Claro que Roger estava sedado, mas nunca transpareceu sentir muita dor. Manteve-se calmo e com bom astral”, disse Alan Barrett. “Ele já vinha perdendo peso durante um bom tempo e conhecia a dor, por causa da úlcera que sofrera. Acho que isso pode ter atrasado o diagnóstico final, mas nós nos conformamos com o fato de ele não estar sentindo dor e parecer não sofrer muito.”

A estadia no hospital foi responsável pelo maior período que Syd ficou longe de casa desde seu breve retorno a Chelsea Cloisters em 1982 quando tomou a decisão de que não queria mais a vida frenética londrina e impulsivamente decidiu voltar para a casa da mãe. Para um homem tão acostumado a tarefas rotineiramente domésticas, tais como jardinagem, faxina e fazer compras, a vida no hospital deve ter parecido muito estranha e, de alguma forma, desorientadora.

Barrett expressou determinação em voltar à monotonia da casa do subúrbio, que tinha sido seu lar nos últimos vinte e cinco anos, não obstante suas forças diminuíssem e as doses dos remédios aumentassem. Como não havia mais nada que os médicos pudessem fazer, o hospital cedeu a sua vontade e no dia quatro de julho, o homem extremamente doente retornou a St. Margaret’s Square, onde recebeu cuidados médicos profissionais 24 horas por dia durante o pouco tempo

que lhe restou. Tirando Rosemary, esses médicos talvez estivessem entre as poucas pessoas que cruzaram a porta da casa de Barrett desde que ele se tornara seu único morador, após a saída da mãe no final dos anos oitenta para viver com a filha mais nova.

"Como Roger reagiu à doença terminal? Essa é uma pergunta difícil de responder, porque era muito difícil saber o que ele sentia sobre qualquer coisa", Paul Breen disse aos autores deste livro. "Vocês tem que se lembrar que eu não o conheci quando ele era jovem. Só fui apresentado a ele na meia-idade e sempre foi muito difícil avaliar seus sentimentos. O que estava mais do que claro é que ele queria voltar para casa e o que nós podíamos fazer era conseguir isso o mais rápido possível.

"Todos sabíamos que ele estava voltando para morrer em casa. Quando deixou o hospital, eu achava que ele só sobreviveria por uma semana, mas acabou sendo muito mais rápido do que qualquer um de nós esperávamos – e provavelmente mais suave também. Logo no terceiro dia em que estava em casa, sua vida chegou ao fim."

Extremamente sonolento, variando entre estar dormindo e sedado, Syd manteve-se numa condição estável até a tarde da sexta-feira, sete de julho, quando sofreu uma piora repentina. Alan Barrett especula que o coração do irmão estava enfraquecido pela doença e não é preciso ser um especialista para saber que o sistema imunológico de Syd se deteriorou bastante devido aos inúmeros transtornos pelos quais passara. Naquela fatídica tarde de sexta-feira, após um dia quente, o qual o adolescente Roger teria aproveitado para fazer um piquenique nas margens do rio Cam, o Madcap caiu num sono que se estendeu para toda a eternidade. Pode não ter havido tempo de convocar a família ao seu leito de morte, porém, comparado ao falecimento de muitos dos seus contemporâneos nos psicodélicos anos sessenta, a morte de Syd foi extremamente pacífica e digna. No atestado de óbito, sua ocupação foi descrita como "músico aposentado".

"Ele parecia muito contente com sua vida durante os últimos anos", refletiu Breen, que desde o início dos anos oitenta respondia às intermináveis indagações da impressa sobre seu cunhado. "Ele fazia exatamente o que queria fazer, pintar ou trabalhos manuais, os quais eu diria que era um interesse padrão. Ele não procurava conversar com ninguém, gostava de passar o tempo no jardim. Não mostrava interesse algum por sua vida prévia. Por exemplo, quando o *Live 8* foi ao ar, ele sabia do show, mas não se preocupou em assistir porque nem tinha

uma televisão. O tipo de vida que ele escolheu funcionava muito bem. E acredito que a ideia de não trabalhar nos últimos 40 anos da sua vida pareça ser muito atraente para muitas pessoas!”

Apropriadamente para alguém que viveu grande parte da vida cercado de mistérios, a doença terminal de Syd bem como sua morte foram mantidas em segredo para todos que não fossem de sua família. Portanto, seus fãs estavam totalmente despreparados para os eventos do dia onze de julho de 2006, quando uma onda de boatos se espalhou afirmando que Barrett havia morrido quatro dias atrás. Embora o escritório do Pink Floyd tenha inicialmente negado, – afinal não tinha sido a primeira vez que a morte de Barrett era anunciada – na tarde do dia onze, Alan Barrett confirmou a morte do líder perdido da banda. Manchetes anunciando a morte do fundador do Pink Floyd apareceram durante 24 horas nos canais televisivos de notícia ao lado das últimas atrocidades ocorridas no Oriente Médio.

“Ele morreu em paz na sua casa”, disse Alan num breve pronunciamento. “Haverá um funeral privado nos próximos dias. No momento só queremos ser deixados em paz.” Apenas uma hora após o pronunciamento, buquês de flores foram depositados na cerca da casa de Syd, a qual ele próprio, numa de suas atividades manuais, tinha instalado (para substituir a que tinha destruído logo após a morte de sua mãe).

“Naturalmente, a banda ficou muito triste com a notícia da morte de Syd”, disseram em comunicado. “Syd era a luz brilhante que guiou o surgimento do grupo e deixa um legado que continua a inspirar.”

Waters estava no meio de uma turnê no qual uma das atrações era a projeção da imagem de Syd durante a execução de “Shine On You Crazy Diamond”. Sobre o assunto, declarou: “É muito triste. Syd era um cara adorável e possuía um talento único. Ele nos deixa com muitos trabalhos tocantes e profundos, que brilharão para sempre.”

“Todos têm sido muito respeitosos e estamos muito gratos por isso”, disse Paul Breen. “As matérias dos jornais sobre a morte de Roger foram gentis e cheias de compaixão. Nós achamos incrível que alguém com uma carreira não curta possa exercer tamanho efeito nas pessoas.”

Temendo que a morte de Syd fosse transformada num circo pela imprensa, o Pink Floyd manteve distância, mesmo que Alan Barrett tenha dito que David Gilmour tenha mandado flores para o funeral. Durante os anos, a benevolência de Gilmour para com o homem a quem substituiu no Pink Floyd nunca foi

completamente divulgada, mas Breen confirma que o ex-colega de banda estava constantemente nos pensamentos de Gilmour e ele mantinha contato regular com Rosemary.

"Ele nos ligava algumas vezes durante o ano só para saber como as coisas estavam", Breen disse. "Infelizmente nunca o encontramos – fomos convidados para seu aniversário de cinquenta anos, mas não pudemos ir – mas foi o único que se manteve por perto durante todos esses anos. É muito irônico pensar que se nada tivesse acontecido com Roger, a vida de Gilmour seria completamente diferente do que é hoje em dia."

O interesse paternal de Gilmour pelo velho amigo é algo que ele próprio raramente admitiu. Mesmo assim, de volta a 1985, ele nos perguntou sobre as finanças de Barrett. Ao saber que Syd não recebia dinheiro de participação há algum tempo, Gilmour fez um comentário dando a entender que tomaria providências sobre o assunto. Algumas semanas depois, Rosemary confirmou o recebimento de um cheque. Ainda hoje persiste a crença de que Syd foi abandonado pelos colegas de Pink Floyd, mas aparentemente não foi isso que aconteceu.

A família de Syd tinha pouquíssimo interesse, para não dizer nenhum, na vida que ele levava como *popstar*. Eles eram pessoas cujo gosto musical era, e continua a ser, basicamente clássico, nunca acompanharam a música popular e expressaram em mais de uma oportunidade a descrença na extensão de sua fama. Os irmãos e irmãs de Syd realmente não conseguem entender como uma carreira tão breve pôde ter tido um impacto tão duradouro e nem como o escasso material produzido continuava a atrair tanta reverência.

"Constantemente ficávamos surpresos", Alan nos confidenciou após o funeral de Syd. "Ser abordado por pessoas perguntando sobre o passado não era algo que atraía Roger, mas ele se acostumou com isso. Sempre ficamos surpresos e extremamente gratos com a extensão do apreço dirigido após sua morte. Até então, não acho que nenhum de nós tinha a verdadeira noção do que ele significava para inúmeras pessoas ao redor do mundo."

***

Ainda assim a reação à morte de um homem de sessenta anos, que vivia numa casa geminada numa rua sem saída em Cambridge, foi extraordinária. Todos os jornais do país prestaram grandes tributos ao músico aposentado cuja última gravação foi feita muito antes dos escritores de obituário terem nascido. Como

um deles escreveu, desde a morte de George Harrison, o falecimento de um grande roqueiro não tinha tanta cobertura. Mas as músicas dos Beatles são conhecidas no mundo todo; comparadas a elas, as canções de Barrett são terrivelmente desconhecidas. Ainda assim a efusão de surpresa e tristeza com sua morte foi profunda e sincera. Alguns podem ter imaginado o por quê.

Richard Williams, do jornal *Guardian*, que era editor assistente do *Melody Maker* na época da aposentadoria de Syd, explicou a situação da melhor maneira possível: "Poucos músicos incorporaram as possibilidades e perigos no início dos anos sessenta como Syd Barrett, cuja decisão de abandonar a vida pública há mais de três décadas deflagrou um crescente interesse não apenas na sua breve carreira enquanto pioneiro do rock mas também na intrigante decisão de renunciar completamente à música."

Escrevendo no *Sunday Times*, Rod Liddle lastimou a morte de um dos verdadeiros exploradores do rock. Claramente, ele não era fã do Pink Floyd atual e achava que com Syd a banda seria muito mais interessante e divertida. "Para os padrões atuais, Syd seria um derrotado e uma aberração", ele escreveu. "Espiar ansiosamente sobre o precipício da morte não é uma atitude da moda nos dias atuais – até mesmo no mundo do rock, motivo pelo qual temos bandas como Coldplay e Keane para nos entediar até a submissão dos seus modos de vida saudáveis, princípios nobres e insípidas melodias.

"É por isso também que nos entusiasmamos com o gentil e atencioso Pete Doherty – cujo comportamento outrora fora como os das estrelas do rock, mas que é um pária (mesmo dentro de sua própria banda) e considerado um triste derrotado e um drogado louco.

"Isso não é um elogio às drogas pesadas e nem às mortes prematuras. Mas sim à pura arte frequentemente produzida por mentes que não funcionam da mesma maneira que as nossas, por pessoas das quais você não desejaria comprar nem uma lata de feijão."

Amigo de infância de Syd, Dave Gale – atualmente dramaturgo e escritor – perdeu contato com Barrett quando ele voltou a Cambridge em 1971. Descrevendo o *status* icônico de Syd, Gale disse ao jornal *Observer*: "Claramente Syd teve uma finalidade. Ele nos deu, por quarenta anos, algo muito satisfatório. A imagem de escapar sem ter que morrer. Ele está vivo mas mortalmente congelado.

"Syd é um morto-vivo, é terrivelmente atraente. Isso é o interessante na essência crua de Pete Doherty: é possível morrer sem ter que desaparecer. O

melhor dos mundos. Syd era adorável. Existem muitas fotos adoráveis dele. Mostrando os dentes, lindo, dando risadinhas. É assim que vou me lembrar dele."

O fotógrafo Mick Rock, responsável pelas fotos que estamparam a capa de *The Madcap Laughs*, fez um tributo no seu website dizendo: "Não convivia com Syd há mais de trinta anos, mas ele deixou uma marca duradoura na minha vida devido às fotos que fizemos juntos quando ainda iniciava minha carreira. Syd era um enigma fabuloso, assim como o livro *Pimpinela Escarlate*, ele parecia maldito e esquivo – e como no livro 'a última risada está em todos nós'". Em declaração ao repórter do *Observer*, ele acrescentou: "Sempre achei que Syd era como aquela música do U2 que diz que você está preso num momento e não consegue sair dele.[27]"

Nick Kent, cujo elogio fúnebre a Barrett em 1974 na *NME* talvez nunca tenha sido superado, o descreveu ao *Guardian* como "a estrela mais brilhante" da era psicodélica nos anos sessenta – e também "sua mais trágica vítima". Kent, que enfrentara um turbilhão de drogas pesadas, e de alguma forma sobrevivera intacto, estava convencido de que foi o LSD que destruiu Barrett: "Como muitos outros questionadores que apareceram em meados dos anos sessenta, ele foi instigado a tomar ácido para criar uma verdadeira ousadia e um outro mundo musical, mas a droga acabou fraturando sua psique de um modo irreversível, tornando-o um solitário extremamente fechado, incapaz de lidar com a indústria fonográfica e com a sociedade de um modo em geral.

"Todos que fomos tocados por seu dom singular e sua trágica história de vida deveríamos abaixar a cabeça e oferecer um minuto de silêncio a esse indivíduo memorável por tudo o que ele fez para enriquecer nossas vidas. Rezo para que ele finalmente tenha encontrado a paz."

Destacando a duradoura influência de Barrett num bando de grupos contemporâneos, John Harris afirmou que seu legado continuaria a inspirar. "Daqui a vinte anos, tenho certeza que haverá listas de novos fãs de Barrett, e, de fato, jovens de 18 anos comprarão seus discos. Ele era bom a esse ponto, mesmo após quatro décadas de afastamento."

Expressando arrependimento por nunca ter conhecido o homem que tanto o impressionou, David Bowie homenageou o carisma de Barrett e sua composição "surpreendentemente original". "As poucas vezes que o vi tocando no UFO e no The Marquee durante os anos sessenta estarão para sempre marcadas na minha memória", ele disse. "Junto com Anthony Newley, ele foi o primeiro cara a

cantar música rock ou pop com sotaque britânico. O impacto na minha formação foi enorme.”

O antigo guitarrista do Blur, Graham Coxon, que frequentemente citava Barrett como uma das maiores influências da sua carreira, disse: “Perdido novamente... por vinte anos Syd me levou a lugares melhores. Fiquei boquiaberto ao escutar pela primeira vez ‘Bike’ aos dezessete anos, e tive a mesma reação outro dia ao ouvir ‘Jugband Blues’... Syd, meu querido, e agora?... Uma porta que ele deixou destrancada... passar algum tempo lá.... é bom.”

A capa do dia 22 de julho da *NME* trazia uma edição especial em homenagem a Syd com a mesma fotografia assustadora da capa deste livro, tirada por Barry Plummer. No texto, foram reproduzidos trechos do famoso artigo de Nick Kent e declarações de Bobby Gillespie do Primal Sream: “Syd Barrett era um artista perfeito, visionário e poeta. Como Arthur Rimbaud, ele criou uma nova linguagem musical, palavras e imagens, depois saiu de cena – não deixando nenhuma obra ruim para trás, nenhuma foto feia, apenas linda e poética música para inspirar e enriquecer vidas eternamente.”

O tão citado Pete Doherty fugiu do convencional em sua declaração: “Ele era uma pessoa que enxergava além. Era realmente um gênio, um mistério atraído por melodias.”

Enquanto isso, o companheiro de banda de Doherty no Libertines, Carl Barât (na época tocando no Dirty Pretty Things) comentou: “Syd era um verdadeiro libertino. Um trágico gênio cuja influência durará para sempre. Eu aconselho todos a ouvirem *The Piper at the Gates of Dawn*, *The Madcap Laughs* e *Barrett* – eles falam por si só.”

O fundador da gravadora Creation, Alan McGee acrescentou: “Syd foi o primeiro punk rocker, ele inventou o rock psicodélico e fez algumas das melhores músicas experimentais do Reino Unido. Nunca conheci um músico que não o amasse. Ele era carismático, original e um compositor único que escrevia de forma humana e vivaz. Espero que ele encontre paz e seja mais feliz do que foi nesses últimos quarenta anos.”

Todos essas demonstrações de luto levaram o grande e perspicaz dono da *NME*, Paul Moody, a perguntar: “Syd Barrett era um gênio problemático do mesmo nível dos grandes talentos de todos os tempos ou um desleixado que estragou seu talento usando uma enorme quantidade de LSD? Nessa semana, com músicos de todas as tribos o elogiando, é impossível não pensar nisso. Morto, Syd Barrett conseguiu alcançar o que nunca foi capaz quando vivo: um arquétipo rebelde e

próprio do rock n’ roll.”

Claramente irritada pelo retrato que fizeram de seu irmão nas três décadas anteriores, Rosemary disse ao *Sunday Times* que existia outro homem atrás da figura reclusa e solitária descrita pelas fanzines e colunas de fofoca. “Se eles o vissem com crianças”, ela disse. “Seus sobrinhos e sobrinhas, as crianças na rua – ele as fazia gargalhar. Cumprimentava-as e falava de um jeito que elas apreciavam, mesmo que impressionasse os adultos.”

Syd e Rosemary, os filhos mais novos da família Barrett, sempre foram muito próximos – mais ainda nos dias subsequente a morte da mãe deles. Nos dias após a morte de Syd, Rosemary ficou surpresa e emocionada ao descobrir o quanto seu irmão se tornara popular entre os lojistas locais. “Ele era simplesmente uma pessoa adorável”, ela disse. “Mostrava sua personalidade de muitos modos diferentes – o que pessoas de fora acham confuso – mas no fundo ele era sólido como uma rocha. Pode ter sido uma grande responsabilidade cuidar dele, mas nunca foi um fardo.”

“Adeus Syd – nunca esqueceremos de você”, dizia o comovente tributo prestado pelos vizinhos do músico em St. Margaret’s Square numa coroa de flores enviadas ao funeral de Barrett no Crematório de Cambridge, dez dias após sua morte.

Apenas membros da família e amigos próximos foram autorizados a participar da cerimônia e a pequena capela não estava nem metade preenchida. Como Roger e a família queriam, foi um evento calmo e singelo.

Não houve nenhuma horda de fãs aos prantos nem a presença da polícia para manter a ordem, até mesmo a mídia nacional se manteve distante, somente o jornal local, *Cambridge Evening News*, publicou um artigo no dia seguinte. Apenas um fotógrafo foi avistado espreitando atrás dos arbustos, provavelmente esperançoso de arrebatar uma foto de um rosto famoso.

No entanto, os membros do Pink Floyd não compareceram e, de fato, nem foram convidados. Nenhuma canção de Syd ou do Floyd foi tocada durante a cerimônia.

Um detalhe importante sobre a cerimônia foi divulgado: como Roger não possuía nenhuma crença religiosa, a cerimônia foi conduzida por David Pack, da Associação Humanitária Britânica, cujo website afirmava representar “o interesse de uma grande população de pessoas éticas, mas não religiosas, na Grã-Bretanha.”

Posteriormente, o sobrinho de Roger, Ian Barrett, comentou no site: “Não havia porque falar de Deus quando meu tio nunca sentiu necessidade da presença Dele antes. Eu esperava que fosse tocada uma de suas músicas, mas acho que seria muito doloroso para algumas pessoas da família.

“Houve um estranho contraste de energia da cerimônia e as matérias floridas mostradas pela imprensa na semana anterior. Se por um lado foi tocante e conveniente que a imprensa musical tenha ido ao extremo nos elogios, parecia tudo muito distante da realidade do evento do qual poucos fizeram parte.”

Na parte da frente do guia da cerimônia estava escrito: “Roger Keith Barrett, 1946-2006 – Celebração de uma vida criativa, 17 de julho de 2006.” Dentro havia uma ilustração e um pequeno trecho do conto de fadas *The Little Grey Men*, de BB, pseudônimo de Denys Watkins-Pitchford, um escritor naturalista britânico. O famoso conto possui o subtítulo *Story for the Young at heart*. O livro, publicado em 1942, conta a história dos últimos quatro gnomos que viviam na Grã-Bretanha, perto de um riacho em Warwickshire. Quando um deles decide sair para uma aventura e não retorna, os outros três constroem um barco para sair à procura do amigo. No trecho destacado, lia-se: “O assombro do mundo, a beleza e força, as formas das coisas, suas luzes coloridas e sombras, tudo isso eu vi. Procure também por tudo isso enquanto a vida dura.”

Enquanto as pessoas entravam no crematório, Melly Barrett, sobrinha de Roger, tocou no órgão uma parte da *Sonata Nº 40 em E*, de Haydn. O final da cerimônia foi marcado pela execução da música de Handel, *Courante da Suite Nº IV em E menor*.

Rosemary e a filha de Alan, Ginny Swepson, discursaram em homenagem à vida do seu muito amado, extraordinário e famoso parente.

Alan Barrett fez uma leitura de outro trecho de *The Little Grey Men*, um dos livros preferidos do irmão, pouco antes da execução de um dos clássicos favoritos de Roger, *Allemande da Partita Nº IV em D maior*, de Bach, ser tocado durante a reflexão final.

Objeto inconsciente de tantos rumores, intrigas e especulações durante as três décadas anteriores, um tímido, recluso e envelhecido solteiro finalmente foi posto para descansar eternamente. Afinal de contas, o sorridente Syd Barrett, aquele dos olhos brilhantes, sorriso encantador e beleza fantasmagórica, já tinha morrido há muito tempo...

25.Em português: “Eu sou um poeta, você não sabe? E o vento, você pode assoprá-lo...” (N.T.)

26.Aleister Crowley fundou uma religião conhecida como Thelema no final do século XIX. Ele mudou-se para Cefalu em 1920, onde fundou a abadia de Thelema, usada como templo e centro espiritual da religião. (N.T.)

27.Referência à música “Stuck in a Moment You Can’t Get Out Of”, do álbum All That You Can’t Leave Behind, do U2. (N.T.)

Por onde eles andam?

JOHN “TWINK” ALDER tornou-se gerente de uma loja de discos em Southend. Da última vez que se soube dele, morava na Califórnia.

ROSEMARY BARRETT BREEN cuidou como se fosse mãe durante os últimos 15 anos do seu irmão mais velho. Vive nos arredores de Cambridge com seu marido, Paul Breen. O senhor Breen é um hoteleiro aposentado e também o porta-voz não oficial da família Barrett.

WINIFRED BARRETT, a mãe de Syd, morreu em setembro de 1991, aos 86 anos de idade. Naturalmente, Syd ficou muito triste, mas conseguiu lidar de maneira razoável com a situação.

JOE BOYD lançou, através de sua gravadora, Hannibal Records (atualmente parte da Rykodisc), diversos álbuns incluindo o de Richard Thompson. Boyd também produziu o terceiro disco do R.E.M., *Fables Of The Reconstruction*, em 1985, e álbuns de Billy Bragg e 10.000 Maniacs. Foi o produtor executivo do filme *Escândalo* (1988), estrelado por John Hurt e Bridget Fonda, sobre o escândalo sexual envolvendo o ministro da defesa britânico, John Profumo. Ele deixou a Hannibal/Ryko em 2001 e em maio de 2006 sua bibliografia, *White Bicycles: Making Music In The 1960s*, foi publicada pela Serpents Tail, recebendo críticas positivas. Um CD homônimo, que incluía “Arnold Layne” e outras produções de Boyd, foi lançado pela Fledgling Records ao mesmo tempo.

CHRIS “CHIMP” CHAMBERLAIN, o tutor de Syd na Escola de artes Camberwell, morreu de câncer em 1986.

PIP CARTER, o original homem das luzes do Pink Floyd e a pessoa mais próxima de Syd durante a ascensão meteórica da banda, morreu numa briga de bêbados em Cambridge em outubro de 1988, depois de uma longa batalha contra a dependência química. Dave Gilmour compareceu ao seu funeral.

CHRIS DENNIS foi visto pela última vez dirigindo um estúdio de gravação em Chatteris, perto de Cambridge.

DUGGIE FIELDS ainda é reconhecido no meio artístico como um artista de vanguarda. Em 1983, a Companhia Shiseido, em Tóquio, criou uma galeria

especialmente para que expusesse sua arte. Fields e sua obra foram destaques de uma campanha publicitária que atingiu diversas mídias, tais como televisão, revistas, outdoors e espaços de propaganda no metrô. Começou a trabalhar com mídia digital no final dos anos 90, descrevendo seu trabalho no momento como "maximalista". Continua morando no apartamento que dividiu com Syd, em Earls Court, e esporadicamente tem de lidar com indagações sobre Barrett feitas por jornalistas e fãs.

DAVID GALE formou um grupo de teatro chamado Lumiere and Son, mas agora atua como escritor e jornalista. Vive no norte de Londres com sua esposa Deborah e dois filhos.

LIBBY GAUSDEN (CHISMAN) é casada com um diretor financeiro e vive em Londres. Tem um filho crescido, do relacionamento com Storm Thorgerson, e uma filha que usou Syd como tema de seu projeto GCSE[28] e recebeu nota A por isso.

DAVID GILMOUR, contrariando todas as expectativas, se juntou ao Pink Floyd — incluindo seu antigo adversário Roger Waters — nos shows do *Live 8* em julho de 2005. Foi a primeira vez que os quatro homens se encontraram no palco desde a apresentação de *The Wall*, em junho de 1981, em Earls Court, Londres. Gilmour comentou que a experiência foi como "dormir com minha ex-esposa novamente". Em fevereiro do ano seguinte, destruiu as esperanças de um retorno da banda ao afirmar à revista *La República* que participar do *Live 8* foi o modo como ele teve de garantir que a história do Pink Floyd não terminasse de maneira tão ruim. No mesmo mês, contudo, a *Billboard* reportou que ele teria respondido sobre uma possível volta da banda com as palavras: "quem sabe?".

Seu terceiro álbum solo, *On An Island*, lançado em março de 2006, contou com Richard Wright tocando teclado. O tecladista do Floyd também se juntou a Gilmour numa extensiva turnê pela Europa, E.U.A e Canadá. O álbum confirmou a inabalada popularidade de Gilmour ao entrar no primeiro lugar das paradas de sucesso da Grã-Bretanha e também na lista dos 10 melhores álbuns nos EUA.

Em maio de 2003, Gilmour vendeu uma de suas casas em Londres para Earl Spencer (irmão da princesa Diana) e deu os 5,9 milhões de dólares que recebeu pelo negócio para projetos de construção de moradia para desabrigados. Ele tem quatro filhos do primeiro casamento com Ginger. Também tem quatro filhos do segundo casamento com a escritora Polly Samson, que escreveu letras para o último álbum do Floyd, *The Division Bell*, e para *On An Island*.

JOHN GORDON, amigo de infância de Syd, é design gráfico e mora no norte de Londres. Também trabalha como mágico.

NIGEL LESMOIR-GORDON ainda trabalha como editor de filmes e mora com a esposa Jenny em Bedford.

PETER JENNER continua a ser um dos empresários mais conhecidos do mundo do rock. Entre os artistas agenciados por ele estão: Billy Bragg, Roy Harper, Ian Dury, Eddi Reader, Andy White, Andy Kershaw, The Disposable Heroes of Hiphoprisy e Robyn Hitchcock. Há muito tempo defendeu causas de esquerda e artísticas e, como secretário-geral do Fórum de Empresários da Música, também teve um papel ativo nas discussões sobre futuros sistemas de distribuição de música e garantia de direitos dos artistas. A esposa de Jenner durante trinta anos morreu em 2006. Ele continuou a morar e trabalhar no norte de Londres e ainda inspira admiração nos seus mais famosos clientes: “Andrew (King) e eu sempre fomos muito bem cuidados pelo Floyd. Originalmente, tinha uma parceria de seis sócios, a qual eles nunca questionaram”, disse ao entrevistador Robert Sandall na revista *Mojo*. “Eles são incrivelmente honrados. Os cheques das participações anuais do Floyd foi o que possibilitou nos mantermos em muitas ocasiões.”

MALCOLM JONES, cuja fé nas habilidades de Syd nunca vacilou, morreu de cirrose do fígado aos 43 anos, em fevereiro de 1990. Viveu em Wimbledon e estava trabalhando numa autobiografia.

ANDREW KING foi visto pela última vez como diretor da divisão de edição da Mute Records. Agenciou muitos artistas tais como Ian Dury e Dr And The Medics, cuja versão do clássico de Norman Greenbaum, “Spirit In The Sky”, alcançou o número um das paradas de sucesso em 1985. Atualmente, mora em Twickenham, Londres.

LYNSEY KORNER (também conhecida como LINDSEY CORNER) é casada e mora em Londres. Em 2002, ela finalmente rompeu o silêncio sobre sua relação com Syd, afirmando que ele nunca a trancou no quarto por quatro dias, alimentando-a com biscoitos por debaixo da porta ou estraçalhou uma guitarra em sua cabeça (mesmo que outros afirmem que isso de fato aconteceu).

MIKE LEONARD ainda vive na casa onde foi senhorio do Pink Floyd.

NICK MASON foi o único músico a permanecer no Pink Floyd desde a criação da banda em 1965. Tocou em todos os álbuns do Pink Floyd desde 1967, incluindo os dois da era pós-Waters *A Momentary Lapse Of Reason* (1987) e *The*

Division Bell (1994) – embora tenha sido sugerido que suas contribuições fossem mínimas.

Casou-se pela segunda vez em 1990 com Nettie e tem quatro filhos; duas meninas do primeiro casamento e dois meninos do segundo. Eles moram em Wiltshire, na antiga casa de Camilla Parker Bowles. Com a agenda do Floyd ficando cada vez mais disponível, Mason teve mais tempo de desfrutar seu passatempo favorito, corrida de carros. Ele possui (através de sua empresa, Ten Tenths) diversos carros clássicos, tendo competido com sucesso nas 24 horas de Le Mans. Também é dono da Bam Bo, uma empresa formada em parceria com o sócio Rick Fenn, especializada em gestão musical, comerciais e trilhas sonoras de filmes.

O livro tão esperado de sua autoria, *Inside Out: A Personal History of Pink Floyd*, finalmente foi publicado no Reino Unido, trazendo clareza necessária para a história de uma banda vista por muitos como miserabilista introspectiva.

Ele juntou-se aos outros membros do Pink Floyd para o *Live 8* em 2005. Também subiu ao palco com Gilmour e Wright para um bis durante o show de Gilmour no Royal Albert Hall, em Londres no dia 31 de maio de 2006. Além disso, fez turnê com Roger Waters em julho daquele ano.

Qualquer possibilidade de retorno do Pink Floyd é mais provável que aconteça pelos esforços de Mason e, de fato, em 2005, disse: “Eu adoraria que isso acontecesse e realmente acredito que o Pink Floyd tocará junto de novo, mas teria que ser por amor e não por dinheiro. Eu me considero o Henry Kissinger do Pink Floyd! Cabe a mim, eu acho, resolver essa questão.”

JACK MONCK vive em Hackney, onde continua a escrever e a gravar músicas em seu estúdio de gravação caseiro. Seu álbum solo *Inside The Whale* (2002) foi lançado pela gravadora independente Voiceprint.

GEOFF MOTT é professor em Londres.

IAN MOORE (IMO) permanece um amigo próximo do Floyd e faz ocasionais aparições em vídeos dirigidos por Storm Thorgerson, incluindo “The Riddle”, de Nick Kershaw. Durante um tempo foi o caseiro não oficial de David Gilmour em Londres e em outros lugares. Imo (ou Emo) foi visto pela última vez levando uma vida calma em Brighton.

STEVE O’ROURKE, empresário do Pink Floyd desde 1968, era um aguçado piloto de corridas, assim como Nick Mason. Morreu de derrame em Miami, Flórida, em outubro de 2003. Durante seu funeral, Gilmour, Mason e Wright

tocaram “Fat Old Sun” e o saxofonista Dick Parry tocou “Great Gig In The Sky” enquanto seguia o cortejo.

GAYLA PINION trabalha como produtora em comerciais de televisão. Ela agora afirma que seu encontro casual com o ex-noivo Syd em 1977 terminou com ele abaixando as calças, puxando o talão de cheques e perguntando: “Vamos, abaixe a calcinha. Quanto você quer?”.

JENNY SPIRES (NOSHAD) é casada e vive em Cambridge.

STORM THORGERSON fechou sua empresa Hypgnosis em 1983, mas continuou trabalhando com design de discos e capas de livros, incluindo *Echoes*, disco de platina do Floyd em 2001, e o tardio DVD *Pulse*, lançado três dias depois da morte de Syd em julho de 2006. Também é dele a capa do livro de Nick Mason, *Inside Out: A Personal History of Pink Floyd*, e do seu próprio livro, *Mind Over Matter: The Images of Pink Floyd*, publicado em 1998 pela Sanctuary. Mora em Londres com sua companheira Barbie e tem dois filhos com Libby (January). Na época da composição desse livro, Thorgerson disse que estava se recuperando bem de uma séria doença que botou sua carreira em segundo plano por um tempo.[29]

MICK ROCK continua a ser um bem sucedido fotógrafo de rock, trabalhando para a revista *GQ*, entre outras. Virou âncora de programa de rádio, tendo um programa próprio na estação independente XFM, em julho de 2006. A empresa Genesis Publications lançou uma coletânea de suas fotografias numa edição de luxo limitada encadernada em couro. Faz parte desta edição a seção Psychedelic Renegades, o completo arquivo de fotos de Barrett na época em que tocava. 320 exemplares foram assinados por Barrett, tornando-se assim altamente colecionáveis.

ROGER WATERS inesperadamente apareceu com David Gilmour e o resto do Pink Floyd no palco do *Live 8*, em 2005. Ele relevou que a banda considerou convidar Syd, mas percebeu que não era possível. Três meses depois a ópera *Ça Ira*, na qual Waters trabalhara por 16 anos, finalmente foi lançada pela Sony Classical. Ao invés de fazer uma turnê para promovê-la, anunciou que faria um tour pela Europa e América do Norte e tocaria todo o álbum *The Dark Side of the Moon*, do Pink Floyd. Por causa disso, toda a turnê regular de Waters foi questionada por Nick Mason e houve relatos de que Richard Wright, afastado por Waters durante as gravações de *The Wall*, tenha sido sondado para tocar teclado, aumentando os rumores de um retorno da banda. Entrevistado pela BBC em setembro de 2005, ele foi muito mais otimista do que Gilmour: “Se eu

voltaria a gravar com esses caras? Bem, acho que sim, voltaria.”

Em 2006, Waters tornou-se noivo de Laurie Durning. Esse seria seu quarto casamento. Apaixonado por futebol, Waters, assim como Gilmour, torce pelo Arsenal.

CLIVE WELHAM mantém contato regular com seu antigo amigo David Gilmour. Trabalha para a Cambridge University Press, mas parou de tocar bateria no circuito dos clubes com sua banda Executive Suite.

RICK WRIGHT juntou-se ao resto do Pink Floyd no *Live 8* e apareceu com Gilmour na turnê do álbum *On An Island*, em 2006.

Encorajado por sua contribuição em *The Division Bell* (foi coautor de cinco músicas e cantor principal em “Wearing the Inside Out”), Wright lançou um segundo álbum solo, *Broken China*, em 1996, que incluía participações de Sinead O’Connor, Pino Palladino e Tim Renwick.

Passou por uma cirurgia de catarata em novembro de 2005, o que o impediu de comparecer a cerimônia de inclusão do Pink Floyd no UK Music Hall of Fame.

No mês de julho daquele ano, Wright, Gilmour e Mason compareceram à exibição oficial do DVD *Pulse*. Questionado sobre o possível retorno do Pink Floyd, Wright respondeu: “Acho que o meu plano é vagar por aí, e sempre que Dave quiser que eu toque com ele, fico muito feliz em aceitar.” Ele descreveu o Pink Floyd como “um casamento que está em permanente processo de separação”.

Integrante mais quieto e mais tímido da banda, Wright prefere manter um comportamento discreto, embora faça muitos cruzeiros ao redor de West Indies em seu iate. Ele se casou com sua namorada grega logo após o concerto de Knebworth, em 1990.

28.Qualificação Acadêmica desenvolvida pela universidade de Cambridge, normalmente obtida por estudantes secundaristas na Inglaterra. (N.T.)

29.Storm Thorgerson morreu em 18 de abril de 2013, aos 70 anos. (N.T.)

Discografia

Números de catálogo e demais informações foram retirados da versão mais recente das gravações, exceto quando explicitado o contrário.

Com o Pink Floyd

Todos os títulos dessa seção são composições de Barrett, exceções indicadas.

Arnold Layne/Candy And A Currant Bun
Columbia DB 8156 (7”)
Março, 1967

See Emily Play/Scarecrow
Columbia DB 8214 (7”)
Junho, 1967

THE PIPER AT THE GATES OF DAWN
EMI CDP 7 46384 2
Agosto, 1967
LP Original: Columbia SCX 6258.
Versão mono (SC 6258) mostra mixagens substancialmente diferentes.

Faixas:
Astronomy Domine
Lucifer Sam
Matilda Mother
Flaming
Pow R. Toc H. (Barrett, Waters, Wright, Mason)
Take Up Thy Stethoscope And Walk (Waters)
Interstellar Overdrive (Barrett, Waters, Wright, Mason)
The Gnome
Chapter 24

The Scarecrow
Bike

THE PIPER AT THE GATES OF DAWN
TOWER ST 5093 US
(Apenas em vinil)
Versão - diferentes faixas. Também lançado em versão mono, sem a letra “S” nos exemplares catalogados.

Faixas:
See Emily Play
Pow R. Toc H.
Take Up Thy Stethoscope & Walk
Lucifer Sam
Matilda Mother
The Scarecrow
The Gnome
Chapter 24
Interstellar Overdrive

TONITE LETS ALL MAKE LOVE IN LONDON
See For Miles (SEE CD 258)
1968
Inclui as faixas:
“Interstellar Overdrive” (versão completa e dois pequenos fragmentos)
“Nick’s Boogie”.
Apenas os pequenos fragmentos foram incluídos no LP original, 1968. (Instant INLP 002).
Ambas as faixas longas estão disponíveis separadamente em EP (SEA CD4).
“Interstellar Overdrive” erroneamente creditada a Barrett e “Nick’s Boogie” creditada ao Pink Floyd.
Todas as versões em mono.

Apples And Oranges/Paintbox (Wright)
Columbia DB 8310 (7”)
Novembro,1967
Flaming/The Gnome’
Tower 378 (7”)
1968
O single americano possui mixagem diferente na versão de “Flaming”.

A SAUCERFUL OF SECRETS

EMI CDP 7 46383 2
Junho, 1968
Originalmente Columbia SCX 6258.
Novamente, uma versão mono (SC 6258) mostra mixagens diferentes.
Inclui três músicas nas quais Syd certamente toca:

A Saucerful Of Secrets
Jugband Blues
Remember A Day (Wright)

Faixas com possível participação de Syd:

See Saw (Wright)
Set The Controls For The Heart Of The Sun (Waters).

Definitivamente, não toca na faixa título, como ele próprio admitiu, e nem em “Corporal Clegg”.

RELICS

Music For Pleasure MFP 50 397 (não lançado em CD)
Maio, 1971
Originalmente Starline SRS 5071.
Disponível em CD (EMI CD AX 701290) apenas na Austrália, onde foi temporariamente distribuído, sem o consentimento da banda.

Faixas:

Arnold Layne
Interstellar Overdrive
See Emily Play
Remember A Day
Bike

A NICE PAIR

Harvest SHDW 403 (Apenas em Vinil)
Dezembro 1973
Compilação dos álbuns THE PIPER AT THE GATES OF DAWN e A SAUCERFUL OF SECRETS, relançados como álbum duplo.

MASTERS OF ROCK

Harvest 1 C 054-04 299
(Apenas em Vinil)
1974
Lançamento apenas europeu. Destaca-se por incluir alguns dos primeiros singles que nunca foram lançados sem ser no box de SHINE ON.

Faixas:
Chapter 24
Mathilda Mother (sic)
Arnold Layne
Candy And A Currant Bun
The Scarecrow
Apples And Oranges
It Would Be So Nice
Paint Box
See Emily Play

WORKS

Capitol CDP 7 46478 2
1983
Compilação exclusivamente americana.
Inclui as faixas:
Arnold Layne
Set The Controls For The Heart Of The Sun
See Emily Play

A CD FULL OF SECRETS

Westwood One Vol. 10
1992
Somente promoção de rádio americana. Útil não só por causa de sua ampla disponibilidade, mas também por incluir todos os *singles* que não foram lançados em álbuns (exceto, estranhamente, "Arnold Layne"), especialmente a única versão em CD do *single* mix
de 'Flaming'.
Inclui as faixas:
Candy And A Currant Bun
See Emily Play
Flaming (versão *single* americana)
Apples And Oranges.

SHINE ON (Box de CD)

EMI 7 80557 2
Novembro, 1992

Oito CDs, incluindo:
THE PIPER AT THE GATES
OF DAWN
A SAUCERFUL OF SECRETS
WISH YOU WERE HERE
THE WALL

Também contém um livro e um disco bônus com os dois lados
dos três primeiros singles
do Pink Floyd.

ECHOES: THE BEST
OF PINK FLOYD
EMI CDP 7243 5 36111 2 5
Novembro, 2001
Compilação dos três discos de platina do Pink Floyd.
Inclui as faixas:
Astronomy Domine
See Emily Play
Arnold Layne
Jugband Blues
Bike

As 26 faixas remasterizadas e em ordem não cronológica foram dispostas sem intevalos (exceto após a 13ª faixa, quando é necessário trocar o disco).
A compilação foi cortesia do produtor e engenheiro de longa data James Guthrie, para ajudar a recriar o sentimento de álbum-conceito de meio-período de trabalho da banda. Foram editados: Echoes; Marooned; Shine On You Crazy Diamond; Sheep and High Hopes.

Gravações de Syd Barrett em Carreira Solo

Octopus + Golden Hair
Harvest HAR 5009 (7”)
Novembro, 1969
“Golden Hair” é um poema
de James Joyce, musicado

por Syd Barrett.

THE MADCAP LAUGHS

EMI CDP 7 46607 2
Janeiro, 1970
Originalmente Harvest SHVL 765

Faixas:

Terrapin*
No Good Trying*
Love You*
No Man's Land*
Dark Globe
Here I Go*
Octopus
Golden Hair
Long Gone
She Took A Long Cold Look
Feel
If It's In You
Late Night*.

Produzidas por David Gilmour e Roger Waters (exceto *, produzidas por Malcolm Jones)

BARRETT

EMI CDP 46606 2
Novembro, 1970
Originalmente Harvest
SHSP 4007

Faixas:

Baby Lemonade
Love Song
Dominoes
It Is Obvious
Rats
Maisie
Gigolo Aunt

Waving My Arms In The Air
I Never Lied To You
Wined And Dined
Wolfpack
Effervescing Elephant.
Produzido por David Gilmour e Richard Wright.

SYD BARRETT

Harvest SHDW 404 (Apenas em Vinil)
Setembro, 1974
Compilação dos álbuns THE MADCAP LAUGHS e BARRETT, relançados como álbum duplo.

THE PEEL SESSION

Strange Fruit SFPSCD 043
Fevereiro, 1988

Faixas:
Terrapin
Gigolo Aunt
Effervescing Elephant
Two Of A Kind
Baby Lemonade
Gravado para o primeiro show Top Gear da rádio BBC em 18 de maio de 1970 (DJ John Peel), com Jerry Shirley (bateria) e David Gilmour (baixo).
Produzido por John Walters.
Embora creditada a Syd, muitos fãs afirmam que Two Of A Kind é uma composição de Rick Wright.

OPEL

EMI CDP 7 91206 2
Outubro, 1988

Faixas:
Opel
Clowns & Jugglers (Octopus)
Rats
Golden Hair
Dolly Rocker

Word Song
Wined & Dined
Swan Lee (Silas Lang)
Birdie Hop
Let’s Spilt
Lanky (Part 1)
Wouldn’t You Miss Me (Dark Globe)
Milky Way
Golden Hair (Instrumental)
Vários produtores. Compilação
de demos, faixas alternativas e material inédito.

OCTOPUS
CEMA S21 57738 (USA): Cleopatra
CLEO 57712 (Canada)

Faixas:
Octopus
Swan Lee (Silas Lang)
Baby Lemonade
Late Night
Wined and Dined
Golden Hair
Gigolo Aunt
Wolf Pack (sic)
It Is Obvious
Lanky (part 1)
No Good Trying
Clowns and Jugglers (Octopus)
Waiving (sic) My Arms in the Air
Opel

Preço incrível (e com boa qualidade - o encarte faz referencias até a Sid Barrett). Compilação com faixas dos três primeiros álbuns. As primeira cópias dos EUA vinham com
um case de pano roxo e preto, com foto e crachá.

CRAZY DIAMOND - THE COMPLETE SYD BARRETT

EMI CDS 7 81412 2
Abril, 1993
3 caixas de CD. Inclui encarte com 24 páginas, mais os três álbuns de Syd, cada um com faixas extras listadas abaixo. Não há novas músicas, mas algumas faixas levemente alteradas.

THE MADCAP LAUGHS + Octopus (Takes 1 & 2);
It's No Good Trying (Take 5)
Love You (Take 1)
Love You (Take 3)
She Took A Long Cold Look At Me (Take 4)
Golden Hair (Take 5)
BARRETT + Baby Lemonade (Take 1)
Waving My Arms In The 185 Air (Take 1)
I Never Lied To You (Take 1)
Love Song (Take 1)
Dominoes (Take 1)
Dominoes (Take 2)
It Is Obvious (Take 2)
OPEL + Gigolo Aunt (Take 9)
It Is Obvious (Take 3)
It Is Obvious (Take 5)
Clowns & Jugglers (Take 1)
Late Night (Take 2)
Effervescing Elephant (Take 2)

THE BEST OF SYD BARRETT: WOULDN'T YOU MISS ME?

Harvest 532 3202
Abril, 2001
CD único. Compilação dos destaques de The Madcap Laughs, Barrett e Opel mais a sessão de Two Of A Kind,
de John Peel, e a inédita
"Bob Dylan Blues".

Faixas:
Octopus
Late Night
Terrapin
Swan Lee (Silas Lang)

Wolfpack
Golden Hair
Here I Go
Long Gone
No Good Trying
Opel
Baby Lemonade
Gigolo Aunt
Dominoes
Wouldn’t You Miss Me (Dark Globe)
Wined and Dined
Effervescing Elephant
Waving My Arms in the Air
I Never Lied to You
Love Song
Two of a Kind
Bob Dylan Blues
Golden Hair (Instrumental)

Compilações de LPs de Diversos Artistas com participação de Syd

Foram excluídas muitas compilações apenas promocionais

PICNIC

Harvest SHSS 1/2 (Apenas em Vinil)
Inclui “Terrapin” e uma gravação inacabada de “Embryo”, feita pelo Pink Floyd pós-Barrett. Devido à presença dessa última, o álbum duplo foi rapidamente retirado
de circulação.

HARVEST HERITAGE - 20 GREATS

Harvest SHSM 2020 (Apenas em Vinil)
Inclui Octopus.

THE HARVEST STORY VOL. 1

Harvest EG 26 0097 1 (Apenas em Vinil)
Inclui Love You.

BEFORE THE FALL
Strange Fruit Records SFRCD 203
Inclui a versão da sessão na BBC de “Baby Lemonade”.

RCD MAGAZINE
Esse CD de livre compilação inclui a versão original de “Dominoes”, para promover a caixa CRAZY DIAMOND.

Músicas sobre Syd

Artista: Kevin Ayers
Álbum: BANANAMOUR
(BGOCD 142)
“Oh! Wot A Dream” é sobre Syd.

Artista: Bond & Brown
Álbum: TWO HEADS ARE BETTER THAN ONE
(See For Miles SEECD 345)
O jogo de palavras da faixa título, ‘’Mass Debate’, é descrito como um “tributo a Arnold Layne, de Syd Barrett”.

Artista: The Chills
Álbum: SOFT BOMB (Slash 828 322-2)
A canção “Song for Randy Newman Etc” cita nominalmente Syd.

Artista: Five Thirty
Álbum: SUPERNOVA (East West 9031 - 74991 - 2)
A capa desse CD *single* inclui uma fotografia de Syd sobreposta numa foto da galáxia. As letras são vagas, mas podem se referir a Syd.

Artista: Focal Point

Álbum: DERAM DAYS (Decal LIK 9 - apenas em vinil)
Música: “Sycamore Sid”
Coletânea com diversos artistas.
Há uma discussão sobre o lado B de maio de 1968 ser sobre Barrett.

Artista: Robyn Hitchcock.
Álbum: BLACK SNAKE DIAMOND RÖLE (Aftermath ASTCD1)
Inclui ‘The Man Who Invented Himself”, supostamente sobre Syd.

Artista: Marillion
Música: “The Madcap’s Embrace”
Faixa inédita, porém pirateada, também conhecida como
“Lady Fantasy”.

Artista: Pink Floyd
Álbum: WISH YOU WERE HERE (EMI CDP 7 46035 2)
“Shine On You Crazy Diamond” é sobre Syd, outras faixas também refletem seu papel na história
do Pink Floyd.
Também lançado em versão quadrifônica, versão com uma imagem no disco e ainda com vinil colorido.
“Shine On Crazy Diamond” também aparece em coletâneas de álbuns
ao vivo.
+
THE WALL (EMI CDP 7 46036 8)
O personagem Pink pode ser facilmente identificado como Syd.
Artista: The TV Personalities
Álbum: AND DON’T THE KIDS JUST LOVE IT (Rough Trade RT 24)
Inclui “I Know Where Syd Barrett Lives”, previamente um *single*.
Syd aparece na arte do encarte.

Artista: Twink (como Twink and the Fairies)
Álbum: DO IT (Big Beat CDWIK 965 - ‘77 EP)
Disponível como faixa extra no álbum LIVE AT THE ROUNDHOUSE CD, do Pink Fairies
Inclui “Psychadelic Punkeroo”, cujo título refere-se a Syd. A música é creditada a “A.Syd.”
+
Álbum: MR. RAINBOW
(Twink Records)
Inclui regravação de
“Psychadelic Punkeroo”.

Versões

Artista: All About Eve
Álbum: Keepsakes (Mercury 602498373316)
A coletânea de 2006 inclui
“See Emily Play”
Também tocada no bis dos shows durante turnê em 1993.

Artista: The Blue Angels Candy (Solid Records ROC 739 - *Single* 7”)
Lado B é composto por “Lucifer Sam”.

Artista: Alex Bollard Assembly
Álbum: Pink Rock - Super Sounds of the Seventies (sic)
(Star Inc. 86057)
Álbum alemão de tributo ao Pink Floyd, inclui “Arnold Layne” e “See Emily Play”.

Artista: The Boomtown Rats
“Arnold Layne”
Tocada na televisão em 1982.

Artista: David Bowie
Álbum: PIN-UPS (EMI CDP 7 94767 2)
Inclui “See Emily Play”.

Artista: Camper Van Beethoven
Álbum: CAMPER VAN BEETHOVEN
(Rough Trade ROUGH 109)
Inclui “Interstellar Overdrive”.

Artista: Carnival Art
Álbum: THRUMDRONE (Situation Two SITU CD 32)
Inclui “Octopus”.

Artista: Dean Carter & the High Commission
“Lucifer Sam”

Apresentação ao vivo.
Artista: The Concerned Christians
“See Emily Play”

Detalhes desconhecidos.
Artista: The Damned
“Arnold Layne”
Apresentação ao vivo.
+
“Lucifer Sam”
Apresentação na televisão e ao vivo como Naz Momad and the Nightmares.

Artista: The Dolphins
“She Took A Long Cold Look” (*Single*, 1991)
Detalhes desconhecidos.

Artista: Dr Phibes
Álbum: THE DARK SIDE OF THE POOL (Liquid Noise Records - apenas em vinil)
Coletânea com vários artistas.
Inclui “Lucifer Sam”.
Também escolhida para uma performance ao vivo.

Artista: Eat
“Lucifer Sam”
Apresentação ao vivo.

Artista: Eclipse
Banda brasileira formada em tributo ao Pink Floyd tocou “Lucifer Sam”; “Arnold Layne”; “Matilda Mother”; “See Emily Play” e outras.

Artista: Engine Alley
“Bike”

Tocada na rádio Irlandesa em 1991.

Artista: Family Fodder
“No Man’s Land”
Detalhes desconhecidos.

Artista: Faust
“Wined & Dined”
Detalhes desconhecidos.

Artista: Fortran 5
Álbum: Crazy Earth (Mute 113 12” - *Single*)
Inclui “I/Essence De SycT” mixada com trechos de “The Gnome”’
+
Álbum: BLUES
(Mute CD STUMM 79)
Inclui duas versões de ‘Bike’ (‘Sid Sings Syd’ e ‘Steve James Mix’), com partes das falas de Sid James em Bless This House, Hancock’s Half Hour e the Carry On (Steve James é seu filho). Também inclui “Crazy Earth”.

Artista: Ghostdance
“See Emily Play”
Apresentação ao vivo.

Artista: Graded Grains
“Lucifer Sam”
Detalhes desconhecidos.

Artista: The Grapes of Wrath
“See Emily Play”
Apresentação ao vivo.

Artista: The Igloos Wolf (Fresh Records FRESH 23 - 7” *single*)
O Lado B contém “Octopus”.

Artista: Intastella
“Intastella Overdrive” (sic)
Apresentação ao vivo.

Artista: Jesus & Mary Chain
Álbum: Upside Down (Creation CRE 012 - 7” single)
O Lado B contém “Vegetable Man”.
Knox
“Gigolo Aunt” (Armagedon AS003 – 7” single)

Artista: La Muerte
Álbum: Black god/ White devil (Sex Wax Records SWCD 691017)
Lançamento belga, incluindo
“Lucifer Sam”.

Artista: London PX
‘Arnold Layne’ (Terrapin Records SYD1 - flexisingle)

Artista: Love & Rockets
Álbum: Kundalini Express (Beggars Banquet BEG 163T -12”*single*)
A faixa extra do lado B é
“Lucifer Sam”.

Artista: Marc And The Mambas
Álbum: UNTITLED (Some Bizarre 510 2984)
Inclui “Terrapin”.

Artista: Marigolds
“Two Of a Kind” (*Flexisingle*)
Disponível com a fanzine *Mummy*.

Artista: Monks Of Doom
Álbum: The Insect God
(C/Z Records CZ 047)

Inclui “Let’s Split”.

Artista: Neil The Hippy
Álbum: Neil’s Heavy Concept Álbum (WEA WX12 -
Apenas em vinil)
Álbum inovador de Nigel Planner, baseado no seu personagem da série de televisão The Young Ones.
Inclui “The Gnome”, também tocada na televisão.

Artista: The Not Quite
“Astronomy Domine”
Gravada como demo,
mas nunca lançada.

Artista: Pink Floyd
Álbum: UMMAGUMMA
(EMI CDS 7 46404 8)
Inclui versões ao vivo de “Astronomy Domine” (e “Set The Controls For The Heart Of The Sun”) com David Gilmour no lugar de Syd.
+
Relatos não confirmados afirmam que o Pink Floyd ocasionalmente fazia as passagens de som de sua turnê 1987/88 tocando “Arnold Layne”

Artista: REM
Álbum: Orange Crush (WEA W2960CD - CD *single*)
+
Álbum: Everybody Hurts (WEA W0169CD2 - CD *single*)
Ambos acima apresentam a mesma versão de “Dark Globe”, uma gravação de estúdio que também foi disponibilizada como flexidisc com a revista *Sassy*.
O REM também executava a música em apresentações ao vivo.
Rosebud / Discoballs
Álbum: A Tribute To The Pink Floyd (Atlantic Records K50446 - LP)
Álbum francês de versões de músicas no estilo disco, inclui “Interstellar Overdrive” e “Arnold Layne”.

Artista: Sanity Assassins
Álbum: Blow Torch Love Doll (Tombstone Records T32 -
7” Americano)
O Lado B contém “Take Up Thy Stethoscope and Walk”, erradamente creditada a “Barrett & Waters”.

Artista: The Shamen
Álbum: Strange Day Dreams (Materiali Sonori MASO CD 90003)
CD italiano incluindo “Golden Hair” (anteriormente lado B de Young Till Yesterday - Moksha SOMA1 - 7”); “Long Gone” (retirada do álbum Tributo em Wildwood) e uma faixa creditada, por engano, a S. Barrett, “It’s All Around”.

Artista: Shockabilly
Álbum: Just Beautiful
(Shimmy Disc SDE 8914CD)
Álbum gravado ao vivo, inclui
“Lucifer Sam”.

Artista: Sigmund Und Seine Freind
“See Emily Play”
Detalhes desconhecidos.

Artista: Smashing Pumpkins
“I Am One” (Hut Records HUTEN 18 - 10” *single*)
O Lado B contém “Terrapin”, mas apenas nessa edição especial.

Artista: The Soft Boys
Álbum: Kingdom Of Love (Armageddon AEP 002 - 7” *single*)
Lado B é composto por “Vegetable Man”, uma música nunca lançada pelo Pink Floyd.

Artista: Teenage Fan Club
Álbum: The King (Creation Records CRE CD 096)
Inclui “Interstellar Overdrive”.

Artista: This Mortal Coil
Álbum: Blood (AD DAD1005)
Inclui “Late Night”.

Artista: The Three O’ Clock
Álbum: BAROQUE HOEDOWN (Frontier 4605)
Inclui “Astronomy Domine”.

Artista: 360’s (Link Records)
Detalhes, incluindo o título, desconhecidos.

Artista: Three To One
Álbum: Pebbles vol. 14 (Archive International Productions AIP 10014 - apenas em vinil)
Inclui “See Emily Play”
Uma versão canadense baseada nos anos 1960 e feita por diversos artistas nos anos 1980.

Artista: True West
“Lucifer Sam”
Detalhes desconhecidos.

Artista: Tyrnaround
Álbum: SIX SONGS
(Polyester Records)
Lançamento australiano, inclui “Astronomy Domine”.

Artista: The Urinals
“Arnold Layne”
Detalhes desconhecidos.

Artista: Voivod
Álbum: Nothingface
(Noise N0142 - 2)
+
Álbum: The Best OF Voivod (Noise N0196-2)
Ambos incluem “Astronomy Domine”.

Artista: The Walking Seeds
Álbum: Gates Of Freedom (Paperhouse Records
Paper #1 - 7” *single*)
O lado B é marcado por “Astronomy Domine”, com um design refletindo a contracapa de The Piper at the Gates of Dawn.

Artista: Weird Happenings Orchestra

“Interstellar Overdrive”
Apresentação ao vivo.

Artista: Diversos
Álbum: Beyond The Wildwood - A Tribute to Syd Barrett (Imaginary Records ILLCD 001)
No Good Trying (The Mock Turtles)
Octopus (Plasticland)
Arnold Layne (SS - 20)
Matilda Mother (Paul Roland)
She Took A Long Cold Look (Fit And Limo)
Long Gone (The Shamen)
If The Sun Don’t Shine (Opal)
Baby Lemonade (The Ashes In The Morning)
Wolfpack (The Lobster Quadrille)
Golden Hair (The Paint Set)
No Man’s Land (Tropicana Fishtank)
Apples And Oranges (The T.V. Personalities)
Two Of A Kind (The Soup Dragons)
Scream Thy Last Scream (The Green Telescope).

<u>Faixas extras em CD:</u>
See Emily Play (The Chemistry Set)
Rats (What Noise)
Gigolo Aunt (Death of Samantha).

Inclui a música nunca oficialmente lançada, mas amplamente pirateada “Scream Thy Last Scream” e uma nova música, “If The Sun Don’t Shine”, feita com a última sessão de
Jugband Blues.
Lançamentos internacionais incluem CD com fotos e vinil colorido. Cada lote britânico teve a capa impressa com cores diferentes.
Músicas gravadas para esse projeto, mas não utilizadas:
“Arnold Layne” (The Avant Gardners)
“Lucifer Sam” (Life After Death)
“Late Night” (Pure Leuge)
“Jugband Blues” (TV Personalities).

Álbum: Fuck Your Dreams, This Is Heaven (Crammed Discs CRAM 048)
Inclui “Flaming” (Niki Mono e Nikolas Klau), “No Mans Land” (Peter Principle) e “Late Night” (Minimal Compact).
O álbum engloba a trilha sonora original de um filme homônimo dedicado a Syd Barrett.

Obras Consultadas

Filme e Vídeo

TONITE LETS ALL MAKE LOVE IN LONDON
Direção: Peter Whitehead.
Inclui três partes da performance de “Interstellar Overdrive”, uma delas onde o Pink Floyd é, rapidamente, visto tocando. A produtora See For Miles promete um lançamento eventual em vídeo.

THE COMMITTEE
Direção: Peter Sykes.
Trilha sonora do Pink Floyd. Apesar de anunciado pela imprensa, e, ocasionalmente, contratado por associações cinematográficas, o filme nunca foi totalmente liberado.
ROCK & ROLL – THE GREATEST YEARS - 1967 (Video Collection VC4085)
Inclui um clipe promocional de “See Emily Play”, com David Gilmour representando Syd.

SAN FRANCISCO
Direção: Anthony Stern.
24 horas na vida da cidade americana, compactado para caber junto de uma versão de 15 minutos de “Interstellar Overdrive”, gravada antes do Pink Floyd assinar com a EMI.

MUSIC POWER
Direção: Gerome Laperrousaz.
Documentário inédito, com participação de Frank Zappa tocando “Interstellar Overdrive” com a formação do Pink Floyd pós-Barrett no Festival Amougies, na Bélgica, em 25 de outubro de 1969.

PINK FLOYD - THE WALL
Roteiro: Roger Waters.
Direção: Alan Parker.

Apesar do aviso da obra não tratar da história de nenhuma pessoa viva ou morta, muitas das bizarrices de Pink são derivadas dos surtos de Syd.

SYD BARRETT'S FIRST TRIP
(C Vex Films)
Direção: Nigel Lesmoir-Gordon.
Filme mudo com 12 minutos
de duração.
A filmagem em 8mm de Nigel Lesmoir-Gordon mostra Syd tendo sua primeira viagem proporcionada pelo ácido em Gog Magog Hills,
perto de Cambridge.
Atualmente foi passada para vídeo.
Também inclui sequências mostrando o Pink Floyd do lado de fora dos estúdios da Abbey Road em 1967, depois de ter assinado com a EMI.
Edição limitada de 5.000 cópias.

Miscelânia

Kevin Ayers
"Singing A Song In The Morning"
Embora Syd tenha tocado guitarra para essa música (quando ainda tinha o nome de "Religious Experience"), não é possível ouvi-lo nesse lançamento.

The Beatles
'What's The News Mary Jane?'
A título de esclarecimento, Syd NÃO toca nesse lançamento mesmo que os contrabandistas afirmem que sim!

Marillion
Álbum: Script for a Jester's Tear (EMI CDP 7 46237 2)
A capa de *A Saucerful Of Secrets* está no chão da foto que estampa a contracapa do álbum. O ex-cantor Fish propôs uma versão de "Arnold Layne" para o álbum
Songs from the Mirror, ao invés disso optou por "Fearless", do Pink Floyd.

Piblokto!
Álbum: Things May Come and Things May Go, But The Art School Dance Goes On Forever (Harvest SHVL 768 – apenas em vinil)

A fotografia de Syd é uma das muitas dos estudantes da Escola de Artes que aparecem na capa do álbum da banda de Pete Brown

Pink Floyd
INTERVIEW PICTURE DISCS/CDs
Embora muitos desses lançamentos não oficiais usem fotos de Syd na época do Floyd, todas são atribuídas a entrevistas posteriores com os outros membros da banda.

THE MICK ROCK PHOTO SESSIONS (UFO Records MROK-1)
Maio, 1993
Edição limitada (2.000 cópias)
A caixa contém magnífico livreto inédito com fotos tiradas por Rock na mesma sessão em que foi selecionada a da capa de The Madcap Laughs. Além disso, um texto assinado por Pete Anderson; uma camiseta baseada na usada por Syd durante a sessão; um postal com a capa do álbum; um certificado de autenticidade numerado; e uma cópia (opcional) de The Madcap Laughs em CD (na versão canadense, por algum motivo).
Um volume sobre o álbum “Barrett” estava sendo compilado durante o processo de composição desse livro. Dentre as diversas bandas que escolheram seus nomes baseando-se em trabalhos de Syd estão The Effervescing Elephants e
The Gigolo Aunts.

Livros

Não constam desta lista publicações que não sejam em inglês e coleções de partituras, a não ser aquelas que forem de interesse especial.

BRICKS IN THE WALL
(Baton Press, 1987)
Karl Dallas.

LE LIVRE DU PINK FLOYD
(Albin Michel, 1978)
Alain Dister, Jacques Leblanc,
Udo Woehrle
Embora em francês, esse livro é composto principalmente de fotografias, muitas das quais não publicadas anteriormente.

LOST IN THE WOODS: SYD BARRETT AND PINK FLOYD
(Boxtree, 2001)
Julian Palacios

MADCAP: THE HALF-LIFE OF SYD BARRETT
(Short Books, 2002)
Tim Willis
Inclui um relato do breve encontro de Willis com Barrett.

THE MAKING OF THE MADCAP LAUGHS
(Publicação Privada; relançado pela Opel fanzine)
Malcolm Jones
Folheto feito pela Gravadora EMI.

PSYCHEDELIC RENEGADES
(Genesis Publications, 2002)
Mick Rock
Apenas 950 cópias assinadas foram distribuídas mundialmente. 320 exemplares de luxo foram assinados não apenas por Mick Rock, mas também inclui um encarte assinado por Barrett. Esgotaram-se antes que fosse possível soletrar a palavra psicodélico (ou seja, em dias) mesmo sendo vendidos a 495 libras.
O livro com 160 páginas inclui o arquivo de fotos de rock completo de Syd, formado por aproximadamente 120 imagens coloridas e em preto e branco, a maioria nunca antes publicada. Ademais, há duas páginas duplas extras com imagens selecionadas e impressas no mais fino papel italiano.
As edições de luxo foram encadernadas à mão com a capa em couro laranja e turquesa para combinar com as tábuas pintadas do chão do apartamento de Barrett em Earl's Court. Em 2005, duas dessas cópias foram vendidas no site Ebay por quase 2.500 libras cada.
As cópias regulares (custando 285 libras), encadernadas com couro laranja na lombada, ainda encontravam-se disponíveis durante o tempo de escrita desse livro.

PINK FLOYD
(Futura, 1976)
Rick Saunders
A brochura sem importância não contém nenhuma informação a mais do que as que podem ser encontradas nas outras publicações listadas aqui.

PINK FLOYD - A VISUAL DOCUMENTARY
(Omnibus 1980, 1983 e 1988)

Miles
Cronologia amplamente ilustrada, duas vezes atualizada, que contém muitas fotos interessantes do início de carreira da banda de Syd.

SAUCERFUL OF SECRETS - THE PINK FLOYD ODYSSEY
(Harmony Books (USA)/ Sidgwick & Jackson (UK) 1991)
Nicholas Scaffner
A edição britânica tem poucas fotos e usou um manuscrito incorreto. A versão americana é a versão final do rascunho de Schaffner.

WHERE IS THE MADCAP
CALLED SYD?
Livro italiano com letras em inglês. Vem com um 7” ou um CD *single*, considerado pirata fora da Itália.

Fanzines

TERRAPIN
A primeira revista sobre Syd Barrett encerrada na década de 70, após disputas internas, embora a justificativa tenha sido “o vazio deixado por Syd”.

OPEL
Da mesma origem da The Amazing Pudding e uma eficaz sucessora da Terrapin, teve apenas 12 exemplares impossíveis de serem
encontrados atualmente.

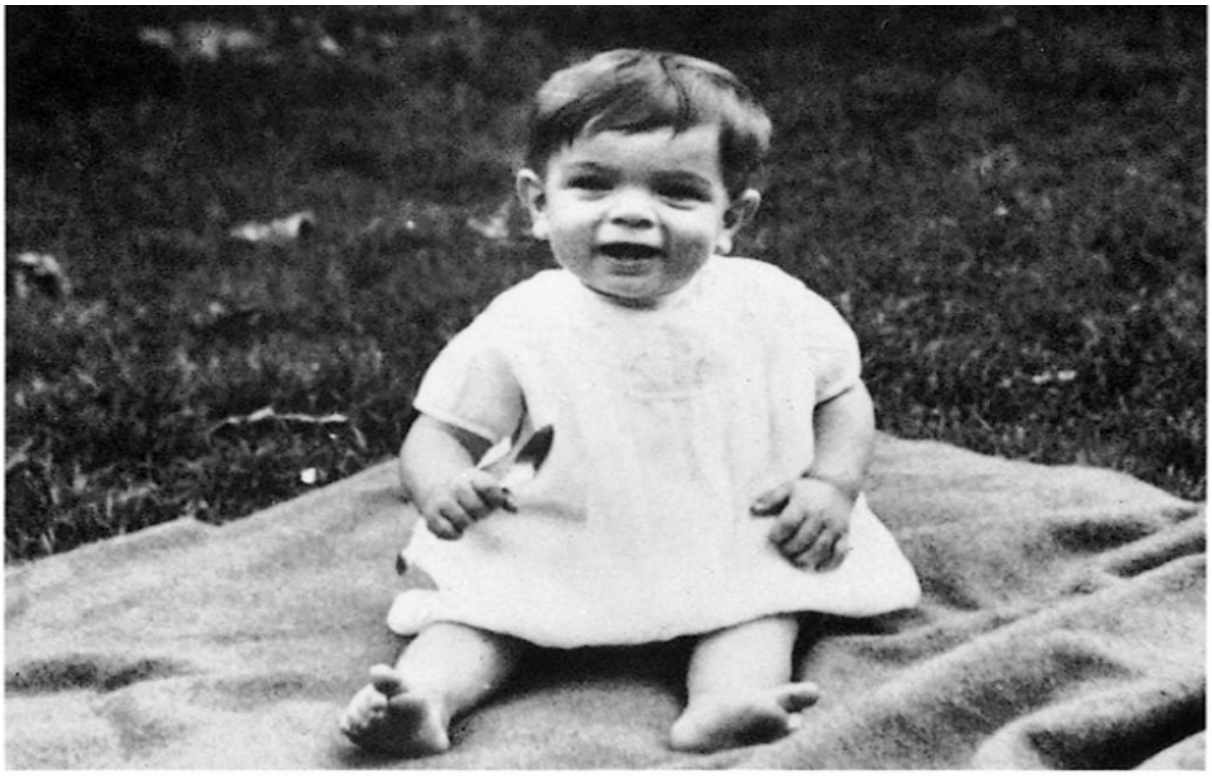
THE AMAZING PUDDING
Embora tenha como subtítuo The Pink Floyd and Roger Waters Magazine, a TAP levantou a bandeira de Syd Barrett quando a Opel foi extinta. Teve 60 números.
Antigas publicações - muitas das quais com fotos exclusivas de Syd - ainda podem ser encontradas no seguinte endereço: Andy Mabbett, 67, Cramlington Road, Great Barr, Birmingham B42 2EE, Inglaterra. Mande uma correspondência com seu endereço para mais detalhes.

CLOWNS & JUGGLERS
Revista britânica publicada nos anos 80.

FRIENDS OF SYD BARRETT

Publicação americana dos anos 90.

Qualquer levantamento dessa natureza sobre a discografia de Syd Barrett só pode ser uma amostra de algo bem maior. Os autores ficariam gratos se fossem informados de mais detalhes, erros, omissões ou lançamentos futuros. Por favor, escreva para eles endereçando sua correspondência à editora Omnibus Press ou à The Amazing Pudding.



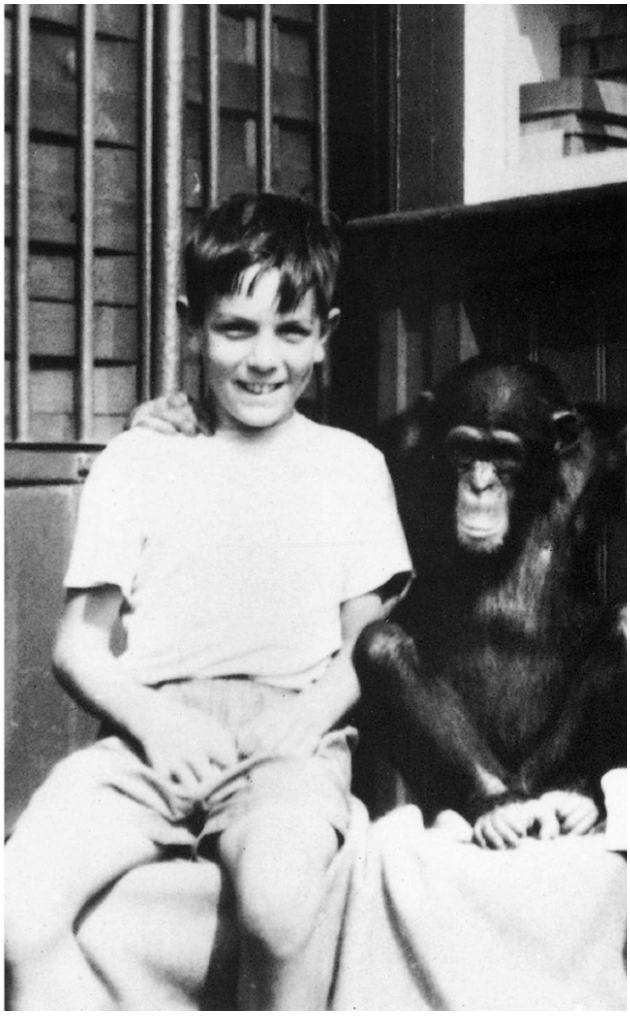
Syd (nee Roger), aged 18 months. *(Barrett Family Collection)*

Syd, aged 4, with his sister Rosemary, aged 2. *(Barrett Family Collection)*



Syd (Roger) aos 18 meses. (Arquivo: Família Barrett)

Syd, aos 4 anos, e sua irmã Rosemary aos 2 anos. (Arquivo: Família Barrett)

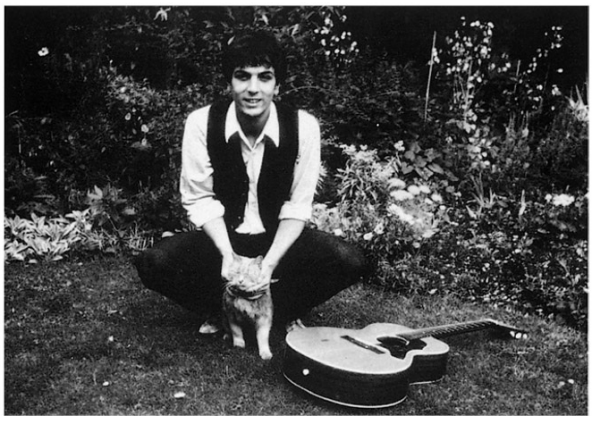


Syd, aos 6 anos, no zoológico de Londres. (Arquivo: Família Barrett)



Syd, aged 13, at Boy Scout Camp *(Barrett Family Collection)*

Syd with Frisky, the family cat, in the garden at Hills Road, Cambridge. *(Barrett Family Collection)*



Syd, aos 13 anos, no acampamento de escoteiros. (Arquivo: Família Barrett)

Syd com Frisky, o gato da família, no jardim de Hills Road em Cambridge. (Arquivo: Família Barrett)



Left: Roger Waters, aged 16, fly-half for the Cambridge High School Rugby XV. *(Photographer unknown* Right: A youthful Dave Gilmour swims the River Cam. *(Photographer unknown)*

Joker's Wild, featuring Dave Gilmour on guitar, playing at a private party in Cambridge in the early '60s. Left to right: Gilmour, John Gordon, Clive Welham, unknown. *(Phtographer unknown)*



À esquerda: Roger Waters, aos 16 anos, abertura (fly-half) do time de rúgbi da Cambridge High School. (Fotógrafo desconhecido) **À direita: o jovem Dave Gilmour nada no rio Cam.** (Fotógrafo desconhecido)

O Jokers Wild, com Dave Gilmour na guitarra, tocando numa festa em Cambridge no início dos anos 60. Da esquerda para a direita: Gilmour, John Gordon, Clive Welham e um desconhecido. (Fotógrafo desconhecido)



Syd e Libby Gausden num feriado em Butlins, em junho de 1962. (Fotógrafo desconhecido).



Pink Floyd, 1964. Left to right: Syd Barrett, Bob Klose, Chris Dennis, Roger Waters. *(Photographer unknown)*



Returning to Cambridge, Syd performs with Those Without, January 2, 1965. Left to right: Syd, 'Smudge', Stephen Pyle, unknown. *(Photographer unknown)*



Pink Floyd, 1965, in the garden of their Highgate flat. Left to right: Roger Waters, Nick Mason, Syd, Bob Klose, Rick Wright. *(Photographer unknown)*

Pink Floyd em 1964. Da esquerda para a direita: Syd Barrett, Bob Klose, Chris Dennis e Roger Waters. (Fotógrafo desconhecido)

De volta a Cambridge, Syd toca com o Those Without, em 2 de janeiro de 1965. Da esquerda para a direita: Syd, "Smudge", Stephen Pyle e um desconhecido. (Fotógrafo desconhecido)

O Pink Floyd, em 1965, no jardim do flat em Highgate. Da esquerda para a direita: Roger Waters, Nick Mason, Syd, Bob Klose e Rick Wright. (Fotógrafo desconhecido)



Pink Floyd perform at the Middle Earth Club in London's Covent Garden, 1966. *(Pictorial Press)*

Syd, rehearsing with Roger Waters, in 1966. *(Irene Winsby)*



Em 1966, o Pink Floyd toca no clube Middle Earth, em Covent Garden, Londres. (Pictorial Press)

Syd ensaiando com Roger Waters em 1966. (Irene Winsby)



Pink Floyd jump for joy outside EMI's Manchester Square offices after signing their first record contract in 1967... *(Pictorial Press)*

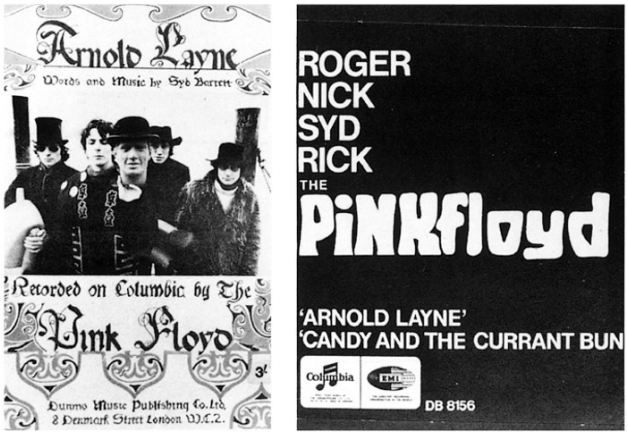
...And pose for the cameras again with instruments but no leads later the same day. *(Photographer unknown)*



O Pink Floyd pula de alegria do lado de fora dos estúdios da EMI, em Manchester Square, depois de assinar seu primeiro contrato, em 1967. (Pictorial Press)

No mesmo dia, posando novamente para as câmeras com instrumentos.

(Fotógrafo desconhecido)



Left: The original sheet music for Syd's *Arnold Layne*. Right: an advert for the single.

Pink Floyd, 1967. Left to right: Rick, Roger, Nick and Syd. *(Photographer unknown)*



À esquerda: A capa da partitura original de "Arnold Layne". À direta: Anúncio de divulgação do *single.*

Pink Floyd em 1967. Da esquerda para a direita: Rick, Roger, Nick e Syd.
(Fotógrafo desconhecido)



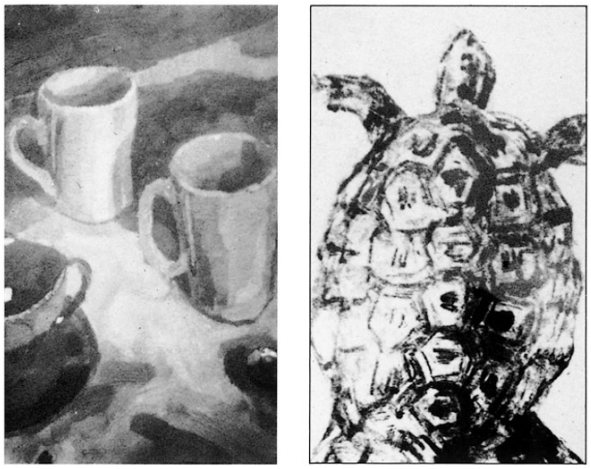
Syd with friends at Cambridge, 1966, including Lynsey Korner (wearing sunglasses). Syd is second from right. *(Ian Moore Collection)*

Syd on holiday in Greece, 1969, with unknown girl. *(Ian Moore Collection)*



Syd com amigos em Cambridge, em 1966. Lynsey Korner é a que está usando óculos escuros e Syd, o secundo da direta para a esquerda. (Arquivo: Ian Moore)

Syd de férias na Grécia, em 1969, com uma garota desconhecida. (Arquivo: Ian Moore)



Early paintings by Syd Barrett. *(Barrett Family Collection)*



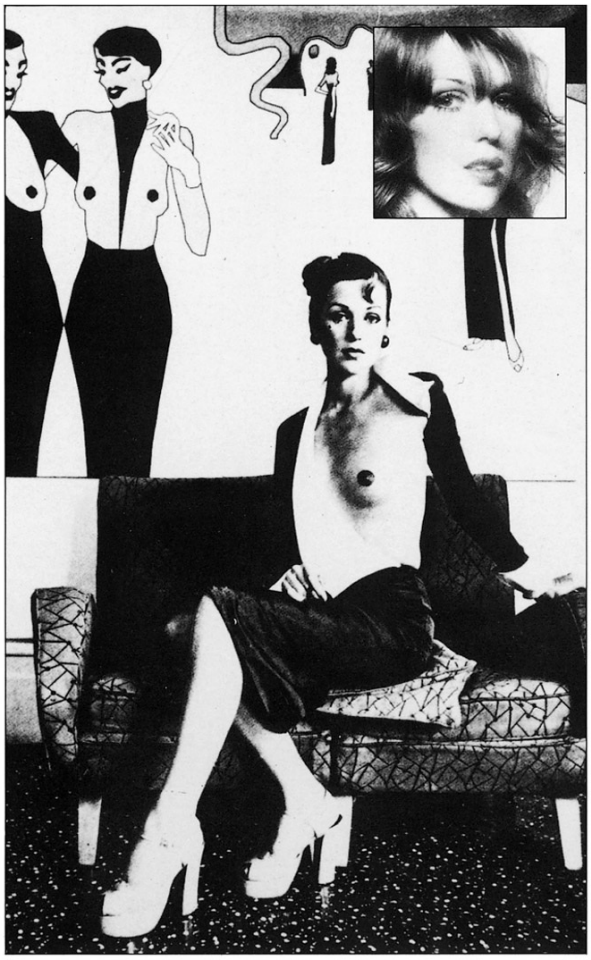
Pinturas iniciais de Syd. (Arquivo: Família Barrett)



Syd, (far right), with Pink Floyd in a group photo with touring colleagues, including The Jimi Hendrix Experience, The Move and Amen Corner. *(Photographer unknown)*

Syd, no canto direito, com o Pink Floyd numa foto que reuniu o grupo com outras bandas como The Jimi Hendrix Experience, The Move e Amen Corner.

(Fotógrafo desconhecido)



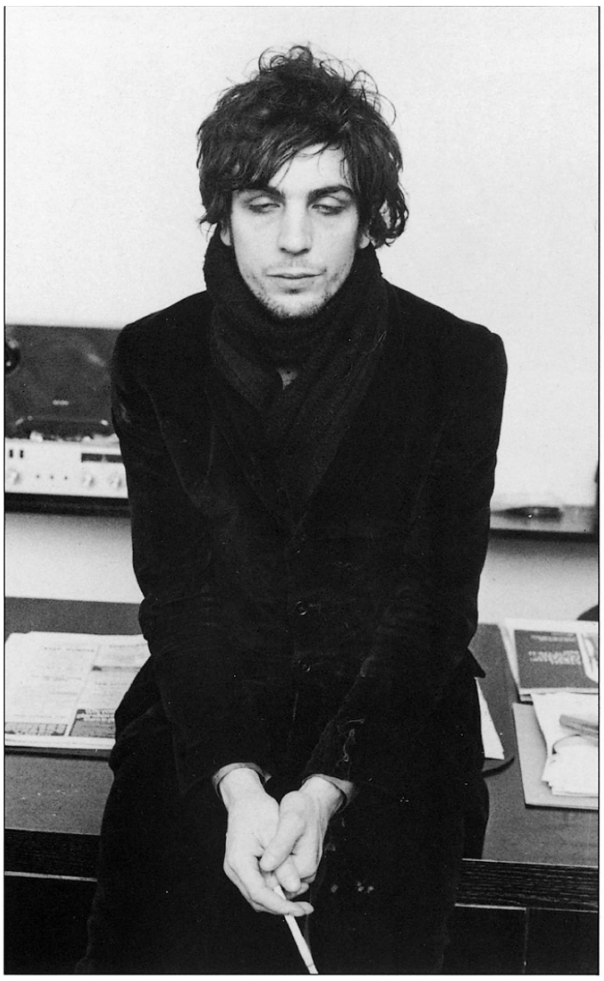
Above and inset: Lynsey Korner. *(Photographers unknown)*

Lynsey Korner, na foto principal e também na foto menor acima.
(Fotógrafo desconhecido)



Pink Floyd enter Gothic territory towards the end of Syd's tenure with the band.
(Photographer unknown)

Pink Floyd adentrando o território gótico. Começava o fim da harmonia entre Syd e a banda.
(Fotógrafo desconhecido)

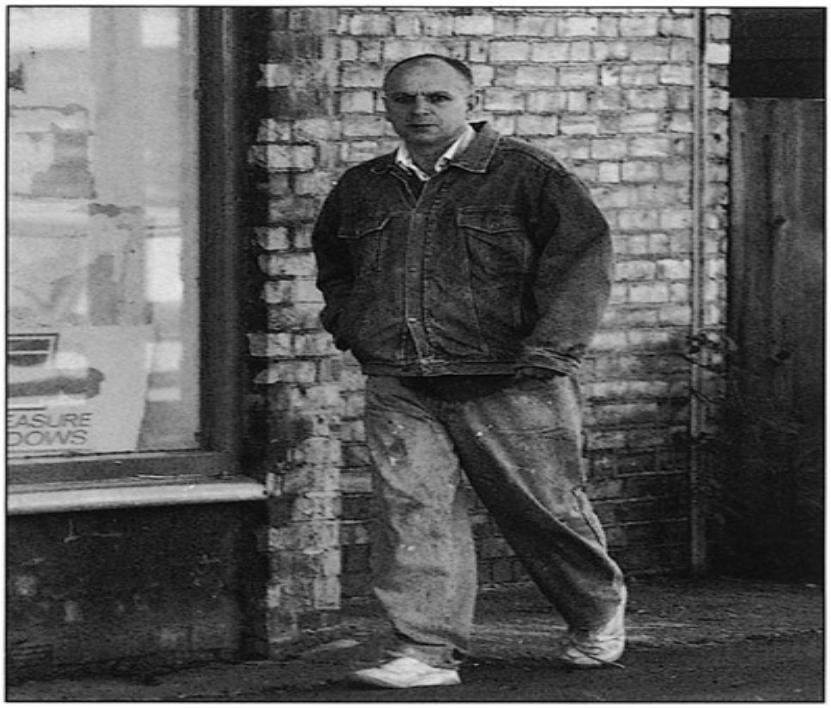


Syd in 1971. *(Barry Plummer)*

Syd em 1971. (Barry Plummer)



Syd em 1978. (Arquivo: Família Barrett) **Na foto menor acima: Syd, numa festa de jardim em Cambridge em 1981, com sua irmã Rosemary (esquerda) e sua mãe Winifred (direita).** (Arquivo: Família Barrett)



Syd fotografado em Cambridge em setembro de 1989. (Bob Seymore)

Sonora
EDITORA
www.sonoraeditora.com.br